

Gramática
do Crioulo
da ilha de Santiago
(Cabo Verde)
(obra em curso)

elaborada por

Jürgen Lang

com a colaboração de

André dos Reis Santos
Andreas Blum
Liliana Inverno
e
Sara Duarte Monteiro Seco

© 2018 Jürgen Lang

Aviso importante

A publicação desta *Gramática do Crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)* em formato eletrónico é uma obra em curso. Existe, desde 2002, uma versão manuscrita completa em alemão que vai sendo revista e traduzida para português. Assim, a sua publicação na internet avançará ao ritmo a que avançarem a revisão e tradução para português do texto original em alemão.

O leitor dispõe, desde já, de um *Índice Geral*, pormenorizado para as partes publicadas e reduzido aos títulos para os capítulos que aguardam publicação. Para maior clareza, as partes publicadas aparecerão sempre, no *Índice Geral*, sobre fundo cinzento. O leitor dispõe também desde já de uma *Introdução*, onde informamos sobre a finalidade, as características, as fontes, as bases teóricas e os predecessores desta obra. E dispõe também de listas de abreviaturas para fontes, línguas e termos gramaticais. A bibliografia crescerá juntamente com a gramática, em função das novas entregas.

É inevitável que a paginação da obra sofra algumas modificações ao longo da publicação. Assim, aos que quiserem citar ou mencionar alguma passagem desta gramática recomenda-se que remetam não para páginas mas para parágrafos, tal como faz o seu autor nas suas remissões internas.

Prefácio

Quase um decénio depois do lançamento de *Dicionário do Crioulo de Santiago (Cabo Verde) com equivalências de tradução em alemão e português, elaborado por Martina Brüser e André dos Reis Santos, com a contribuição de Ekkehard Dengler e Andreas Blum, sob a direcção de Jürgen Lang* (Tübingen: Narr 2002), iniciámos em 2012, em versão eletrónica, a publicação da gramática deste crioulo anunciada desde o prefácio do *Dicionário*.

Motivos vários nos obrigaram a adiar o início da publicação de um manuscrito que, em 2002, estava já quase concluído. O principal motivo foi ter-se revelado infrutífera a busca por uma pessoa de língua materna portuguesa com uma boa formação linguística, capaz e disposta a levar a cabo a revisão do português. Encontrámo-la finalmente na recém-doutorada linguista da Universidade de Coimbra, Liliana Inverno, que já nos tinha dado provas dos seus excelentes dotes noutra ocasião. A ela devemos a revisão da *Introdução* e do primeiro capítulo (*Fonética e fonologia*), disponível online desde 2012. Quando depois de atender a muitas outras tarefas pudemos finalmente voltar a esta gramática, Liliana Inverno já tinha encontrado outro trabalho mais apropriado à sua formação e tivemos de voltar à procura de uma pessoa capaz e disposta a rever o quarto capítulo (*Sintagma verbal, forma verbal, verbo*) que, neste ano de 2018, acrescentamos à introdução e ao primeiro capítulo. A nossa companheira Nélia Alexandre encontrou essa pessoa entre as alunas do Mestrado de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: Sara Duarte Monteiro Secco. E resultou ser uma colaboradora tão eficaz como a primeira. Revisoras de tais dotes não puderam senão descobrir inúmeros erros e incoerências no nosso texto, contribuindo desta forma poderosamente para a melhoria do mesmo. Por isso consideramo-las não apenas revisoras, mas colaboradoras. E como tais figuram no frontispício desta gramática.

O título de colaboradores convém ainda a duas outras pessoas: ao nosso colaborador alemão de longos anos, Andreas Blum, que leu boa parte do manuscrito alemão, chamando a nossa

atenção para tudo o que lhe parecia ambíguo e duvidoso, e ao nosso colaborador caboverdiano, André dos Reis Santos, que forneceu milhares de frases exemplificativas para o nosso *Dicionário*, as quais aproveitamos de novo nesta gramática. André dos Reis Santos serviu-nos sempre de informante, a tal ponto que se pode dizer que é antes de mais o seu crioulo que nesta gramática se descreve.

Esta gramática é, pois, o resultado de uma cooperação germano-caboverdiano-portuguesa. Que todas as pessoas mencionadas e as inúmeras outras que contribuíram de forma mais indireta para tornar esta obra possível, e entre as quais mencionamos apenas a nossa companheira Beate Gresser, encontrem aqui a expressão da nossa mais profunda gratidão.

Índice geral

0. Introdução

0.1 Finalidade

0.2 Características

- 0.2.1 Estado atual da língua
- 0.2.2 Que variedade do crioulo de Santiago?
- 0.2.3 Fontes de informação
- 0.2.4 Uma gramática abrangente
- 0.2.5 Bases teóricas

0.3 Predecessores

- 0.3.1 Francisco Adolfo Coelho (1880-1886)
- 0.3.2 Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte (1886)
- 0.3.3 António de Paula Brito (1887)
- 0.3.4 Armando Napoleão Rodrigues Fernandes (anterior a 1938)
- 0.3.5 Baltasar Lopes da Silva (1957) e Maria Dulce de Oliveira Almada (1961)
- 0.3.6 José G. Herculano de Carvalho e Mary Louise Nunes (1962)
- 0.3.7 Donaldo Pereira Macedo (1979)
- 0.3.8 Izione S. Silva (1985)
- 0.3.9 Os nossos contemporâneos

0.4 Abreviaturas

- 0.4.1 Abreviaturas das fontes
- 0.4.2 Abreviaturas das classes de palavras
- 0.4.3 Outras abreviaturas
- 0.4.4 Símbolos

0.5 Bibliografia

I. SONS E ESCRITA

1. Fonética e fonologia

1.1. Unidades fónicas

- 1.1.0 Observações preliminares
- 1.1.1 Frase
- 1.1.2 Palavra fónica
- 1.1.3 Grupo tónico ('pé')
- 1.1.4 Síllaba
- 1.1.5 Fonema
- 1.1.6 Texto exemplificativo com transcrição

1.2 Fonemas

- 1.2.0 Observação preliminar a respeito da nasalidade
- 1.2.1 Fonemas vocálicos
 - 1.2.1.1 Inventário
 - 1.2.1.2 Traços distintivos
 - 1.2.1.3 Pares mínimos
 - 1.2.1.4 Emprego das oposições semiaberto/aberto para diferenciar categorias gramaticais
 - 1.2.1.5 Traços não distintivos
 - 1.2.1.5.1 Lábios
 - 1.2.1.5.2 Cordas vocais
 - 1.2.1.5.3 Altura
 - 1.2.1.5.4 Duração
 - 1.2.1.5.5 Tipos de nasalidade
 - 1.2.1.5.6 Texto exemplificativo com transcrição
 - 1.2.1.6 Neutralizações
 - 1.2.1.6.1 Neutralizações do grau de abertura
 - 1.2.1.6.2 Neutralizações da oposição oral/nasal
 - 1.2.1.7 Realização dos (arqui)fonemas
 - 1.2.1.7.1 Nas sílabas livres
 - 1.2.1.7.2 Nas sílabas travadas
 - 1.2.1.8 Combinatória dos fonemas vocálicos
 - 1.2.1.8.1 Hiatos
 - 1.2.1.8.2 Ditongos
- 1.2.2 Fonemas consonânticos
 - 1.2.2.1 Inventário
 - 1.2.2.1.1 O fonema /ŋ/
 - 1.2.2.1.2 Os fonemas consonânticos nasalizados
 - 1.2.2.1.3 O estatuto de /v/, /z/, /ʒ/, /ʎ/, (/ṽ/, /z̃/, /ʒ̃/, /ʎ̃/)
 - 1.2.2.2 Traços distintivos
 - 1.2.2.3 Pares mínimos
 - 1.2.2.4 Realizações
 - 1.2.2.4.1 Ponto de articulação
 - 1.2.2.4.2 /c/ e /ʝ/
 - 1.2.2.4.3 /s/, /z/, /ʒ/ e /ʃ/
 - 1.2.2.4.4 /r/
 - 1.2.2.4.5 Nasalidade
 - 1.2.2.5 Neutralizações
 - 1.2.2.6 Combinatória
 - 1.2.2.6.1 Generalidades
 - 1.2.2.6.2 Final da palavra
 - 1.2.2.6.3 Início da palavra
 - 1.2.2.6.4 Interior da palavra
 - 1.2.2.7 Mudança fónica no domínio consonântico
 - 1.2.2.7.1 Queda do /b/ intervocálico
 - 1.2.2.7.2 Vocalização do /l/ diante de consoante
 - 1.2.2.8 A fala de Nhu Lobu

1.3 Fenómenos fónicos suprasegmentais

- 1.3.1 Estrutura fónica da sílaba
- 1.3.2 Estrutura fónica da palavra
 - 1.3.2.1 Estrutura mais usual
 - 1.3.2.2 Tonicidade
 - 1.3.2.2.1 Natureza do acento fónico
 - 1.3.2.2.2 Palavras tónicas e átonas
 - 1.3.2.2.3 Lugar da sílaba tónica dentro da palavra
- 1.3.3 Grupo tónico
 - 1.3.3.1 Próclise e ênclise
 - 1.3.3.2 Elisões
- 1.3.4 Entoação

2. Escrita

II. ANÁLISE DO DISCURSO

3. Conversa, texto, frase, sintagma, palavra

III. ESPÉCIES DE PALAVRAS: PALAVRAS LEXEMÁTICAS

4. Sintagma verbal, verbo, forma verbal

4.1 Terminologia

- 4.1.1 Sintagma verbal
- 4.1.2 Verbo
- 4.1.3 Forma verbal

4.2 Formas verbais

- 4.2.1 Formas verbais simples
 - 4.2.1.1 Componentes
 - 4.2.1.2 As formas não marcadas
 - 4.2.1.3 Marcas
 - 4.2.1.4 O sistema das formas verbais simples
 - 4.2.1.5 A pronúncia das formas verbais simples
 - 4.2.1.6 Formas verbais irregulares
- 4.2.2 Formas verbais complexas
 - 4.2.2.1 Tipologia
 - 4.2.2.2 Componentes
 - 4.2.2.3 Colocação das marcas
 - 4.2.2.3.1 Generalidades
 - 4.2.2.3.2 Colocação da desinência *-ba*
 - 4.2.2.3.3 Colocação da desinência *-du* (e *-da*)

4.3 Uso das marcas

- 4.3.1 Formas marcadas e formas não marcadas
- 4.3.2 O aspeto - generalidades
- 4.3.3 Marcação da imperfetividade por *ta*
 - 4.3.3.1 Generalidades

- 4.3.3.2 'Presente'
- 4.3.3.3 'Vigência intemporal'
- 4.3.3.4 'Habitualidade'
- 4.3.3.5 'Iteração'
- 4.3.3.6 'Futuro'
- 4.3.3.7 'Posterioridade'
- 4.3.3.8 *ta* no período hipotético
- 4.3.3.9 Renúncia ao emprego de *ta*
 - 4.3.3.9.1 Com os 'verbos de estado'
 - 4.3.3.9.2 Nos atos de fala diretivos
 - 4.3.3.9.3 Nas orações subordinadas
- 4.3.4 Marcação da duratividade por *sa ta*
 - 4.3.4.1 Generalidades
 - 4.3.4.2 Empregos secundários de *sa ta*
 - 4.3.4.3 Renúncia ao emprego de *sa ta*
- 4.3.5 Marcação da anterioridade por *-ba*
 - 4.3.5.1 Generalidades
 - 4.3.5.2 'Mais-que-passado'
 - 4.3.5.3 'Passado'
 - 4.3.5.4 'Futuro em relação ao passado'
 - 4.3.5.5 *-ba* nos discursos indiretos
 - 4.3.5.6 *-ba* no período hipotético
 - 4.3.5.7 O *-ba* atenuador
 - 4.3.5.8 Renúncia ao emprego de *-ba*
 - 4.3.5.8.1 Devido ao contexto
 - 4.3.5.8.2 Nas orações subordinadas
- 4.3.6 Marcação da passividade por *-du*
 - 4.3.6.1 Generalidades
 - 4.3.6.2 Renúncia ao emprego de *-du*
 - 4.3.6.3 Adjetivos verbais em *-du*
- 4.3.7 Marcação de modalidade por *ál*
 - 4.3.7.1 Generalidades
 - 4.3.7.2 'Desejo'
 - 4.3.7.3 Perguntas acerca do preferível
 - 4.3.7.4 'Presunção'
 - 4.3.7.5 Renúncia ao emprego de *ál*
 - 4.3.7.6 Comparação com a interpretação de Manuel Veiga
- 4.3.8 A forma de base não marcada
 - 4.3.8.1 Generalidades
 - 4.3.8.2 Designação de processos acabados
 - 4.3.8.3 Designação de estados de coisas atuais
 - 4.3.8.4 Atos de fala diretivos

4.4 Classes semânticas de verbos

- 4.4.1 'Verbos de estado' e 'verbos de processo'
 - 4.4.1.1 Generalidades
 - 4.4.1.2 Inventário
 - 4.4.1.3 *ta* com predicados de estado
- 4.4.2 Verbos de pertença (*tene, ten*) e verbos de atribuição (*sta, ê - ser*)
 - 4.4.2.1 Generalidades

4.4.2.2 A pertença (*tene* e *ten*)

4.4.2.2.1 O parceiro marcado: *tene*

4.4.2.2.2 O parceiro não marcado: *ten*

4.4.2.3 A atribuição (*sta* e *ê* ~ *ser*)

4.4.2.3.1 O parceiro marcado: *sta*

4.4.2.3.2 O parceiro não marcado: *ê* ~ *ser*

4.4.2.3.3 *ê* (é) vs. *ser* (sérba)

4.4.2.4 Os parceiros perfetivos: *tevi*, *stevi* e *foi*

4.4.3 Verbos de uso causativo e não causativo

4.4.4 Verbos de uso pessoal e impessoal

4.5 Perífrases verbais

4.5.1 Generalidades

4.5.2 Estrutura das perífrases verbais no santiaguense

4.5.3 Inventário

4.5.4 Perífrases diatéticas

4.5.4.1 Generalidades

4.5.4.2 *po fase*

4.5.4.3 *fase fase*

4.5.4.4 *dexa fase*

4.5.5 Perífrases modais

4.5.5.1 Generalidades

4.5.5.2 *pode fase*

4.5.5.3 *debe fase*

4.5.5.4 *ten ki/di fase*

4.5.5.5 *meste fase* (expressão lexical de necessidade)

4.5.6 Perífrases aspetuais

4.5.6.1 Generalidades

4.5.6.2 Expressão lexical de aspetualidade: *komesa (ta)*

fase, *kontinua (ta) fase* e *ká(ba) (di) fase*

4.5.6.3 Visão geral das perífrases aspetuais

4.5.6.4 As perífrases verbais aspetuais consideradas isoladamente

4.5.6.4.1 *txiga fase*

4.5.6.4.2 *sta pa fase*

4.5.6.4.3 *ára fase*

4.5.6.4.4 *ben fase*

4.5.6.4.5 *txiga di fase*

4.5.6.4.6 *árma fase*

4.5.6.4.7 *pása ta fase*

4.5.6.4.8 *po ta/na fase*

4.5.6.4.9 *pega ta/na fase*

4.5.6.4.10 *bira ta fase*

4.5.6.4.11 *sai ta/na fase*

4.5.6.4.12 *labánta na fase*

4.5.6.4.13 *fika ta fase*

4.5.6.4.14 *sta ta/na fase*

4.5.6.4.15 *bá ta fase*

4.5.6.4.16 *pára (di/ku) fase*

4.5.6.4.17 *dexa di fase*

4.5.6.4.18 *torna fase*

4.5.7 Perífrases verbais de *taxe*

4.5.7.1 Generalidades

4.5.7.2 *kunsa fase*

4.5.7.3 *fálta fase*

4.5.8 Inserções nas perífrases verbais

4.5.9 Perífrases verbais e negação

4.5.10 Cumulação de perífrases verbais

5. Sintagma adverbial e advérbio

6. Sintagma substantival e substantivo

7. Sintagma adjetival e adjetivo

IV. ESPÉCIES DE PALAVRAS: PALAVRAS CATEGOREMÁTICAS

8. Quantificadores

9. Seletores

10. Situadores

V. ESPÉCIES DE PALAVRAS: PALAVRAS MORFEMÁTICAS

12. Subordinadores de orações

13. Conjunções coordenativas

14. Preposições

15. Conjunções subordinativas

VI. ESPÉCIES DE PALAVRAS: INTERJEIÇÕES

16. Interjeições

VII. SINTAXE

17. Negação e palavras de negação

18. Interrogação e palavras interrogativas

19. Ordem dos elementos da frase

VIII. FORMAÇÃO DE PALAVRAS

20. Formação de palavras

0. Introdução

0.1 Finalidade

À semelhança do nosso *Dicionário do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)* (Brüser et al. 2002), esta gramática visa dois grupos de destinatários.

Visa, por um lado, os próprios caboverdianos, especialmente os habitantes da ilha de Santiago, que, nos âmbitos da literatura, dos meios de comunicação, da administração e da educação, lidam diariamente com o crioulo. Esperamos, por exemplo, que esta gramática possa servir de ponto de partida à elaboração de materiais didáticos para o ensino da e na língua materna.

Por outro lado, esta gramática visa também os linguistas que, um pouco por todo o mundo, se ocupam das línguas que devem a sua existência a um processo de criouliização, com destaque para aqueles que estudam os crioulos de base portuguesa.

Ambos os grupos necessitam de uma informação abrangente e fidedigna. No entanto, têm conhecimentos e dúvidas específicas e precisam, por conseguinte, de informações em parte diferentes. Pedimos ao utilizador da gramática que tome este aspeto em consideração, caso se impaciente ao ver-se confrontado com informações aparentemente supérfluas.

0.2 Características

0.2.1 Estado atual da língua

O autor desta gramática interessa-se vivamente pela criouliização do português em Santiago e pela história do crioulo santiaguense. Contudo, o que aqui propõe é uma gramática estritamente sincrónica do estado atual do crioulo de Santiago, ignorando propositadamente a sua história. A razão para este facto é a seguinte: uma interpretação do funcionamento atual da língua a partir da sua história facilmente nos levaria a

deixarmos passar despercebidos factos do crioulo atual e/ou não facilmente explicáveis a partir desses antecedentes históricos. Tais omissões mutilariam a própria história que se pretende honrar, pelo que é melhor seguir a ordem contrária: um bom conhecimento do funcionamento atual da língua, não distorcido por preconceitos inspirados pela história, é uma das condições prévias para, no futuro, se poder enfrentar com possibilidade de êxito a reconstrução da história da língua. Apenas falaremos de formas modernas e formas mais antigas de uma expressão, quando a sua convivência no crioulo santiaguense atual o justificar.

0.2.2 Que variedade do crioulo de Santiago?

A ilha de Santiago tem apenas 55 Km de comprimento, 29 Km de largura, e uma superfície de 991 km². Apesar disso, apresenta uma considerável variação linguística interna. Tivemos, pois, de escolher uma variedade particularmente representativa. Tentámos fazer das fraquezas forças, ao escolher como ponto de referência o crioulo de André dos Reis Santos, que durante seis anos colaborou, em Erlangen, na elaboração do nosso *Dicionário*. Tudo aquilo que lhe era familiar foi aceite sem reserva; o que lhe era pouco familiar ou desconhecia por completo apenas foi aceite após confirmação por um número suficiente de outras fontes.

Nascido em 1964 em João Teves dos Órgãos (Concelho de Santa Cruz), André dos Reis Santos viveu nessa localidade até à idade de treze anos. Em 1977 entrou para o seminário, na Praia, cidade onde também frequentou o liceu. Mais tarde, obteve na *Escola de Formação de Professores* uma licenciatura em Estudos Caboverdianos e Portugueses, apadrinhada pela Universidade de Lisboa, antes de se juntar, em fevereiro de 1994, ao grupo de trabalho de Erlangen (Alemanha), cidade onde atualmente continua a residir.

A localidade de João Teves está situada junto à estrada principal que atravessa a ilha da extremidade sudeste, onde está a capital, Praia, até à extremidade noroeste, onde se encontra a estação balnear do Tarrafal. Se começarmos na Praia a viagem pela ilha montanhosa, chegamos a João Teves após cerca

de 25 Km. Aproximadamente 15 Km mais adiante encontramos a Assomada, uma importante vila comercial no planalto central da ilha. Contando com, sensivelmente, dois mil habitantes, João Teves, embora nitidamente rural, não é de forma alguma remota ou provinciana. Em consequência, o crioulo que André dos Reis Santos fala é um crioulo que não chamará a atenção nem na capital, nem no interior da ilha. Há povoações mais remotas (por exemplo, no Concelho de Santa Catarina) onde se fala um crioulo muito mais "fundo", arcaico e regionalmente circunscrito, enquanto que na Praia existe uma burguesia urbana que fala um crioulo "leve", muito mais influenciado pelo português da vida pública. Entre estes dois extremos, o crioulo de André dos Reis Santos ocupa uma posição intermédia, neutra.

0.2.3 Fontes de informação

As fontes de informação nas quais se baseia esta gramática continuam a ser as utilizadas na elaboração do nosso *Dicionário*, complementadas por algumas publicações mais recentes. De facto, nenhum falante conhece toda a sua língua. Esta afirmação vale não só em relação ao conjunto das variedades da língua histórica que fala, mas até mesmo relativamente à variedade dessa língua que mais usa. Para além disso, nenhum informante consegue, mesmo sendo bom linguista, sentar-se simplesmente a uma mesa e descrever a própria língua. Como tal, foi forçoso compilar um *corpus* linguístico tematicamente diferenciado e completá-lo, posteriormente, com a ajuda de André dos Reis Santos.

As fontes que foram sistematicamente analisadas pertencem, sem exceção, ao discurso oral e dividem-se em três tipos: gravações (31 entrevistas efetuadas pelo autor e colaboradores desta gramática, nomeadamente André dos Reis Santos e Maria do Carmo Massoni), transcrições levadas a cabo por André dos Reis Santos (44 das anedotas de Nastási Lópi disponíveis em cassette), e material já transcrito e publicado por outros autores (os mais de 100 contos tradicionais transcritos na sua maioria por professores e editados por Tomé Varela da Silva sob o título *Na bóka noti, Vulumi-I*, Sigundu Idison, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Praia 2004, e os contos de *Un bes tinha Nhu Lobu ku Xibinhu...* e de *Karlus Magnu di Pasaji pa*

Kabu Verdi, organizados e coordenados por Humberto Lima e publicados, nos anos 2000 e 2005 respetivamente, pelo Instituto Nacional de Investigação Cultural, na Praia, que em 2005 tinha passado a Instituto da Investigação e Património Culturais). Apenas esporadicamente foram consultadas outras fontes. É o caso de quatro longos contos populares assentes por Luzia Semedo e de alguns textos literários, como por exemplo as mais de duzentas páginas do romance *Odju d'agu*, de Manuel Veiga (2ª edição, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro 2009, primeira ed. de 1986), os contos de *Natal y kontus*, de Tomé Varela da Silva (Praia: Instituto Caboverdiano do Livro 1986) e os de *Lagoa Gémia*, de Danny Spínola, publicados pela primeira vez em 2004.

Cientes de que, no seu estado atual, esta gramática está ainda longe de responder a todas as perguntas que lhe podem dirigir os intelectuais caboverdianos e os crioulistas do mundo, convidamos todos os falantes e investigadores do crioulo de Santiago a contribuírem para o seu aperfeiçoamento advertindo-nos sobre possíveis erros ou lacunas. Esforçar-nos-emos por levar em conta tais advertências numa eventual revisão.

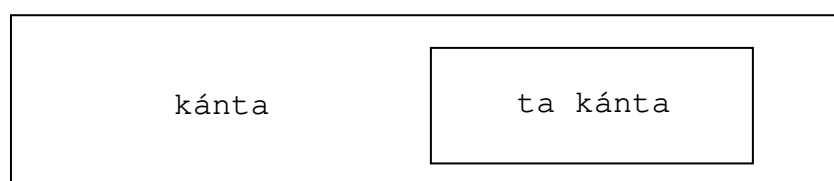
0.2.4 Uma gramática abrangente

Como já dissemos no prefácio ao nosso *Dicionário*, no que diz respeito à extensão do seu vocabulário e da sua gramática, não há "línguas pequenas". Como tal, não é correto continuar a tratar as línguas que são "pequenas" em termos do número de falantes, como é o caso da generalidade das línguas crioulas, como sendo línguas inferiores em termos lexicográficos ou gramaticais. Eis uma das razões pela qual desejámos que esta gramática fosse muito mais abrangente que qualquer das suas antecessoras. Outro aspeto que a distingue destas é a vasta quantidade de frases exemplificativas (fornecidas, sem exceção, por falantes de crioulo) das afirmações que contém. A reflexão que nos levou a proceder desta forma foi a seguinte: por vezes, os exemplos, quando suficientemente numerosos, podem compensar, até certo ponto, lacunas ou deficiências na descrição.

0.2.5 Bases teóricas

As bases teóricas subjacentes à nossa gramática são, além, evidentemente, da multissecular tradição gramatográfica ocidental, um estruturalismo esclarecido de cunho europeu e a recente corrente de pragmática linguística, que inclui a teoria dos atos de fala.

Quanto ao estruturalismo, isto significa, em primeiro lugar, elevar a função comunicativa a critério para a distinção entre o que são meras variantes (por ex. alofones, alomorfes, etc.) daquilo que são unidades linguísticas (por ex. fonemas, morfemas) distintas. Significa também admitir que as unidades linguísticas formam oposições diretas ou indiretas e que as diretas são muitas vezes de carácter inclusivo, isto é, opõem um membro marcado a outro não marcado que pode, em determinadas circunstâncias, aparecer em lugar do marcado. Assim, por exemplo, não nos surpreenderá observar que, em muitos dos contextos onde a 'imperfetividade' do processo não interessa ou resulta claramente do contexto, a partícula verbal *ta* do santiaguense, que indica precisamente 'imperfetividade', não apareça (cf. 4.3.3). De facto, a oposição entre *kánta* e *ta kánta* não é entre 'perfetividade' e 'imperfetividade', mas uma oposição inclusiva entre uma forma verbal morfológica e semanticamente não marcada e outra marcada para a 'imperfetividade'. A 'perfetividade' não é mais do que a leitura à revelia da forma não marcada:



A oposição inclusiva faz parte daqueles princípios económicos da organização linguística que nos permitem, em muitos casos, não especificar mais do que estritamente necessário.

Em conformidade com a nossa opção teórica, a perspectiva adotada será geralmente semasiológica e não onomasiológica. Quer dizer que partiremos dos morfemas gramaticais da língua, aclarando qual a sua função (o seu 'significado'), quais os

seus usos mais comuns e os correspondentes 'efeitos de sentido'. A razão que nos leva a proceder desta forma é que o número destes morfemas e os limites entre os seus significados variam de uma língua para outra, pelo que adotar a perspectiva inversa, a onomasiológica, implicaria partir não de significados linguísticos, mas de efeitos semânticos contextuais. Ora bem, o número destes efeitos contextuais é, em princípio, infinito.

Na secção 4.3.3, diremos, por exemplo, que a partícula verbal *ta* significa ou marca 'imperfetividade' e que tal significado a habilita para a designação de processos futuros, presentes e passados, processos em progresso, processos habituais e hipotéticos, etc., segundo os contextos linguísticos e situacionais onde o verbo precedido da marca *ta* se insira. Isto é, *ta* não apresenta um caso de homonímia. 'Futuro', 'progressividade', 'habitualidade' etc. são apenas efeitos semânticos contextuais das formas verbais imperfectivadas.

Se, pelo contrário, incluíssemos um capítulo intitulado 'futuro' para nele dizer que o futuro se forma antepondo a partícula *ta* ao verbo, daríamos azo a uma dupla confusão. O leitor poderia pensar que o crioulo de Santiago tem um futuro morfológico à imagem das línguas europeias, sendo precisamente a ausência de tal futuro uma das características mais notáveis do crioulo santiaguense. Para além disso, o leitor ficaria desorientado quando noutro capítulo, intitulado *Habitualis*, aprendesse que o *habitualis* se forma do mesmo modo que o 'futuro'. Outro exemplo: ajuda realmente aprender que o santiaguense oferece quatro possibilidades para 'realizar' o 'condicional': *ta* + verbo, verbo + *ba*, *ta* + verbo + *ba* e *ál* + verbo + *ba* (cf. Thiele 1991: 62)? Se não ajuda, será porque no santiaguense não há condicional e os seus falantes não 'formam o condicional'. Regra geral, a inutilidade didática de uma descrição do funcionamento sincrónico de uma língua é indício da sua desadequação teórica.

A nossa posição não exclui a possibilidade de dois ou até mais significados diferentes corresponderem a um significante, isto é, não nega que existam casos de homonímia. À forma proclítica do pronome pessoal átono da terceira pessoa do singular e à forma não marcada do verbo cópula, por exemplo, cor-

responde em santiaguense o mesmo significante e e não há motivos para pensar que, na realidade, se trata de uma forma com um único significado. O mesmo vale para o significante *kántu* ao qual correspondem dois significados completamente diferentes, aproximadamente 'quando' e 'quanto', etc. Mas no caso de *ta* não há motivos para supor a existência de dois *ta*, um *ta* de 'futuro' e outro de 'habitual', pois é evidente que o que ainda não começou, *a fortiori* ainda não acabou, sendo, portanto, 'imperfeito' no sentido etimológico da palavra. E é evidente que o que se faz habitualmente ainda não acabou de se fazer, sob pena de ter deixado de ser hábito. Resulta, pois, que, no crioulo de Santiago, 'futuro' e 'habitualis' são apenas leituras da 'imperfetividade' em contextos onde se fala do futuro ou do que é habitual. Sem tal contexto, *E ta kánta* expressa 'imperfetividade' sem precisar se se trata de uma ação futura ou habitual.

Quem defende que os significados dos instrumentos gramaticais de uma língua são imprecisos ou que é o número dos seus significados que é infinito, e não o número dos seus possíveis efeitos de sentido, terá de nos explicar como os locutores conseguem desambiguar as suas mensagens usando tais significados.

Por sua vez, a pragmática ensina-nos, por exemplo, que as frases servem para realizar atos de fala e que elas próprias constituem textos (que, muitas vezes, fazem parte de outros textos mais vastos). Ao construir frases não atendemos pois apenas à sua função descritiva (dando-lhes uma 'estrutura representativa'), mas também à sua função interpessoal e textual (dando-lhes uma 'estrutura modal', que aponta para o ato de fala que pretendemos realizar, e uma 'estrutura temática' ou 'textual', destinada a facilitar a sua receção pelo interlocutor). Isto faz com que tenhamos de contar, numa frase, não só com os elementos conhecidos da gramática tradicional, isto é, com expressões nominais (os chamados 'complementos actanciais') que designam as 'coisas' implicadas, com uma expressão que designa o comportamento destas 'coisas' ou a relação entre elas (o chamado 'sintagma verbal') e com expressões que situam todo o estado de coisas no espaço, no tempo e em relação às modalidades para ele concebíveis (os chamados 'complementos

circunstancias'). Temos de contar ainda com estratégias (inversões, deslocações, etc.) e expressões (partículas, palavras, grupos de palavras) que precisam o tipo de ato que pretendemos executar (pergunta, pedido, ordem, suposição, afirmação, juramento, oferta, etc.), o seu tema ou tópico e a sua relação com os atos precedentes (objeção, retificação, resumo, etc.) ou subseqüentes (introdução, antecipação, etc.).

Não desvalorizamos fatos descobertos por defensores da chamada gramática gerativa, mas rejeitamos as bases teóricas dessa corrente por considerá-las inadequadas ao objeto da linguística. Contamos, evidentemente, como os defensores dessa corrente, com a existência de princípios universais de estruturação do discurso, mas os nossos não são os da gramática gerativa. Alguns exemplos ajudarão a compreender a nossa posição.

No decurso de uma palestra a que assistimos sobre aquisição de primeira língua por crianças, a conferencista confrontou os ouvintes com a gravação de um texto numa língua exótica que ninguém dos presentes dominava, pedindo-lhes que tentassem acertar no número de frases contido pelo texto. Após várias audições, uns disseram três, outros quatro. A ninguém ocorrera perguntar se os textos da língua em questão continham ou não frases. Ora bem, os linguistas continuam a procurar uma definição universalmente aceite do conceito de 'frase' e muitas vezes nem concordam na delimitação de frases em textos concretos. Apesar disto, não podemos imaginar um falar numa língua qualquer que não consistisse, pelo menos em parte, em tomadas de posição ante 'proposições', isto é, em afirmar, negar, exigir, prometer, pôr em dúvida, etc. a existência de determinados estados, eventos, ações. E sabemos que esta necessidade tem qualquer coisa que ver com o conceito intuitivo de 'frase'. A frase, no sentido que acabamos de precisar é, pois, um universal linguístico.

É ainda um universal linguístico o que nos permite atribuir a uma frase do tipo *O João pinta a mulher diante da janela* pelo menos três significados, segundo os contextos em que ocorrer. De facto, o que se situa diante da janela pode ser o João, a mulher ou o estado de coisas 'O João pinta a mulher'. Isto porque o homem comum sabe de forma intuitiva que um sin-

tagma com possibilidade de situar algo pode situar, pelo menos, uma das várias 'coisas' (aqui pessoas) que participam no 'estado de coisas' ou todo o 'estado de coisas'.

O nosso saber linguístico universal é pois fundamental para o funcionamento das línguas: se não procurássemos frases no que ouvimos, não poderíamos identificar os atos de fala que o falante pretende executar. E se não soubéssemos que existem as referidas alternativas de interpretação, não seríamos capaz de escolher a que concorda com o respetivo contexto situacional e/ ou linguístico. Seríamos, portanto, incapazes de entender.

Pelo contrário, não há, por exemplo, nenhuma necessidade de admitir que todas as línguas tenham de ser basicamente 'pro-drop' ou não. Porque não usaria uma língua pronomes de sujeito átonos nuns contextos e noutros não? E porque se trataria de um 'dropping' nos contextos onde não usa os pronomes? Trata-se de duas generalizações gratuitas: primeiro porque eleva indevidamente a protótipos das restantes as línguas que os usam quase sempre ou as línguas que quase nunca os usam; segundo porque postula um 'dropping' onde não há necessidade de o fazer. Quanta bibliografia sobre a questão de saber por que razão esta ou aquela língua neste ou naquele momento da sua história não se encaixa perfeitamente num dos dois protótipos ou passa, supostamente, de um a para o outro! Isto não equivale a negar que muitos destes trabalhos têm o mérito de enumerarem de forma bastante exaustiva os casos onde aparece o pronome sujeito e os casos onde este não aparece.

0.3 Predecessores

Não queremos encerrar esta introdução sem passar revista às descrições mais ou menos abrangentes do crioulo de Santiago que apareceram durante os primeiros cem anos desde o trabalho pioneiro de Francisco Adolfo Coelho (1880). Temos dois motivos para o fazer. Por um lado, todos estes trabalhos contribuíram para uma crescente valorização do crioulo caboverdiano (cf. Veiga 2006) sem a qual a nossa gramática não encontraria leitores. Por outro lado, não teremos mais ocasião, salvo contadas exceções, de voltar a estas obras meritórias porque a qua-

lidade da informação que fornecem costuma ser inferior à das obras que apareceram depois de 1980.

Na nossa sucinta história da gramatografia do santiaguense, notaremos a incidência dos grandes movimentos intelectuais, sociais e políticos que marcaram aqueles cem anos, movimentos para os quais as obras em questão contribuíram elas mesmas, ainda que modestamente: sonhos de imperialismo colonial, tomada de consciência de uma individualidade cabo-verdiana, descolonização, independência. Mencionemos de passagem que as mais antigas destas obras fornecem por vezes informações sobre estados de língua ultrapassados, possibilitando desta forma uma reconstrução pelo menos parcial da história do santiaguense, e que noutros casos, descobertas mais recentes reabilitam observações dos nossos predecessores que tiveram de resultar mais ou menos incompreensíveis aos seus contemporâneos.

0.3.1 Francisco Adolfo Coelho (1880)

Com o seu ensaio *Os Dialectos Românicos ou Neo-Latinos na África, Ásia e América*, publicado no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, em volume que corresponde ao ano de 1880, Francisco Adolfo Coelho (1847-1919) abriu, para Portugal, um decénio de intenso estudo de variedades coloniais e crioulos românicos, com destaque para os crioulos de base portuguesa. Ao ensaio de 1880 seguir-se-ão ainda, na mesma revista, umas *Notas Complementares* e *Novas Notas Complementares*, em volumes que correspondem aos anos de 1882 e de 1886. Na introdução ao ensaio de 1880, Coelho menciona um "estudo que publicamos" do dialeto crioulo de Santo Antão, baseado em materiais fornecidos por um falante nativo daquela ilha, Cesár Augusto de Sá Nogueira, e anuncia uma "Gramática e vocabulário do indo-português", baseada em materiais fornecidos pelo seu amigo, o rev. R. H. Moreton (cf. 1880, 1967: 3/4). Não conseguimos obter mais informações respeitantes a estes dois trabalhos.

É sabido que arrancam do ano de 1881 as publicações de Hugo Schuchardt sobre os crioulos, e precisamente com uma resenha, na *Zeitschrift für romanische Philologie*, da *Étude sur le patois créole mauricien* de C. Baissac e dos *Dialectos Românicos ou Neo-Latinos* de Coelho. Coelho, que dominava o alemão,

trocou cartas com Schuchardt e leu artigos do linguista de Graz. As motivações dos dois linguistas para se debruçarem sobre os crioulos não foram, porém, exatamente as mesmas. Não há dúvida de que Coelho estava vivamente interessado nos possíveis contributos dos estudos crioulos para a linguística geral. As suas *Considerações Gerais* no final do ensaio de 1880 dão ampla prova dessas preocupações (cf. 1880, 1967: 94-108 e Andrade/Kihm 1997). Mas se tal foi o interesse quase exclusivo de Schuchardt, o mesmo não vale para Coelho.

Convém lembrar que foi no decénio dos anos oitenta do século XIX que os sonhos coloniais de Portugal de compensar a perda do Brasil com novas aquisições na Ásia e na África atingiram o seu apogeu - para logo cair em ruínas com o *ultimatum* inglês de 1890. Coelho queria contribuir, como linguista, para a realização destes sonhos. Em 1887 assinou, junto com outros, um projeto de *Curso Colonial Português*, reeditado em 1890, junto com o projeto ainda mais ambicioso para a criação de um *Instituto Oriental e Ultramarino Português* de Guilherme de Vasconcelos-Abreu (cf. Morais-Barbosa 1967: XIII-XVII). Estes projetos previam o ensino de línguas faladas nas colónias portuguesas, nas respetivas instituições, e o segundo até o dos crioulos portugueses falados na África e na Índia. Coelho contava certamente com a possibilidade de um dia ensinar numa instituição deste tipo. Parece sintomática a sua insistência, em 1887/1888, ao apresentar os trabalhos de Botelho da Costa/Duarte e de Paula Brito no *Boletim*, no seu papel de pioneiro no domínio dos estudos crioulos. E não nos parece menos sintomática a sua desistência destes estudos a partir de 1890.

Os complementos de 1882 e 1886 não ampliam as importantes informações acerca do crioulo de Santiago que abrem o artigo de 1880. Naquele artigo, Coelho dá primeiro três cartas redigidas por "pessoas instruídas que falam bem o português, mas conhecem bem o crioulo rachado" (1880/1967: 5). Seguem *Frases diversas* (que terminam também com recortes de cartas), *Adivinhações*, *Observações fonéticas*, *Observações morfológicas*, *Observações lexicológicas*, uma lista de *Nomes hipocorísticos ou nomes de casa* e, finalmente, outra carta, ditada "por uma negra de Santiago" (1880/1967: 32).

Não sabemos até que ponto os três tipos de *Observações* são

efetivamente da autoria de Coelho, pois ele mesmo fala do "paradigma [verbal] que nos enviou o nosso informador" (1880, 1967: 15). Este paradigma (cf. 1880, 1967: 18/19) está cheio de erros. Cf. por ex.

Perfeito composto

Eu ten sido	Eu tenho sido
Bu ten sido	Tu tens sido
Êl, ê ten sido	Ele tem sido
Nos, nu ten sido	Nós temos sido
Ês tên sido	Eles têm sido

em vez de

In ten sido (ou: Mi in ten sido)
Bu ten sido (ou: Bo bu ten sido)
Ê ten sido (ou: Êl ê ten sido)
etc.

... tudo isto admitindo que formas em *ten sido* fossem efetivamente crioulas. As *Observações* não servem, pois, para uma descrição fidedigna do crioulo de Santiago atual, e nem sequer para uma do estado em que se encontrava este crioulo cerca de 1880. Devidamente interpretadas, as frases soltas e os textos fornecidos por Coelho podem, pelo contrário, ser aproveitados, em combinação com as informações de Paula Brito, para a reconstrução de traços linguísticos ultrapassados do santiaguense.

0.3.2 Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte (1886)

No mesmo ano 1886 do *Boletim* em cujo nº 12 apareceriam as *Novas Notas Complementares* de Coelho, aparecera anteriormente, no nº 6, *O Crioulo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt*, da autoria de Joaquim Vieira Botelho da Costa (1824-1898) e Custódio José Duarte (1841-1893). Uma versão manuscrita destes estudos já chegara às mãos de Schuchardt no mês de Julho de 1884 (cf. Schuchardt 1887: 134), o qual só depois da impressão dos *Breves estudos* se decidiu a publicar a sua rese-

nha no *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie* 8 (1887), 131-142. Ambos os autores eram nativos de Portugal, mas morreriam em São Vicente, Cabo Verde, depois de longa estadia no arquipélago, o primeiro como diretor da alfândega e como médico-poeta o segundo. Podemos considerá-los cabo-verdianos por opção. Ambos eram homens de pluma. Botelho de Costa escreveu relatórios ao que parece altamente apreciados pelos seus superiores e publicara já um ensaio intitulado *A ilha do Fogo de Cabo Verde e o seu Vulcão*. Duarte, além de poesias publicara já um tratado sobre a *Responsabilidade Médico-Cirúrgica* (1865). As suas funções terão levado os dois homens a conhecer muitas das ilhas habitadas do arquipélago. Botelho da Costa vivera alguns anos no Fogo, terra natal da sua mulher, Ana Barbosa. É muito provável que Botelho da Costa e Duarte sejam aqueles amigos de António de Paula Brito, a quem, segundo Brito, Schuchardt e outros tinham pedido elementos para a composição de uma gramática do crioulo (ver mais adiante).

Pode ter sido um pedido de Schuchardt, que já dispunha de bastantes informações sobre a variedade de Santiago, que levou os dois autores a quererem abarcar simultaneamente as variedades de todas as ilhas, para satisfazer a curiosidade do linguista de Graz. Isto apesar de terem consciência das "diferenças que se notam - embora o tronco seja comum - nos dialectos de cada uma delas" (1886/1967: 237). Convém, porém, lembrar que o trabalho de Botelho da Costa e de Duarte é anterior à toma de consciência do público em geral (e de muitos linguistas) do facto que não só os significantes, mas também os significados variam de um idioma para outro, razão pela qual o tratamento dos elementos de variedades diferentes no mesmo apartado, como se fossem equivalentes, leva necessariamente a confusão. Coelho intuía-o e, conseqüentemente, informara separadamente sobre as diferentes variedades insulares nos seus *Dialectos Românicos ou Neo-Latinos* e elogiaria depois Paula Brito por se ter concentrado na variedade de Santiago. De facto, a infeliz decisão dos dois cidadãos do Mindelo torna o seu trabalho muito problemático.

O sistema adotado para tratar simultaneamente de todas as variedades foi o seguinte: "Para facilitar este estudo, e evitar repetições enfadonhas, usaremos, a fim de designar o gru-

po, ou as ilhas a que pertencem os exemplos apresentados, das seguintes abreviaturas: Grupo de Sotavento ... Sot., Grupo de Barlavento ... Barl., Ilha de Santiago ... St., Ilha do Fogo ... F., Ilha Brava ... B., Ilha de Santo Antão ... S.A., Ilha de S. Nicolau ... S.N., Ilha da Boa Vista ... B.V. Os exemplos onde as mesmas não figuram são gerais a todo o arquipélago" (1886/1967: 239). Uma primeira sondagem limitada aos exemplos atribuídos ao Fogo e a Santiago nos leva a supor que estes refletem bastante fielmente as características das variedades daquelas ilhas na época em questão.

Interessantíssima, para nós, a seguinte observação justificativa da ausência de quatro ilhas habitadas, da lista de abreviaturas: "Nas ilhas do Maio, S. Vicente, Santa Lucia e Sal não há crioulo próprio. Na primeira fala-se, com ligeiras alterações, o da ilha de Santiago; na segunda o de todas as ilhas; na terceira o de S. Nicolau, na quarta e última o da Boa Vista" (1886/1967: 239). Não temos motivos para duvidar de que, tendencialmente, fosse efetivamente assim, naquela época.

Note-se que os dois autores, ao contrário do que acontece com Francisco Adolfo Coelho, estão realmente familiarizados com o uso das formas. Será suficiente, para o demonstrar, a contraposição do que dizem este e aqueles sobre o uso de *tên* e *tênê*:

Coelho 1880/1967: 20: "Ten (ter). No presente de indicativo *tên* para todas as pessoas no paradigma escrito pelo nosso informador; mas nas cartas 2.^a e 3.^a há *tênê* como forma fundamental, ...". Botelho da Costa/Duarte 1886/1967: 272: "O verbo *ter*, quando se refere a coisa alheia, ou que esteja em lugar determinado, diz-se *tênê* e não *tên*; exemplos: *El é qui tênê brinco di nha ... 'ela é que tem os seus brincos', El tênê dinheiro rib'al meza (F.) 'ele tem o dinheiro em cima da mesa.'*" É provável que informações tiradas de outras fontes venham a aumentar a nossa admiração pelo acervo de informações corretas reunido pelos dois portugueses naturalizados cabo-verdianos.

O trabalho de Botelho da Costa e Duarte termina com uma coleção de textos: a inclusão das utilíssimas versões da *Parábola do filho pródigo* em todas as variedades insulares tidas em conta responde a um pedido explícito de Schuchardt (cf. Schuchardt 1887: 134); as listas de *Diversos anexins usados em*

Cabo Verde e de *Idiotismos* são menos úteis para o linguista por ficar sem indicação da sua proveniência geográfica.

0.3.3 António de Paula Brito (1887)

No mesmo decénio apareceram ainda, também no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, em volume que corresponde ao ano de 1887, mas que apenas saiu em 1888, os *Apontamentos para a Gramática do Crioulo que se Fala na Ilha de Santiago de Cabo Verde*, de António de Paula Brito. No seu *Prefácio* a esta obra, Coelho apresenta-nos o seu autor como sendo falante deste crioulo desde a sua infância (1887/1967: 333). Em 1890, Paula Brito, naquela altura 'diretor do correio e recebedor particular do Concelho da Praia', publicou ainda uns *Subsídios para a corografia da Ilha de São Tiago de Cabo Verde* (Lisboa: Imprensa Nacional), nos quais se mostra cabo-verdiano muito comprometido com o progresso da colónia e anuncia um *Album caboverdiano*, de características similares às dos *Subsídios*, que devia abranger todo o arquipélago, mas que nunca apareceu.

Em missão de serviço em Lisboa, Paula Brito ainda introduziu, na sua gramática, importantes modificações que lhe foram sugeridas por dois dos mais afamados linguistas portugueses do momento, Francisco Adolfo Coelho e A. R. Gonçalves Viana. Entretanto, Brito tinha também tomado conhecimento das contribuições publicadas por Coelho (em 1880 e 1882) e por Botelo da Costa e Duarte (em 1886) no *Boletim*. Parece que estas modificações consistissem fundamentalmente no acréscimo de um conjunto de textos sob o título de *Variedades crioulas* ao final da gramática e de notas de rodapé que a acompanham. Concorda com esta observação o facto de os comentários às *Variedades Crioulas* e todas as notas acrescentadas ao pé das páginas terem ficado sem versão crioula (cf. os parágrafos seguintes).

O crioulo de Santiago não fica reduzido, nesta gramática, ao papel de língua descrita, funciona ainda como língua de descrição, pois a gramática propriamente dita (com exceção das notas e dos comentários às *Variedades Crioulas* redigidos exclusivamente em português) aparece em versão bilingue, crioula na coluna da esquerda e portuguesa na da direita.

Falta, nesta gramática, uma parte sintática que o autor se

propunha acrescentar depois de recolher textos de falantes monolíngues do crioulo em diferentes pontos da ilha. Por outro lado, fornece, além da gramática propriamente dita, as mencionadas *Variedades Crioulas* que consistem numa lista de nomes de casa, uma coleção de ditos populares, uma poesia de E.A. Vidal e outra de Bruno de Seabra em versão original e com tradução para o crioulo feita por Paula Brito, alguns fragmentos de textos de batuque, uma coleção de adivinhações, uma centena de frases soltas, e um vocabulário de algumas páginas. Parece provável que parte destas rubricas se inspire n' *Os dialectos Românicos ...* de Francisco Adolfo Coelho, que, como já vimos, também trazem *Frases diversas, Adivinhações e Nomes hiporísticos ou nomes de casa* de Santiago.

Ficam por extrair informações muito valiosas dessa primeira gramática do crioulo de Santiago, apesar das incoerências do texto e apesar do estudo que já lhe consagrou Nicolas Quint (Quint 2008). Derivam, em primeiro lugar, da originalíssima escrita que Paula Brito inventou para o seu crioulo. Refletindo uma ótima intuição fonológica, não deturpada por preconceitos teóricos à moda, fornece argumentos de peso para as controvérsias acerca da fonologia do crioulo de Santiago. Invocá-la-emos com este fim em 10.1.3.2. Em segundo lugar, encontramos no crioulo escrito e/ou descrito por Paula Brito desvios sistemáticos em relação ao santiaguense atual que informam sobre o estado deste crioulo há quase século e meio (cf. 1.2.2.7.1).

0.3.4 Armando Napoleão Rodrigues Fernandes (anterior a 1938)

Depois dos trabalhos pioneiros dos anos oitenta do século XIX, tanto internacionais (Francisco Adolfo Coelho, Hugo Schuchardt, Lucien Adam, etc.) como cabo-verdianos (Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte, António de Paula Brito), as publicações sobre os crioulos passaram a escassear à escala mundial e cessaram quase por completo em relação ao santiaguense até depois da Segunda Guerra Mundial. Mas falta de publicações não equivale a falta de interesse. Pelo menos um cabo-verdiano, Armando Napoleão Rodrigues Fernandes, nascido na Brava, cuja vida decorreu precisamente nesta época (1889

-1969), passou boa parte do seu tempo livre (trabalhou - como Botelo da Costa - na alfândega) a reunir materiais para um dicionário e uma gramática do cabo-verdiano. Quem escreve conhece relativamente bem o seu *Léxico do dialecto crioulo do Arquipélago de Cabo Verde*, publicada pela filha Ivone Aida Lopes Rodrigues Fernandes Ramos (Gráfica do Mindelo, s.a., mas em 1971), mas deve todas as informações a respeito da vida e da gramática (até hoje sem publicar) de Napoleão Fernandes a uma contribuição, também sem publicar, de Dominika Swolkien (cf. Bibliografia).

Segundo as informações fornecidas por Dominika Swolkien, o manuscrito da *Gramática* de Armando Fernandes consiste em 105 páginas redigidas e retocadas pelo próprio autor até 1938. O manuscrito está dividido em três partes: fonologia (1-11), morfologia (12-78) e sintaxe (79-105). Se, como afirma Dominika Swolkien, a maior parte das informações desta gramática diz respeito à variedade de Santiago, Armando Fernandes poderia ser o último autor a testemunhar, para esta variedade, a acentuação dos verbos na última sílaba (por exemplo: *m brincá cheu*, na p. 68). As grafias *arguem, farso*, etc., em vez das expectáveis *alquem, falso*, etc. sugerem, porém, que se poderia tratar da variedade do Fogo, onde tal acentuação se conserva até hoje. De qualquer forma, esta *Gramática* merece um estudo pormenorizado, tanto pelas informações que nos pode fornecer como pelo seu alto valor simbólico.

0.3.5 Baltasar Lopes da Silva (1957) e Maria Dulce de Oliveira Almada (1961)

Os títulos das obras em muitos aspetos gémeas destes dois autores, *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde* de Baltasar Lopes da Silva e *Cabo Verde. Contribuição para o estudo do dialecto falado no seu arquipélago*, de Maria Dulce de Oliveira Almada, poderiam levar a pensar que constituem, entre outras coisas, importantes achegas ao conhecimento da gramática do crioulo de Santiago. Limitamo-nos aqui a explicar, para quem nunca as consultou, porque não é assim.

Apesar de ambos os títulos se referirem a todo o arquipélago e ambas as obras mencionarem frequentemente particulari-

dades das variedades do Sotavento e de Santiago, devido às biografias de seus autores, ambas partem de variedades do Barlavento. Trata-se da variedade de São Nicolau, no caso de Baltasar Lopes da Silva (cf. 1957/1984: 37) e da variedade de São Vicente, no de Maria Dulce de Oliveira Almada (cf. 1961: 12 e 14).

Além disso, não se trata de descrições sincrónicas. Ambos os autores, aluno de Rodrigo de Sá Nogueira na Universidade de Lisboa o primeiro e de Manuel de Paiva Boléo na de Coimbra a segunda, esforçam-se sobretudo por derivar as palavras e formas crioulas de palavras e formas do português. Em ambas as obras há milhares de ocorrências do símbolo < usado em linguística histórica para indicar a relação de um som ou de uma forma com o seu antecessor num estado anterior da mesma língua ou numa 'língua mãe' desta. Trata-se pois de gramáticas históricas do cabo-verdiano. Mas como tais são forçosamente muito incompletas, precisamente por quererem abarcar também, mesmo que só de forma secundária, as variedades de todas as outras ilhas.

É impossível, nestas circunstâncias, formar-se uma ideia clara, a partir destas obras, sobre o funcionamento de um sector da gramática do crioulo de Santiago. Baste um exemplo para aclarar o que queremos dizer: nos dois parágrafos consagrados aos pronomes pessoais Baltasar Lopes da Silva distingue entre 'pronomes sujeito' (§ 203) e 'pronomes complementos' (§ 204), mas não entre pronomes tónicos e átonos, nem, para os átonos, entre proclíticos e enclíticos. Não menciona, para Santiago ou Sotavento a série tónica com o *a-* anteposto (*ami, abo, ...*) e apresenta, supomos que por simples erro, as formas *nho* e *nha* do Sotavento, junto com *nhos* e *nhas*, como formas de plural.

Maria Dulce Almada estava consciente de que, pelos dois motivos mencionados, a sua obra não podia aspirar ao título de 'gramática': "Longe de nós a pretensão de fazer uma gramática do crioulo, como a subdivisão acima referida [em três partes: *Fonética, Morfologia* e *Sintaxe*, J.L.] poderá fazer pensar. Quisemos apenas render uma modesta homenagem às ilhas que são nossa terra natal ..." (1961: 29). Mas não há dúvida de que, sob outros pontos de vista, a redação e publicação destas duas obras, num momento em que praticamente todas as colónias euro-

peias salvo as portuguesas iam aceder à independência, foi altamente significativa.

0.3.6 José G. Herculano de Carvalho e Mary Louise Nunes (1961-1963)

Entre 1961 e 1963 apareceram três artigos de temática e orientação teórica afins. Trata-se, por um lado, de uma 'honours thesis' apresentada em 1961 no Radcliffe College and Harvard University e reproduzida sob o título de *The phonologies of Cape Verdean dialects of Portuguese* (1962/1963), da autoria de Mary Louise Nunes, de descendência cabo-verdiana, e, por outro lado, de dois ensaios intitulados, respetivamente, *Sincronia e diacronia nos sistemas vocálicos do crioulo caboverdiano* (1962) e *Le vocalisme atone des parlers créoles du Cap Vert* (1961), redigidos por um dos melhores linguistas portugueses do momento, José G. Herculano de Carvalho, da Universidade de Coimbra.

O trabalho de Mary Louise Nunes surgiu em parte por insatisfação com a obra de Baltasar Lopes: "I found, however, that Mr. da Silva's lack of training in modern descriptive methods constituted an obstacle to his achieving the aim of a scientific description of these dialects. His system of transcribing phonetic features was extremely complex, and, from the point of view of a phonematic analysis, could have been simplified considerably. In addition, his presentation of the data would have been more efficient had it been organized as a series of parallel studies indicating the individual speech characteristics of each dialect" (1962/1963: 5).

Consequentemente, a autora limitou-se a uma descrição rigorosamente sincrónica e separada da fonologia de apenas quatro variedades: a de Santo Antão, a da Boa Vista, a do Fogo e a da Brava. Nas suas descrições, que se baseiam em entrevistas gravadas com falantes nativos, segue um plano rigoroso, que inclui informações sobre o papel fonológico do acento, a estrutura silábica e a distribuição dos fonemas (inclusive uma enumeração dos grupos consonânticos e vocálicos encontrados). Nem todas as quatro descrições parecem ter a mesma qualidade, mas lamentamos muito que falte uma da variedade santiaguense

porque visto o rigor metodológico da autora poderia ter sido facilmente melhorada caso apresentasse alguns erros de pormenor. O trabalho de Mary Luise Nunes tem sido injustamente criticado, desde uma posição generativista, por Donalddo Pereira Macedo como "not extensive enough to provide a global view of Capeverdean phonological structures and the rules that govern them" (cf. Macedo 1979: 87 e abaixo secção 0.3.7).

José G. Herculano de Carvalho aproveita os trabalhos de Baltasar Lopes da Silva e Maria Dulce de Oliveira Almada e dispõe de dois informantes de Santo Antão que estudavam naquela altura na Universidade de Coimbra. Ao contrário de Mary Louise Nunes, trata apenas do vocalismo, mas fá-lo em ambos os aspetos, sincrónico e diacrónico. Pretende descrever a filiação dos sistemas vocálicos do Sotavento, São Nicolau e São Vicente/Santo Antão. Apesar de todas as suas fontes informarem melhor sobre as variedades do Barlavento, para o Sotavento chega ao mesmo sistema de fonemas vocálicos tónicos orais que propomos para Santiago (ver mais adiante 1.2.1.1). Apresenta-o sob a forma seguinte (cf. Carvalho 1962a: 46):

é	á	ó
ê	ê	ô
í		ú

A salientar a disposição retangular do sistema segundo a qual os |e| e |o| abertos ostentam o mesmo grau de abertura que o |a| aberto, e os |e| e |o| fechados o mesmo que o |e| fechado. Quanto à oposição a/e afirma: "O fonema /é/ aparece apenas na terminação dos verbos correspondentes à primeira conjugação portuguesa - /saRbé/ 'salvar', /çamé/ 'chamar'. etc." (1962a: 46). Esta afirmação não deve ser interpretada como indício de que a sílaba tónica dos verbos em -a fosse ainda a última, em Santiago, nos tempos de Herculano de Carvalho. Mostra, pelo contrário, que as suas informações em relação ao Sotavento provêm de facto, não de Santiago (onde 'salvar' e 'chamar' se dizem |'salbɐ| e |'comɐ|, mas das outras ilhas do Sotavento onde tal padrão de acentuação se mantém até

hoje. Quanto a fonemas vocálicos nasais, o linguista de Coimbra só admite a sua existência em posição final absoluta de palavra (cf. mais adiante 1.2.0). No interior das palavras interpreta toda a vogal foneticamente nasal a nível fonológico como uma sequência de vogal oral seguida de um arquifonema consonântico nasal homossilábico ou de um fonema consonântico heterossilábico (cf. 1962a: 45). A primeira parte desta interpretação teria muito sucesso. Os que a adotaram estenderam-na aliás às vogais foneticamente nasais em final de palavra (cf. de novo mais adiante 1.2.0).

Em relação ao vocalismo das sílabas átonas será suficiente reproduzir a seguinte passagem: "Dans les syllabes atones le nombre des unités phonémiques se trouve assez réduit. Dans toutes les positions, la finale exceptée, on ne trouve que cinq phonèmes /i e a o u/, /e/ et /o/ étant réalisés comme des voyelles fermés [ɛ ɔ], /a/ comme la voyelle centrale fermée [ɐ] à São Nicolau, mais, comme nous verrons ensuite, comportant diverses réalisations dans le parler de Santo Antão. Dans la finale, le nombre des phonèmes vocaliques est encore réduit à trois /i a u/ dans les îles dites de Sotavento (Santiago, surtout), où /i u/ ont à ce qu'il paraît une réalisation généralement assourdie" (1962b: 4). Apesar da referência a São Nicolau e a Santo Antão, tudo o que se diz aqui vale para Santiago. De facto, não se pode resumir melhor a fonologia do vocalismo átono da variedade de Santiago. Contentar-nos-emos mais adiante em matizar ligeiramente a afirmação de Carvalho relativamente ao ensurdecimento dos [-i] e [-u] finais (cf. 1.2.1.5.2).

0.3.7 Donaldo Pereira Macedo (1979)

Em 1979, Donaldo Pereira Macedo obteve um doutoramento na Boston University School of Education apresentando uma tese intitulada *A linguistic approach to the Capeverdean language*, reproduzida, em 1980, em Ann Arbor pela University Microfilms International. Depois de uma introdução teórica sobre a génese dos crioulos, dedica a maior parte do seu trabalho à análise fonológica da 'língua caboverdeana'. Termina reproduzindo quatro textos crioulos.

Baltasar Lopes da Silva, Maria Dulce de Oliveira Almada e Mary Louise Nunes haviam considerado o crioulo de Cabo Verde como um dialeto ou conjunto de dialetos do português. Pelo contrário, Donald Macedo, que escreve numa altura em que Cabo Verde acabava de aceder à independência, insiste sobretudo no estatuto de língua independente. Talvez fosse também a ideia de unidade nacional que levou o nosso autor a cometer novamente a imprudência de querer abranger todo o cabo-verdiano numa só descrição (distinguindo apenas nalgumas partes da sua obra entre Barlavento e Sotavento).

Começa o parágrafo 2.2.1 *Vowels* com estas palavras: "There are a total of six basic oral vowels and a series of allophonic variations in the Capeverdean language. All of these vowels have a nasal counterpart" (88). Se a primeira destas afirmações fosse correta, a variedade de Santiago não faria parte do caboverdiano, pois tem oito 'basic oral vowels', das quais só três podem ser tendencialmente equiparadas com os /i/, /u/ e /a/ de Macedo. É certo que o autor tenta, até certo ponto, levar em conta a variação dentro do arquipélago, opondo, especialmente no capítulo *Phonological Rules*, Barlavento a Sotavento. O capítulo trata de regras do tipo: "/kume/ 'to eat' in Sotavento is realized as /kme/ in Barlavento" (1979: 130).

Não vamos entrar na problemática de tais regras. Bastará dizer que Macedo, nascido na ilha de Brava mas cedo levado para Boston pelos pais, não tinha uma ideia clara da variação entre ilhas. Chega a apresentar um texto em crioulo de Santo Antão, extraído de *Negrume*, de Luís Romano, como representativo do crioulo de São Vicente (cf. 1979: 183). Esta falta de clareza em Macedo talvez provenha do facto de as diferenças entre as diferentes variedades insulares tenderem a perder-se na comunidade cabo-verdiana de Boston. Em caso de dúvida, Macedo terá optado pelo seu próprio crioulo (cf. p. 88: "Being, myself, dominant in the Capeverdean language, I used my speech as a sample, as well.").

O mesmo autor publicaria ainda em 1989 *Aspects of Capeverdean phonology*. Aqui se tratava simplesmente de mostrar que, apesar do seu título abrangente, o trabalho de 1979 não serve como fonte de informação para a nossa gramática do crioulo de

Santiago.

0.3.8 Izione S. Silva (1985)

Encerramos este resumo de 100 anos de gramatografia referente ao crioulo de Santiago aludindo brevemente a um autor cujas contribuições já não entram no marco temporal que tínhamos traçado. Seis anos depois de Donaldo Pereira Macedo, outro cabo-verdiano residente nos Estados Unidos obtém um doutoramento pela Georgetown University. A sua dissertação intitula-se *Variation and change in the verbal system of Capeverdean crioulo*. Dispomos apenas de um resumo deste trabalho que inclui o seu índice de matérias (cf. *Dissertation abstracts international*, 1986, 47 (1): 168A). O resumo não indica o lugar de nascimento do autor, mas poderia ser também da Brava. Aproveita fontes de informação semelhantes às de Donaldo Pereira Macedo: 40 falantes nativos "now living in Massachusetts and Rhode Island", os contos contidos em *Folk-lore from the Cape Verdean Islands* de Elsie Clews Parsons, e "my native speakers intuition". Tal como Donaldo Pereira Macedo mostra-se influenciado por Derek Bickerton ("Capeverdeans Crioulo's tense/aspect system is described in terms of Bickerton's paradigm") e distingue apenas entre dois "major regional dialects", Barlavento e Sotavento. Porém, interessa-se mais pela variação (cf. o título da sua dissertação), tanto entre ilhas, como intra-ilhas (considerando diferentes faixas etárias) e diacrónica (comparando com textos recolhidos nos primeiros decénios do século). Estuda com particular atenção a concorrência de formas de passado dos verbos *ten* e *tene* (*tenba*, *teneba*, *tinha*, *tenha*, *tive*, *teve*). Explica a variação encontrada basicamente como refletindo diferentes graus de descrioulização.

Em 1990, Izione S. Silva publicaria ainda um interessante artigo intitulado *Tense and aspect in Capeverdean Crioulo*, na coletânea *Pidgin and creole tense-mood-aspect systems*, editada por John Victor Singler.

0.3.9 Os nossos contemporâneos

Acabamos de passar revista às obras mais importantes que,

entre 1880 e 1980, aproximadamente, tentaram fornecer descrições completas ou parciais da variedade do caboverdiano falada na ilha de Santiago. Fizemo-lo, repetimos, porque todas contribuíram para o valorizar e porque não teremos muitas ocasiões de voltar a falar delas nesta gramática.

Pelo contrário, não poderemos descurar nesta publicação as obras mais recentes, publicadas por autores nossos contemporâneos, todos cientes de que a descrição de uma variedade insular (se não mesmo de uma variedade particular dentro de uma ilha) deve forçosamente preceder a sua comparação com outras variedades. Aliás, falamos de obras cujos autores perseveraram atualmente nos seus esforços por contribuir para a descrição da variedade santiaguense. Tê-las-emos em conta, principalmente nos casos onde a nossa descrição ou interpretação difere das suas. Trata-se, fundamentalmente, de obras publicadas por Petra Thiele (sobretudo 1991), Manuel Veiga (sobretudo 1982 e 1996), Nicolas Quint (nomeadamente 2000), Marlyse Baptista (sobretudo 2002) e Fernanda Pratas (sobretudo 2004) (cf. Bibliografia).

0.4 Abreviaturas

0.4.1 Abreviaturas das fontes

- (231/25) = página 231, linha 25; quando os números não vêm precedidos de nenhuma abreviatura referem-se invariavelmente a Tomé Varela da Silva (ed.), *Na bóka noti, Volumi I, Un libru di stórias tradicional organizádu y prizentádu pa T.V. da S.*, segunda ed., Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro 2004.
- BB = Badiu Branco, *Kunba*, Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco 1993.
- inf. = exemplo/informação fornecidos por informantes caboverdianos
- LS = transcrição de quatro contos populares feita por Luzia Semedo, manuscrito.
- NL = transcrição feita por André dos Reis Santos de 44 anedotas em cassete, de Nastási Lópi, manuscrito.
- NyK = Tomé Varela da Silva, *Natal y kontus*, Praia: Instituto Caboverdiano do Livro 1986.
- Oda = Manuel Veiga, *Odju d'agu*, segunda ed. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro 2009.
- Prispinhu = Antoine de Saint-Exupéry, *Prispinhu*, traduson na lingua berdiánu, Nicolas Quint & Aires Semedo, Neckarsteinbach: Edition Tintenfaß 2013.
- RS = exemplo/informação fornecidos por André dos Reis Santos.
- Spínola = Danny Spínola, *Lagoa Gémia*, Kontus 2004.

0.4.2 Abreviaturas das classes de palavras

adj.	adjetivo
adv.	advérbio, adverbial
art. def.	artigo definido
art. indef.	artigo indefinido
conj.	conjunção
conj. coord.	conjunção coordenativa
conj. subord.	conjunção subordinativa
interj.	interjeição
loc.	locução
loc. adv.	locução adverbial
loc. conj.	locução conjuntiva
loc. prep.	locução prepositiva
num.	numeral
part.	partícula
prep.	preposição, prepositivo
pron.	pronome
pron. dem.	pronome demonstrativo
pron. indef.	pronome indefinido
pron. interr.	pronome interrogativo
pron. pess.	pronome pessoal
pron. poss.	pronome possessivo
pron. rel.	pronome relativo
s.	substantivo
v.	verbo, verbal

0.4.3 Outras abreviaturas

abrev.	abreviatura, abreviado
ACBLPE	Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola
al.	alemão
ALUPEC	Alfabeto Unificado Para a Escrita do Caboverdiano
ant.	antigo, antiquado
antón.	antónimo
aum.	aumentativo
bras.	brasileiro
cf.	confer (lat.), confronte
cr.	crioulo
cr. f.	crioulo fundo
cr. l.	crioulo leve
deriv.	derivação
dim.	diminutivo
ed.	edição, editado, editor
eds.	editores
esp.	espanhol
et al.	et alii (lat.) 'e outros autores'
expr.	expressão
expr. idiom.	expressão idiomática
fam.	familiar
fig.	figurado
fr.	francês
gram.	gramatical
ib.	ibidem (lat.) 'no mesmo lugar'
idiom.	idiomático
ingl.	inglês
ital.	italiano
lat.	latim
lit.	literalmente
onom.	onomatopaico
ort.	ortográfico
p.	página
pej.	pejorativo
p. ex.	por exemplo
p. ext.	por extensão
pg.	português
pl.	plural
prov.	provérbio
s.v.	sub verbo (lat.) 'no artigo'
sin.	sinónimo
sg.	singular
SPCL	Society of Pidgin and Creole Linguistics
tb.	também
var.	variante, variedade

0.4.4 Símbolos

/.../	transcrição fonológica
[...]	transcrição fonética
	nos exemplos e nas citações: comentário explicativo
<...>	nos exemplos e nas citações: omissão ou aditamento
♀	forma específica para seres do sexo feminino
♂	forma específica para seres do sexo masculino
... > converte-se em ...
... < provém de ...

0.5 Bibliografia

0.5.1 Textos no crioulo de Santiago

- Badiu Branco (1993), *Kunba*, Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco.
- Barbosa, Kákâ (1984), *Vinti sîntidu letrádu na kriolo*, Praia: Institutu Kabuverdianu di Livru.
- Barboza, Kaká (1996), *Son di ViraSon*, Praia: Spleen.
- Barboza, Kaká (2003), *Konfison na finata*, Mindelo: Artiletra.
- Lima, Humberto (ed.) (2000), *Un bes tinha Nhu Lobu ku Xibinhu ...*, Praia: Instituto de Promoção Cultural.
- Lima, Humberto (ed.) (2005), *Karlus Magnu di pasaji pa Kabu Verdi*, Praia: Instituto de Investigação e do Património Culturais.
- Quint, Nicolas; Aires Semedo (2013), *Antoine de Saint-Exupéry, Prispinhu, traduson na lingua berdiánu*, Neckarsteinbach: Edition Tintenfaß 2013.
- Silva, Tomé Varela da (ed.) (1985), *Finasons di Ña Nasia Gomi*, Praia: Institutu Kauberdianu di Libru.
- Silva, Tomé Varela da (1986), *Natal y kontus*, Praia: Instituto Caboverdiano do Livro 1986.
- Silva, Tomé Varela da (1986), *Kumuñon d'Áfrika. Onti, oîi, mañan*, Praia: Instituto Caboverdeano do Livro.
- Silva, Tomé Varela da (1987), *Kardisantus*, Praia: Instituto Caboverdiano do Livro.
- Silva, Tomé Varela da (1988), *Ña Bibiña Kabral. Bida y obra*, Praia: Instituto Caboverdiano do Livro.
- Silva, Tomé Varela da (1988), *Natal y kontus*, Praia: Institutu Kauberdianu di Libru.

- Silva, Tomé Varela da (1990), *Ña Gida Mendi. Simenti di onti na çon di mañan*, Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco.
- Silva, Tomé Varela da (1992), *Tenpu di tenpu (1 168 dibiña tradisional)*, Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco.
- Silva, Tomé Varela da (1997), *Konparason di konbêrsu (1.280 ditadu y senténsa tradisional)*, Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco.
- Silva, Tomé Varela da (1997), *Na altar di nha petu*, Mindelo: AEC Editora.
- Silva, Tomé Varela da (1999), *Forsa di amor*, Mindelo: PUBLICOM.
- Silva, Tomé Varela da (2000), *Na kaminhu...*, Praia: Idison di otor.
- Silva, Tomé Varela da (ed.) (2004), *Na bóka noti, Vulumi-I, Un libru di stórias tradisional organizadu y prizentadu pa T.V. da Silva*, primeira ed. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro 1987, segunda ed. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- Silva, Tomé Varela da (2005), *(Kon)Tributu pa libertason y dizanvolviméntu*, Mindelo: Idison di otor.
- Silva, Tomé Varela da (2014), *Alfabétu káuberdiánu. Un prupós-ta di skrita ku stória voltádu pa futuro*, Praia: Instituto da Investigação e do Património Culturais.
- (Spínola, Daniel) Eurícles Rodrigues (1991), *Na kantar di sol*, Edison Danny Spínola.
- (Spínola, Daniel) Eurícles Rodrigues (2000), *Adon y Éva y otus puemas*, Praia: Instituto da Promoção Cultural.
- Spínola, Danny (Eurícles Rodrigues) (2004), *Lagoa Gémia, Kon-tus* (segunda ed. 2006).
- Spínola, Danny (Eurícles Rodrigues) (2006), *Amen na nha xintidu*, Idison di otor.
- Veiga, Manuel (1987/2009), *Odju d'agu*, segunda ed. de 2009, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (primeira ed. de 1987).

0.5.2 Linguística e crioulistica

- Almada, Maria Dulce de Oliveira (1961), *Cabo Verde. Contribuição para o estudo do dialecto falado no seu arquipélago*, Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Andrade, Ernesto d'; Kihm, Alain (1997), "O Coelho crioulista", em: Castro, Ivo (ed.), *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. 2, Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, p. 385-392.
- Baptista, Marlyse (2002), *The syntaxe of Cape Verdean creole. The Sotavento varieties*, Amsterdam/Philadelphia: Benjamins.

- Barrena, Nicté-Ha Itzel Salas (2006), "Another look at the problem of the copula in the Santiago variety of Cape Verdian creole", *PAPIA* (Brasília) 16, 32-52.
- Bickerton, Derek (1981), *Roots of language*, Ann Arbor: Karoma.
- Brito, António de Paula Brito (1887, 1967), "Apontamentos para a gramática do crioulo que se fala na ilha de Santiago de Cabo Verde. Revistos por Adolfo Coelho", *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 7º série, n.º 10, 1887, 611-669. Reimpressos em: Morais-Barbosa (1967), p. 329-404.
- Brüser, Martina et al. (2002), *Dicionário do Crioulo de Santiago (Cabo Verde) com equivalências de tradução em alemão e português, elaborado por Martina Brüser e André dos Reis Santos (Cabo Verde), com a contribuição de Ekkehard Dengler e Andreas Blum, sob a direcção de Jürgen Lang*, Tübingen: Narr.
- Carvalho, José G. Herculano de (1961), "Le vocalisme atone des parlars créoles du Cap Vert", *Boletim de filologia* 20, 3-12.
- Carvalho, José G. Herculano de (1962), "Sincronia e diacronia nos sistemas vocálicos do crioulo caboverdiano", em: Catalán Menéndez-Pidal, Diego (ed.), *Miscelánea homenaje a André Martinet. Estruturalismo e historia*, vol. 3, La Laguna, p. 43-67.
- Coelho, Adolfo Francisco (1880, 1967; 1882, 1967; 1886, 1967), "Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América" (1880), "Notas complementares" (1882), "Novas notas suplementares" (1886). Reimpressos em: Morais-Barbosa (1967), p. 1-234.
- Coseriu, Eugenio (1977), "Inhaltliche Wortbildungslehre (am Beispiel des Typs 'coupe-papier')", em: Herbert E. Brekle e Dieter Kastovsky (eds.), *Perspektiven der Wortbildungsforschung*, Bonn: Bouvier, p.48-61.
- Costa, Joaquim Vieira Botelho da; Duarte, Custódio José (1886, 1967), "O crioulo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt" (1886). Reimpresso em: Morais-Barbosa (1967), p. 235-328.
- Couto, Hildo Honório do; Souza, Ulisdete Rodrigues de (2006), "As consoantes pré-nasalizadas no crioulo caboverdiano: por uma interpretação bifonemática", em: Lang et al., p. 133-146.
- Creissels, Denis (1994), *Aperçu sur les structures phonologiques des langues négro-africaines*, 2ª edição, Grenoble: ELLUG.
- Fanha (Pereira), Dulce (1989), "Crioulo de Cabo Verde. Proposta de grafia", *Revista das Universidades de língua portuguesa* 2, 41-47.
- Fernandes, Armando Napoleão Rodrigues (anterior a 1938), *Gramática do Crioulo de Cabo Verde* (ms.).

- Fernandes, Armando Napoleão Rodrigues, *Léxico do dialecto crioulo do arquipélago de Cabo Verde* (Título original do manuscrito: *O dialecto crioulo do arquipélago de Cabo Verde (Léxico)*), ed. por Ivone Aida Lopes Rodrigues Fernandes Ramos, Mindelo: Gráfica do Mindelo, s.a., mas 1971.
- Ferreira, Manuel (ed.) (1986), *Claridade. Revista de arte e letras*, Linda-a-Velha: A.L.A.C.
- Fox, Anthony (2000), *Prosodic features and prosodic structure. A phonology of suprasegmentals*, Oxford: Oxford University Press.
- Grupo para a Padronização do Alfabeto (2006), *Proposta de Bases do Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-verdiano*, Praia: Instituto da Investigação e do Património Culturais (IIPC). Versão imprimida de um texto de 31 de Maio de 1994, assinado pelos integrantes do Grupo, Dr. Manuel Veiga (Presidente), Dra. Alice Matos, Dra. Dulce Duarte, Dr. Eduardo Cardoso, Dra. Inês Brito, Dr. J.L Hopffer Almada, Dr. Tomé Varela.
- Ladefoged, Peter; Maddieson, Ian (1996), *The sounds of the world's languages*, Malsen USA, etc.: Blackwell.
- Lang, Jürgen (1999), "O pronome pessoal átono da primeira pessoa do singular e a nasalidade no crioulo de Santiago (Cabo Verde)", em: Zimmermann, Klaus (ed.), *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*, Frankfurt am M./Madrid, p. 17-23.
- Lang, Jürgen (2007), "O problema da nasalidade no crioulo de Santiago (Cabo Verde): Uma resposta", em: Schrader-Kniffki, Martina; Morgenthaler García, Laura (eds.), *La Romania en interacción: Entre historia, contacto y política*, Frankfurt a. Main/Madrid: Vervuert - Iberoamerica, p. 515-535.
- Lang, Jürgen (2011), *A filiação dos pronomes pessoais do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)*, <http://unicvkriolus.wordpress.com/5-peskiza-sientifiku>.
- Lang, Jürgen; Holm, John; Rougé, Jean-Louis; Soares, Maria João (eds.) (2006), *Cabo Verde. Origens da sua sociedade e do seu crioulo*, Tübingen: Narr.
- Macedo, Donald Pereira (1980), *A linguistic approach to the Capeverdean language*, Ann Arbor: Univ. Microfilms International.
- Macedo, Donald Pereira (1989), *Aspects of Capeverdean phonology*, Ann Arbor: Univ. Microfilms International.
- Morais-Barbosa, Jorge (ed.) (1967), *Estudos linguísticos crioulos: reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa.
- Neumann-Holzschuh, Ingrid + Schneider, Edgar W. (ed.) (2000), *Degrees of restructuring in creole languages*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

- Nunes, Mary Louise (1962/1963), "The phonologies of Cape Verdean dialects of Portuguese", *Boletim de Filologia* 21, 1-56.
- Parsons, Elsie Clews (1921), "Folk-Lore from the Cape Verde Islanders", *The journal of American folklore (Champaign, Illinois)* 34 (131), 89-109.
- Prata, Fernanda (2004), *O sistema pronominal do Caboverdiano*, Lisboa: Colibri.
- Quint(-Abrial), Nicolas (1996), *Lexique créole de Santiago - français, Léxico crioulo santiaguense - francês, Lésiku badiu - fransés*, Praia: ed. do autor.
- Quint, Nicolas (1997), *Dictionnaire français - cap-verdien, Dicionário francês - caboverdiano, Disionári fransés - berdiánu (Créole de Santiago - Crioulo santiaguense - Badiu)*, Paris: L'Harmattan.
- Quint, Nicolas (1998), *Dicionário caboverdiano - português. Variante de Santiago*, s.l.: Verbalis.
- Quint, Nicolas (1999), *Dictionnaire cap-verdien - français. Créoles de Santiago et de Maio*, Paris: L'Harmattan.
- Quint, Nicolas (2000), *Grammaire de la langue cap-verdienne. Étude descriptive et compréhensive du créole afro-portugais des Îles du Cap-Vert*, Paris: L'Harmattan.
- Quint, Nicolas (2001), "Vowels as a morphological tool in Santiago Creole Portuguese (Cape Verde)", *Journal of African languages and linguistics (JALL)* 22, 1, 69-80.
- Quint, Nicolas (2006), "Un bref aperçu des racines africaines de la langue capverdienne", em: Lang, Jürgen; Holm, John; Rougé, Jean-Louis, Soares, Maria-João (eds.), *Cabo Verde. Origens da sua sociedade e do seu crioulo*, Tübingen: Narr, p. 75-90.
- Quint, Nicolas (2008), "Les Apontamentos de António de Paula Brito (1887) ou la naissance d'une tradition grammaticale autochtone", *Histoire Épistémologie Langage* 30/1, 127-153.
- Reis, Carlos; Duarte, Dulce Almada (1979), "Colóquio sobre o Crioulo", *África. Literatura, Arte e Cultura (Lisboa)*, vol. 1, n.º 5, 563-570.
- Romano, Luis (1973), *Negrume (Lzimparin)*, Rio de Janeiro: Ed. Leitura.
- Rougé, Jean-Louis (1988), *Petit dictionnaire étymologique du Kriol de Guinée-Bissau et Casamance*, Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa.
- Rougé, Jean-Louis (1999), "Apontamentos sobre o léxico de origem africana dos crioulos da Guiné e de Cabo Verde (Santiago)", em: Klaus Zimmermann (ed.), *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*, Frankfurt/Main: Vervuert, p. 49-65.
- Santos, Rosine (1979), "Le créole des îles du Cap-Vert: Comparaison avec les langues africaines. Communication présentée par R. Santos au 1er séminaire linguistique sur le créole. S. Vicente, 8-14 avril 1979. Paper presented at

- the 'Primeiro colóquio linguístico sobre o crioulo de Cabo Verde"', *Réalités Africaines et Langue Française* 11, 55-102.
- Schuchardt, Hugo (1881), Resenha de C. Baissac, *Étude sur le patois mauricien* e de F. A. Coelho, *Os dialectos românicos ou neo-latinos na Africa, Asia e America*, *Zeitschrift für romanische Philologie* 7, 580/581.
- Schuchardt, Hugo (1887), Resenha de J. Vieira Botelho da Costa e C. Duarte, *O creôlo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o creôlo das ilhas de Cabo Verde oferecidos ao dr. Hugo Schuchardt*, *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie* 8, 132-141.
- Schuchardt, Hugo (1888), "Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch, I. Allgemeines über das Negerportugiesische", *Zeitschrift für romanische Philologie* 12, 242-254.
- Schuchardt, Hugo (1888), "Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch, II. Zum Negerportugiesischen Senegambiens, III. Zum Negerportugiesischen der Kapverden", *Zeitschrift für romanische Philologie* 12, 301-322.
- Schuchardt, Hugo (1889), Resenha de A. de Paula Brito, *Apontamentos para a grammatica do crioulo que se falla na ilha de S. Thiago de Cabo Verde*, *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie* 10, 452-458.
- Schuchardt, Hugo (1909), "Die Lingua franca", *Zeitschrift für romanische Philologie* 33, 441-461.
- Silva, Baltasar Lopes da (1984), *O dialecto crioulo de Cabo Verde*, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda (primeira ed. de 1957).
- Silva, Izione Santos (1985), *Variation and change in the verbal system of Capeverdean crioulo*, DPh Dissertation, Georgetown University, Washington, D.C.
- Silva, Izione Santos (1990), "Tense and aspect in Capeverdean crioulo", em: Singler, John Victor (ed.), *Pidgin and creole tense-mood-aspect systems*, Amsterdam: Benjamins, p. 143-168.
- Silva, Tomé Varela da (2014), *Alfabétu káuberdiánu. Un prupós-ta di skrita ku stória voltádu pa futuro*, Praia: Instituto da Investigação e do Património Culturais.
- Sousa, Henrique Teixeira de (1996), "O falar crioulo de Cabo Verde", *Islenha* 19, 147-150.
- Swolkien, Dominika (2009), "Gramática do crioulo de Cabo Verde by Armando Napoleão Rodrigues Fernandes", contribuição ao encontro anual da *Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBLPE)*, 11-15 Agosto 2009, em Colónia (Alemanha).
- Thiele, Petra (1991), *Kabuverdianu: Elementaria seiner TMA-Morphosyntax im lusokreolischen Vergleich*, Bochum: Brockmeyer.
- Veiga, Manuel (1979), "Crioulo em foco - problemática duma escrita", *África. Literatura, Arte e Cultura (Lisboa)*, vol. 2, n.º 6, 73-75

- Veiga, Manuel (1980), "Breves considerações sobre a escrita do Crioulo", *África. Literatura, Arte e Cultura (Lisboa)*, vol. 2, n.º 8, 310-316.
- Veiga, Manuel (1982), *Diskrison strutural di lingua kabuverdianu*, Praia: Institutu Kabuverdianu di Livru.
- Veiga, Manuel (1996), *O crioulo de Cabo Verde. Introdução à Gramática*, 2a ed., Mindelo, São Vicente: Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco/Instituto Nacional da Cultura.
- Veiga, Manuel (ed.) (2000), *I.º colóquio linguístico sobre o crioulo de Cabo Verde, organização e coordenação da publicação; Manuel Veiga*, Praia: Instituto Nacional de Investigação Cultural.
- Veiga, Manuel (2006), "O crioulo de Cabo Verde: Afirmação e visão prospectiva", em: Lang et al., p. 27-41.
- Wright, Roger (1989), *Latín tardío y romance temprano en España y la Francia carolingia, versión española de Rosa Lator*, Madrid: Gredos (original inglês 1982).

I.

SONS E ESCRITA

1. Fonética e fonologia

1.1 Unidades fónicas

1.1.0 Observações preliminares

Diferentes critérios permitem distinguir, na intervenção de um interlocutor (ingl. 'turn') diferentes tipos de unidades fónicas que serão sempre, ao mesmo tempo, unidades funcionais. Estes tipos de unidades formam uma hierarquia. Começando pelas unidades do mais alto nível, temos, em linha descendente, pelo menos, os seguintes tipos de unidades: frases (cf. 1.1.1), palavras fónicas (cf. 1.1.2), grupos tónicos ou 'pés' (cf. 1.1.3), sílabas (cf. 1.1.4) e fonemas (cf. 1.1.5). Na secção 1.1.6 ilustramos cada uma destas unidades através de um curto texto.

Uma unidade de determinado nível abrange uma ou várias unidades do nível imediatamente inferior. Uma unidade de um determinado nível pode, assim, funcionar, por si só, como uma unidade do nível imediatamente superior. Segundo este princípio, podem dar-se casos em que uma unidade do mais alto nível, isto é, toda a intervenção de um interlocutor, consta de uma só unidade do nível mais baixo, isto é, de um só fonema: cf. pg. *É!* como resposta a uma pergunta do tipo *É verdade que o João e a Maria se separaram?*

1.1.1 Frase

A frase é um ato de fala mínimo, mas nem todo o ato de fala mínimo é uma frase, pois qualquer sequência fónica mínima proferida com a intenção reconhecível de atuar sobre o interlocutor constitui já um ato de fala mínimo.

Assim, existem pelo menos dois outros tipos de atos de fala mínimos, além das frases: a exclamação (por ex. *Avé!* 'Credo!')¹ e o vocativo (por ex. *Nhu Rumáldu!* 'Senhor Rumáldu!').

¹ Neste capítulo de fonética e fonologia indicamos para cada expressão crioula apenas um dos seus significados contextuais.

Por meio das exclamações, que constam de uma interjeição ou de uma locução interjetiva, os falantes

- manifestam sentimentos, como a alegria, a surpresa, o horror, etc. (cf. *Avé!* 'Credo!', *Oi nha mai!* 'Meu Deus!', etc.),
- incitam a ações (cf. *Xó!* 'Xô!', *Paxénxa!* 'Paciência!'),
ou
- imitam ruídos (cf. *Póu!* 'Zás!', *Flupu!* 'Chape!')

sem descreverem tais sentimentos, ações ou ruídos.

Através dos vocativos (cf. *Nhu Rumáldu!* 'Senhor Rumáldu!'), os falantes visam atrair a atenção de outros para si e, de forma indireta, para aquilo que lhes querem dizer, mostrar, etc.

São frases os atos de fala mínimos onde um falante se refere a um estado de coisas ou a uma relação entre estados de coisas para os afirmar, para exigir a sua existência, para perguntar pela sua existência, etc. (cf. *Bu átxa livro* 'Encontraste o livro', *Átxa livro!* 'Encontra o livro!', *Bu átxa livro?* 'Encontraste o livro?', etc.). Tais atos de fala mínimos chamam-se também atos ilocutórios. A nível fónico, confia-se a um determinado contorno entoacional a tarefa de garantir a unidade da frase.

Uma frase pode ser muito longa e apresentar uma estrutura interna complexa. Impõe-se, portanto, distinguir nela unidades de nível inferior.

1.1.2 Palavra fónica

Por analogia com os textos escritos, onde as palavras surgem separadas por espaços, chamamos palavra fónica (fr. mot phonétique) a qualquer sequência fónica contínua que, na fala pausada, pode ficar entre duas pausas. Também a uma palavra fónica corresponde um contorno entoacional próprio. E por ser a palavra fónica a unidade mais pequena que dispõe de um contorno entoacional próprio, há autores que preferem chamá-la de 'unidade entoacional' (ingl. intonation unit, cf. Fox 2000:

338). Quando uma frase contém várias palavras fónicas, os seus contornos entoacionais subordinam-se ao contorno entoacional da frase que as engloba.

Entre as entidades que costumam constituir palavras fónicas próprias mencionaremos apenas, a título de exemplo, as parentéticas, os 'tópicos' ou 'temas' deslocados à esquerda ou à direita, as orações relativas explicativas, as aposições e os aditamentos que determinam o ato de fala enquanto tal (cf. 3.3.1.3). Eis um exemplo para cada um destes cinco casos:

Parentética:

..., kuáundu el txiga la kel kánpu (ainda boi k'odja-l), dj'el odjá boi la lonji ta kumê (233/22) '..., quando chegou àquele campo (o boi ainda não o avistara), já viu o boi lá longe a comer.'

Tópico deslocado:

Abô, rapasinhú?!... E'fla-l: - Amí, nha mai dexa-m pa N po panéla riba, agóra fós dja perde-m, ... (147/4). 'Você [aqui], rapaz? - [O rapaz] Respondeu: Eu, a minha mãe permitiu-me que comesse a cozinhar, só que já perdi os fósforos,'

Oração relativa explicativa:

Pasarinha, ki é ávi más bunitu di Káuberdi, ten biku burmedju ku ása azul. 'A passarinha, que é a ave mais bonita de Cabo Verde, tem o bico vermelho e as asas azuis.'

Aposição:

Pasarinha, ávi más bunitu di Káuberdi, ten biku burmedju ku ása azul. 'A passarinha, a ave mais bonita de Cabo Verde, tem o bico vermelho e as asas azuis.'

Aditamentos que determinam o acto de fala enquanto tal:

Na fundu, bu disizon foi dretu. (RS) 'Na verdade, a tua decisão foi acertada.'

Pela presença de tais elementos, muitas frases constam de várias palavras fónicas.

1.1.3 Grupo tónico ('pé')

O critério utilizado para delimitar os grupos tónicos, que

em poética recebem o nome de 'pés', é o acento fónico. Quando falamos, destacamos determinadas sílabas por meio da intensidade ('acento dinâmico'), da altura ('acento musical') ou da duração ('acento quantitativo'). Regra geral, estas sílabas acentuadas ou 'tónicas' reúnem todas estas qualidades, embora uma delas seja normalmente predominante (em francês predomina a altura, no crioulo de Santiago a intensidade).

Um grupo tónico é constituído por uma sílaba acentuada e por todas as sílabas não acentuadas ou 'átonas' que eventualmente a acompanhem. Pode, portanto, ser constituído por uma ou várias sílabas.

As palavras plurissilábicas costumam apresentar apenas uma sílaba tónica (cf. cs. *dispénsa* 'despensa', *kontribuisson* 'contribuição', *bóbra* 'abóbora', etc.), pelo que constituem um só grupo tónico. São exceções a esta regra, no português e no crioulo de Santiago, alguns compostos (cf. por ex. pg. *quebra-cabeça*, cs. *kebra-kabésa*) e os advérbios terminados em *-mente*, *-menti* (cf. pg. *dir~~et~~amente*, cs. *dir~~ét~~amenti*, etc.).

As palavras átonas, isto é, as palavras desprovidas de acento fónico próprio, apoiam-se sempre em alguma palavra tónica subsequente ou precedente. Todas as palavras átonas que se apoiam na mesma palavra tónica formam com ela um só grupo tónico. As que se encostam a uma palavra tónica subsequente encontram-se em posição 'proclítica' ou em 'próclise'; as que se apoiam numa palavra tónica precedente estão em posição 'enclítica' ou em 'ênclise'. Uma palavra fónica pode ser constituída por um ou vários grupos tónicos consecutivos.

O número de grupos tónicos numa palavra fónica corresponde ao número de sílabas acentuadas que a compõem. Contudo, nem sempre é fácil identificar com precisão os limites de cada um dos grupos tónicos. Por isso, dispensamo-nos de o fazer nas transcrições do texto exemplificativo sob 1.1.6 O problema é que, muitas vezes, faltam critérios fónicos infalíveis para se decidir se uma determinada palavra átona deve ser considerada enclítica relativamente a uma palavra tónica precedente ou proclítica relativamente a uma palavra tónica subsequente. Os linguistas socorrem-se nestes casos de critérios sintáticos, agrupando a palavra átona em questão com a palavra tónica que ela determina. Se aplicarmos este critério a uma das palavras

fónicas do parágrafo anterior, podemos segmentá-la da seguinte forma:

..., ki ê **ávi** | **más** | bunitu | di **Káu** | **berdi**, ...

Na verdade, podem obter-se limites ligeiramente diferentes dependendo de se a segmentação se faz apoiando-se em critérios fonéticos ou em critérios fonológicos (cf. 1.1.4).

1.1.4 Sílaba

Sob 1.1.3 já falámos das sílabas. O critério para a contagem de sílabas numa unidade fónica de nível superior é dado pelas alternâncias do grau de sonoridade ou percetibilidade na fala. O termo 'percetibilidade' indica que não se trata de um valor objetivamente mensurável. São os ouvintes (e os falantes são, geralmente, ao mesmo tempo também ouvintes) que percebem a cadeia fónica como sendo uma sequência de picos e vales de percetibilidade. Fatores vários contribuem para esta percepção. Além das variações da intensidade, trata-se sobretudo de variações ao nível dos obstáculos que a corrente de ar tem de ultrapassar durante o seu percurso desde a laringe até ao exterior. Assim, são mais percetíveis os sons sonoros do que os surdos, os sons fricativos mais do que os oclusivos, as vogais abertas mais do que as fechadas, e, sobretudo, as vogais mais do que as consoantes (pelas razões indicadas a em 1.1.5).

Cada pico de percetibilidade constitui o centro de uma sílaba. Consequentemente, contam-se num grupo tónico e numa palavra fónica tantas sílabas quantos picos de percetibilidade for possível distinguir neles. Cada uma destas sílabas estende-se de um ponto mais baixo de percetibilidade até ao próximo. Chama-se parte explosiva de uma sílaba à parte em que a percetibilidade vai em crescendo e parte imploriva àquele em que vai diminuindo. Como as vogais são, por definição, mais percetíveis do que as consoantes, pode dizer-se que o centro de uma sílaba é sempre mais vocálico, ao passo que o seu início e o seu fim são sempre mais consonânticos.

Por conseguinte, numa consoante intervocálica podemos distinguir duas fases. Uma primeira, imploriva, que faz parte da sílaba precedente, e uma segunda, explosiva, que pertence à sílaba seguinte.

Só a nível fonológico, quer dizer, após a análise da cadeia fónica em fonemas (cf. 1.1.5) e da classificação destes em fonemas consonânticos e vocálicos, faz sentido falar em sílabas que começam ou terminam por vogal ou que começam ou terminam por uma ou várias consoantes. A uma consoante intervocálica que, a nível fonético, tem uma parte que pertence à sílaba precedente e outra que pertence à sílaba seguinte, costuma corresponder, portanto, a nível fonológico, uma consoante que pertence a apenas uma das duas sílabas (geralmente à sílaba seguinte).

As sílabas que terminam em vogal chamam-se livres ou abertas, as que terminam em consoante, chamam-se travadas. Sequências de duas ou três vogais no interior de uma sílaba formam 'ditongos' e 'tritongos' (para estes, cf. 1.2.1.8.2).

1.1.5 Fonema

No interior de uma palavra fónica e no interior de um grupo tónico há poucos limites claramente perceptíveis (oclusões, golpes de glote, etc.). A impressão que se tem é a de um contínuo com transições graduais. Esta afirmação vale ainda mais para as sílabas, visto os poucos limites claros no interior das unidades de nível mais alto coincidirem com os limites entre sílabas. A nível fonológico, cada sílaba consta, porém, de um, dois, três, quatro ou cinco fonemas (raramente mais).

A análise de unidades de mais alto nível em fonemas não é possível sem recorrer aos significados, visto os fonemas serem definidos como sendo as unidades fónicas mínimas com capacidade de distinguir significados. Esta capacidade demonstra-se através de provas de comutação e de permutação. As provas de comutação podem levar à identificação de 'pares mínimos' (cf. 1.2.1.3 e 1.2.2.3), que tornam particularmente evidente que dois sons devem ser considerados como realizações de fonemas diferentes. As provas de permutação podem impor uma análise mono ou bifonemática de uma sequência de sons (em cs. há [dʒ] em *midju* s. 'milho', etc., mas não há *[ʒd], devendo, por isso, a sequência [dʒ] ser analisada como realização de um único fonema /ʒ/; pelo contrário, há [rk] em *bárku* s. 'barco', etc., mas há também [kr] em *sukri* s. 'açúcar', etc., impondo-se,

portanto, uma análise bifonemática /rk/ da sequência [rk]).

Uma 'língua funcional', isto é, a variedade de uma língua histórica como o português, o alemão, etc. que uma determinada camada da sociedade utiliza, numa determinada localidade e num determinado tipo de interação verbal, dispõe de um número determinado de fonemas. Nas línguas europeias, este número costuma situar-se entre 20 e 40 (atualmente 24 no espanhol europeu padrão, 33 no francês padrão, etc.).

Muitos autores exigem a existência de pelo menos um par mínimo, isto é, um par de palavras cuja pronúncia só difere num único ponto (ex. cs. parti ['pɛrti] v. 'quebrar' vs. párti ['partɪ] s. 'parte'), para reconhecer valor distintivo a uma determinada diferença fónica (no exemplo anterior à diferença entre [ɛ] e [a]) e, portanto, para aceitar a existência de determinados fonemas (aqui a existência de /ɛ/ e de /a/). Não partilhamos desta opinião. O critério decisivo deve ser o sentir dos falantes. Se estes consideram que um determinado contraste fónico contribui para distinguir significados noutros casos, por exemplo em pares como parti ['pɛrti] v. 'quebrar' vs. pártu ['partu] s. 'parto', então os sons correspondentes devem ser considerados como sendo representantes de fonemas diferentes da sua língua, mesmo não existindo nenhum par 'mínimo' do tipo ['pɛrti] / ['partɪ].

Há ainda um outro mal-entendido amplamente difundido. Consiste em pensar que qualquer introdução, eliminação ou modificação de um traço distintivo num fonema de uma palavra a transforma noutra palavra ou então numa palavra que não existe na língua ou variedade em questão. Na realidade, não há razões para que a realização de uma palavra varie só dentro dos estreitos limites de uma série invariável de fonemas que a compõem. Ocorre frequentemente, especialmente nas línguas sem tradição escrita, que um mesmo falante realize uma determinada palavra nas mesmas circunstâncias de modo tão diferente - dizendo, por exemplo, umas vezes *rakonhesedu* 'grato, reconhecido', mas outras *rekonhesedu*, *rakonhesidu*, *rekonhesidu*, *rakonhisedu*, *rekonhisedu*, *rakonhisidu* ou *rekonhisidu* - que é preciso admitir variantes fonologicamente distintas para esta. Ao que parece, a palavra em questão dispõe de um contorno fónico

global que a mantém reconhecível apesar de tais variações.

Em resumo: Postulamos fonemas com base na sua função potencial de distinguir significados, o que não implica que exerçam sempre esta função em todos os contextos. Não obstante, parece não haver dúvidas de que os pares mínimos são particularmente úteis para ilustrar essa função distintiva, e, portanto, para ilustrar a existência de oposições fonológicas entre fonemas - justamente porque constituem casos onde dois significantes diferem apenas num único ponto. Por isso, nas seções 1.2.1.3 e 1.2.2.3, recorreremos aos pares mínimos para ilustrar o máximo de oposições entre fonemas. Onde tal não for possível, utilizaremos pares 'quase mínimos' (na medida em que diferem em mais de um ponto da cadeia fónica).

O critério para a distinção entre fonemas vocálicos e consonânticos é fonético: as vogais mais fechadas do sistema fonológico de uma língua são ainda assim mais abertas do que todas as suas consoantes, isto é, o ângulo que formam os maxilares superior e inferior é maior quando pronunciamos uma vogal do que quando pronunciamos uma consoante, e o falante não cria obstáculos que dificultem a passagem do ar como faz quando pronuncia uma consoante. Do carácter aberto e geralmente sonoro das vogais resulta um alto grau de percetibilidade que as predestina a assumir a função de picos silábicos. As consoantes, por seu lado, com o seu menor grau de percetibilidade, encontram-se preferencialmente nas margens das sílabas.

Os fonemas consonânticos são 'sonoros' ou 'surdos' consoante a corrente de ar faça ou não vibrar as cordas vocais à sua passagem pela laringe. Na maior parte dos sistemas fonológicos há séries inteiras de fonemas que se distinguem apenas pela presença ou ausência dessa sonoridade (cf. 1.2.2.1). Os fonemas vocálicos, por seu lado, costumam ser sonoros. Apenas em sílabas extremamente átonas se encontram realizações surdas de vogais (cf. 1.2.1.5.2).

1.1.6 Texto exemplificativo com transcrição

Encerramos esta secção 1.1 sobre as unidades fónicas ilustrando as nossas explicações através da análise de um texto crioulo. No conto no. 3 da coletânea *Na bóka noti* (2ª edição de

2004, p. 38, linhas 20-21), uma mulher fica escandalizada quando o curandeiro lhe diz que o seu marido não está doente, mas é simplesmente preguiçoso.

- *Si nhu ka kre nxina-m ramédi, ka nhu nxina ... Má fla-m ma nha maridu ka sta duenti e fase trósa-l mi y txoma-m nha maridu di dodu! ...*

- 'Se não quer recomendar-me nenhum remédio, não recomende ... Mas dizer-me que o meu marido não está doente é fazer troça de mim e chamar o meu marido de doido. ...'

Esta intervenção é constituída por duas frases, separadas na escrita por três reticências. À primeira palavra fónica segue-se uma vírgula. A terceira palavra fónica começa depois das reticências. Os limites entre a terceira, quarta e quinta palavras fónicas situam-se em ... *duenti / e fase ...* e em ... *trósa-l mi / y txoma-m ...*. A última pausa poderia ser omitida. Neste caso, a intervenção da mulher seria constituída apenas por quatro palavras fónicas.

Seguem-se duas transcrições desta intervenção. A primeira dá o texto na transcrição fonética relativamente larga que utilizaremos ao longo desta gramática. As frases estão separadas por barras duplas, as palavras fónicas por barras simples. As sílabas tónicas vão precedidas de apóstrofo, apesar da impossibilidade de indicar o seu início com precisão numa transcrição fonética (cf. 1.1.4). É evidente que diferentes falantes poderiam preferir realizar como tónicas determinadas sílabas que, na nossa transcrição, não surgem acentuadas, ou realizar como não acentuadas determinadas sílabas que apresentamos como tónicas. Os símbolos são os da Association Phonétique Internationale (API). Representam sons, mais precisamente tipos de sons reais.

Transcrição fonética:

['siɲukekrẽʃi'nẽrẽ'medi|
'kɛɲũ'ʃine||
'ma'flẽmɛɲɛmẽ'riɖukestẽ'dwenti|
e'fɛsi'trosɛl'mi|
ico'mɛɲɛmẽ'riɖudi'dodu]

Na transcrição quase fonológica que se segue, o uso das barras e do apóstrofo continua a ser o mesmo que na transcrição fonética precedente. Os símbolos continuam a ser os de Association Phonétique Internationale (API), mas desta vez representam fonemas e não alofones. Com uma exceção: os 'arquifonemas', dos quais falaremos sob 1.2.1.6 e 1.2.2.5, não se transcrevem como tais (como às vezes se faz, usando maiúsculas). O símbolo que aparece em seu lugar representa o alofone, quer dizer a realização normal do arquifonema no contexto fonológico em questão. Os limites entre as sílabas fonologicamente delimitadas indicam-se por meio de pontos. O número dos grupos tónicos ('pés') é o mesmo que o das sílabas tónicas. Pelas razões expostas em 1.1.3 não se indicam os limites entre os grupos tónicos. O uso do til para a indicação do traço de nasalidade em vogais e consoantes ficará justificado em 1.2.0.

Transcrição fonológica:

/si.ɲu.kɛ.krẽ.ʃi.'nẽ.ɾẽ.'mɛ.di|
'kɛ.ɲũ.'ʃi.nɛ||
'ma.'flẽ.mɛ.ɲɛ.mɛ.'ri.du.kɛ.stɛ.'duẽ.ɿi|
e.'fɛ.si.'tro.sɛl.'mi|
i.co.'mɛ.ɲɛ.mɛ.'ri.du.di.'do.du/

1.2 Fonemas

1.2.0 Observação preliminar a respeito da nasalidade

O problema mais árduo na descrição fonológica do crioulo de Santiago é, sem dúvida alguma, avaliar o papel desempenhado pela nasalidade no sistema fonológico deste crioulo. Propomos justificar nesta secção as decisões que levaram ao estabelecimento dos inventários vocálico e consonântico nas secções 1.2.1 e 1.2.2 desta gramática. Leitores interessados apenas em conhecerem os resultados das nossas reflexões podem, por isso, saltar a leitura da presente secção.

Ninguém pode negar, e ninguém nunca negou, que o crioulo de Santiago tem, a nível fonético, vogais nasalizadas, consoantes nasais e consoantes nasalizadas. A este nível, as consoantes nasalizadas como [mp], [mb], [ɱf], etc. são constituídas por uma consoante oral precedida de uma consoante nasal homorgânica; daí a designação de 'pré-nasalizadas'.² Trata-se de saber se o crioulo de Santiago, para além dos seus três ou quatro fonemas consonânticos nasais (|m|, |n|, |ɲ| e, em certos falantes, |ŋ|), tem também fonemas vocálicos nasalizados do tipo |ĩ|, |ẽ|, |ē|, |ě|, |ã|, etc. e/ou fonemas consonânticos pré-nasalizados do tipo |p̃|, |b̃|, |f̃|, etc. Da resposta a esta pergunta dependerá também o estatuto fonológico a atribuir ao pronome átono da primeira pessoa do singular, que o Alfabeto Unificado Para a Escrita do Caboverdiano (ALUPEC) representa

² "In such a sequence the nasal portion is terminated and the stop initiated simply by raising the velum. [...] It is often been argued that similar gestural sequences in some languages should be treated as unitary segments, particularly if they occur in syllable-initial position." (Ladefoged/Maddieson 1996: 119). Os complexos fonéticos em questão respondem, portanto, a um 'movimento articulatorio unitário' (Trubetzkoy: 'einheitliche Artikulationsbewegung') durante o qual um obstáculo articulatorio complexo se dissipa gradualmente. Efetivamente, se considerarmos apenas a cavidade oral, as consoantes nasalizadas começam com um duplo constrangimento: o primeiro, comum a todas estas consoantes, causado pelo abaixar do velum, e o segundo instaurado no ponto de articulação que corresponde à consoante pré-nasalizada que se trata de produzir. Posteriormente, desfaz-se primeiro o constrangimento posterior, levantando o velum, pelo que começa a escoar-se mais ar pela cavidade oral, mantendo-se durante algum tempo o outro. O conjunto produz a impressão de uma consoante com fase implosiva nasal e fase explosiva oral (cf. Trubetzkoy 1958: I, B e 1971: II, 3 e também Creissels 1994: 44-48 e 105-107).

por *N* antes de verbos e partículas verbais e por *-m* em posição enclítica ao verbo (cf. 10.1.3.3).

Expusemos pela primeira vez a nossa solução para este problema em 1999. E defendemo-la de novo em 2007, respondendo à contraproposta publicada em 2006 por Hildo Honório do Couto e Ulisete Rodrigues de Souza.

A intuição dos próprios falantes do crioulo foi e continua a ser, para nós, o critério decisivo, seguido de perto pelo critério da simplicidade da descrição. Noutras palavras: preferimos a interpretação que faça jus, da forma mais simples, à intuição dos próprios falantes. E situamo-nos dentro de uma teoria fonológica de cunho europeu, não generativa.

Os factos fonéticos de cuja análise fonológica tratamos são os seguintes:

As três consoantes nasais [m], [n] e [ɲ] (ex. *már* ['mar] s. 'mar'; *náda* ['nade] v. 'nadar'; *nheme* ['ɲemi] v. 'mastigar') ocorrem em posição inicial de palavras fónicas e de sílabas. Nos mesmos contextos fónicos, as variedades mais arcaicas do crioulo santiaguense distinguem ainda um [ŋ] (ex. *ɲánha* ['ɲaɲe] s. 'o que fica de uma maçaroca depois de lhe terem sido retirados os grãos'). As restantes variedades do crioulo santiaguense usam o complexo [ɲg], comum a todas as variedades, ou [ɲ], em vez desse [ŋ] (ex. *ngánha* ['ɲgaɲe]). Não há dúvida de que a estes três ou quatro sons correspondem, quando ocorrem antes de vogal, outros tantos fonemas consonânticos nasais.

As vogais fonéticas claramente nasalizadas ocorrem em posição final absoluta (ex. *fin* ['fĩ(ɲ)] s. 'fim', *xeren*

[ʃe'rẽ(ŋ)] s. 'sêmola de milho', manhan [mẽ'nẽ(ŋ)] s. 'manhã', ndjudjun [ɲju'jũ(ŋ)] adj. 'em jejum', pon ['põ(ŋ)] s. 'pão'). Na fala da maioria dos falantes, mas não na de todos, as vogais nasalizadas em posição final absoluta vão seguidas de um [ŋ] (oclusão nasal velar).

Vogais fonéticas claramente nasalizadas ocorrem ainda no interior das palavras fónicas antes de consoantes orais que não são oclusivas nem laterais (ex. *tingi* ['tĩzi] v. 'tingir', *ânsia* ['ãsjẽ] s. 'ânsia'; *kánsa* ['kãse] v. 'cansar(-se)'; *ránja* ['rãzẽ] v. 'arranjar'; *ónra* ['õrẽ] s. 'honra'). No mesmo contexto podem ocorrer vogais orais (ex. *kánsa* v. 'cansar' / *kása* v. 'casar(-se)', etc.).

Os complexos consonânticos do crioulo de Santiago constituídos por uma consoante oral precedida de uma consoante nasal homorgânica (cf. *mpára* ['mpare] v. 'apanhar', etc.) estão excluídos da posição final. Ocorrem só no início e no interior das palavras fónicas. Exemplos com o complexo em posição inicial são *nton* ['ntõ(ŋ)] adv. 'então', *nliona* ['nlione] v. 'irritar-se'. Quando ocorrem no interior da palavra fónica, como em *kánta* ['kante] v. 'cantar', *konloiu* [kon'loju] s. 'conluio', a vogal que precede o complexo não mostra apenas nasalização e o segundo elemento do complexo só pode ser uma consoante oclusiva ou lateral. Temos que admitir que até agora ainda não encontramos nenhum exemplo com [ɲʌ], nem em posição inicial, nem em posição interior.

No início e no interior dos grupos fónicos, pode seguir-se um [r] a complexos consonânticos deste tipo (ex. *nprista* v. 'emprestar, tomar emprestado'; *nfrakise* v. 'enfraquecer'; *sénpri* adv. 'sempre'; *ingri* adj. 'íngreme'), mas os complexos em questão não podem ser precedidos por nenhuma consoante.

A nossa interpretação fonológica deste conjunto de factos fonéticos parte da observação seguinte:

No interior das palavras fónicas só ocorrem antes de consoantes foneticamente orais que iniciam sílabas fonéticas:

- vogais foneticamente orais ou
- vogais fortemente nasalizadas a nível fonético ou
- sequências de vogais foneticamente orais (ou minimamente

nasalizadas) mais consoante nasal.

Acresce que as duas últimas possibilidades se encontram em distribuição complementar: A sequência fonética 'vogal (quase) oral + consoante nasal' dá-se antes de consoante foneticamente oclusiva ou lateral. Assim por ex. em *linpu* ['limpu] adj. 'limpo', *lenbe* ['lembi] v. 'lamber', *kánta* ['kantə] v. 'cantar', *lénda* ['lendə] s. 'lenda', *sántxu* ['saŋcu] s. 'macaco (grande)', *djondjo* ['ɟonɟu] v. 'atar', *funku* ['fuŋku] s. 'cubata constante só do teto cónico', *tánga* ['taŋge] s. 'tanga', *konloia* [kon'lojə] v. 'concluir'. A vogal foneticamente nasalizada, por seu lado, só ocorre antes de consoante fricativa ou vibrante. Assim por ex. em *diskunfia* [dis'küfjə] v. 'desconfiar', *konvérsa* [kõ'verse] s. 'conversa', *parénsa* [pe'rẽse] s. 'aparência', *ónzi* ['õzi] adj./s. num. 'onze', *konxe* ['kõʃi] v. 'conhecer', *lonji* ['lõzi] adv. 'longe', *ónra* ['õrə] s. 'honra'.

A distribuição estritamente complementar das duas alternativas 'vogal foneticamente nasalizada + consoante foneticamente oral' e 'vogal foneticamente oral + consoante foneticamente nasal + consoante foneticamente oral' parece colocar perante duas alternativas os linguistas desejosos de chegarem a uma descrição fonologicamente o mais simples possível. Podem considerar que antes de uma consoante foneticamente oral todas as vogais nasalizadas são constituídas, ao nível fonológico, por sequências de um fonema vocálico oral seguido de um fonema consonântico nasal. Ou podem considerar que antes de uma consoante foneticamente oral todas as sequências 'vogal oral mais consoante nasal' são compostas, ao nível fonológico, por apenas um fonema vocálico nasalizado.

No que diz respeito às vogais foneticamente nasalizadas, tanto o locutor nativo Manuel Veiga como o francês Nicolas Quint adotaram, nas suas primeiras publicações, a segunda solução, bifonemática, para a trocaram em publicações posteriores pela primeira, monofonemática.

Manuel Veiga escreveu em 1982: "... sílabas nasal ki e ka otu kusa sinon rializason di un vogal mas un konsuanti nasal

(n)" (Veiga 1982: 63; com (n), o autor alude à representação da nasalidade de vogais e consoantes, segundo a proposta de Mindelo e posteriormente o ALUPEC, pela letra *n*). Por seu lado, Nicolas Quint, ainda em 2000, escreveu: "D'un strict point de vue phonologique, le badiais ne connaît pas de voyelle nasale, mais seulement des suites /Vn/" (Quint 2000: 25/26). É a interpretação bifonemática das vogais foneticamente nasalizadas do crioulo de Santiago.³

Mas partindo de uma observação para nós incorrecta, segundo a qual não haveria oposição entre semiabertas e abertas nas vogais nasalizadas do crioulo de Santiago, Nicolas Quint acrescentou em 2000 o seguinte: "quoique la nasalisation des voyelles nasales badiaise n'ait pas de valeur absolument phonologique, elle a des conséquences sur les oppositions distinctives observées" (Quint 2000: ib.), frase para nós difícil de entender.

Facto é que ambos os autores admitiram em publicações posteriores a existência de fonemas vocálicos nasalizados em santiaguense. Manuel Veiga (1996: 79; 2000: 85) postula ao lado das vogais orais outras tantas vogais nasalizadas: "idem + traço nasal (n)". Nicolas Quint também revisa em 2006 a sua interpretação de 2000: "Les voyelles nasalisées du créole et du portugais sont ici considérées comme des phonèmes vocaliques /V/ et non comme des suites /VC/: ainsi, les séquences {an} de *espantar* et {án} de *pánta* sont-elles comptabilisées comme /V/" (Quint 2006: 81, nota 13). É a interpretação monofonemática das vogais foneticamente nasalizadas do crioulo de Santiago.

Será possível harmonizar todas estas afirmações?

O que sucede no interior das palavras fónicas não deve ser encarado de forma independente do que sucede no seu início e no seu fim. Mas ao passo que o que ocorre no final absoluto das palavras fónicas advoga a favor da existência de fonemas vocálicos nasalizados no crioulo de Santiago, aquilo que sucede no seu início advoga a favor da existência de fonemas consonânticos pré-nasalizados.

Efetivamente, no final absoluto de palavra, para além de

³ Em 1979, Rosine Santos tinha proposto uma análise análoga para as vogais nasalizadas das línguas ancestrais dos crioulizadores de Cabo Verde e do

determinadas consoantes e vogais orais, encontramos também vogais fortemente nasalizadas. É certo que estas palavras terminam foneticamente, para a maioria dos falantes, em [ŋ] (Ex. Sin! ['sĩŋ] 'Sim!'), mas é evidente que a presença deste som não é fonologicamente distintiva, pois nem todos os falantes acrescentam este [ŋ] e, mais importante ainda, nem por acrescentá-lo mudam a vogal de nasalizada em oral. Neste sentido, parece-nos equivocada a afirmação de Rosine Santos segundo a qual "... les voyelles nasales peuvent se conserver en syllabe finale ou se réaliser suivies d'un segment vélaire, conformément à ce qui est fréquent en manding" (Santos 1979: 75). Isto insinua que os falantes que deixam que a vogal termine em [ŋ] a realizam então como vogal oral - o que não é o caso. Para além disso, ninguém considera incompleta a realização da palavra quando o falante omite este [ŋ], dizendo simplesmente Sin! ['sĩ], etc. Para o nosso colaborador caboverdiano, o adjetivo bon ['bõ(ŋ)] 'bom' distingue-se do pronome pessoal tónico da segunda pessoa do singular bo ['bo], não por ter três fonemas em vez de dois, mas sim pelo carácter nasalizado da vogal. A sua 'imagem acústica' (Saussure) do adj. bon consta de dois fonemas e aquela do substantivo pilon [pi'lõ(ŋ)] 'pilão' de quatro fonemas, independentemente de se ouvir um [ŋ] no final ou não.

Resumindo: No crioulo de Santiago, é frequente as vogais nasalizadas finais terminarem por uma fase implosiva, em que o velum desce até encontrar a raiz da língua, resultando um [ŋ] final. Isto não altera o facto de estarmos, no plano fonológico, na presença de um único fonema vocálico nasalizado.

Acresce que, em nosso entender, não é legítimo supor a existência de um fonema consonântico numa suposta 'estrutura profunda', onde foneticamente não há necessidade de produzir tal consoante. Na nossa opinião, chega-se ao fonema a partir de certas características de sons reais. Supor a existência de fonemas sem base fonética é incompatível com a nossa concepção de fonema.

Ao passo que a situação no final das palavras mostra que o crioulo de Santiago tem fonemas vocálicos nasalizados, a si-

tuação no seu início demonstra, em nosso entender, que também dispõe de fonemas consonânticos (pré)nasalizados. Manuel Veiga não menciona tais consoantes, o que nos leva a pensar que analisa as sequências fonéticas de consoante nasal mais consoante oral, também a nível fonológico, como sequência de consoante nasal mais consoante oral', tal como faz Nicolas Quint de forma mais explícita em 2000 (cf. Quint 2000: 32-33). É a interpretação bifonemática das consoantes foneticamente pré-nasalizadas do crioulo de Santiago.

Porém, em 2006, Nicolas Quint escreve o seguinte a propósito destas consoantes foneticamente pré-nasalizadas: "De plus, il semble bien que les pré-nasales en capverdien, à l'instar de ce qui se passe en wolof ou en bambara, doivent être interprétées (au moins à l'initiale) comme des phonèmes à part entière (hypothèse monophonématique) et non comme une suite / (i)N.C/ avec une coupe syllabique passant entre l'élément nasal et l'articulation consonantique qui suit (hypothèse biphonématique)" (Quint 2006: 81). É a interpretação monofonemática das consoantes foneticamente pré-nasalizadas do crioulo de Santiago - pelo menos daquelas que se encontram em posição inicial.

Para nós, a existência monofonemática das consoantes foneticamente pré-nasalizadas não resulta automaticamente da existência de numerosas palavras que começam, tanto na pronúncia como na escrita ALUPEC, por sequências fonéticas do tipo 'consoante nasal + consoante oral' (*npára* ['mpare] v. 'apanhar', *nton* ['ntõ(ŋ)] adv. 'então', *nkontra* ['ŋkontrɛ] v. 'encontrar', *nburdia* ['mburdjɛ] v. 'embrulhar', *ndjudjun* [ɲɟu'ɟũ(ŋ)] adj. 'em jejum', *nguli* ['ŋguli] v. 'engolir', *nforka* ['ŋforke] v. 'enforçar', *nxina* ['ɲfine] v. 'ensinar', *nzámi* ['nzami] s. 'exame', *njuria* ['ɲzurjɛ] s. 'injúria', etc.). E também não resulta automaticamente do facto de, em 1979, ter sido tomada a decisão de representar todas as consoantes foneticamente pré-nasalizadas por meio da letra *n* seguida de mais um ou dois grafemas consonânticos. Tal decisão seria também compatível com uma interpretação segundo a qual a letra *n* representaria, nestes casos, um arquifonema consonântico nasal.

Em última instância, a nossa decisão de supor a existência

de fonemas consonânticos pré-nasalizados no crioulo de Santiago e de ver neste *n*, não a representação de um arquifonema, mas de um traço distintivo, isto é, da nasalidade deste fonema consonântico pré-nasalizado, baseia-se na intuição dos próprios falantes. De facto, até agora, a proposta de fonemas consonânticos pré-nasalizados como $|\tilde{p}|$, $|\tilde{b}|$, $|\tilde{f}|$ no crioulo de Santiago nunca motivou protestos por parte dos falantes nativos desta variedade. Para além disso, o nosso colaborador André dos Reis Santos sempre susteve - a intervalos de anos e certamente sem se recordar do que tinha dito da última vez - que a palavra *nxina* /'ɲine/ v. 'ensinar' tinha quatro 'sons'. Isto significa que a sua imagem acústica desta palavra é composta por quatro fonemas e não cinco.

O reconhecimento da existência tanto de fonemas vocálicos nasalizados como de fonemas consonânticos pré-nasalizados no crioulo de Santiago traz nova nova luz sobre o problema das transições silábicas no interior das palavras pelo qual começámos. A suposição segundo a qual em *kánta* ['kante] v. 'cantar' teríamos uma sequência 'fonema vocálico oral + fonema consonântico pré-nasalizado' ($|\text{'ka}\tilde{\text{n}}\text{e}|$), ao passo que em *lánxa* ['lãʃe] v. 'lanchar' teríamos uma sequência 'fonema vocálico nasalizado + fonema consonântico oral' ($|\text{'lã}\tilde{\text{f}}\text{e}|$), não é muito convincente, visto não existirem, neste crioulo, nem sequências fonéticas de 'vogal nasalizada + consoante oral oclusiva o lateral' (tipo *['kãte]), nem - antes de consoantes fricativas ou vibrantes - sequências fonéticas do tipo 'vogal oral + consoante nasal' (tipo *['lanʃe]). Este facto já tinha induzido os nossos predecessores a propor, para o nível fonológico, idêntica análise para ambos os tipos, mesmo que ainda sem admitirem a existência de fonemas consonânticos pré-nasalizados.

Parece mais razoável supor que o falante não toma duas decisões a favor ou contra a nasalidade, primeiro para a vogal final de uma sílaba e depois para a consoante inicial da sílaba seguinte, mas que há uma decisão global para toda a transição silábica. Se isto for assim, então a nasalidade (o [n] em ['kante] e o [̃] em ['lãʃe]) pertence, fonologicamente falando,

tanto ao fonema vocálico precedente como ao fonema consonântico subsequente. Logo, já não tem sentido discutir se, numa transição silábica nasalizada, é a nasalidade do fonema consonântico que determina a nasalidade do fonema vocálico precedente (dando-se, portanto, uma neutralização da oposição oral/nasalizado na vogal) ou se é a nasalidade deste fonema vocálico que determina a do fonema consonântico subsequente (dando-se, portanto, uma neutralização desta oposição na consoante). É toda a transição silábica que será ou nasalizada ou oral.

A fonologia de cunho tradicional não parece prever tal possibilidade. Porém, tendemos a ver neste facto uma lacuna na teoria tradicional e não uma falha na nossa interpretação. De acordo com esta interpretação deveríamos em princípio pôr, na transcrição fonológica, um único til em cima da vogal e da consoante que, juntas, formam a transição silábica.⁴ Visto isto ser tecnicamente impossível, pomos um em cada um dos dois símbolos, o vocálico e o consonântico, escrevendo *kánta* /'kã̃t̃e/, *lánxa* /'lã̃x̃e/, etc. Ou seja, transcrevemos as transições globalmente nasalizadas segundo o esquema /-Ṽ/Ĉ-/, supondo que se trata de sequências do tipo 'fonema vocálico nasalizado + fonema consonântico nasalizado'.⁵ Fazemo-lo de novo de acordo com o sentir dos próprios falantes, visto o nosso colaborador caboverdiano estar convencido de que as palavras *kánta* v. e *lánxa* v. consistem cada uma de quatro 'sons' e considerar que as consoantes intervocálicas de *kánta* e de *lánxa* são as mesmas que as iniciais do adv. *nton* 'então' e do v. *nxina* 'ensinar'.

Esta análise traz consideráveis consequências para a descrição fonológica do crioulo de Santiago nos parágrafos que se seguem. Ela faz deste crioulo uma língua com um número relativamente elevado de fonemas, em que a cada um dos oito fonemas

⁴ Em 1536, Fernão de Oliveira observa, em relação aos ditongos *ão*, *ãe*, *õe* e *ão*: "Por onde me parece teremos necessidade de uma letra que esteja sobre aquelas duas vogais juntamente: a qual seja til" (Oliveira 1536, 1974: Capítulo IX).

⁵ Esta representação ortográfica é menos revolucionária do que parece. Nas descrições da fonética e fonologia portuguesas põe-se, por ex., muitas vezes um til em ambas as vogais que formam um ditongo nasal (cf. Mira Mateus et al. 2003: Parte VI).

vocálicos orais corresponde um fonema vocálico nasalizado e a cada um dos dezassete fonemas consonânticos orais um fonema consonântico nasalizado. Em contrapartida, esta interpretação fornece palavras fonologicamente 'curtas', com poucos grupos consonânticos, e constituídas predominantemente por sílabas do tipo /CV/. Sempre de acordo com esta interpretação, varia consideravelmente tanto a realização dos fonemas vocálicos nasalizados como a dos fonemas consonânticos nasalizados em função do contexto fónico (cf. 1.2.1.5.5 para as vogais e 1.2.2.4.5 para as consoantes).

Resumindo: em nosso entender, existem no crioulo santiaguense tanto fonemas vocálicos orais como fonemas vocálicos nasalizados, tanto fonemas consonânticos orais e nasais como fonemas consonânticos pré-nasalizados. No que se refere à nasalidade, as transições de uma sílaba para outra do tipo /-V/C-/ no interior de uma palavra só podem ser de três tipos:

1. fonema vocálico oral/fonema consonântico nasal,
2. fonema vocálico oral/fonema consonântico oral,
3. fonema vocálico nasalizado/fonema consonântico pré-nasalizado.

Excetuando as sílabas do primeiro tipo (1.), as transições silábicas só podem ser globalmente orais (2.) ou globalmente nasalizadas (3.).

1.2.1 Fonemas vocálicos

1.2.1.1 Inventário

O inventário dos fonemas vocálicos do crioulo de Santiago contém oito vogais orais e oito vogais nasalizadas. Estas últimas diferem das primeiras apenas pela presença do traço da nasalidade. Ao todo, temos pois 16 unidades (o espanhol padrão tem cinco, o alemão e o francês padrão têm 15-16):

	vogais orais			vogais nasalizadas		
	a.	c.	p.	a.	c.	p.
fechadas	i		u	ĩ		ũ
semiabertas	e	ɐ	o	ẽ	ẽ	õ
abertas	ɛ	a	ɔ	ẽ	ã	õ

a. = anteriores (palatais), c. = centrais, p. = posteriores (velares)

(Carvalho 1962a: 46 já dá este quadro para as vogais orais; para os argumentos a favor da existência de fonemas vocálicos nasalizados, cf. 1.2.0).

Sirvam, para exemplificar estas 16 vogais, as vogais tónicas das 16 palavras seguintes: *pidi* /'pidi/ v. 'pedir', *leti* /'leti/ s. 'leite', *mésa* /'mesɐ/ s. 'mesa', *fase* /'fɛsi/ v. 'fazer', *káxa* /'kafɛ/ s. 'caixa', *puru* /'puru/ adj. 'puro', *nota* /'notɐ/ v. '(a)notar', *pórta* /'pɔrtɐ/ s. 'porta', *fin* /'fĩ/ s. 'fim', *xeren* /ʃe'rẽ/ s. 'sêmola de milho', *paxénxa* /pɛʃẽʃɛ/ s. 'paciência', *manhan* /me'ɲɐ/ s. 'manhã', *lánxi* /'lãʃi/ 'merenda', *ndjudjun* /ʃu'ʒũ/ adj. 'em jejum', *pon* /'põ/ s. 'pão', *kónxa* /'kõʃɛ/ s. 'concha' (nas nossas transcrições fonológicas, transcrevemos sempre, em vez dos arquifonemas - cf. 1.2.1.6 e 1.2.2.5 - os alofones que os representam).

No inventário dos fonemas atribuímos aos fonemas /e/, /ɐ/, /o/, por um lado, e aos fonemas /ɛ/, /a/, /ɔ/, por outro, o mesmo grau de abertura, resultando um sistema 'retangular' e não 'triangular'. Esta disposição justifica-se duplamente: foneticamente pela realização extremamente aberta do /ɛ/ e do /ɔ/ e a realização relativamente aberta do /e/ e do /o/, que leva os linguistas facilmente a considerar abertas vogais que para os falantes do crioulo são semiabertas; funcionalmente pelo facto de, até certo ponto, a oposição a/ɐ servir também para distinguir categorias gramaticais, como é o caso das oposições ɛ/e e ɔ/o (cf. 1.2.1.4). Ambos os argumentos valem ainda para o arranjo dos fonemas vogais nasalizados.

O rendimento da oposição a/ɐ não é muito alto. Como as

restantes oposições da correlação aberto/semiaberto, só funciona nas sílabas tónicas (cf. 1.2.1.6.1), embora mesmo neste contexto se observem claras afinidades dos dois membros da oposição com contextos mais específicos:

Em posição tónica final, encontramos quase exclusivamente /e/ nos ditongos terminados em [i̯]; nos ditongos terminados em [u̯] encontramos exclusivamente /a/. Cf. por um lado, *bai* v. 'ir', *kai* v. 'cair', *mai* s. 'mãe', *mamai* s. 'mamã', *pai* s. 'pai', *papai* s. 'papá', *sai* v. 'sair', todos com [e̯i̯] e, por outro lado, *káu* s. 'lugar', *máu* adj. 'mau', etc., todos com [au̯] (o acento gráfico indica o carácter aberto da vogal, cf. 2.2.1). É particularmente ilustrativa neste sentido a presença de variantes como *bá* ['ba] e *bai* ['be̯i̯] v. 'ir', o de palavras como *máiu* ['maj̥u] s. '(mês de) maio' e *mai* ['me̯i̯] s. 'mãe'.

Em sílabas tónicas finais travadas por /s/ só ocorre /a/ (cf. *aliás* adv. 'além disso', *bagás* s. 'bagaço', *patrás* s. 'traseiro', etc.). Consequentemente, aparece ainda -á /a/ em vez do -a /e/ átono dos verbos quando estes ocorrem com o pronome pessoal enclítico da terceira pessoa de plural -s: cf. *E odja* [e'oɟe] 'Viu' vs. *E odjá-s* [eo'ɟas] 'Viu-os' (veremos sob 10.1.4.4 que os pronomes pessoais enclíticos atraem o acento para a vogal final do verbo).

Nas sílabas tónicas finais travadas por /l/ o fonema /e/ é muito mais frequente do que o fonema /a/ (cf. por ex. *kintal* s. 'espaço por detrás das casas tradicionais', *kural* s. 'curral', *poial* s. 'muro que rodeia o espaço à frente da entrada das casas tradicionais', *sal* s. 'sal', *pedregal* s. 'pedregal', *Tarrafal* topónimo, etc., todos com /-el/. Por isso, não surpreende que o -a /e/ final dos verbos não se transforme em -á /a/ quando segue o pronome pessoal da terceira pessoa do singular -l, apesar de ele também atrair o acento para a vogal final do verbo: cf. *E odja-l* [eo'ɟel] 'Viu-o' (cf. de novo 10.1.4.4.). No entanto, têm /al/ e não /el/ o interrogativo *kál* 'Qual?' e a partícula verbal *ál*, que exprime modalidade.

Finalmente, aparece /e/, mas nunca /a/, nas palavras monossilábicas começadas por um grupo consonântico cujo último

elemento é uma líquida: vejam-se, por ex., os verbos *fla* ['fle] 'dizer', *fra* ['frɛ] 'furar' e *tra* ['trɛ] 'tirar'.

Apesar de todas estas afinidades de cada uma das duas vogais centrais com determinados contextos fónicos, a distribuição destas vogais está longe de ser absolutamente complementar. Há autênticos pares mínimos como *parti* /'pɛrti/ v. 'quebrar' vs. *párti* /'parti/ s. 'parte' ou *sabe* /'sɛbi/ v. 'saber' vs. *sábi* /'sabi/ adj. 'agradável'. A afirmação segundo a qual só haveria /e/ tónico nas formas básicas de verbos (cf. Quint 2000: 19) não é correta. Os exemplos contrários acima mencionados (*mamai*, *poial*, *sal*, etc.) têm [ɛ] até nos dicionários do autor de tal afirmação.

1.2.1.2 Traços distintivos

Este sistema vocálico retangular distingue, pois, três zonas de articulação (anterior, central, posterior), três graus de abertura (aberto, semiaberto, fechado) e dois tipos de ressonância (oral e nasalizada). Em contrapartida, ficam sem relevância fonológica a posição dos lábios (cf. 1.2.1.5.1), os movimentos das cordas vocais (cf. 1.2.1.5.2), a altura (cf. 1.2.1.5.3), a duração (cf. 1.2.1.5.4) e os diferentes tipos de realização da nasalidade vocálica (cf. 1.2.1.5.5).

1.2.1.3 Pares mínimos

Procuramos agora ilustrar, na medida do possível, a relevância fonológica dos traços distintivos mencionados através de pares mínimos (para a definição e utilidade destes, cf. 1.1.5).

Oral/nasalizado:

i/ĩ *ri* v. 'rir' / *rin* s. 'rim'

e/ẽ *le* v. 'ler' / *len* s. 'lado'

ɛ/ẽ cf., em vez de um par mínimo, *tétu* s. 'tecto' / *fasténtu* adj. 'importuno'

e/ẽ *la* adv. 'lá' / *lan* s. 'lã'

a/ã *káta* v. 'apanhar do chão' / *kánta* v. 'cantar' (nos pa-

res mínimos oral/nasalizado onde a vogal em questão não se encontra em posição final absoluta, trata-se mais concretamente de oposições entre transições silábicas globalmente orais e globalmente nasalizadas, cf. 1.2.0)

u/ũ *kru* adj. 'cru' / *Krun!* interj. 'Pumba!'
o/õ *po* v. 'pôr' / *pon* s. 'pão'
o/õ *sóbra* s. 'sobra, resto' / *sónbra* s. 'sombra'

Anterior/central:

e/e *le* v. 'ler' / *la* adv. 'lá'
ẽ/ẽ *sen* s./adj. num. 'cem' / *san* adj. 'são'
ε/a *séku* adj. 'seco' / *sáku* s. 'saco'
ẽ/ã *bénda* s. 'venda' / *bánda* s. 'lado, metade'

Central/posterior:

e/o *ma* conj. subord. 'que' / *mo* s. 'mão'
ẽ/õ *Pan!* interj. 'Pumba!' / *pon* s. 'pão'
a/o *báka* s. 'vaca' / *bóka* s. 'boca'
ã/õ *kánta* v. 'cantar' / *kónta* s. 'conta'

Anterior/posterior:

i/u *liga* v. 'prestar atenção' / *luga* v. 'alugar'
ĩ/ũ cf., em vez de um par mínimo, *Sin!* adv. 'Sim!' /
bun em ti ka bun más 'até não poder mais'
e/o *mes* s. 'mês' / *mos* s. 'rapaz'
ẽ/õ *ben* adv. 'bem' / *bon* adj. 'bom'
ε/o *réstu* s. 'resto' / *róstu* s. 'rosto'
ẽ/õ *rénda* s. 'croché, renda' / *rónda* s. 'ronda, volta'

Fechado/semiaberto:

i/e *li* adv. 'aqui' / *le* v. 'ler'
ĩ/ẽ *Sin!* adv. 'Sim!' / *sen* s./adj. num. 'cem'
u/o *buli* v. 'preocupar' / *boli* s. 'cabaça que, depois de lhe ter sido retirado o interior, serve para transportar ou conservar líquidos'
ũ/õ *Pun!* interj. 'Pum!' / *pon* s. 'pão'

Semiaberto/aberto:

e/ε *seta* v. 'aceitar' / *séta* s. 'seta'
ẽ/ẽ *sprimenta* v. 'experimentar' / *spriménta* s. 'tentativa'
e/a *parti* v. 'quebrar' / *párti* s. 'parte'
ẽ/ã cf., em vez de um par mínimo, *mante* v. 'manter' /
amánti s. 'amante'
o/o *koba* v. 'cavar' / *kóba* s. 'buraco no chão'

õ/õ *fronta* v. 'sofrer uma desgraça' / *frónta* s. 'desgraça'

1.2.1.4 Emprego das oposições semiaberto/aberto para diferenciar categorias gramaticais

Surpreende observar que, no crioulo de Santiago, o contraste verbo/substantivo~adjetivo é frequentemente acompanhado de um contraste semiaberto/aberto na vogal tónica. Visto este emprego das oposições semiaberto/aberto (a abertura marcando-se por acento gráfico, na escrita, cf. 2.2.1-2) constituir um dos traços estruturais mais espetaculares deste crioulo, enumeramos aqui todos os pares mínimos deste tipo que encontramos até à data.

Vogais anteriores:

Orais (e/ɛ):

ferese v. 'oferecer' - *ferési* adj. 'prestes'
feria v. 'interrompir (por ex. o trabalho)' - *féria* s. 'férias'
freska v. 'refrescar(-se)' - *fréska* s. 'pequena janela na casa de banho'
kalseta v. 'calcetar' - *kalséta* s. 'pedra de calçada'
kareka v. 'ficar careca' - *karéka* s./adj. 'careca'
kolega v. 'acompanhar com alguém' - *koléga* s. 'colega, companheiro'
molestia v. 'adoecer' - *moléstia* s. 'moléstia'
nebua v. 'estar nevoeiro' - *nébua* s. 'nevoeiro'
pena v. 'depenar' - *péna* s. 'pluma'
ramesa v. 'arremessar' - *ramésa* s. 'remessa'
rega v. 'regar' - *réga* s. 'rega'
regra v. 'pôr em ordem' - *régra* s. 'regra'
rizerva v. 'reservar' - *rizérva* s. 'reserva'
sela v. 'selar' - *séla* s. 'sela'
serka v. 'cercar' - *sérka* s. 'cerca'
soberba v. 'ser (demasiado) soberbo' - *sobérba* s. 'soberba'
tema v. 'teimar' - *téma* s. 'teima'
trabesa v. 'atravessar' - *trabésa* s. 'travessa, beco'

Nasalizadas (ě/ě):

arenga v. 'quezilar' - *arénga* s. 'quezília'
dispensa v. 'dispensar' - *dispénsa* s. 'dispensa, despen-sa'
nkrenka v. 'causar problemas' - *nkřénka* s. 'situação difícil'

nkumenda v. 'encomendar' - *nkuménda* s. 'presente'
pruvidensia v. 'providenciar' - *pruvidénsia* s. 'providência'
rakonpensa v. 'recompensar' - *rakonpénsa* s. 'recompensa'
rabenta v. 'rebentar' - *rabénta* s. 'rebento'
renda v. 'tomar/dar de arrendamento' - *réndá* s. 'arrendamento'
sensia v. 'ficar à espera que lhe seja oferecida uma parte da comida dos outros' - *sénsia* s. 'desejo'
sprimenta v. 'experimentar' - *spriménta* s. 'tentativa'
tenpra v. 'temperar' - *ténpra* s. 'tempero'
tromenta v. 'preocupar-se' - *troménta* s. 'aflição'

Vogais posteriores:

Orais (o/ɔ):

boia v. 'boiar' - *bóia* s. 'bóia'
dirota v. 'derrotar' - *diróta* s. 'derrota'
fatiota v. 'gastar dinheiro em guloseimas' - *fatióta* s. 'guloseima'
foga v. 'afogar(-se)' - *fóga* s. 'afogamento'
folga v. 'descansar' - *fólga* s. 'folga'
(n)forka v. 'enforçar(-se)' - *(n)fórka* s. 'força'
forma v. 'formar(-se)' - *fórma* s. 'modo, forma'
koba v. 'cavar' - *kóba* s. 'buraco no chão'
kola v. 'colar' - *kóla* s. 'cola'
kopia v. 'copiar' - *kópia* s. 'cópia'
korda v. 'acordar' - *kórda* s. 'corda, magia negra'
korta v. 'cortar' - *kórta* s. 'colheita'
midjora v. 'melhorar' - *midjóra* s. 'melhoras'
morna v. 'amornar' - *mórna* s. 'música tradicional lenta e geralmente melancólica, ao som da qual se dança aos pares'
mostra v. 'mostrar' - *móstra* s. 'amostra, prova'
noda v. 'ficar com nódoas' - *nóda* s. 'nódoa'
nota v. 'notar' - *nóta* s. 'nota'
nsolda v. 'soldar' - *nsólda* s. 'soldadura'
parodia v. 'encontrar-se com amigos para conversar, comer, beber, etc.' - *paródia* s. 'encontro com amigos para ...'
piora v. 'piorar' - *pióra* v. 'piora'
ravolta v. 'revoltar-se' - *ravólta* s. 'revolta'
rosa v. 'roçar' - *rósa* s. 'roça'
sobra v. 'sobrar' - *sóbra* s. 'sobra, resto'
soma v. 'somar' - *sóma* s. 'soma'
tapona v. 'dar uma palmada na cabeça de alguém' - *tapóna* s. 'palmada na cabeça'
tose /'tosi/ v. 'tossir' - *tósi* s. 'tosse'
trosa v. 'troçar' - *trósa* s. 'troça'
txakota v. 'gozar' - *txakóta* s. 'escárnio'

txoka v. 'chocar' - *txóka* s. 'choco, incubação'
volta v. 'regressar' - *vólta* s. 'regresso'

Nasalizadas (õ/õ̃):

fronta v. 'sofrer uma desgraça' - *frónta* s. 'desgraça'
konta v. 'contar' - *kónta* s. 'conta'
lixonxa v. 'lisonjear' - *lixónxa* s. 'lisonja'
monda v. 'mondar' - *mónda* s. 'monda'
onra v. 'honrar' - *ónra* s. 'honra'
ponta v. 'apontar' - *pónta* s. 'ponta'
ramonda v. 'remondar' - *ramónda* s. 'remonda'
ronda v. 'rondar' - *rónda* s. 'ronda'
sonbra v. 'ficar à sombra, ensombrar' - *sónbra* s. 'sombra'

Vogais centrais:

Orais (e/a):

astia v. 'hastear (a bandeira)' - *ástia* s. 'bastão, vara'
karapati v. 'segurar(-se)' - *karapáti* s. 'carrapato'
parti v. 'quebrar' - *párti* s. 'parte'
raiba v. 'ficar com raiva' - *ráiba* s. 'raiva'
sabe /'sebi/ v. 'saber' - *sábi* adj. 'agradável'

nasalizadas (ě/ã̃):

ganansia v. 'ser ganancioso, cobiçar' - *ganánsia* s. 'ganância, cobiça'

Nem sempre se reduz o contraste fónico entre o verbo e o substantivo/adjetivo ao contraste semiaberto/aberto na vogal tónica. Nos casos seguintes não temos pares mínimos, mas o contraste entre as vogais tónicas continua a ser o esperado:

Vogais anteriores:

Orais (e/ɛ):

dispreza v. 'desprezar' - *disprézu* s. 'desprezo'
era v. 'cometer um erro' - *éru* s. 'erro'
keta v. 'estar quieto' - *kétu* adj. 'quieto'
konbersa v. 'conversar' - *konbérsu* s. 'conversa'
meda v. 'ter medo' - *médu* s. 'medo'
nobega v. 'usar, manter uma relação de amizade' - *nobégu*
s. 'trabalho doméstico, amizade'
perde v. 'perder' - *pérda* s. 'perda'
prega v. 'pregar' - *prégu* s. 'prego'
ramedia v. 'remediar-se' - *ramédi* s. 'remédio'
regresa v. 'regressar' - *regrésu* s. 'regresso'
rema v. 'remar' - *rému* s. 'remo'
resta v. 'restar' - *réstu* s. 'resto'

rod(i)a v. 'rodear' - *róda* s. 'roda'
sega v. 'cegar' - *ségu* adj. 'cego'
seka v. 'secar' - *séku* adj. 'seco'
serta v. 'acertar' - *sértu* adj. 'certo'
sesta v. '(no basquetebol) meter a bola no cesto' - *séstu*
s. 'cesto'
speta v. 'espetar' - *spétu* s. 'espeto'
trofega v. 'tratar com alguém, tratar dos afazeres
domésticos' - *trofégu* s. 'trato, afazeres de casa'

Nasalizadas (ě/ě):

bende v. 'vender' - *bénda* s. 'venda'
bense v. 'benzer(-se)' - *bénsu* s. 'bênção'
bentia v. 'abanar com um leque' - *béntu* s. 'vento'
dismembra v. 'perder a força nos membros' - *ménbru* s.
'membro'
duense v. 'adoecer' - *duénsa* s. 'doença'
fastenta v. 'chatear' - *fasténtu* adj. 'maçador'
fende v. 'fender' - *fénda* s. 'fenda'
renkia v. 'pôr(-se) em fila' - *rénki* s. 'fila'
sustenta v. 'sustentar' - *susténtu* s. 'sustento'

Vogais posteriores:

Orais (o/ɔ):

divorsia v. 'divorciar-se' - *divórsiu* s. 'divórcio'
golpia v. 'golpear' - *gólpi* s. 'golpe'
motxoka v. 'despedaçar(-se)' - *motxóku* adj. 'quebrado'
nagosa v. 'negociar' - *nagósi(u)* s. 'negócio'
raboka v. 'rebocar' - *rabóki* s. 'reboco, reboque'
rakodje v. 'recolher' - *rakódja* s. 'recolha'
skodje v. 'escolher' - *skódja* s. 'escolha'
sporia v. 'esporoar' - *spóra* s. 'esporas'
tilifona s. 'telefonar' - *tilifóni* s. 'telefone'
toka v. 'tocar' - *tóki* s. 'música executada por instrumen-
tos de corda'
transporta v. 'transportar' - *transpórti* s. 'transporte'

Nasalizadas (õ/õ): não encontramos exemplos.

Vogais centrais:

Orais (e/a):

bazia v. 'basear-se' - *bázi* s. 'base'
kontajia v. 'contagiar, ficar contagiado' - *kontáji(u)* s.
'contágio'
skasia v. 'escassear' - *skásu* adj. 'escasso'

Nasalizadas (ě/ě): não encontramos exemplos.

Contudo, na área das vogais centrais há também muitos pares em que tanto o verbo como o substantivo têm a vogal aberta. Lembramos mais uma vez que o rendimento da oposição e/a não é muito elevado (cf. 1.2.1.1). Apresentamos os casos que chegaram ao nosso conhecimento sem distinguir entre pares mínimos e outros, nem entre vogais orais e nasalizadas:

águ v. 'borrifar, aguar' - *águ(a)* s. 'água'
árma v. 'armar(-se)' - *árma* s. 'arma'
asáita v. 'assaltar' - *asáitu* s. 'assalto'
atráza v. 'atrasar(-se)' - *atrázu* s. 'atraso'
bába v. 'babar(-se)' - *bába* s. 'baba'
bádja v. 'dançar, bailar' - *bádju* s. 'dança, baile'
brása v. 'abraçar' - *brásu* s. 'braço'
*dán*sa v. 'dançar' - *dán*sa s. 'dança'
*disfárs*a v. 'disfarçar-se' - *disfársu* s. 'disfarce'
*djánt*a v. 'jantar' - *djánt*a s. 'jantar'
*fiáns*a v. 'confiar' - *fiáns*a s. '(con)fiança'
gála v. 'galar' - *gálu* s. 'galo'
*gán*ha v. 'ganhar' - *gánhu* s. 'ganho'
*gráx*a v. 'engraxar' - *gráx*a s. 'graxa'
guárda v. 'guardar' - *guárda* s. 'guarda'
kánga v. 'cangar' - *kánga* s. 'canga'
káska v. 'descascar' - *káska* s. 'casca'
*lánx*a v. 'lanchar, merendar' - *lánxi*, *lánxu* s. 'lanche, merenda'
*lá*ra v. 'ralar' - *lá*ra s. 'ralador'
*mágu*a v. 'magoar(-se)' - *mágu*a s. 'mágoa'
*má*ma v. 'mamar' - *má*ma s. 'mama'
*mángr*a v. 'ser infectado pelo míldio' - *mángr*a s. 'míldio'
*mántx*a v. 'manchar(-se)' - *mántx*a s. 'mancha'
*miás*a v. 'ameaçar' - *miás*a s. 'ameaça'
náda v. 'nadar' - *nádu* s. 'natação'
*plá*nta v. 'plantar' - *plá*nta s. 'planta'
*rás*pa v. 'raspar' - *rás*pa s. 'resto, rasto'
siránda v. 'peneirar, crivar' - *siránda* s. 'peneira, crivo'
*ská*ma v. 'escamar' - *ská*ma s. 'escama'
*stá*fa v. 'estafar(-se)' - *stá*fa s. 'estafa'
*tá*ba v. 'entabuar' - *táb(u)*a s. 'tábua'
*tán*pa v. 'cobrir com a tampa' - *tán*pa/*tánpu* s. 'tampa'
*tará*nta v. 'atarantar-se, atrapaalhar-se' - *tará*nta s. 'atarantação, atrapaalhação'
*trán*ka v. 'trancar' - *trán*ka/*tránku* s. 'tanca'
*tráns*a (ao lado de transia) v. 'entrançar' - *tráns*a s. 'trança'
*txá*pa v. 'remendar' - *txá*pa s. 'remendo'

Sabemos de um único caso em que ambos os membros do par têm a vogal semiaberta:

manxe v. 'amanhecer' - *manxe* s. 'amanhecer'

Acontece o contrário no domínio das vogais anteriores e posteriores. Aqui existem, ao lado dos pares em que o verbo tem a vogal semiaberta e o substantivo a vogal aberta, outros pares em que ambos os membros têm a vogal semiaberta:

Vogais anteriores:

beja v. 'beijar' - *beju* s. 'beijo'
duedja v. 'ajoelhar-se' - *duedju* s. 'joelho'
firmenta v. 'fermentar' - *firmentu* s. 'fermento'
kenta v. 'aquecer' - *kenti* adj. 'quente'
kontenta v. 'ficar contente' - *kontenti* adj. 'contente'
nosenta v. 'tornar-se tolo' - *nosenti* adj. 'tolo'
omenta v. 'aumentar' - *omentu* s. 'aumento'
prizenta v. 'apresentar' - *prizenti* s. 'presente'
raseta v. 'receitar' - *raseta* s. 'receita'

Vogais posteriores:

bonba v. 'bombear' - *bonba* s. 'bomba'
forsa v. 'forçar' - *forsa* s. 'força'
fora v. 'revestir' - *foru* s. 'cobertura, forro'
koima v. 'apanhar um animal doméstico que anda perdido em terreno alheio e devolvê-lo ao dono depois do pagamento de uma coima' - *koima* s. 'indenização por danos causados por animais domésticos em terreno alheio, coima'
posa v. 'formar poças' - *posa* s. 'poço'
skoba v. 'escovar' - *skoba* s. 'escova'

O par *géra* v. 'brigar' - *géra* s. 'guerra, briga' constitui, neste aspeto, uma exceção.

Não é de excluir a possibilidade de determinados grupos de falantes já terem ajustado ao padrão geral (verbo com vogal tónica semiaberta / substantivo e adjetivo com vogal tónica aberta) alguns dos pares que até hoje, na maioria dos falantes, não seguem este padrão. Nicolas Quint já dá *gera* v. 'brigar' - *géra* s. 'guerra', *forsa* v. 'forçar' - *fórsa* s. 'força' e (sem verbo) *kóima* s. 'indenização por danos causados por

animais domésticos em terreno alheio', em 1999, e acrescenta ainda *magua* v. 'magoar(-se)' - *máguas* s. 'mágoa', em 2001.

1.2.1.5 Traços não distintivos

Traços fónicos que uma determinada língua não aproveita para distinguir significados podem, porém, caracterizar nela a realização habitual de determinados fonemas - em geral ou, pelo menos, em determinados contextos fónicos. Desta forma, tais traços não deixam de contribuir de modo substancial para a aparência fónica dessa língua. Por esta razão, falaremos aqui muito resumidamente da posição dos lábios (1.2.1.5.1), da participação das cordas vocais (1.2.1.5.2), da altura (1.2.1.5.3) e um pouco mais extensivamente da duração (1.2.1.5.4) e da nasalidade (1.2.1.5.5) na realização das vogais do crioulo de Santiago.

1.2.1.5.1 Lábios

As vogais posteriores pronunciam-se normalmente com os lábios arredondados.

1.2.1.5.2 Cordas vocais

Regra geral, os fonemas vocálicos do crioulo de Santiago são 'sonoros', isto é, pronunciam-se com vibração das cordas vocais. Só no final absoluto de uma palavra fónica e após consoante 'surda' ocorrem frequentemente realizações 'surdas', isto é, sem vibração das cordas vocais, das vogais átonas [i], [u] e, mais raramente, da vogal átona [ɐ]. Na transcrição em 1.2.1.5.6 marcamos excepcionalmente estas realizações surdas pondo um pequeno círculo debaixo da letra correspondente ([i̯], [u̯]).

1.2.1.5.3 Altura

Dependente da idade e do sexo, a altura absoluta da voz humana não pode constituir traço distintivo nas línguas do

mundo. Não sendo o crioulo de Santiago uma língua tonal, a simples altura relativa dos núcleos vocálicos (alto, baixo, descendente, ascendente, etc.) não tem a capacidade de distinguir lexemas. O acento fónico deste crioulo é fundamentalmente 'dinâmico', isto é, marcado pela intensidade e não pela altura da voz (cf. 1.1.3). A altura relativa da voz na pronúncia das vogais (especialmente das vogais tónicas) resulta pois, quase exclusivamente, da seleção de um determinado contorno entoacional para uma frase ou uma palavra fónica. A transcrição em 1.2.1.5.6 prescinde da indicação dos contornos entoacionais.

1.2.1.5.4 Duração

No crioulo de Santiago, a duração não constitui traço distintivo, nem nas vogais, nem nas consoantes (não há vogais fonologicamente longas, nem consoantes fonologicamente dobradas). Os falantes gostam, porém, de empregar o alongamento das vogais tónicas para dar ênfase: *Mudjeeer!!!* 'Mulher!!!', *Mááás!!!* 'Mais!!!', etc. Ao nível fonético, podemos distinguir entre vogais curtas e vogais algo mais longas. São foneticamente curtas todas as vogais em sílabas átonas, ao passo que as vogais das sílabas tónicas são curtas ou algo mais longas dependendo do contexto fónico.

As vogais das sílabas tónicas são curtas quando se encontram em posição final absoluta ou em sílaba travada (exemplos: **da** v. 'dar', **le** v. 'ler', **mo** s. 'mão', **pé** s. 'pé', **pó** s. 'árvore', **ri** v. 'rir', **xá** s. 'chá', **san** adj. 'são', **sen** s./adj. num. '100', **sin** adv. 'sim', **son** s. 'som', **ál** part. verbal de valor modal, **bes** s. 'vez', **dos** s./adj. num. 'dois', **mal** adv. 'mal', **már** s. 'mar', **mel** s. 'melaço (de cana-de-açúcar)', **mes** s. 'mês', **sal** s. 'sal', **tres** s./adj. num. 'três', **bapor** s. 'vapor', **buska** v. 'buscar', **fórti** adj. 'forte', **korpu** s. 'corpo', **lansól** s. 'lençol', **mudjer** s. 'mulher'). Devem ser consideradas sílabas travadas, nesse aspeto, as que terminam em ditongos decrescentes (exemplos: **bai** v. 'ir', **káu** s. 'lugar', **rei** s. 'rei', etc.). Nelas é pois curta não só a semivogal, mas também a primeira vogal do ditongo.

Podem ser foneticamente algo mais longas as vogais tónicas que se encontram em sílaba livre não final (exemplos: **lápa** s.

'lapa', **papia** v. 'falar', **máta** v. 'matar', **séti** s./adj. num. 'sete', **xatia** v. 'irritar-se', **mátxu** s./adj. 'macho', **kotxi** v. 'desfarelar o milho no pilão', **sáku** s. 'saco', **fortifika** v. 'recuperar as forças', **gostába** anterior do v. **gosta** 'gostar', **lobu** s. 'lobo', **pédra** s. 'pedra', **masáda** s. 'maçada', **maridu** s. 'marido', **duedju** s. 'joelho', **bádju** s. 'baile', **fidju** s. 'filho', **ségu** adj. 'cego', **báfa** v. 'abafar-se', **kása** s. 'casa', **pasia** v. 'passear', **fáxi** adv. 'rapidamente', **koxa** s. 'anca', **xuxu** adj. 'sujo', **frakéza** s. 'fraqueza', **faze** v. 'fazer', **beju** s. 'beijo', **káru** s. 'carro', **éra** anterior do v. **é** 'ser', **kóre** v. 'correr', **sála** s. 'sala', **vélhu** adj. 'velho', **káma** s. 'cama', **stima** v. 'amar, gostar', **ómi** s. 'homem', **ánu** s. 'ano', **rapasínu** s. 'menino, rapaz(inho)', **pánha** v. 'pegar, apanhar', etc.).

A ortografia poderia induzir a considerar travadas as sílabas tónicas de **bindi** s. 'vaso de barro para fazer o cuscus', **kenti** adj. 'quente', **bénda** s. 'venda', **kánta** v. 'cantar', **kónta** s. 'conta', **konta** v. 'contar', **mundu** s. 'mundo', **lénsu** s. 'lenço', **duénsa** s. 'doença', **ránja** v. 'arranjar', **kánsa** v. 'cansar', **manxe** v. 'amanhecer', **konxe** v. 'conhecer', etc. Trata-se, porém, segundo a nossa interpretação, de sílabas fonologicamente livres (cf. 1.2.0). O facto de as vogais tónicas destas sílabas poderem ser algo mais longas apoia esta interpretação.

Para ilustração destas observações acerca da existência de vogais curtas e vogais algo mais longas indicamos, excepcionalmente, na nossa transcrição sob 1.2.1.5.6, o alongamento das últimas pelo sinal [.] .

A duração destas vogais algo mais longas varia ainda sensivelmente em função da natureza da vogal e da consoante subsequente. É mais perceptível ante consoantes sonoras do que ante consoantes surdas. E o [i] tónico de **kusínha** s. 'cozinha' é, por exemplo, sensivelmente mais curto do que o [ɔ] em **ómi** s. 'homem'. Na transcrição ilustrativa que apresentamos em 1.2.1.5.6 prescindimos destas diferenças menores.

Deixando de lado o caso do alongamento enfático, podemos dizer que a diferença entre vogais curtas e longas não é tão grande, no crioulo de Santiago, como nas línguas onde é fonologicamente relevante (alemão, árabe, finlandês, etc.). E vis-

to não ser nem fonologicamente relevante, nem foneticamente muito grande, decidimos não a indicar nas transcrições no nosso dicionário e nesta gramática, exceção feita à transcrição ilustrativa do parágrafo 1.2.1.5.6.

1.2.1.5.5 Nasalidade

Conforme a nossa interpretação, a nasalidade constitui um traço distintivo no sistema vocálico e consonântico do crioulo de Santiago. Mas como já demos a entender em 1.2.0, a realização da nasalidade vocálica varia consideravelmente em função dos contextos fónicos. É muito forte no final absoluto de uma palavra fónica, pois o véu palatino baixa muito. Nas pessoas que falam um crioulo pouco influenciado pelo português, as vogais nasalizadas terminam mesmo, nesta posição, com uma elevação da parte posterior da língua até ao véu palatino. A partícula de afirmação, *Sin!*, por exemplo, não soa então simplesmente ['sĩ], mas ['sĩŋ]. Formas verbais que, em vez de terminarem numa consoante átona oral, terminam numa vogal tónica fortemente nasalizada indicam desta forma a presença do pronome pessoal enclítico da primeira pessoa do singular, representado na escrita por *-m* (cf. para as diferentes pronúncias deste pronome 10.1.3.2): *Dja bu fronta-m!* ['ʝebufrɔn'tɛ(ŋ)] 'Já me ofendeu!'.
A mesma realização da nasalidade vocálica se observa quando se segue uma vogal no interior de uma palavra fónica. Cf., por exemplo, *sen amor* ['sɛ(ŋ)ɐ'mɔɾ] 'sem amor'.

No interior das palavras lexicais não ocorrem vogais nasalizadas antes dos fonemas consonânticos nasais /m/, /n/ e /ɲ/. Caso ocorram antes de outros fonemas consonânticos, estamos em presença de uma transição silábica globalmente nasalizada do tipo /-Ṽ/Ĉ-/ (cf. 1.2.0). A realização da nasalidade de tais transições difere em função da natureza da consoante.

Se se tratar de uma consoante oclusiva ou lateral, a nasalidade da transição silábica manifesta-se foneticamente na presença de uma consoante nasal entre a vogal e a consoante. Cf. por ex. *kanpia* ['kɛmpjɛ] v. 'vadiar', *kánta* ['kɛntɛ] v.

'cantar', *ramántxa* [re'maŋce] v. 'acometer com palavras agressivas', *konko* ['koŋku] v. 'bater', *kánba* ['kambə] v. 'entrar, desaparecer', *rónða* ['rɔndə] s. 'ronda', *djondjo* ['ʝonɟu] v. 'atar', *disdongu* [diz'doŋgu] v. 'fingir-se de surdo', *konloia* [kon'lojə] v. 'conluir'. A própria vogal não mostra apenas nasalidade, nestes casos. Tratando-se de outra consoante, a nasalidade da transição silábica manifesta-se através da nasalização da vogal. Cf. por ex. *kunfia* ['kũfjə] v. 'confiar', *pensa* ['pěse] v. 'pensar', *kónxa* ['kõʃə] s. 'concha', *dizenvolve* [dizẽ'volvi] v. 'desenvolver(-se)', *ónzi* ['õzi] s./adj. num. 'onze', *lonji* ['lõzi] adv. 'longe', *ónra* ['õrə] s. 'honra'.

O que vale para o interior das palavras lexicais aplica-se também ao interior das palavras fónicas quando ocorre uma palavra que termina por um fonema vocálico seguida de outra que começa por um fonema consonântico. Cf., por um lado, *sen kása* ['seŋ'kasə] 'sem casa' e, por outro lado, *sen xánsi* ['sẽ'ʃãsi] 'sem chance'.

1.2.1.5.6 Texto exemplificativo com transcrição

Para exemplificar a pronúncia do crioulo de Santiago, damos em seguida o início do conto nº 3 de *Na bóka noti, volumi I*, ed. por Tomé Varela da Silva, 2ª edição, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro 2004, p. 38.

Éra un bes un ómi ku si mudjer. Ténpu éra di nisisidádi, trabádju éra so pisádu y ómi éra rei di pîrgisós, sobrutudu purki e'ta gostába di stima si korpu.

Nton, p'el sálba si korpu di masáda, e'kai duenti na káma, ta móre. Mudjer ki kreba si maridu rei di txeu, da pa pó y pa pédra na buska y fase ramédi. Maridu da kónða sédu ma mudjer sa ta da-l más ramédi ki kumida.

Nton, e'fla mudjer, ma parse-l ma si duénsa e frakéza.

Mudjer, nton, po tudu ramédi di ládu. E'pega na máta tudu si limária p'el da maridu so liméntus fórti pa maridu pode fortifika fáxi, pa duénsa dexa-l.

||'ereũ'mbes|ũ'ɔ.mikusimu'jer||'tɛ.mpweredinisisi'da.di||
tre'ba.ɟwere'sopi'sa.du||'jɔ.mjere'rejɔdipirgi'sos|sobru'tu.du|
purkjetegos'ta.bedis'ti.məsi'korpu||

'ntõ||pel'salbesi'korpudime'sa.dɛ|e'keɔ'dwe.ntine
'ka.mɛ|tɛ'mɔ.ri||mu'jerki'kre.besime'ri.du'rejɔdi'ceɣ||dɛpe
'pɔipe'pe.drene'buskeɔ'fɛ.sire'mɛ.di||mɛ'ri.dudɛ'kɔ.ntɛ'sɛ.du|
memu'jersɛtɛ'dɛl'masre'mɛ.dikiku'mi.dɛ||

'ntõŋ|e'flɛmu'jer|mɛper'sel|məsi'dwɛ.sɛefrɛ'kɛ.zɛ||
mu'jern'tõ|po'tu.dure'mɛ.didi'la.du||e'pe.gene'ma.tɛ'tu.du
sili'ma.rjɛ|pel'deme'ri.du'soli'mentus'fortɔ|pɛme'ri.du'po.di
forti'fi.kɛ'fa.ʃi|pɛ'dwɛ.sɛde'ʃɛl]

1.2.1.6 Neutralizações

Fala-se em neutralização de oposições quando o traço que distingue dois ou mais fonemas perde, em determinado contexto fónico, a sua capacidade de distinguir significados. O espaço para a realização do(s) aquifonema(s) resultante(s) corresponde então, em princípio, à soma dos espaços de realização dos fonemas cuja oposição ficou neutralizada, e pode ser, eventualmente, aproveitado para a realização de variantes individuais ou contextuais ('alofónicas').

As neutralizações que se observam no sistema vocálico do crioulo de Santiago afetam, por um lado, o grau de abertura das vogais (abertas/semiabertas/fechadas) e, por outro lado, as suas características de ressonância (orais/nasalizadas).

1.2.1.6.1 Neutralizações do grau de abertura

Neutralizações relacionadas com o grau de abertura dão-se sobretudo no domínio das vogais átonas. Porém, antes de nos ocuparmos delas, convém mencionar que ocorrem também algumas neutralizações no domínio das vogais tónicas.

Assim, é neutralizada a oposição entre vogais nasalizadas semiabertas e abertas na posição final absoluta, onde quase só

ocorrem vogais nasalizadas tónicas. Os arquifonemas que resultam dessa neutralização realizam-se como semiabertas. Cf. por ex. ningen [niŋ'gẽ(ŋ)] pron. indef. 'ninguém', masan [me'sã(ŋ)] s. 'maçã' e ladron [lɐ'drõ(ŋ)] s. 'ladrão'.⁶

Certas grafias com acento gráfico agudo em publicações do Instituto Caboverdiano do Livro podem, a esse respeito, induzir em erro. Ocorre isto, por exemplo, quando o numeral *sen* s./adj. num. '100' aparece escrito com acento agudo. A opção pelo uso deste acento gráfico justifica-se, provavelmente, pela vontade de distinguir o numeral '100', que é uma palavra tónica, da preposição *sen* 'sem', que é uma palavra átona. Contudo, a função primária do acento não é a de marcar o carácter tónico da sílaba ou da vogal. Se assim fosse, teria de utilizar-se também na palavra *len* s. 'banda, lado'. A função primária do acento gráfico agudo é a de marcar o carácter aberto da vogal. Ora bem, ambas as palavras, o numeral *sen* e a preposição *sem*, têm a vogal semiaberta.

É nossa impressão que, em certos falantes, ocorre uma neutralização análoga entre vogais orais abertas e semiabertas. Os falantes em questão parecem realizar palavras como *fé* s. 'fé', *pé* s. 'pé', *mé* adv. 'mesmo', *le* v. 'ler', *kodê* s. 'filho mais novo', *kafé* s. 'café', *pó* s. 'árvore', *mo* s. 'mão', *barapó* s. 'varapau', *pamô* pron. interr. 'porquê?' com uma vogal tónica que fica a meio caminho entre semiaberta ([e] ou [o]) e aberta ([ɛ] ou [ɔ]) (cf. Quint 2000: 21). Esta neutralização parece estar limitada às vogais anteriores e posteriores. No entanto, em algumas palavras terminadas em *-a*, observa-se uma grande insegurança dos falantes quanto ao grau de abertura deste *-a*.⁷ Não se vê muito bem como o ALUPEC poderia refletir a pronúncia destes falantes, visto que os acentos gráficos, além de servirem para indicar o grau de abertura da vogal, servem também para marcar como tónica a sílaba quando esta não é a penúltima nem uma última que termine em /-l/ ou em /-r/.

⁶ Numa comunicação oral no *Forum sobre alfabetização bilingue*, realizado na Praia, em 1989, Dulce Fanha (Pereira), mencionou esta neutralização, mas não indicou nenhuma realização normal do arquifonema: "Na palavra *ten*, a vogal nasal pode ser pronunciada mais aberta ou mais fechada sem que isso altere o significado da palavra."

⁷ Na segunda edição da coletânea *Na bóka noti*, de 2004, o seu editor, Tomé Varela da Silva, troca por *ba* todas as ocorrências do verbo 'ir' que na primeira edição de 1987 escrevera sempre *bá*.

As grafias do Instituto Caboverdiano do Livro com acentos gráficos numa vogal final refletem a pronúncia das pessoas que distinguem também em posição final entre [e] e [ɛ], [o] e [ɔ]. Mantêmo-las, escrevendo portanto *fé* ['fɛ], *pé* ['pɛ], *barapó* [berɛ'pɔ], *pó* ['pɔ], *mo* ['mo], *pamô* [pɛ'mo], *po* ['po], etc.⁸

O domínio das neutralizações generalizadas, em relação aos graus de abertura, é, como já dissemos, o das sílabas átonas. Dos três graus que é preciso distinguir para dar conta das vogais que ocorrem em sílaba tónica, apenas dois subsistem nas átonas. Nelas só há vogais semiabertas ou fechadas, nunca vogais abertas. A tão característica impressão fónica que o crioulo de Santiago produz aos estrangeiros deriva, em boa parte, dessa marcação adicional do relevo acentual pela restrição das vogais abertas às sílabas tónicas.

Uma consequência particularmente visível de tal princípio é o facto de qualquer vogal aberta se tornar semiaberta quando a sílaba correspondente se torna átona na sequência de processos de flexão ou derivação. Eis alguns exemplos:

<i>kabésa</i> [kɛ'besɛ] 'cabeça'	<i>kabesóna</i> [kebe'sɔnɛ] 'cabeça grande'
<i>ténpu</i> ['tempu] 'tempo'	<i>tenpuráda</i> [tempu'rɔdɛ] 'temporal'
<i>lába</i> ['labɛ] 'lavar'	<i>labádu</i> [lɛ'badu] 'lavado'
<i>kánta</i> ['kantɛ] 'cantar'	<i>kantába</i> [kɛn'tabɛ] 'tinha cantado'
<i>xikóti</i> [ʃi'kɔti] 'chicote'	<i>xikotáda</i> [ʃiko'tɔdɛ] 'chicotada'
<i>pónta</i> ['pɔntɛ] 'ponta'	<i>pontinha</i> [pɔn'tiɲɛ] 'pontinha'
etc.	etc.

Os advérbios terminados em *-mente* constituem uma exceção

⁸ Não podemos confirmar a neutralização generalizada da oposição entre as vogais orais tónicas semiabertas e abertas nas sílabas travadas por [•], [r], [l], [s], [i] e [u] que sugere Nicolas Quint (cf. Quint 2000: 22/23). De facto, os nossos informantes dizem *séu* ['seu] s. 'céu', *mudjer* [mu'ʒɛr] s. 'mulher', *bendedor* [bende'dɔr] s. 'vendedor', *mel* ['mɛl] s. 'mel', e não ['seu], [mu'ʒɛr], [bende'dɔr] e ['mɛl] como os seus. Mas concedemos, em 1.2.1.1, a existência de uma grande afinidade das vogais tónicas [ɛ] e [a], respetivamente, com alguns destes contextos. Grande porque, ao contrário dos informantes de Nicolas Quint, os nossos pronunciam também *más* ['mas] quant., *E kapá-s* [ekɛ'pas] 'Capou-os'. Mas afinidade com tais contextos e não neutralização neles porque, de novo contrariamente aos informantes de Quint, os nossos pronunciam *kál* ['kal] pron. interr. 'Qual?' e *ál* part. verbal modal (cf. Quint 2000: 23, nota 14).

aparente a este princípio. Se o adjetivo de base tem a vogal tónica aberta, esta mantém-se aberta também no advérbio correspondente, como aliás acontece também em português. Temos assim *dimaziádamenti* [dimezjadɛ'menti] 'demais', *dirétamenti* [dirɛtɛ'menti] 'diretamente', *imidiátamenti* [imidjatɛ'menti] 'imediatamente', etc. Contudo, esta exceção é mais aparente do que real. Ao que parece, estes advérbios são tratados em ambas as línguas como compostos (cf. *rátxa-kanéla* ['raceke'nɛlə] s. nome de uma erva, *bága-bága* ['bage'bage] s. 'formiga branca', *sétiséntus* ['seti'sentus] s./adj. '700', etc.). Ao que parece, os advérbios conservam um acento - pelo menos secundário - na vogal que no adjetivo de base era a vogal tónica.

Também quando a vogal tónica de uma palavra se torna átona por razões prosódicas no interior de uma frase, a vogal se mantém aberta. Cf. *Ténpu éra di nisisidádi, trabádju éra so pisádu ...* ['tempwɛredinisisi'dadi|trɛ'baɣwɛɛ'sopi'sadu...].

Nas vogais átonas finais, as neutralizações entre vogais que se distinguem apenas pelo grau de abertura vão ainda mais longe. De facto, quase não ocorrem vogais nasalizadas nesta posição. E paralelamente às poucas palavras em que ocorrem costuma haver já variantes que correspondem melhor aos padrões fónicos do crioulo de Santiago. Comparem-se, por exemplo, *abénson* [ɛ'bɛ̃sõ(ŋ)] s. 'bênção' e *vírjen* ['virzɛ̃(ŋ)] s./adj. 'virgem, virginal' com as suas variantes no crioulo fundo *ben-son* [be'sõ(ŋ)] (a vogal final conserva a nasalidade, mas tornou-se tónica) e *virji* ['virzi] (a vogal final se mantém átona, mas tornou-se oral). E está claro que as raras vogais átonas nasalizadas finais não são nunca vogais abertas.

Para as vogais orais átonas não subsiste, em posição final absoluta, nenhuma oposição de abertura. Fica um só arquifonema para cada uma das três ordens: anterior, central e posterior. Estes arquifonemas realizam-se no crioulo fundo como [-i], [-e] e [-u], respetivamente. Cf. a pronúncia dos verbos *skrebe* ['skrebi] 'escrever', *kánta* ['kante] 'cantar' e *konko* ['konku] 'bater'. O timbre exato destes [-i] e [-u] é, porém, difícil

de perceber, visto serem frequentemente pronunciadas como vogais surdas nesta posição, sobretudo depois de consoante surda (cf. 1.2.1.5.2 e já Carvalho 1962b: 4).

Em todo o caso, parece que certos falantes mais influenciados pelo português preferem, nos verbos, realizar como [e] e [o] os arquifonemas que resultam da mencionada neutralização sempre e quando estas vogais soam [e] e [o] quando acentuadas. Dizem, portanto, *E parti* [-i] 'Partiu' e *E busu* [-u] *kartera* 'Tirou a carteira', mas *E kume* [-e] 'Comeu' e *E konko* [-o] 'Abanou' por analogia com *E kumeba* [eku'mebe] 'Tinha comido' e *E konkoba* [ekoŋ'kobe] 'Tinha abanado'. Provêm desta forma verbos como *kume*, *konko*, etc. de uma maior constância fónica através de toda a sua conjugação. Obedecendo a idêntica motivação, a ortografia oficial, o ALUPEC, segue-os neste ponto (cf. 4.2.1.5). Os falantes em questão tendem também a pronunciar *tanbe* ['tembe] a palavra crioula que corresponde ao advérbio português *também*, pronúncia que fica a meio caminho entre a do étimo português e a de *tánbi* ['tambi] 'também' do crioulo fundo.

Sublinhemos mais uma vez que as pronúncias concorrentes que acabamos de mencionar constituem simplesmente alternativas na realização de arquifonemas. O contraste entre [-i] e [-e] ou [-u] e [-o] átonos em posição final absoluta não serve nunca para distinguir significados, nem mesmo nos falantes em cuja fala determinados verbos terminam sempre em [-e] (ou [-o]), ao passo que outros terminam sempre em [-i] (ou [-u]). E mesmo na sua fala, a grande maioria das palavras que terminam em vogal anterior ou posterior átona terminam sistematicamente em [-i] ou [-u] e nunca em [-e] ou [-o]. Facto que o ALUPEC reflete fielmente.

1.2.1.6.2 Neutralizações da oposição oral/nasalizado

Como vimos em 1.2.0, não faz muito sentido falar, a respeito das transições silábicas do tipo /-V̄/K-/, de uma neutralização da oposição oral/nasalizado na vogal (ou na consoante). O falante não opta, nestes casos, por uma consoante (ou uma vogal) nasalizada, decisão que então arrastaria a nasali-

dade da vogal precedente (ou da consoante subsequente). Opta por uma transição silábica globalmente nasalizada. E esta opõe-se diretamente à transição oral correspondente.

Por conseguinte, há pares mínimos cujos membros diferem apenas em relação à presença ou ausência do traço da nasalidade numa transição silábica:

bráku s. 'buraco' / *bránku* adj. 'branco'
fika v. 'ficar' / *finka* v. 'fincar'
keta v. 'estar quieto' / *kenta* v. 'esquentar'
kába v. 'acabar' / *kánba* v. 'entrar, desaparecer'
káta v. 'apanhar no chão' / *kánta* v. 'cantar'
koku s. '(noz de)coco' / *konko* v. 'abanar'
mudu adj. 'mudo' / *mundu* s. 'mundo'
pesa v. 'pesar' / *pensa* v. 'pensar'
róda s. 'roda' / *rónða* s. 'ronda'

Como também já vimos em 1.2.0, o crioulo de Santiago tem ainda, além das transições silábicas globalmente orais ou globalmente nasalizadas, transições do tipo /-V/N-/. Nesta fórmula, a maiúscula N representa uma das três consoantes /m/, /n/ ou /ɲ/. Nestas transições há de facto neutralização da oposição oral/nasalizado na vogal. O arquifonema que resulta de tal neutralização realiza-se invariavelmente como vogal oral: cf. palavras como *linha* ['liɲɐ] s. 'fio, linha', *treme* ['tremi] v. 'tremar', *péna* ['pɛɲɐ] s. 'pena', *pánha* ['paɲɐ] v. 'apanhar', *dóna* ['dɔɲɐ] s. 'dona, avô', *toma* ['tɔmɐ] v. 'tomar' e *runhu* ['ruɲu] adj. 'mau, agressivo', etc.

Desta neutralização não resultam, porém, oito arquifonemas, mas apenas sete, porque, aparentemente, antes de um destes fonemas consonânticos nasais só pode ocorrer [a], mas não [ɛ].

Nas fórmulas que se seguem, representamos este arquifonema resultante da neutralização de duas oposições (oral/nasalizado, e/a) pela maiúscula A. Os arquifonemas de realização oral ante consoante nasal opõem-se entre si:

Fechado/semiaberto:

i/e *linha* s. 'fio, linha' / *lenha* s. 'lenha'
u/o *suma* adv. (var. de *sima*) 'como' / *soma* v. '(as)somar'

Semiaberto/aberto:

e/ɛ *pena* v. 'depenar' / *péna* s. 'pena'
o/ɔ *soma* v. '(as)somar' / *sóma* s. 'soma'

Anterior/posterior:

i/u *sima* / *suma* adv. 'como' (duas variantes fonologicamente distintas do mesmo advérbio)
e/o *tema* s. 'tema' / *toma* v. 'tomar'
ɛ/ɔ *Léna* s. nome de mulher / *lóna* s. 'tecido grosso'

Anterior/central:

e/A *kema* v. 'queimar' / *káma* s. 'cama'
ɛ/A *rému* 'remo' / *rámu* s. 'ramo'

Posterior/central:

o/A *tronu* s. 'trono' / *E trá-nu (di mizéria)* 'Sacou-nos (da miséria).'
ɔ/A *kóma* s. 'crina' / *káma* s. 'cama'

No interior de uma palavra fónica pode acontecer que uma palavra que termine numa vogal nasalizada preceda outra começada por uma das três consoantes nasais. Neste caso, mantém-se a nasalidade da vogal, pronunciando-se, por exemplo, *sen médu* ['sɛ'mɛdu] 'sem medo'. Não há, portanto, neutralização da oposição oral/nasalizado nas vogais que precedem uma consoante nasal em início de palavra.

1.2.1.7 Realização dos (arqui)fonemas

Quanto à realização dos (arqui)fonemas, as explicações que precedem podem ser resumidas da seguinte forma.

1.2.1.7.1 Nas sílabas livres

Sílaba tónica não-final:

Nesta posição, ocorrem todos os 16 fonemas vocálicos, exceto antes de uma das três consoantes nasais /m/, /n/ e /ɲ/. O inventário das suas realizações antes de consoantes fricativas e vibrantes fornece um inventário máximo dos tipos de realização vocálica do crioulo de Santiago. Este inventário corresponde ao inventário dos fonemas vocálicos apresentado sob

1.2.1.1:

	vogais orais			vogais nasalizadas		
	ant.	centr.	post.	ant.	centr.	post.
fechadas	i		u	ĩ		ũ
semiabertas	e	ɐ	o	ẽ	ẽ	õ
abertas	ɛ	a	ɔ	ẽ	ã	õ

Para a metade esquerda deste inventário podem pois comparar-se as realizações dos fonemas vocálicos orais nas sílabas tónicas de *iziji* v. 'exigir', *komesa* v. 'começar', *komésu* s. 'começo', *fase* v. 'fazer', *báfa* v. 'tapar-se, petiscar', *xuxu* s./adj. 'diabo, sujo', *kosa* v. 'coçar(-se)', *óra* s. 'hora'; para a metade direita podem comparar-se as realizações nasalizadas dos fonemas vocálicos nasalizados nas sílabas tónicas de *finji* v. 'fingir', *pensa* v. 'pensar', *lisénsa* s. 'licença', *manxe* v. 'amanhecer', *kánsa* v. 'cansar(-se)', *kunsa* verbo auxiliar, *lonji* adv. 'longe', *ónra* s. 'honra'.

Antes de consoante oclusiva ou lateral, os fonemas vocálicos orais realizam-se como antes de fricativa e vibrante (cf. metade esquerda do inventário máximo). Vejam-se, por exemplo, as sílabas tónicas de *tipu* s. 'tipo', *persebi* s. 'perceba', *spétu* s. 'espeto', *invadi* v. 'invadir', *káku* s. 'cabeça', *luga* v. 'tomar/dar de arrendamento', *mopi* v. 'amolgar', *móla* s. 'mola'. Na mesma posição, os fonemas vocálicos nasalizadas realizam-se como sequências do correspondente tipo de realização oral (cf. metade esquerda do inventário máximo) seguido de uma consoante nasal homorgânica com a consoante subsequente. Vejam-se, por exemplo, as sílabas tónicas de *pinga* ['piŋgɛ] v. 'pingar', *bende* ['bendi] v. 'vender', *bénda* ['bendɛ] s. 'venda', *mante* ['manti] v. 'manter', *kánta* ['kante] v. 'cantar', *funku* ['fuŋku] s. 'cubata constante só do teto cónico', *ponta* ['pontɛ] v. 'apontar', *pónta* ['ponte] s. 'ponta'.

Antes dos três fonemas consonânticos /m/, /n/ e /ɲ/, fica neutralizada a oposição oral/nasalizado. Os arquifonemas resultantes realizam-se como orais (cf. metade esquerda do inventário máximo). Assim acontece nas sílabas tónicas de *sima*

adv. 'como', *tene* v. 'ter', *péna* s. 'pena', *nfanhi* v. 'fazer uma careta de desprezo', *pánha* v. 'apanhar', *sumu* s. 'sumo', *komu* conj. subord. 'como', *sóma* s. 'soma'.

Sílaba tónica final:

Nesta posição, a oposição semiaberto/aberto está neutralizada nas vogais orais anteriores e posteriores, pelo menos na fala de boa parte dos falantes. Nas vogais nasalizadas há uma neutralização generalizada da mesma oposição em todos os falantes. Os arquifonemas resultantes realizam-se entre semiaberto e aberto nas orais e como semiabertas nas nasalizadas. Segue um exemplo para cada um dos onze tipos de realização resultantes: *mi* pron. pess. 'eu', *pé* s. 'pé', *fla* v. 'dizer', *xá* s. 'chá', *ku* s. 'traseiro', *pó* s. 'árvore, madeira, pau', *fin* s. 'fim', *sen* s./adj. num. '100', *gran* s. 'grão', *nun* adj. 'nenhum', *pon* s. 'pão'.

Sílaba átona não-final:

Nesta posição, a situação é a mesma que nas sílabas tónicas não-finais, salvo que a oposição semiaberto/aberto se encontra de novo neutralizada. Os arquifonemas resultantes realizam-se como vogais semiabertas. Por conseguinte, só aparecem, antes de consoantes fricativas e vibrantes, os tipos de realização das duas linhas superiores do inventário máximo.

Podem servir de exemplo para as orais as primeiras vogais de *pisádu* adj. 'pesado', *refujiádu* adj. 'refugiado', *raféga* s. 'brisa, rajada', *puxador* s. 'puxador', *korenta* v. 'mudar para melhor' e para as nasalizadas as primeiras vogais de *prinséza* [prĩ'sezɐ] s. 'princesa', *benson* [bê'sõ(ŋ)] s. 'bênção', *kansádu* [kã'sadu] adj. 'cansado', *kunfiánsa* [kũ'fjãse] s. 'confiança', *onrádu* [õradu] adj. 'honrado'.

Antes de consoantes oclusivas e laterais, as vogais átonas orais realizam-se como antes de consoantes fricativas e vibrantes (as duas linhas superiores da metade esquerda do inventário máximo). Assim ocorre, por exemplo, nas primeiras sílabas de *pikinóti* adj. 'pequeno', *metádi* s. 'metade', *katxupa* s. prato nacional caboverdiano, *kutélu* s. 'colina', *kolabora* v. 'colaborar'. As vogais nasalizadas realizam-se nesta posição de novo como sequências de orais mais consoante nasal ho-

morgânica com a consoante subsequente. Assim acontece nas primeiras sílabas de *kintal* [kin'tel] s. 'espaço por detrás das casas tradicionais', *bengála* [beŋ'gale] s. 'bengala', *bandoba* [ban'dobe] s. 'estômago, pança', *kunpridu* [kum'pridu] adj. 'comprido' e *konloia* [kon'loje] v. 'conluir'.

Antes das três consoantes nasais /m/, /n/ e /ɲ/, além da oposição semiaberta/aberta fica ainda neutralizada a oposição oral/nasalizado. Os arquifonemas realizam-se como orais (as duas linhas superiores do inventário máximo). Comparem-se as vogais das primeiras sílabas de *simenti* s. 'semente', *kemádu* adj. 'queimado', *banána* s. 'banana', *sumána* s. 'semana', *somenti* adv. 'só'.

Sílaba átona final:

Nesta posição são neutralizadas todas as oposições no grau de abertura e, além disso, a oposição oral/nasalizado. Dos três arquifonemas resultantes, realizam-se como vogais fechadas o anterior e o posterior, e como vogal semiaberta a vogal central. É o caso das vogais nas sílabas finais de *kudi* ['kudi] v. 'responder', *fase* ['fesi] v. 'fazer', *kánta* ['kante] v. 'cantar', *rixu* ['riɟu] adj. 'rijo', *konko* ['koŋku] v. 'abandar'.

1.2.1.7.2 Nas sílabas travadas

Chamam-se travadas as sílabas que terminam em consoante. No crioulo de Santiago só podem aparecer, nesta posição, /r/, /l/ ou /s/. Nas sílabas travadas é neutralizada a oposição oral/nasalizado. Os arquifonemas resultantes realizam-se como orais.

Sílaba tónica:

Antes de /r/ e /l/ a fechar sílaba, não há mais neutralizações. Eis um exemplo para a realização oral dos oito arquifonemas: *filtru* ['filtru] s. 'filtro', *perta* ['perte] v. 'apertar', *pértu* ['pertu] adv. 'perto', *sal* ['sɛl] s. 'sal', *már* ['mar] s. 'mar', *purga* ['purge] s. 'fruto da purgueira', *korta* ['korte] v. 'cortar', *kórta* ['korte] s. 'colheita'.

Antes de /s/, há, além da neutralização da oposição oral/

nasalizado, neutralização da oposição semiaberto/aberto nas vogais centrais. O arquifonema resultante realiza-se como vogal aberta. Ocorrem, portanto, os sete tipos seguintes de realização: *lista* ['listɐ] s. 'lista', *presta* ['prestɐ] v. 'prestar', *fésta* ['festɐ] s. 'festa', *gásta* ['gastɐ] v. 'gastar(-se)', *kusta* ['kustɐ] v. 'custar', *mostra* ['mostɾɐ] v. 'mostrar', *kósta* ['kɔstɐ] s. 'costa(s)'.

Sílaba átona:

Nesta posição, dá-se uma neutralização generalizada da oposição semiaberto/aberto (como em todas as sílabas átonas) e uma neutralização generalizada da oposição oral/nasalizado (como em todas as sílabas travadas). Os cinco arquifonemas resultantes realizam-se como orais. Sirvam de exemplos as primeiras sílabas, átonas e travadas, de *bistidu* [bis'tidu] s. 'vestido', *gestiba* [ges'tibe] s. nome de uma planta, *maskádja* [mes'kaɣɐ] v. 'aproveitar-se de alguém', *kustumu* [kus'tumu] s. 'costume', *kostéla* [kos'tele] s. 'costela'.

1.2.1.8 Combinatória

Quando numa palavra fónica há duas vogais contíguas, formam quer um hiato quer um ditongo. Temos um hiato quando as duas vogais pertencem a duas sílabas, cada uma constituindo, portanto, um pico de percetibilidade. Pelo contrário, temos um ditongo quando as duas vogais pertencem à mesma sílaba, correspondendo à sequência de ambas apenas um pico de percetibilidade (cf. 1.1.4).

Quando numa palavra fónica há três vogais contíguas pode tratar-se de um hiato (por ex. de um ditongo que pertence a uma sílaba e de uma vogal que pertence à sílaba seguinte) ou de um tritongo, isto é, uma sequência de três vogais à qual corresponde apenas um pico de percetibilidade na segunda vogal.

Devido ao encontro de duas palavras, uma primeira que termina em vogal e uma segunda que começa por vogal, podem surgir, no crioulo de Santiago, sequências vocálicas variadas.

Descontando estes casos, constatamos que no interior das palavras do crioulo de Santiago propriamente ditas só há hiatos que constam de duas vogais simples e ditongos, mas nenhuns tritongos.

1.2.1.8.1 Hiatos

No crioulo de Santiago só há hiatos nos quais uma das duas vogais forma o núcleo da sílaba acentuada da palavra em questão. O único hiato que ocorre com alguma frequência é o tipo ['eə] (cf. *bea* s. 'veia', *fea* s./adj. 'feia', *mea* s. 'meias', *nlea* v. 'aplicar penso em (ferida)', *rea* s. 'areia', (*lua*) *xea* s. '(lua) cheia', *aldêa* s. 'aldeia', *bulêa* s. 'boleia', *idêa* s. 'ideia', *morêa* s. 'moreia'). Em *dia* s. 'dia' e *kria* v. 'criar(-se)' ocorre o hiato ['iə], e nos dois pronomes pessoais *ael* 'ele, ela', *aes* 'eles, elas' o hiato [e'e]. O substantivo *saúdi* 'saúde' e o verbo *raúni* 'reunir' têm [e'u], o substantivo *raínha* tem [e'i]. Para o uso e não uso do acento gráfico nos hiatos remetemos o leitor para 2.2.2.

1.2.1.8.2 Ditongos

Nada se opõe a uma análise bifonemática dos ditongos do crioulo de Santiago. Quer dizer que todos os seus ditongos podem ser interpretados como sequências de dois fonemas vocálicos dentro de uma só sílaba dos quais cada um ocorre também, noutras palavras, sem vir acompanhado pelo outro.

Dos dois fonemas vocálicos que juntos formam um ditongo, a vogal onde se atinge o pico de percetibilidade chama-se central, e a outra marginal. Se as duas vogais diferem no grau de abertura, a central costuma ser a mais aberta.

Caso a vogal central ocupe o primeiro lugar na cadeia fónica, os estudiosos das línguas românicas falam em ditongo 'decrecente'. Nos ditongos decrecentes, a segunda vogal é inteiramente 'implosiva', quer dizer que a sua percetibilidade vai diminuindo ao longo da sua realização. Assim, por exemplo, em *rei* ['reɨ] s. 'rei'.

Caso a vogal central do ditongo ocupe o segundo lugar na cadeia fónica, os estudiosos das línguas românicas falam em ditongo 'crescente'. Nestes ditongos, é a primeira vogal que é a marginal. E esta é inteiramente 'explosiva', quer dizer que a sua percetibilidade vai aumentando ao longo da sua realização. Assim acontece, por exemplo, em *disviâ* [diz'vjɐ] v. 'desviar'.

Adotamos o uso amplamente difundido de chamar as vogais inteiramente implosivas dos ditongos 'semivogais' e as inteiramente explosivas 'semiconsoantes'. Nas vogais centrais, há uma fase explosiva que precede o pico de percetibilidade e uma fase implosiva que o segue.

O crioulo de Santiago tem muitos ditongos orais e poucos ditongos nasalizados. Nos ditongos orais a relação numérica entre ditongos crescentes e ditongos decrescentes está mais ou menos equilibrada. Os poucos ditongos nasalizados são todos ditongos crescentes. Só as vogais mais fechadas do crioulo de Santiago, /i/ e /u/, podem funcionar como vogais marginais nos seus ditongos. Quando funcionam como semiconsoantes, transcrevemo-las - em transcrição fonética - como [j] e [w], quando funcionam como semivogais, como [i̯] e [u̯].

Quase todos os ditongos teoricamente possíveis, tendo em conta o que acabamos de constatar, ocorrem efetivamente no crioulo de Santiago. E os poucos que não se encontram no seu léxico 'normal' aparecem em interjeições expressivas ou onomatopaicas.

Ditongos orais decrescentes com [i̯] implosivo:

[e̯i] *lei* s., *mei* s., *rei* s., etc.

[ɛ̯i] *réiba* s. (variante de *ráiba*)

[a̯i] *fáita* s. e v. (variante de *fálta*), *káika* v. (variante de *kálka*), *káisa* s. (variante de *kálsa*), *ráiba* s., *sáibu* s., etc.

[e̯i] *bai* v., *mai* s., *kai* v., *rai* s. (variante de *rei*) s., *sai* v., *balai* s., *distrai* v., *papai* s., *raiba* v., *sais* s./adj. num., etc.

[o̯i] *molói* adj., *bóina* s., *bóisa* s. (variante de *bólta*), *bóita* s. (variante de *bólta*), *dizóitu* s./adj. num., etc.

- [oĩ] *boi s., foi v., poi v., noibu s., oiténta s./adj. num., etc.*
 [uĩ] *diskuida v., muito adv., ku(i)dádu s., etc.*

Ditongos orais decrescentes com [ɥ] implosivo:

- [iɥ] *fiu s., briu s., etc.*
 [eɥ] *djeu s., freu s., meu (em di meu poss.), txeu adj., judeu s./adj., liseu s., muzeu s., pineu s., piteu s., txapeu s., etc.*
 [ɛɥ] *Déus s., séu s., etc.*
 [ɐɥ] só em sílaba átona: *kautéla s., etc.*
 [aɥ] *gráu s., káu s., náu adv., máu adj., áula s., fláuta s., Káuberdi s., etc.*
 [oɥ] não documentado
 [ɔɥ] não documentado, cf. porém o onomatopaico *Póu!*

Ditongos orais crescentes com [j] explosivo:

- [je] *fiel adj. 'fiel', etc.*
 [jɛ] *f(i)él s. 'fel', etc.*
 [jɛ] *alegriâ s., barbariâ s., falsiâ s., kadiâ s., pasia v., simia v., stória s., idial adj., E kiria-l, etc.*
 [ja] *Diábu s., kiriádu s./adj., Santiágu s., viáji s., etc.*
 [ju] *palásiu s., sériu adj., sitiú s., etc.*
 [jo] *kriolu s., piodju s., piora v., tioxí adv., nasional adj., etc.*
 [jɔ] *Diós s., mandióka s., pióra s., vióla s., etc.*

Ditongos orais crescentes com [w] explosivo:

- [wi] *juis s., etc.*
 [we] *duedju s., kueru s., E due-l, etc.*
 [wɛ] *guéla s., kuéka s., muéda s., etc.*
 [wɛ] *kontinua v., língua s., pazigua v., ku el (cf. 10.1.4.2), etc.*
 [wa] *bua v., rua s., guárda s., kuártu s., kuátu s./adj. num., etc.*
 [wo] *suor s. (variante de soris s.)*
 [wɔ] não documentado

Nos registos mais influenciados pelo português, ocorre um número relativamente alto de ditongos nasalizados. No crioulo mais fundo são muito menos frequentes e sempre crescentes:

[jě] *fian-fian* v., *pian-pian* v., *kunfiánsa* s., etc.
[jõ] *avion* s., *okazion* s., *pion* s., etc.

[wě] *duense* v.
[wě̃] *duénsa* s.

Nasalizam-se ambas as vogais de um ditongo nasalizado, mas visto esta nasalidade ser muito menos perceptível na vogal marginal, não a marcamos nas nossas transcrições fonéticas.

Como se vê pelos exemplos fornecidos sob 1.2.1.8.2, também nos ditongos só ocorrem vogais abertas em sílaba tónica.

1.2.2 Fonemas consonânticos

1.2.2.1 Inventário

A variedade do crioulo de Santiago descrita nesta gramática dispõe de 17 fonemas consonânticos orais, aos quais correspondem outros tantos fonemas consonânticos (pré-) nasalizados, chamados também de 'seminasais' ('Halbnasale', cf. Trubetzkoy 1971: 164/165). Justificaremos a hipótese da existência destas consoantes nasalizadas em 1.2.2.1.2 (porém, compare-se já 1.2.0).

Acrescem a estes os três fonemas consonânticos nasais /m/, /n/ e /ɲ/ e um /j/ ('i consonântico') mal integrado no sistema cuja realização usual como fricativa palatal sem sibilo transcrevemos (por ex. em *móia* ['mojɐ] s. 'promoção comercial') usando o mesmo [j] que utilizamos para a transcrição da variante semiconsoante do fonema vocálico /i/ (por ex. em *pueziã* [pwe'zjɐ] s. 'poesia'). Não há, no crioulo de Santiago, uma contrapartida velar /w/ para este /j/ consonântico, pois não se encontra, nem no início, nem em posição intervocálica das palavras do santiaguense, nenhum [w]. Para além disso, em posição inicial de palavra este som só se encontra em algumas interjeições onomatopaicas do tipo *Uin!* ['wĩ(ɲ)] 'Pum!', *Uis!* ['wis] 'Zás!' e em alguns estrangeirismos ainda mal integrados, como *uiski* ['wiski] s. 'whisky'.

O número total de fonemas consonânticos da variedade do

crioulo de Santiago que estamos a descrever ascende assim a 38 (cf. espanhol europeu 19, alemão 19-20 e francês 18). Devido à sua posição isolada no sistema, prescindimos do /j/ no inventário dos fonemas consonânticos que em seguida se apresenta.

	orais					nasalizadas			
	lb.	dt.	pl.	vl.		lb.	dt.	pl.	vl.
oclusivas	p	t	c	k	sd.	ḑ	ṭ	č	ķ
	b	d	ɟ	g	vz.	ḃ	ḏ	č̃	ķ̃
fricativas	f	s	ʃ		sd.	ḥ	š	ʃ̃	
	v	z	ʒ		vz.	ṽ	ž	ž̃	
líquidas		r			int.		ṛ		
		l	ʎ		con.		ḷ	(ʎ̃)	
nasais	m	n	ɲ						

(lb. = labial, dt. = dental, pl. = palatal, vl. = velar, ocl. = oclusivo, fric. = fricativo, l. = líquido, sd. = surdo, vz. = vozeado, int. = interrompido, con. = contínuo)

Os exemplos que se seguem apresentam cada um destes fonemas consonânticos em posição inicial.

Fonemas consonânticos orais: *pai* /'pei/ s. 'pai', *totis* /'totis/ s. 'nuca, toutiço', *txáda* /'cade/ s. 'planície', *kása* /'kase/ s. 'casa', *bárba* /'barbe/ s. 'barba', *dia* /'die/ s. 'dia', *djunta* /'ɟũte/ v. 'reunir(-se)', *gálu* /'galu/ s. 'galo', *fase* /'fesi/ v. 'fazer', *sála* /'sale/ s. 'sala', *xá* /'ʃa/ s. 'chá', *viáji* /'viazi/ s. 'viagem', *zóna* /'zone/ s. 'zona', *juis* /'ʒuis/ s. 'juiz, juízo', *ráiba* /'raibe/ s. 'raiva', *lárga* /'large/ v. 'largar'. Nos dados que recolhemos até ao momento, o fonema /ʎ/ apenas ocorre em posição medial, i.e. no interior de palavra (cf. por ex. *ilha* /'iʎe/ s. 'ilha').

Fonemas consonânticos nasalizados: *npára* /'ḑare/ v. 'apanhar, amparar', *nton* /'ṭõ/ adv. 'então', *ntxádu* /'čadu/ adj.

(variante de *intxádu*) 'inchado', *nkontra* /'kõtrẽ/ v. 'encontrar(-se)', *nburdia* /'burdiẽ/ v. 'embrulhar(-se)', *ndoxa* /'dõxẽ/ v. 'ficar doce', *ndjudjun* /'ɲujũ/ adj. 'em jejum', *nguli* /'guli/ v. 'engolir', *nforka* /'forke/ v. 'enforçar(-se)', *nsoda* /'sode/ v. 'distrair(-se)', *nxina* /'ɲine/ v. 'ensinar', *nvira* /'vire/ v. 'ter-se raiva de alguém', *nzámi* /'zami/ s. 'exame', *Njenhu* /'jẽnu/ s. Ortsname, *nliona* /'lione/ v. 'irritar-se'. Para /ʎ/ não encontramos até agora nenhum exemplo; para /r̃/ apenas encontramos exemplos de ocorrência no interior da palavra (cf. *ónra* /'õrẽ/ 'honra').

Fonemas consonânticos nasais: *mai* /'mẽi/ s. 'mãe', *náda* /'nade/ v. 'nadar', *nho* /'ɲo/ pron. pess. 'o senhor'.

/j/: *iandon* /jẽn'dõ(ɲ)/ adj. 'silencioso', *iáti* /'jati/ s. 'iate'.

1.2.2.1.1 O fonema /ɲ/

Tanto Manuel Veiga (cf. 1996: 78/79 e 86) como Nicolas Quint (cf. 2000: 27/28) admitem, mesmo que com restrições, a existência, no crioulo de Santiago, de um fonema consonântico velar /ɲ/. Elevam, assim, o número dos fonemas consonânticos nasais a quatro (/m/, /n/, /ɲ/ e /ŋ/). Para tal, não invocam os [ɲ] que ocorrem em transições silábicas nasais antes de consoantes oclusivas (cf. 1.2.0), nem os que se ouvem, na maioria dos falantes, após as vogais nasais antes de uma pausa ou de uma palavra começada por vogal (cf. 1.2.1.1). De facto, todos estes [ɲ] podem ser considerados reflexos da nasalidade de fonemas nasais adjacentes (cf. de novo 1.2.0). Os autores alegam palavras que começam por [ɲ] seguido de vogal. Uma vez que, nesta posição, este som se opõe às outras três consoantes nasais, a existência de tais palavras prova efetivamente a existência do fonema /ɲ/.

O dicionário mais abrangente do crioulo de Santiago entre os publicados por Nicolas Quint regista oito palavras deste

tipo: *ŋánha* s. 'trognon d'épis de maïs', *ŋanhi* v. 'ronger' (cf. wolof *ŋaaj* 'mordre'), *ŋanhóma* s. 'plante urticante', *ŋápu* interj. 'miam, gnarp', *ŋás-ŋás* interj. imitant le bruit que font les mâchoires 'miam-miam', *ŋrámu-ŋrámu* s. 'fait de bougonner, de maugréer, de parler tout seul sans faire attention aux autres', *ŋuli* v. 'regarder du coin de l'oeil, fusiller du regard, regarder de travers' (cf. mandinka *ŋùlu* 'regarder de travers'), *ŋus-ŋus* interj. imitant le bruit de la canne à sucre qui passe dans le moulin à canne (cf. Quint 1999: 181).

É significativo que nenhuma destas palavras disponha de uma etimologia portuguesa reconhecida. Nem aquelas para as quais Quint não encontrou qualquer correspondência nas línguas do Oeste africano. Também estas parecem ser de origem africana ou onomatopaica (para a ocorrência e o status de [ŋ] nas línguas africanas remetemos o leitor para Creissels (1994: 123-126)).

Portanto, não pode haver dúvida de que um fonema consonântico /ŋ/ existe realmente em algumas das variedades do santiaguense tomadas em conta por Manuel Veiga e Nicolas Quint. Porém, não parece menos seguro que as variedades em questão se encontrem circunscritas, desde há muito, a zonas relativamente isoladas da ilha.

De facto, nenhuma das descrições do crioulo de Santiago do século XIX menciona um som [ŋ] (cf. Coelho 1880, Costa/Duarte 1886 e Brito 1887). Também os transcritores da coletânea *Na bóka noti I* (Silva 2004) passaram bem sem símbolo ortográfico para um fonema /ŋ/. Os nossos informantes (incluindo a família do nosso colaborador André dos Reis Santos, residente a meio caminho entre Praia e Assomada, em João Teves) ou não conheciam as palavras em questão, ou pronunciavam-nas de outro modo. Consequentemente, o nosso *Dicionário* regista só três dessas oito palavras, que aí aparecem começando por /ŋ̃/ (*ngánha*, *nganhóma*), por /g/ (*ganhóma*, variante de *nganhóma*) ou por /ɲ/ (*nhápu*).

Ficamos com a impressão de que a maioria dos habitantes de Santiago que conhecem as palavras as pronunciam hoje de outro modo. E por isso prescindimos, no nosso inventário dos fonemas consonânticos do santiaguense, desse /ŋ/, mantendo-nos fiéis ao propósito de descrever um crioulo médio, que não causa es-

tranheza nem na cidade nem no campo.

1.2.2.1.2 Os fonemas consonânticos nasalizados

O problema da existência ou inexistência de fonemas consonânticos nasalizados coloca-se para todas as línguas que, no início das palavras, apresentam, a nível fonético, sequências consonânticas homorgânicas do tipo 'consoante nasal que não constitui sílaba + consoante' (cf. Creissels 1994: 46). E é precisamente o que se verifica abundantemente no crioulo de Santiago, como o confirmam as transcrições fonéticas das palavras seguintes, já utilizadas acima: *npára* ['mpare] v., *nton* ['ntõ(ŋ)] adv., *ntxádu* ['ŋcadu] adj. (variante de *intxádu*), *nkontra* ['ŋkontre] v., *nburdia* ['mburdje] v., *ndoxa* ['ndoʃe] v., *ndjudjun* [ŋju'jũ(ŋ)] adj., *nguli* ['ŋguli] v., *nforka* ['ŋforke] v., *nsoda* ['nsode] v., *nxina* ['ŋfine] v., *nvira* ['ŋvire] v., *nzámi* ['nzami] s., *Njenhu* ['ŋjenu] s., *nliona* ['nljone] v. Devemos considerar os complexos consonânticos iniciais destas palavras como fonemas únicos ou como sequências de dois fonemas?

A existência, no crioulo de Santiago, de fonemas consonânticos nasalizados ainda não é admitida por todos os especialistas. John Holm não menciona o caboverdiano entre os crioulos atlânticos que, segundo as suas informações, poderiam dispor de oclusivas nasalizadas (cf. Holm 1988/1989: I, 4.6.2). A sua existência no crioulo estreitamente aparentado da Guiné-Bissau é objeto de discussão - cf. o resumo desta discussão em Couto (1994: 69-71). A afirmação da sua existência precisa, portanto, de uma pormenorizada justificação. A nossa encontra-se em 1.2.0, onde invocámos como argumentos a intuição dos próprios falantes e a simplicidade da descrição fonológica resultante. De facto, admitir a existência de fonemas consonânticos nasalizados no crioulo de Santiago permite uma análise unitária dos tipos de transições silábicas que, neste crioulo, se encontram em distribuição complementar. A história da escrita do crioulo de Santiago fornecer-nos-á mais indícios em favor da nossa interpretação (cf. 2.2.1).

1.2.2.1.3 O estatuto de /v/, /z/, /ʒ/, /ʎ/ (/ṽ/, /z̃/, /ʒ̃/ /ʎ̃/)

O estatuto de quatro fonemas consonânticos orais do santiagoense (e dos seus correspondentes nasais) é precário. Ao que sabemos, o crioulo de Santiago não dispunha, originalmente, dos fonemas /v/, /z/, /ʎ/ e, talvez, nem do /ʒ/. Provavelmente, não dispunha sequer dos sons [v], [ʎ], [ʒ] como variantes de outros fonemas em determinados contextos fónicos. Os crioulizadores de Santiago veriam nos [v], [ʒ], [ʎ] e, em posição intervocálica, também nos [z] do português realizações um tanto aberrantes de fonemas do tipo /b/, /ʃ/, /ʒ/ e /s/ que existiam nas suas línguas ancestrais. Por conseguinte, reproduzi-los-iam como [b], [ʃ], [ʒ] e [s].

Os novos fonemas crioulos /v/, /z/, /ʒ/ e /ʎ/ surgiriam posteriormente graças a empréstimos, principalmente do português, nos quais os sons em questão deixaram de ser substituídos por [b], [s], [ʃ] e [ʒ]. Os quatro novos fonemas (i.e. /v/, /z/, /ʒ/ e /ʎ/) integraram-se bem no sistema consonântico do crioulo santiagoense, visto constituírem apenas combinações de traços distintivos pré-existentes.

1.2.2.1.3.1 O /v/ está já plenamente naturalizado, graças a empréstimos do português. Veiga (1982: 35) remete para palavras crioulas como *ravuluson* s. 'revolução', *provérbi* s. 'provérbio', *variánti* s. 'variante', *vérbu* s. 'verbo', *vira* s. 'vira (dança popular portuguesa)'. O verbo crioulo *vira* 'virar(-se), etc.' < pg. *virar* forma hoje um par mínimo com o sucessor mais antigo do mesmo étimo português, cs. *bira*, que ficou restringido ao papel de auxiliar na perífrase *bira ta fase* 'começar a fazer' ou de cópula em empregos do tipo *E bira prontu* 'Convalesceu', *E bira un kabálu* 'Transformou-se num cavalo'. Ao lado do cs. *vive* 'viver', temos o adjetivo *bibu* 'vivo, com vida'. Para a maioria dos falantes há, pois, palavras que pronunciam regularmente com [b] (*bá* v. 'ir', *ben* v. 'vir', *bitxu* s. 'bicho, animal', *bolsu* s. 'bolso', *bota* v. 'atirar', *bunitu* adj. 'bonito', *riba* prep. 'sobre, acima', *sabidu* 'esperto, astuto', etc.) e outras que pronunciam regularmente com [v] (*verdádi* s. 'verdade', *vólta* s. 'volta', *vontádi* s. 'vontade', *árvi* s. 'árvore', *averis* s. 'haveres', etc.). Mas também

deve ainda haver falantes e registos sem oposição entre [b] e [v]. Na coletânea de contos *Na bóka noti I* encontram-se *viáji* s. 'viagem', *verdádi*, *vinti* num. '20', *razolve* v. 'resolver', *próva* s. 'prova', *sálva* s. cerimónia que faz parte da *tabanka*, *favor* s. 'favor', mas de forma esporádica também *biáji*, *berdá-di*, *binti*, *razolbe*, *próba*, *sálba* e *fabor*.

1.2.2.1.3.2 A situação a respeito de /z/ apresenta-se mais complicada. Como variante combinatória de /s/ antes de consoante vozeada, [z] pode ter existido desde as origens do crioulo santiaguense. Mas, entretanto, [z] ocorre também - salvo nos registos crioulos mais conservadores - no início da palavra (por ex. em cs. *zóna* s. 'zona') ou em posição intervocálica (por ex. em cs. *dozi* num. '12'), isto é, em contextos fónicos anteriormente reservados a [s]. Para que tal suceda, é suficiente que a palavra correspondente do português tenha /z/. Houve, portanto, uma fonologização do [z]. A coexistência entre *fase* v. 'fazer', *kása* s. 'casa', *kasamentu* s. 'casamento', *kusa* s. 'coisa', *rapasinh* s. 'menino, rapaz(inho)', *tar-se* (sic) v. 'trazer' com [s], no 'kriolu fundu', e de *faze*, *káza*, *kazamentu*, *koza* (bastante raro), *rapazinh* e *traze* com [z], no 'kriolu lévi', mostra o sentido da evolução sob a influência continuada do português. Há um grande número de palavras que, em *Na bóka noti I*, aparecem já regularmente grafadas com z (por ex. *báza* v. 'cair, vazar, bater', *dozi* num. '12', *gazádja* v. 'receber, agasalhar', *izámi* s. 'exame', *kázu* s. (a)caso', *kuázi* quant. 'quase', *razolve* v. 'resolver', *frakéza* s. 'fraqueza', *zangádu* adj. 'zangado', *zóna* s. 'zona'). No que se refere ao fonema nasalizado /z̃/ (cf. por ex. a variante *nzámi* 'exame' do s. *izámi*), podemos hipotetizar que surgiu paralelamente ao fonema oral /z/.

1.2.2.1.3.3 Quanto a /ʒ/ e /ʒ̃/, a situação assemelha-se à de /z/ e /z̃/, só que, neste caso, não há motivos para contarmos com a existência de uma variante combinatória [ʒ], de /ʃ/, no crioulo primitivo. De facto, as fricativas palatais do santiaguense não ocorrem antes de consoante vozeada. O significado de muitas palavras crioulas que contêm /ʒ/ ou /ʒ̃/ sugere que se trata de empréstimos recentes do português (cf. *jélu* s.

'gelo', *jésu* s. 'gesso', *jóia* s. 'jóia(s)', *njinheru* s. 'engenheiro', *lojikamenti* adv. 'logicamente', etc.). Outras parecem muito mais antigas, apesar de se pronunciarem com [ʒ] ou [ʒ̃] (*Njenhu*, *Son Jorji* topónimos, *ránja* v. 'arranjar', *lonji* adv. 'longe', *finji* v. 'fingir', *igreja* s. 'igreja', etc.). Mas é de novo significativa a coexistência de *fixon* e *fijon* s. 'feijão', *oxi* e *oji* adv. 'hoje', *grexa* (58/7) e *igreja* s. 'igreja' em *Na bóka noti I*.

1.2.2.1.3.4 Os registos crioulos que já dispõem de um fonema /ʎ/ devem ser ainda menos numerosos que os que já dispõem dos fonemas /v/, /z/ e /ʒ/. Na coletânea de contos *Na bóka noti I* são raras as palavras que se escrevem regularmente com *lh*, como *maravilha*, *milhár* e *bilheti*. Outras, que aparecem ocasionalmente grafadas com *lh*, apresentam características que, claramente, mostram estarmos perante empréstimos recentes do português (*filha* s. em vez de *fidju fémia* 'filha', *olhus* ao lado de *odju* s. 'olho(s)', *vélhu* ao lado de *bédju* adj. 'velho' etc.). Daí que haja pouco espaço para dúvidas relativamente ao carácter recente de palavras como *mulher*, *olhár*, *pilha*, *ilha*, etc. (cf. também Veiga 1982: 39). Aliás, ao lado de *ilha* temos as designações tradicionais *Djarfogu*, *Djarmáiu* para a *ilha do Fogo* e a *ilha de Maio*. Como já dissemos, ainda não encontramos documentação para a correspondência nasalizada */ʎ̃/ do fonema /ʎ/.

Para todos os fonemas tratados neste parágrafo 1.2.2.1.3 vale em menor ou maior medida o que disse Rosine Santos em 1979, no congresso de Mindelo: "... il faut prévoir des phonèmes périphériques apparaissant dans des mots d'introduction plus récente ou d'un niveau de langue plus 'savant'" (Santos 1979: 59, cf. também *ibidem* p. 68).

1.2.2.2 Traço Distintivos

Segundo o inventário dado em 1.2.2.1, o crioulo de Santiago distingue, no âmbito dos fonemas consonânticos, entre fonemas orais, nasais e nasalizados, entre quatro pontos de articulação (labial, dental, palatal e velar), entre três modos de articulação (oclusivo, fricativo e líquido), entre consoantes

surdas e sonoras (nas oclusivas e nas fricativas), e entre interrompidas e contínuas (nas líquidas).

1.2.2.3 Pares mínimos

Na medida em que nos for possível, ilustraremos agora a relevância fonológica dos traços que acabamos de enumerar alegando pares mínimos (para a definição e utilidade destes, cf. 1.1.5). Enumeraremos, no domínio das consoantes orais e nasais, todas as oposições diretas, indicando também aquelas para as quais não encontramos nenhum par mínimo. Quanto às consoantes nasalizadas, limitar-nos-emos a exemplificar, para cada uma delas, a oposição com a consoante oral e - se a houver - a consoante nasal correspondente, desta vez na medida do possível em posição inicial e intervocálica (a respeito das consoantes nasalizadas em posição intervocálica remetemos mais uma vez para o que se disse em 1.2.0 sobre as transições silábicas globalmente nasalizadas.)

labial/dental:

p/t *lápa* s. 'lapa, gruta' / *láta* s. 'lata'
b/d *roba* v. 'roubar' / *roda* v. 'rodar'
f/s *fálta* s. 'falta' / *sálta* v. 'saltar'
v/z cf. em vez de um par mínimo *próva* s. 'prova' / *róza* s. 'rosa'
m/n *mos* s. 'jovem, rapaz' / *nos* pron. pess. 'nós', *káma* s. 'cama' / *kána* s. 'cana-de-açúcar'

labial/palatal:

p/c *pon* s. 'pão' / *txon* s. 'chão'
b/ɟ *bába* s. 'baba' / *bádja* v. 'dançar, bailar'
f/ʃ *báfa* s. 'petiscos' / *báxa* v. 'baixar'
v/ʒ cf. em vez de um par mínimo *vóita* (var. de *vólta* s.) 'volta' / *jóia* s. 'jóia(s)'
m/ɲ *kema* v. 'queimar' / *kenha* pronome interrogativo 'quem?'

labial/velar:

p/k *pása* v. 'passar' / *kása* v. 'casar'
b/g *bánha* s. 'gordura, banha' / *gánha* v. 'ganhar'

dental/palatal:

t/c *mátu* s. 'mato' / *mátxu* adj. 'macho'

d/ʝ *bádu* (pa Práia) 'vai-se (à Praia)' / *bádju* s. 'dança, baile'
 s/ʃ *misa* s. 'missa' / *mixa* v. 'urinar'
 z/ʒ cf. em vez de um par mínimo *zangádu* adj. 'zangado' / *jánta* (var. de *djánta* v.) 'jantar'
 l/ʎ *ila* (*midju*) v. 'torrar (milho)' / *ilha* s. 'ilha'
 n/ɲ *nos* pron. pess. 'nós' / *nhos* pron. pess. 'os senhores, as senhoras'

dental/velar:

t/k *tása* s. 'taça' / *kása* s. 'casa'
 d/g *denti* s. 'dentes' / *genti* s. 'gente'

palatal/velar:

c/k *kátxu* (*banána*) s. 'cacho (de banana)' / *káku* (*kabé-sa*) s. 'cabeça'
 j/g *pádja* s. 'palha' / *pága* v. 'pagar'

surdo/vozeado:

p/b *lápa* s. 'lapa' / *lába* v. 'lavar'
 t/d *bóti* s. 'bote' / *bódi* s. 'bode'
 c/ʝ *fitxa* v. 'fechar' / *fidja* s. 'filha' (cr. l., em vez de *fidju fémia* no cr. f.)
 k/g *séku* adj. 'seco' / *ségu* adj. 'cego'
 f/v cf. em vez de um par mínimo *fólga* s. 'folga' / *vólta* s. 'volta'
 s/z cf. em vez de um par mínimo *sángi* s. 'sangue' / *zánga* v. 'zangar-se'
 ʃ/ʒ cf. em vez de um par mínimo *xeru* (var. de *txeru* s.) 'cheiro' / *jéru* s. 'genro'

oclusivo/fricativo:

p/f *pátu* s. 'pato' / *fátu* s. 'fato'
 t/s *káta* v. 'apanhar do chão, debicar, escolher' / *kása* s. 'casa'
 c/ʃ *txutxa* s. 'namorada' / *xuxa* v. 'sujar(-se)'
 b/v *bira* v. 'transformar-se em' / *vira* v. 'virar-se'
 d/z *báda* anterior do verbo *bá* 'ir' / *báza* v. 'cair, vazar, espancar'
 ʝ/ʒ cf. em vez de um par mínimo *djar* s. 'ilha' / *jardin* s. 'jardim'

interrupto/contínuo:

r/l mára v. 'amarrar' / mála s. 'arca'

oral/nasal:

b/m lába v. 'lavar' / láma s. 'lama'

d/n dáda passivo do anterior do verbo da 'dar' / náda v. 'nadar'

ɟ/ɲ bádju s. 'dança, baile' / bánhu s. 'banho'

oral/nasalizado:

p/ḡ pára v. 'deter(-se), parar' / npára v. 'apanhar, parar', e, em vez de um par mínimo, konpo v. 'preparar comida), arranjar-se para sair, etc.' / kópu s. 'copo'

t/ṯ ton quantificador 'tão' / nton adv. 'então', keta v. 'estar quieto' / kenta v. 'aquecer, esquentar', káta v. 'apanhar do chão, debicar etc.' / kánta v. 'cantar'

c/č em vez de um par mínimo txáda s. 'sítio plano, planície' / ntxádu (var. de intxádu adj.) 'inchado' e, em vez de um par mínimo, rátxa v. 'rasgar(-se)' / ramántxa v. 'acometer com palavras agressivas'

k/k̄ kánta v. 'cantar' / nkánta v. 'encantar' e koku s. '(noz de) coco' / konko v. 'bater, abanar, sacudir (-se)'

b/b̄ bála s. 'bala' / nbála v. 'embalar', kába v. 'acabar' / kánba v. 'entrar, desaparecer, etc.'

d/d̄ em vez de um par mínimo ndreta v. 'endireitar-se' / dretu adj./adv. 'diretamente' e róda s. 'roda' / rónnda s. 'ronda', mudu adj. 'mudo' / mundu s. 'mundo'

ɟ/ɟ̄ cf. em vez de pares mínimos djuga v. 'jogar' / ndju-djun adj. 'em jejum' e djé-djé s. nome de uma erva / djendje (var. de genge v.) 'inclinar(-se)'

g/ḡ gána s. 'gana' / ngána v. 'enganar' e, em vez de um par mínimo, bága-bága s. 'formiga branca' / bangalé s. 'enorme quantidade'

f/f̄ fia v. 'dar crédito, vender a crédito, fiar' / nfia v. 'enfiar' e, em vez de um par mínimo, kufóngu s. 'espécie de broa de milho' / kunfia v. 'confiar'

s/s̄ cf. em vez de um par mínimo sodádi s. 'saúde' / nsodádu adj. 'distráido' e pesa v. 'pesar' / pensa v. 'pensar'

ʃ/ʃ̄ xuta v. 'dar um pontapé, chutar' / nxuta v. 'secar, ficar enxuto' e, em vez de um par mínimo, koxa s. 'anca' / kónxa s. 'concha'

v/v̄ vira v. 'virar-se' / nvira v. 'ter-se raiva de alguém' e, em vez de um par mínimo, konvinienti adj. 'conveniente' / kovi (var. de kobi s.) 'couve'

- z/ž cf., em vez de pares mínimos, *zini* v. 'ressoar, ecoar' / *nzámi* (var. de *izámi* s.) 'exame' e *duzia* num. '12' / *ónzi* num. '11'
- ʒ/ʒ cf., em vez de pares mínimos, *jura* v. 'jurar' / *nju-ria* s. 'injúria' e *lojikamenti* adv. 'logicamente' / *lonji* adv. 'longe'
- r/ř *óra* s. 'hora' / *ónra* s. 'honra'
- l/ĩ cf., em vez de pares mínimos, *lion* s. 'leão' / *nlio-na* v. 'irritar-se' e *kololu* adj. 'estrábico, zanolho' / *konloiu* s. 'conluio'

nasal/nasalizado:

- m/ḿ *mála* s. 'arca' / *nbála* v. 'embalar', *káma* s. 'cama' / *kánba* v. 'entrar, desaparecer'
- n/ṅ cf., em vez de um par mínimo, *nodádu* adj. 'enodado' / *ndogádu* adj. 'farto, enjoado' e *Léna* s. nome de mulher / *lénda* s. 'lenda'
- ɲ/ɳ cf., em vez de um par mínimo, *nhára* pron. pess. f. da segunda pessoa do sg. para tratamento cortês / *ndjárga* 'ilharga' e *ránha* v. 'arranhar' / *ránja* v. 'arranjar'

1.2.2.4 Realizações

1.2.2.4.1 Ponto de articulação

As labiais realizam-se como bilabiais quando se trata de oclusivas e labiodentais (maior estreiteza entre a fila superior dos dentes e o lábio inferior) quando são fricativas. Entre as 'dentais', a realização das fricativas e da líquida interrompida costuma ser, de facto, alveolar na maioria dos contextos fónicos (maior estreiteza entre os alvéolos dentários superiores e o dorso anterior da língua). O ponto de articulação das fricativas 'palatais' encontra-se sensivelmente mais à frente que o das restantes palatais, isto é, entre os alvéolos dentários superiores e a parte dura do palato.

Uma representação do inventário dos fonemas consonânticos mais conforme a realização normal destes fonemas poderia, pois, ter o aspeto seguinte:

lab.	dent.	pal.	vel.
p	t	c	k
b	d	ʃ	g
f	s	ʒ	
v	z	ʒ	
	r		
	l	ʎ	
m	n	ɲ	

(mesma disposição para as nasalizadas)

1.2.2.4.2 /c/ e /ʃ/

Os dois fonema palatais /c/ e /ʃ/ e as suas correspondências nasalizadas não são oclusivas em sentido estrito, mas africadas. Quer dizer que o desfecho da oclusão se faz nelas de forma gradual, de modo que se percebe uma fricção (neste caso sibilante) entre o desfecho da oclusão e a vogal subsequente. Em termos de realização fonética, estes fonemas são, pois, mais complexos que as restantes oclusivas. Apesar disto, usamos para a sua transcrição fonética os símbolos simples [c] e [j] e não [tʃ] e [dʒ], também por ser o seu ponto de articulação efetivamente palatal, ao passo que o dos fonemas meramente fricativos /ʃ/ e /ʒ/ se aproxima mais dos alvéolos.

A realização normal da africada /c/, por exemplo em *mátxu* adj. 'masculino', não se distingue apenas da do fonema correspondente do castelhano, na palavra etimologicamente idêntica esp. *macho*. Em ambas as línguas, a parte fricativa não é acompanhada de um arredondamento dos lábios. A realização do fonema /ʃ/ do crioulo de Santiago varia muito mais que a do seu parceiro surdo /c/. Ocorrem até realizações cem por cento fricativas do /ʃ/ sem vibração das mucosas (e, portanto, sem sibilo).

1.2.2.4.3 /s/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/

Para realizar qualquer um destes quatro fonemas, cria-se, no sentido longitudinal da língua, um sulco por onde passa o ar, pondo a vibrar as mucosas da língua. Desta forma, nasce um som sibilante. /c/ e /ʃ/ ficam sempre bem distintos. Das duas variantes *txábi* e *xábi* do substantivo crioulo que significa 'chave', a primeira pertence claramente ao 'kriolu fundu' e a segunda a variedades mais acroletais do crioulo ('kriolu lébi'). Não parece que o mesmo valha para /ʒ/ e /ʒ/. Veja-se, por exemplo, a coocorrência de *djuga* e *juga* em *E'djuga, e'juga, e'juga, e'juga, e'juga, dípos, pai gránda bá ta purgunta si e gánha* (103/28-29) 'Jogava, jogava, jogava, jogava, jogava, e Pai Grande perguntava sempre se ganhava'.

1.2.2.4.4 /r/

O fonema líquido interrupto /r/ do crioulo de Santiago é uma vibrante ápico-alveolar. Em termos fonológicos, a vibração da ponta da língua contra os alvéolos superiores é o único traço que o distingue do fonema líquido contínuo /l/. O número de toques da ponta da língua contra os alvéolos não é fonologicamente distintivo. Ocorrem realizações com um, dois, três e, especialmente em pronúncias enfáticas, até mais toques.

Excetuando o caso da ênfase, a distribuição das realizações é aproximadamente a seguinte. No início das palavras fónicas ouvem-se vários toques ([r]). Por exemplo, em *riba-l mésa* 'acima da mesa'. No fim da palavra fónica ouve-se apenas um toque ([r]). Assim, por exemplo, em *O nha mudjer!* 'Oh minha mulher!'. No interior da palavra costuma haver apenas um toque em posição intervocálica em determinados falantes e vários em outros. Em registos crioulos muito próximos do português, a pronúncia pode ajustar-se ao português, pronunciando-se *káru* 'caro' com [r] (um toque) e *káru* 'carro' com [r] (vários toques). Nos casos relativamente frequentes em que o fonema segue outra consoante ouvem-se, ao contrário do que ocorre em português, geralmente vários toques (por ex. em *bráku* ['braku]

'buraco'); na coda silábica, antes de outra consoante (por ex. em *bárku* ['barku] 'barco') costuma haver só um toque. Nas transcrições fonéticas desta gramática usamos [r] para todas estas variantes.

1.2.2.4.5 Nasalidade

A nível fonético, os fonemas consonânticos nasalizados constam de uma sequência de um elemento nasal seguido de uma consoante oral. Na maioria dos casos, o primeiro elemento é uma consoante nasal que antecipa o ponto de articulação da segunda.

É o caso de todos os fonemas consonânticos nasalizados que ocorrem em posição inicial absoluta ou no interior de uma palavra fónica após uma palavra que termina em consoante. Repe- timos aqui alguns dos exemplos já dados em 1.2.2.1, omitindo a indicação dos seus significados: *npára* ['mpare] v., *nton* ['ntõ(ŋ)] adv., *nkontra* ['ŋkontre] v., *nburdia* ['mburdje] v., *ndoxa* ['ndoʃe] v., *ndjudjun* ['ŋjujũ(ŋ)] adj., *nguli* ['ŋguli] v., *nforka* ['morkɛ] v., *nsoda* ['nsode] v., *nxina* ['ŋsine] v., *nvira* ['ŋvire] v., *nzámi* ['nzami] s., *Njenhu* ['ŋjeɲu] s., *nliona* ['nljone] v. etc. e, de forma análoga, *Es nkontra-l* [ez'ŋkontrel], etc.

No interior de uma palavra, só podem ocorrer fonemas con- sonânticos nasalizados após fonemas vocálicos. Está-se então em presença de uma transição silábica globalmente nasalizada (/ -V|Č -/). A realização da nasalidade de uma transição silábi- ca globalmente nasalizada varia em função do modo de articula- ção do fonema consonântico segundo regras que especificámos em 1.2.0.

Numa transição silábica com consoante oclusiva ou lateral, esta nasalidade manifesta-se no plano fonético através da apa- rição de uma consoante nasal. Cf. *kánpia* ['kampje] v. 'vadiar', *kánta* ['kante] v. 'cantar', *sántxu* ['saɲcu] s. 'macaco (gran- de)', *kánba* ['kambe] v. 'entrar, desaparecer', *rónða* ['rõnde] s. 'ronda', *djondjo* ['joɲju] v. 'enlaçar, ligar', *konko*

['koŋku] v. 'bater, abanar', *disdongu* [diz'doŋgu] v. 'fingir-se de surdo, não responder', *konloia* [kon'lojɐ] v. 'conluir', etc.

Numa transição silábica com uma consoante que não é nem oclusiva nem lateral, esta nasalidade manifesta-se no plano fonético na nasalidade da vogal precedente. Cf. *kunfia* ['kũfjɐ] v. 'confiar', *konvérsa* [kõ'versɐ] s. 'conversa', *pensa* ['pɛsɐ] v. 'pensar', *ónzi* ['õzi] num. '11', *konxe* ['kõʃi] v. 'conhecer', *lonji* ['lõʒi] adv. 'longe', *ónra* ['õrɐ] s. 'honra', etc.

Quanto acabamos de dizer a respeito das transições silábicas no interior das palavras vale também para os casos em que uma palavra começada por consoante nasalizada segue, dentro da mesma palavra fónica, outra que termina por vogal. Cf. por um lado *Nu nkontra-l* [nuŋkon'trɛl], e por outro lado *E fase nzámi* [e'fɛsĩ'zami], etc.

A questão da realização da nasalidade dos fonemas consonânticos nasalizados em posição final não se coloca, pois eles não ocorrem nesta posição.

1.2.2.5 Neutralizações

Para o conceito de 'neutralização' remetemos o leitor para o parágrafo 1.2.1.6.

É no início da palavra fónica onde se verifica, no crioulo de Santiago, o máximo de oposições consonânticas. Nesta posição opõem-se entre elas todas as consoantes deste crioulo (exceto, tal vez, os fonemas /*ɲ*/, /*ʎ*/ e /*ɾ*/ o primeiro ainda não documentado de todo e os restantes ainda não documentados nesta posição). Quando segue(m) outra(s) consoante(s), fica neutralizada a oposição entre [s] e [z], nas variedades que a conhecem (cf. 1.2.2.1.3). O representante do arquifonema soa [s] diante de consoante surda e [z] antes de consoante vozeada (cf. *spánta* ['spante] v. 'assustar(-se)' vs. *sbánja* ['zbãʒɐ] v. 'esbanjar', etc.). Observa-se a mesma neutralização em posição final de sílaba. O representante do arquifonema soa [s] antes de uma pausa ou antes de uma consoante surda, e [z] nos res-

tantes casos. Cf. por um lado, *Dja N tene pás!* [...'pas], *E tenba dos katxor* [...'doska'cor] e, por outro lado, *désdi ónti* ['dez'djonti], *Es ben noti* [ez'bê'noti] e até *E fra-l tudu dos odju* [...'tudu'do'zoju] (cf. Veiga 1982: 54).

No interior das palavras fónicas não há oposições entre consoantes orais e consoantes nasalizadas, mas apenas, como explicámos em 1.2.0 e 1.2.2.4.5, entre transições silábicas globalmente orais (-V/C-), transições silábicas globalmente nasalizadas (-Ṽ/C̃-) e transições silábicas do tipo 'vogal oral + consoante nasal' (-V/N-).

1.2.2.6 Combinatória

1.2.2.6.1 Generalidades

O elevado número de fonemas consonânticos de que dispõe o crioulo de Santiago condiz com o número relativamente baixo de grupos consonânticos que nele ocorrem. Neste crioulo, não há consoantes dobradas, são pouco frequentes as sequências de duas ou três consoantes e não há sequências de quatro ou mais consoantes. Predominam as sílabas livres (cf. para este conceito 1.1.4) e sequências silábicas do tipo CVCV... .

Em posição final de sílaba só ocorrem as consoantes [r], [l] e [s]. Pode haver exceções a esta regra em estrangeirismos de introdução recente (cf. por exemplo *dróps* s. 'rebuçado' < ingl. *drops*). Para [-õŋ] em *raskon* adj. 'chique', *E fla-m* 'Disse-me', etc., cf. 1.2.0 e 1.2.1.5.5.

Nas sequências consonânticas, a parte explosiva só pode constar de (sequências de) consoantes orais ou nasais, que também podem iniciar uma palavra, mas nunca de uma consoante nasalizada. Consequentemente, encontramos na parte explosiva de uma sequência consonântica sobretudo consoantes simples (excepto /ʎ/ e as nasalizadas). Sequências consonânticas que podem constituir a parte explosiva de uma sequência consonântica constam sempre de uma oclusiva oral seguida de /r/ ou /l/, isto é, de uma daquelas sequências que os gramáticos latinos chamaram de 'muta cum liquida'. No início de uma pala-

vra, a única consoante que pode ocorrer antes de 'muta cum liquida' é /s/.

Concretamente, encontramos as seguintes (sequências de) consoantes no fim, no início e no interior de palavras:

1.2.2.6.2 Final da palavra

Na posição final de uma palavra (ou de uma sílaba) não ocorrem sequências consonânticas. Os fonemas consonânticos simples que podem aparecer nesta posição são /r/, /l/ e /s/:

/-r/ ex.: *már* s. 'mar', *lugár* s. 'lugar', *bapor* s. 'vapor, navio', etc.

/-l/ ex.: *ál* part. verbal, *kál* pron. interr., *kel* pron. dem., *el* pron. pess., *mel* s. 'mel', *lansol* s. 'lençol', etc.

/-s/ ex.: *es* pron. pess e dem., *nos* pron. pess. e poss., *dos* num., *mes* s. 'mês', *kuskus* s. 'cuscuz', etc., e todos os plurais em /-s/ (cf. 6.2.2).

1.2.2.6.3 Início da palavra

Nesta posição ocorrem consoantes simples e sequências de duas ou três consoantes:

Uma consoante: Documentam-se todas as consoantes excepto /ʌ/ e /ã/ (exemplos em 1.2.2)

Dois consoantes: Encontrámos exemplos para os seguintes grupos:

/Cr-/ C sendo uma consoante oclusiva oral ou nasalizada não africada, um /f/ ou um /f̃/. Exemplos: *prende* v. 'aprender', *tra* v. 'tirar', *kre* v. 'querer', *brásu* s. 'braço', *dretu* adj./adv. 'bom, diretamente', *gránde* adj. 'grande', *frega* (var. de *ferga* v.) 'esfregar', *nprista* v. 'emprestar, tomar emprestado', *ntrega* v. 'entregar', *nkrusa* v. 'cruzar', *nbrabise* v. 'tornar-se agressivo', *ndreta* v. 'endireitar-se', *ngrósa* v. 'crescer', *nfrakise* v. 'enfraquecer', etc.

/Cl-/ C sendo uma consoante oclusiva oral labial ou velar, um /f/ ou um /f̃/. Exemplos: *plánta* s. 'planta', *kláru* adj. 'claro, nítido', *blóku* s. 'bloco de betão', (*glin-glin-glin* onom.), *fla* v. 'dizer', *nflema* v. 'inflamar-se', etc.

/sC-/ C sendo uma consoante oclusiva oral não africada, um /f/ ou um /m/. Exemplos: *spértu* adj. 'esperto', *stángu* s. 'estômago', *skese* v. 'esquecer', *sfaimádu* adj. 'esfomeado', *sbánja* v. 'esbanjar', (falta-nos um exemplo para *sd-*), *sgota* v. 'esgotar(-se)', *smáia* v. 'desmaiar', etc. Nos últimos exemplos, a pronúncia é [zb-], [zd-], [zg-] e [zm-] (cf. 1.2.2.5).

Três consoantes: Encontrámos exemplos para os seguintes grupos:

/sCr-/ C sendo uma consoante oclusiva surda oral não africada ou um /f/. Exemplos: *spremi* v. 'espremer (-se)', *stréla* s. 'estrela', *skrebe* v. 'escrever', *sfrega* (var. de *ferga* v.) 'esfregar', etc.

/spl-/ Exemplos: *splika* v. 'explicar', *splóra* v. 'abusar, explorar', etc.

1.2.2.6.4 Interior da palavra

Uma consoante: em posição intervocálica encontrámos documentadas todas as consoantes exceto /*ǰ*/.

Duas consoantes: Encontrámos exemplos para os seguintes grupos: Todas as sequências de duas consoantes que podem aparecer no início de uma palavra (cf. 1.2.2.6.3). Além disso:

/-rC-/ C sendo uma consoante qualquer que não seja nem nasalizada, nem uma das palatais africadas /c/, /*ɟ*/, laterais /*ʎ*/, /*ʎ̃*/ ou nasais /*ŋ*/.

Exemplos: *korpu* s. 'corpo', *kortamentu di bariga* s. 'dores de barriga acompanhadas de diarreia', *porku* s. 'porco', *bárba* s. 'barba', *berdi* adj. 'verde', *purgunta* s. 'pergunta', *purfiâ* v. 'teimar, insistir', *parse* v. 'aparecer', *márxa* s. 'marcha', *kurva* (var. de *kurba* s.) 'curva, dobra do joelho', *katorzi* num. '14', *San Jorji* topónimo, *Bárlaventu* topónimo, *fórma* s. 'modo, maneira', *inférnu* s. 'inferno', etc.

/-lC-/ C sendo uma consoante qualquer que não seja nem nasalizada, nem uma das seguintes: /*ɟ*/, /z/, /*ʒ*/, /r/, /*ʎ*/, /*ŋ*/, ou /*ŋ*/.

Exemplos: *kulpádu* adj. 'culpado', *volta* v. 'voltar', *koltxon* s. 'colchão', *kálku* s. 'plano, cálculo', *albês* adv. 'às vezes, talvez', *sol-dádu* s. 'soldado', *algen* pron. indef., *alfási* s. 'alface', *bólsa* s. 'saco, bolsa', *kólxa* (var. de *kóltxa* s.) 'colchão', *sálva* (var. de *sálba* v.) cerimónia que faz parte da *tabánka*, *almusu* s. 'almoço', etc.

/-vr-/ Exemplo: *livru* (var. de *libru* s.) 'livro', etc.

Três consoantes: Em princípio todas as sequências de três

consoantes que podem ocorrer no início das palavras (cf. 1.2.2.6.3). Exemplo: *mostra* v. 'mostrar'. Além disso, em princípio, todas as sequências de duas consoantes que podem ocorrer no início das palavras (cf. 1.2.2.6.3) - salvo as que comecem por uma nasalizada precedidas de um /r/ ou /l/ a fechar sílaba.

1.2.2.7 Mudanças na área das consoantes

Impõem-se chamar a atenção para duas mudanças linguísticas atualmente em curso na área do consonantismo do crioulo santiaguense que estão a modificar ligeiramente a combinatória das vogais e consoantes descrita nas secções 1.2.1.8 e 1.2.2.6 deste capítulo. Temos de deixar para trabalhos futuros a delimitação geográfica e social das variedades que (já) levaram a cabo a respetiva mudança, e as questões de saber se estas variedades são as mesmas nos dois casos, saber quais são exatamente os contextos fónicos em que as mudanças ocorrem e se estas continuam atualmente a estender-se a novos contextos e novas variedades.

1.2.2.7.1 Queda do /b/ intervocálico

Em determinadas variedades do santiaguense, o /b/ cai quando se encontra entre determinadas vogais. Até agora, encontramos exemplos desta queda para as sequências /ibu/ > /iu/, /ebɛ/ > /eɛ/ , /abe/ > /e/, /ɛba/ > /a/, /ebu/ > /eu/, /abe/ > /a(ɛ)/, /abu/ > /au/, /uba/ > /a/. Como se vê, nalguns casos cai também uma das vogais que, devido a esta queda, entram em contato.

A queda do /b/ afeta o léxico, a morfologia e a fonética sintática: no léxico produz variantes do tipo *kábu* ~ *káu* s. 'lugar', na morfologia variantes do tipo *kantába* ~ *kantá'a* ~ *kantá'* ('anterior' - cf. para esta categoria verbal 4.3.5 - do verbo *kánta* 'cantar'). Desde a publicação da gramática de António de Paula Brito em 1887 a esta parte, esta mudança levou à redução da sequência de desinências *-duba* (*-du* indicando 'passividade' e *-ba* 'anterioridade') em *fazeduba*, *kantáduba*, etc. a *-da* (*fazedada*, *kantáda*, etc., cf. Quint 2000: 235 e aqui

4.2.1.3). Mas surpreendem sobretudo os efeitos que a mudança em questão produz ao nível sintático. De facto, ouve-se

ao lado de:	também:
E faze-bu fésta.	E faze-u fésta.
E ta po-bu trabádja.	E ta po-u trabádja.
N kre pa bu faze-m es kusa.	N kre pa'u faze-m es kusa.
Si bu kre.	Si'u kre.
E ta ben móre.	E t'en móre.
E ta bá ta móre.	E t'á ta móre.
etc.	etc.

A queda do /b/ intervocálico leva a um considerável aumento do número de ditongos e hiatos admitidos no crioulo de Santiago. Estes novos hiatos e ditongos não foram tidos em conta em 1.2.1.8.

1.2.2.7.2 Vocalização do /l/ pré-consonântico

Em determinadas variedades do crioulo de Santiago o /l/ transformou-se em [ɨ] implosivo, quando seguido de determinadas consoantes. Entre as consoantes diante das quais tal aconteceu registámos /p/, /t/, /k/ e /s/, mas é possível que haja outras. De facto, parece que a vocalização ocorreu sobretudo ou até apenas depois de vogais centrais ou posteriores como [ɐ], [a], [ɔ], [o] e [u], que formam um claro contraste com o [ɨ] anterior resultante da vocalização do /l/. Encontrámos, por exemplo, *páipa*, *fáita*, *káika*, *káisa* em vez de *pálpa* v. '(a)palpar', *fálta* v. 'faltar', *kálka* v. 'pressionar', *kálsa* s. 'calças', e também *kaisádu* em vez de *kalsádu* adj. 'calçado', *bóisa*, *vóita* em vez de *bólsa* s. 'saco, bolsa', *vólta* s. 'regresso, volta', *kuipa*, *insuita* em vez de *kulpa* s. 'culpa', *insulta* v. 'insultar', etc.

A mudança em questão aumenta, nas variedades que adotam a inovação, a frequência dos ditongos decrescentes [ɐɨ], [aɨ], [ɔɨ], [oɨ] e [uɨ] (cf. 1.2.1.8.2) e reduz a frequência de síla-

bas travadas (cf. 1.1.4).

1.2.2.8 A fala de Nhu Lobu

É interessante constatar que a vocalização do /l/ em posição pré-consonântica faz parte das particularidades fónicas que caracterizam, na coletânea de contos *Na bóka noti I*, editada por Tomé Varela da Silva, o modo de falar de Nhu Lobu, protagonista, junto com Xibinhu. Observámos esta característica linguística na fala de Nhu Lobu em 19 dos 23 contos (números 64 a 85, inclusive o conto 80a) que formam a última parte da colectânea, intitulada *Lobu ku Xibinhu*. 16 destes 19 contos são achegas do próprio editor.

A caracterização linguística da fala desta personagem gulosa e brutal, mas felizmente também muito estúpida, vai, porém, mais longe. Nhu Lobu tem vários problemas de pronúncia. Por um lado, palataliza todos os [s] e [z] tornando-os [ʃ] e [ʒ]. Diz *xabe*, *máx*, *méxa*, *xta*, *mexte*, *kuáji*, etc., em vez de *sabe* v. 'saber', *más* quantificador, *mésa* s. 'mesa', *sta* v. 'estar', *meste* v. 'precisar, ter de (fazer uma coisa)', *kuázi* adv. 'quase', etc. Por outro lado, substitui sistematicamente [r] e [l] por [j]. Diz *iagaiádu*, *nhu iei*, *iótxa*, *ianhóna*, *ia*, *i*, *kaieion*, *buiu*, *máia*, *baíga*, *xéia*, *pion*, *kei*, *goidu*, *foixa*, *méida*, etc., em vez de *ragaládu* adj. 'arregalado', *nhu rei* 'o senhor rei', *rótxa* s. 'rocha', *lanhóna* (aumentativo de *lánhu* s. 'naco, pedaço'), *la* adv., *li* adv., *kaleron* s. 'caldeirão', *buru* s. 'burro', *mára* v. 'amarrar', *bariga* s. 'barriga', *séla* s. 'sela', *pílon* s. 'pilão', *kel* pron. dem., *gordu* adj. 'gordo', *forsa* s. 'força', *mérda* s. 'merda', etc. E nas sequências do tipo 'muta cum líquida', simplesmente omite [r] e [l], dizendo *pópi*, *ke*, *gándi*, *pimeiu*, *fa*, etc., em vez de *próp(r)i* adj./adv. 'próprio, realmente', *kre* v. 'querer', *grándi* adj. 'grande', *primeru* num. 'primeiro', *fla* v. 'dizer', etc. Às vezes ocorrem ainda outras palatalizações de tipo assimilatório (cf., por exemplo *tximodi*, *txántxu*, *txankinhu*, etc., em vez de *tirmódi* adv. 'de qualquer modo', *sántxu* s. 'macaco (grande)', *santxinhu* s. diminutivo de *sántxu*, etc.).

1.3 Fenómenos fónicos suprasegmentais

1.3.1 Estrutura fónica da sílaba

Em 1.2.2.6 já observámos que no crioulo de Santiago predominam as sílabas livres (cf. para este conceito 1.1.4) e sequências silábicas do tipo CV/CV/CV/..., C representando um fonema consonântico e V um fonema vocálico. No entanto, são numerosas as sílabas que não seguem este padrão. Falamos daquelas que começam por dois ou até três fonemas consonânticos (ex. fla v. 'dizer', tra v. 'tirar', skrebe v. 'escrever', etc., cf. 1.2.2.6.3), as que terminam em fonema consonântico (ex. ál part., es pron. pess., kál pron. interr., lansól s. 'lençol', ár s. 'ar', lugár s. 'lugar', kuskus s. 'cuscuz', etc., cf. 1.2.2.6.2) e as que reúnem ambas as condições (trás prep. 'atrás', *E* fla-l 'Disse-lhe', *E* flá-s 'Disse-lhes', etc.).

1.3.2 Estrutura fónica da palavra

1.3.2.1 Estrutura mais usual

No crioulo de Santiago há não só um padrão silábico que predomina, mas também determinadas preferências relativamente à estrutura fónica das palavras. De facto, o domínio de sílabas do tipo CV faz com que a maioria das palavras deste crioulo comecem por consoante e terminem por vogal.

Palavras e partículas gramaticais átonas costumam ser monossilábicas. Pelo contrário, costumam ser dissilábicas e acentuadas na primeira sílaba as palavras primitivas de conteúdo lexical. A vogal final destas palavras é então sempre uma das fechadas [-i] ou [-u] ou a semiaberta [-e], nunca uma vogal aberta. Cada um destes três sons representa um dos três arquifonemas vocálicos resultantes da neutralização de todos os graus de abertura em posição final absoluta (cf. o final de 1.2.1.6.1). Exemplos: *kálsi* s. 'cálice' e *skrebe* v. 'escrever' com [-i], *mátxu* s./adj. 'macho' e *konko* v. 'bater, sacudir' com [-u], *fésta* s. 'festa' com [-e].

Quando nestas palavras dissilábicas e graves a vogal da

sílaba tónica não é uma das duas fechadas /i/ ou /u/, costuma ser uma semiaberta nos verbos (por ex., **sega** /e/ v. 'cegar', **sabe** /e/ v. 'saber', **koba** /o/ v. 'cavar'), e uma aberta nos substantivos e adjetivos (por ex., **ségu** /ɛ/ adj. 'cego', **sábi** /a/ adj. 'agradável', **kóba** s. /ɔ/ 'buraco no chão', cf. 1.2.1.4).

Apesar da frequência das palavras dissilábicas e graves no léxico do santiaguense, convém sublinhar que, nesta língua, as palavras léxicas não têm nem número fixo de sílabas, nem lugar fixo para o acento fónico. De facto, ocorrem palavras com três e mais sílabas (por ex. *frakéza* s. 'fraqueza', *posibilidádi* s. 'possibilidade', etc.) e ocorrem também palavras 'agudas' (com o acento fónico na última sílaba) e 'esdrúxulas' (com o acento na antepenúltima sílaba) (por ex., *barapó* s. 'varapau' e *prá-tiku* adj. 'prático').

1.3.2.2 Tonicidade

1.3.2.2.1 Natureza do acento fónico

Como já se disse em 1.1.3, no crioulo de Santiago é sobretudo a intensidade que distingue as sílabas tónicas das átonas.

Quando a sílaba tónica não é a última sílaba da palavra, costuma ser ainda sensivelmente mais longa que todas as sílabas átonas da palavra. E se, para além disso, se tratar de uma sílaba livre, isto é, uma sílaba terminada em vogal, então o prolongamento da sílaba resulta diretamente de um correspondente prolongamento da vogal (cf. 1.2.1.5.4).

1.3.2.2.2 Palavras tónicas e átonas

É relativamente fácil dividir as palavras do santiaguense em tónicas (que contêm uma sílaba tónica) e átonas (sem sílaba tónica). Isto, apesar de muitas palavras átonas poderem, em determinadas circunstâncias, tornar-se momentaneamente tónicas e vice-versa. Pode dar-se o primeiro caso, por exemplo, quando o falante quer corrigir um equívoco. Exemplo: *Bu fla ma dja bu faze-l?* - *Náu, N fla ma N ta faze-l!* 'Você disse que já o fez?

- Não, disse que o vou fazer!'. O segundo caso dá-se frequentemente em função do contexto sintático ou ao falar depressa. Cf. por exemplo *Éra nha pai* 'Era o meu pai', mas *Ténpu éra di grándi nisisidádi* 'Corriam tempos muito difíceis', e não **Ténpu éra di grándi nisisidádi*. Note-se que o grau de abertura das vogais afetadas não muda, nestes casos, o [e] da partícula *ta* ficando semiaberto e o [ɛ] da forma verbal *éra*, em contradição com as regras de neutralização descritas em 1.2.1.6.1, ficando aberto.

Sem visar a exaustividade, agrupamos aqui as palavras do crioulo de Santiago em tónicas e átonas. Regra geral, são átonas a grande maioria das palavras monosilábicas de significado gramatical. É o caso das partículas verbais *sa* e *ta*, da maioria das preposições monosilábicas (cf. *na, di, ti, pa, ku*), da conjunção de coordenação *y*, da partícula de negação *ka* e dos 'subordinadores' (ingl. 'complementizers') *ki, ma* e *si*. Para o artigo indefinido *un(s)*, átono, existe uma variante enfática *uma(s)*, sempre tónica e de valor aumentativo (cf. 8.1.1.3). Os pronomes pessoais e possessivos dispõem de formas tónicas e átonas que, regra geral, diferem também entre si ao nível da sua estrutura morfológica. Encontramos, assim, ao lado dos pronomes pessoais tónicos sg. 1 *mi*, 2 *bo*, 2 cortês m. *nho*, 2 cortês f. *nha*, 3 *el*, pl. 1 *nos*, 2 *nhos*, 3 *es* (ou sg. 1 *ami*, 2 *abo*, etc.), as formas átonas sg. 1 *N* (forma proclítica) e *-m* (forma enclítica), 2 *bu* e *-(b)u*, 2 cortês m. *nhu*, 2 cortês f. *nha*, 3 *e(l)* e *-l*, pl. 1 *nu* e *-nu*, 2 *nhos* e 3 *es* e *-s* (cf. 10.1.3). Para os pronomes pessoais *nhu, nha* e *nhos* não há variante para uso enclítico. Ao lado dos adjetivos possessivos átonos sg. 1 *nha*, 2 *bu*, 3 *si*, pl. 1 *nos*, 2 *nhos*, 3 *ses* há os substantivos possessivos tónicos sg. 1 *di meu*, 2 *di bo*, 2 cortês m. *di nho*, 2 cortês f. *di nha*, 3 *di sel*, pl. 1 *di nos*, 2 *di nhos*, 3. *di ses* (cf. 10.2.3).

Além das palavras tónicas já mencionadas, pertencem a esta classe, em primeiro lugar, todas as que têm significado lexical (substantivos, adjetivos, verbos e os autênticos advérbios) - exceto a forma *e* do verbo copulativo. Entre as preposições, são tónicas duas monossilábicas (*sen* e *trás*) e todas as polissilábicas (*désdi, kóntra, ántis, duránti, dipôs, diánti, báxu, riba, sobri, dentu, fóra, entri*), assim como todas

as locuções preposicionais polissilábicas, que, aliás, costumam conter um elemento de significado originariamente lexical (cf. 14.3). Também são tónicas todas as conjunções polissilábicas (cf., por exemplo, *enbóra*, *inkuántu*, *kelóki*, *óki*, *pamodi*, *sima*), todos os pronomes interrogativos e os advérbios *más* 'mais', *so* 'só' e *nen* 'nem'.

Há palavras monossilábicas que se apresentam como átonas ou tónicas consoante a função sintática que o falante lhes atribua. É o que já pudemos observar a respeito dos pronomes pessoais *el*, *nhos*, *es*. Os demonstrativos *es*, *kel* (plural *kes*) são átonos quando empregados em função adjetiva ou quando seguidos de *li* 'aqui' ou *la* 'lá'. Pelo contrário, realizam-se como tónicos sempre que exerçam a função substantiva sem irem acompanhados de *li* ou *la*: *Fládu m'e ka kel*. *M'e kel la ki nhu sta riba d'el* (412/27) 'Disseram que não é este [o pilão que faz falta]. Que é esse no qual o senhor está sentado'; *Nhu rei dja fikába-el kel un fidju fémia, kel más nóbu di kes séti* (270/27) 'Ao rei, já [só] lhe ficava uma filha, a mais nova das sete'; *El máina kabalgadura, el prusima, el pircgunta un di kes*: ... (313/24) 'Fez abrandar o cavalo e perguntou a um deles: ...'. *La* é átono quando funciona como preposição (cf. *Mudjer stába la kusinha* 'A mulher estava na cozinha'), mas é tónico (tal como o seu correspondente *li*) quando determina a distância de um objeto (cf. *Nu ta kunpra kel [kása] la* 'Compraremos aquela casa').

1.3.2.2.3 Lugar da sílaba tónica dentro da palavra

Não obstante a sílaba tónica ser frequentemente a penúltima, na maioria das palavras tónicas polissilábicas do santiaquense (são as palavras a que se chamam 'graves'), o lugar da sílaba tónica não é previsível. Há também palavras polissilábicas cuja sílaba tónica é a última (chamam-se 'palavras agudas') ou a antepenúltima (são as 'palavras esdrúxulas'). Nos verbos, a tonicidade desloca-se, quando segue uma desinência ou um pronome enclítico, da penúltima para a última sílaba da base lexical: diz-se *E kume* 'Comeu', mas *E kumeba* 'Tinha comido' e *E kume-l* 'Comeu-o' (cf. 4.2.1.5 e 10.1.4.4). No entanto, devido à grande preponderância de palavras graves, é

quase impossível alegar pares mínimos assentes exclusivamente na posição do acento fónico. Mesmo nos pares do tipo **šinta/šintá'**, **xuxa/xuxá'** (**šintá'**, **xuxá'**, etc. são variantes das formas do anterior **šintába**, **xuxába**, cf. 1.2.2.7.1 e 4.2.1.6) cada elemento do par distingue-se do outro não só pelo lugar do acento fónico, mas também pelo grau de abertura da vogal final ([-e]/[-a]).

As palavras polissilábicas agudas costumam terminar em [-r], [-l] ou [-s], em vogal nasalizada (cf. por ex. **kuskus** s. 'cuscuz', **lugár** s. 'lugar', **margós** adj. 'amargo', **poial** s. 'muro que rodeia o espaço à frente da entrada das casas tradicionais', **ruspetador** adj. 'respeitador' e **manhan** adv. 'amanhã', **pilon** s. 'pilão', **xeren** s. 'sêmola de milho'), ou, mais raramente, em vogal oral (cf. por ex. **banbá** adv. 'talvez', **barapó** s. 'varapau', **kafé** s. 'café, cafeteria'). As palavras esdrúxulas costumam ser palavras de introdução recente na língua (por ex. **prátiku** adj. 'prático'). As três últimas sílabas da palavra são as únicas que podem receber acento fónico em santiaguense.

Nas palavras constituídas por dois lexemas (i.e. palavras compostas), ambas as partes conservam o seu acento fónico (cf. por ex. **fáxi-fáxi** adv. 'rapidamente', **fian-fian** v. 'labutar', **kebra-ndjudjun** s. 'pequeno almoço', **Káuberdi** s. 'Cabo Verde'). Nas palavras em que mais de uma sílaba precede a sílaba tónica, percebe-se nitidamente uma diferença entre a sílaba inicial, que leva um acento fónico secundário, e as sílabas realmente átonas na vizinhança imediata da sílaba tónica (cf. por ex. **brinkadjon** s./adj. 'brincalhão', **làbrador** s. 'lavrador', **nòbidádi** s. 'novidade, notícia', **pàpelinhu** s. 'papelinho', **ràpariga** s. 'rapariga, amante'). A ortografia oficial do crioulo caboverdiano não marca este acento secundário.

Para a marcação gráfica das sílabas tónicas, remetemos o leitor para 2.2.2.

1.3.3 Grupo tónico

Em 1.1.3 definimos o grupo tónico como sequência fónica constituída por uma sílaba acentuada e todas as sílabas não acentuadas ou 'átonas' que eventualmente se apoiam nela, seja

precedendo-a seja seguindo-a. E acabamos de ver que não faltam palavras átonas no crioulo de Santiago. Juntando estas duas afirmações, resulta que o grupo fónico pode compreender mais de uma palavra neste crioulo.

1.3.3.1 Próclise e ênclise

Palavras átonas que se apoiam numa palavra tónica subsequente estão em posição proclítica. No crioulo de Santiago, encontram-se regularmente em próclise precedendo um substantivo (eventualmente um adjetivo mais um substantivo) as preposições monossilábicas e átonas *na*, *di*, *ti*, *pa* e *ku*, os adjetivos demonstrativos e possessivos, assim como o artigo indefinido *un* (em caso de acumulação nesta ordem, cf. por ex. *ku es si amigu* 'com este seu amigo', *ku kel un amigu* 'com esse amigo', literalmente 'com esse um amigo'). Aparecem em próclise diante do verbo as seguintes formas átonas dos pronomes pessoais: sg. 1 *N*, 2 fam. *bu*, cortês m. *nhu*, cortês f. *nha*, 3 *el* ou *e*, pl. 1 *nu*, 2 *nhos* e 3 *es*. Surgem igualmente em próclise a partícula de negação *ka* e as partículas verbais *sa*, *ta* (em caso de acumulação nesta ordem, cf. por ex. *E ka sa ta trabádja* 'Não está a trabalhar'). Os subordinadores *ki*, *ma* e *si* precedem (a parte proclítica d) o primeiro grupo tónico das subordinadas que introduzem.

Palavras átonas que se apoiam numa palavra tónica precedente encontram-se em posição enclítica. No crioulo de Santiago, não costuma haver palavras em posição enclítica depois de substantivos ou adjetivos. Contudo, depois de um verbo desprovido de desinência, escolhe-se para a designação pronominal do seu objeto a forma enclítica do pronome pessoal, se a houver, passando o acento tónico do verbo para a sua última sílaba (cf. de novo *E kume* 'Ele comeu', mas *E come-l* 'Comeu-o'). As formas disponíveis são sg. 1 *-m*, 2 *-(b)u*, 3 *-l*, pl. 1 *-nu*, 3 *-s*. Para o tratamento cortês de segunda pessoa do singular e para a segunda pessoa do plural (onde não se distingue entre tratamento cortês e familiar) não há formas enclíticas, sendo necessário recorrer às formas tónicas *-nho*, *-nha* e *-nhos*, que formam então um grupo tónico à parte (cf. *E txoma* 'Chamou', e *E txoma-nhos* 'Chamou vocês'). Também é preciso recorrer à for-

ma tónica do pronome quando o pronome pessoal segue um verbo provido de desinência (-ba, -du ou -da) ou quando se trata de designar o segundo objeto do verbo (cf. *E manda-l* 'Mandou-o', mas *E mandába-el* 'Tinha-o mandado' e *E mandá-nu el* 'Mandou-nolo'). De facto, estamos em presença de uma regra fonotática e não gramatical, pois não importa tratar-se de dois complementos (indireto e direto) designando objetos diferentes ou de uma dupla designação de um mesmo objeto como no exemplo seguinte: ... *bu dextra-m mi so riba d'es mundu li*, ... (147/6) '... deixaste-me [a mim] só neste mundo de aqui, ...' onde o falante, ao dizer -m mi se refere duas vezes a si mesmo.

Fica por dizer que há também nas sílabas tónicas de um grupo fónico uma certa gradação da intensidade. Os pronomes pessoais de objeto, mesmo quando tónicos, costumam sê-lo um pouco menos que a sílaba tónica do verbo, etc.

1.3.3.2 Elisões

O papel do grupo tónico é importante no crioulo de Santiago, pois o emprego proclítico ou enclítico de palavras átonas desta língua implica muitos fenómenos 'sandhi'. Conforme um uso difundido, designamos por 'sandhi' toda a variação fonética que ocorre ao entrarem em contato duas palavras pertencentes ao mesmo grupo fónico. Isto inclui a assimilação do -s em posição final de palavra à sonoridade da consoante inicial de uma palavra subsequente. Só que esta assimilação ocorre também dentro da mesma palavra, antes de sílaba iniciada por consoante vozeada (cf. 1.2.2.1.2.2).

Os fenómenos 'sandhi' do santiaguense, mais especificamente relacionados com o grupo tónico, são as frequentes sinalefas, seja sob a forma da fusão de vogais finais e vogais iniciais em ditongos ou tritongos (sinérese), seja sob a forma da simples elisão de uma vogal final antes de uma vogal inicial.

A ortografia oficial não reflete as sinéreses. Foneticamente, estas costumam produzir os ditongos e tritongos expectáveis: cf. por exemplo *N fika ti onti* [ɲfike'tjonti] 'Fiquei até ontem'; *Nu átxa kabritu* ['nwaceke'britu] 'Achámos o cabrito', *N ta kusiá-u bu katxupa* [nteku'sjaɸbuke'cupe] 'Vou cozi-

nhar-te a tua cachupa', etc. Do encontro de um [-u] e de um [el], costuma, porém, resultar não [wel], mas [wɛl]: *E kre ká-sa ku el* [e'kre'kase'kwɛl] 'Quer casar-se com ele/ela'.

Pelo contrário, a ortografia oficial costuma refletir a elisão - ao que parece, sempre opcional - através da junção das palavras e substituição da vogal elidida por um apóstrofo. Graças às elisões existem frequentemente alomorfes, longos e curtos, de palavras monossilábicas de conteúdo gramatical. Considerando que elementos que têm a mesma vogal final se comportam por vezes de forma análoga neste aspeto, agrupamos os elementos segundo a vogal afetada pela elisão.

Elisão de -a [ɐ]:

A elisão de -a [ɐ] ocorre no advérbio *dja* adv. (cf. 10.5.5.1), na partícula de negação *ka* (cf. 17.2), no subordinador de orações *ma* (cf. 12.2), nas preposições *na* e *pa* (cf. 14.2.1 e 14.2.5), no pronome pessoal átono da segunda pessoa do singular para o tratamento cortês de mulheres *nha* (cf. 10.1.4.3), no adjetivo possessivo da primeira pessoa do singular *nha* (cf. 10.2.3.2) e na partícula verbal *ta* (cf. 4.3.3).

Ao lado de:

Dja es andába sérka di un kilómitru, ... (31/34)

Abo nunka N ka odjá-bu na fera! (NL 58/9)

Bránka Rumána rusponde-l ma el sa ta ánda ta buska ramédi ... (382/9)

..., es txiga na un kábu undi ... (457/21)

Kántu e kába po kumida na prátu pa es tudu, ... (31/9)

..., bándá di dés y meia pa ónzi óra di palmanhan, ... (42/12)

Mamai, kelóki nha odja nha katxoris ta koba txon fadigádu, <...>, nha largá-s tudu! (285/32)

Mi go ki ta bá buska nha irmon ku ramédi pa N traze-nho, ... (289/15)

encontrámos, com elisão:

Nha kurason dj'abizába-mi bédju, ka d'oxi [ma nho ê ka mininu]! (322/7)

Partidja ka fiká-s sábi, dj'es raduzi go na mata-m ...

(190/3)

..., e k'átxa nen un ranhadura na txon, ... (244/5)
..., ami algen bránku sima kel nunka N k'odjá na nha bida.
(NL 22/3)

Gentis fla m'es ta bai <fonti> si mé, purki es ka ta pode
aguenta kel sedi. (160/31)

Lobu ki dja diskunfiába m'éra Xibinhu, ... (423/6)

E bo própi ki dádji n'es genti li! ... (89/25)

..., e stába águ ta disprinda, sima k'el stába n'algun
trabádjú forsádu. (42/24)

E [minina] txiga, e duspi, e kai n'águ p'e toma bánhu, ...
(114/18)

E'átxa dos xuxu fémia ta kume n'omésmu prátu, ... (89/7)

... sta n'óra d'almusu. (116/10)

... el galopia, té k'el txiga n'un aldea di piskador.
(327/21)

Oxi li N ten ki aviza nha patron p'e ka ta bebe kel kafé
di tárdi, ... (128/6)

E po mo na pórtá p'abri, ... (296/16)

..., Mariâ di Pó, ka sabedu p'undi ki bai: ... (216/23)

Agóra, nh'ál diskánsa xintidu <...> Maridu di nha sta sábi
sima pexi déntu di águ. (Oda 61/21)

Nh'obi li, mi, si nha kré, N ta da-nha es [galinha ku pin-
ton d'oru] ... (127/17)

E nho, muréna stába kabésa nkostádu riba nh'ónbru. (NL 16/
26)

Algen ma dja ka merese kusa, e ka t'atxa-l! (345/12)

Nton, un kriáda ki t'odja Bránka Flor ta bá tudu noti pa
bá deta ku Djuzé, ... (128/4)

Há restrições compreensíveis: no pronome pessoal *nha* não ocorre elisão antes de *u-* [u] porque tal elisão sugeriria que se trata do pronome masculino *nhu*. Evita-se a contração de *ka éra* em *k'éra* por ser esta a contração usual para *ki éra*. Contudo, ocorre o seguinte tipo de fusão das duas vogais: ..., e 'ká'ra mutu tamánhu, e ngorda, e bira rudondu (133/39).

Em *t'á* e *t'en* em vez de *ta bá 'ir'* e *ta bem 'vir'* há acumulação da elisão do *-a* [e] com a mudança fonética em curso de que tratámos em 1.2.2.7.1, isto é, com a queda do [b] intervocálico. Cf. *Nton, nu ta bai la na kel restauránti la, nu t'á toma tres serveja kada un di nos* (NL 21/21); *Pedru, abo, papá*

sa t'en matá-u! (81/22).

O interrogativo *Kusê?* é resultado de uma reanálise do sintagma *Kus'ê?* com elisão do *-a* [ɐ] de *kusa*.

A partícula *sa*, que indica 'duratividade', vai sempre seguida da partícula *ta*, que expressa 'imperfetividade' (cf. 4.3.4). A impressão de que se trata de uma elisão de um *-a* [ɐ] ante consoante inicial, nos frequentes casos de *s'ta* em vez de *sa ta*, reforçada pelo uso do apóstrofo, é enganadora. Pelo contrário, historicamente trata-se da inserção de um [ɐ] para desfazer um grupo consonântico, pois as variantes *s'ta* (*faze un kusa*) e *sa ta* (*faze un kusa*) derivam ambas do pg. *está* (*a fazer uma coisa*) (cf. Rougé 1988: s.v. *ta* e Lang 2000: 475-478). E parece que os próprios falantes não veem aqui uma elisão, pois escrevem frequentemente *sta* em vez de *s'ta*.

Elisão de *-i* [i]:

Encontra-se a elisão de *-i* [i] nas preposições *di* e *ti* (cf. 14.2.2 e 14.2.3), nos subordinadores de orações *ki* e *si* (cf. 12.1 e 12.3), na conjunção subordinativa *si* (cf. 15.2) e no adjetivo possessivo da terceira pessoa do singular *si* (cf. 10.2.3.2):

Prescindimos de exemplos com indicação da fonte para *di*, pois esta preposição admite a elisão do seu *-i* [i] antes de qualquer palavra começada por vogal: *na flor d'idádi*; *dentu d'el*; *xeru d'ériba*; *mel d'abedja*; *un kanéka d'águ*; *si minina d'odju*; *un baion d'óliu*; *dentu d'un kása*; etc. Nas construções nominais onde um substantivo ou pronome introduzido pela preposição segue uma palavra da mesma classe ou uma preposição tónica aparece frequentemente um *-l* em vez de *di* nos casos onde o elemento regido pela preposição começa por consoante (ex. *Maridu-l nhá é pirgisós* 'O seu marido é preguiçoso'; *E bota-l dentu-l lumi* 'Atirou-o à fogueira'; etc., cf. 14.2.2). Historicamente não parece tratar-se da transformação de um [d] fruto da elisão do [i] da preposição *di*, em [l], mas antes de um elemento herdado do wolof (cf. Lang 2009: 2.2.2.1).

Nos subordinadores *ki* e *si* e na conjunção de subordinação condicional *si*, a elisão da vogal ocorre apenas antes dos pronomes de terceira pessoa, que começam por *e-*:

Pedrinhu pensa: - Agóra k'es ta mata-m! (190/3)
Kel boi éra taun máu k'até dipos di mórtu, el kontinuá ta
ser máu. (236/25)

A restrição dever-se-á ao desejo de evitar ambiguidades,
pois a partícula de negação *ka* e a preposição *ku* também admi-
tem a elisão da sua vogal.

...,juiz pergunta-l s'e ta konxe-l. (208/23)
S'e kontra ku piodju nos áza k'e frega na odju, odju ta
bira prontu, e ta odja tudu káu! (199/26)

O adjetivo possessivo da terceira pessoa do singular *si* só
admite elisão da sua vogal antes de palavra começada por *i*:-

Manel papia ku si barinha, abri odju fitxa, dja-l sabeba
na pundi stába s'irmun Pálu.(326/20).

Elisão de *-u* [u]:

A elisão de *-u* ocorre na preposição *ku* (cf. 14.2.19) e no
pronome pessoal átono da segunda pessoa do singular para o
tratamento cortês de homens *nhu* (cf. 10.1.4.3).

Na preposição *ku* só a encontrámos antes de palavra começa-
da por *u-*. Esta restrição pode ter que ver com o facto de tam-
bém o subordinador de orações *ki* e a partícula de negação *ka*
admitirem a elisão da sua vogal. Abundam os exemplos de elisão
da vogal de *ku* antes do artigo indefinido *un*:

Kel kusa, kusa éra un ómi k'un mudjer. (213/1)
Manhan, bu ten ki po-m el bira un gránda órta, xeiu di vi-
dera k'uva tudu madur, <...> (116/32).

Para o pronome masculino *nhu* só conseguimos documentar a
elisão da sua vogal antes de palavras começadas por *o-*. Nos
casos em que se verifica a elisão, cabe à situação ou ao con-
texto informar se se trata do pronome *nhu* ou do seu correspon-
dente feminino *nha*:

Nhu Manel, nh'odja, Nhánha Tóri Fin di Mundu dexa-m k'un
prizenti pa N da-nho ... (343/13).

Lembremos mais uma vez que todas as elisões de que tratamos neste parágrafo são facultativas.

Nos casos como:

..., abri odju fitxa, dja-l sabeba na p'undi stába s'irmun Pálu (326/20)

Manel pukenta, el pega d'un kórda, el mára na bóka d'arsapon, ku kelotu pónta el fulha Pálu, la pa fundu, pa-l mára na sintura, pa-s podeba puxa-l pa riba (326/24)

não há elisão do e- dos pronomes pessoais *el* e *es* da terceira pessoa do singular e do plural. De um ponto de vista estritamente sincrónico, trata-se simplesmente do uso da forma enclítica destes pronomes (cf. 10.1.1 e 10.1.4.4).

1.3.4 Entoação

Neste ponto da nossa gramática, o leitor deveria encontrar um capítulo sobre entoação que o autor é, porém, incapaz de fornecer. Faltam-lhe conhecimentos teóricos para o organizar e não se dedicou nunca a estudar este aspeto do crioulo santiaguense. Aliás, teve sempre a impressão de que, impondo às suas frases uma entoação encontrada de forma intuitiva e certamente próxima de uma frase alemã mais ou menos análoga, não chocava os ouvidos dos seus interlocutores caboverdianos. Faltarão, pois, este capítulo nesta gramática como falta em tantas outras. Limitar-nos-emos a umas poucas observações.

Se no crioulo santiaguense o acento fónico é marcado principalmente pela intensidade (cf. 1.1.3), na entoação aproveitase essencialmente a altura das vogais tónicas para constituir curvas melódicas características. Há duas unidades fónicas que se caracterizam por uma entoação própria. São elas a frase (cf. 1.1.1) e a palavra fónica (cf. 1.1.2). No capítulo da entoação teria pois de haver dois subcapítulos: o que trata da entoação da frase e o que trata da entoação da palavra fónica. Considerando que a entoação da palavra fónica está forçosamente subordinada à entoação da frase, deveria tratar-se primeiro da entoação das frases e só depois da entoação das

palavras fónicas. Nas frases parentéticas, nas orações relativas explicativas e por vezes também nas aposições (vejam-se os exemplos em 1.1.2), a referida subordinação costuma manifestar-se por uma menor intensidade da pronúncia e numa menor altura da sua entoação.

De resto, prevê-se que muitas opiniões amplamente difundidas acerca da entoação não resistirão a um exame pormenorizado. Entre elas, a de que toda a frase interrogativa, ou pelo menos toda a frase interrogativa total, ostenta necessariamente uma entoação especificamente interrogativa, etc.

III.

ESPÉCIES DE PALAVRAS:

PALAVRAS LEXEMÁTICAS

4. Sintagma verbal, verbo, forma verbal

4.1 Terminologia

É certo que são frequentes empregos extensivos do termo 'verbo', onde 'verbo' é sinónimo de 'forma verbal' (cf. 4.1.3) ou 'sintagma verbal' (por exemplo, quando se divide uma oração em sujeito, 'verbo' e complemento(s)), mas o gramático e o seu leitor deveriam a qualquer momento saber se o termo se refere apenas à categoria gramatical 'verbo' da palavra, a uma forma de tal palavra ou a um sintagma verbal.

4.1.1 Sintagma verbal

Uma oração apresenta um 'estado de coisas' (cf. 3.3.2), atribuindo um determinado 'comportamento' a uma 'coisa' (*As lojas permanecerão fechadas; Caiu uma chuva dessas; Uma gaivota voava, voava; Os pobres estão a passar fome*), ou um determinado 'relacionamento' a várias 'coisas' (*Que ninguém entre nesta sala!; O barco pouco a pouco se ia afastando da costa; Nesta loja não fazem nenhum desconto aos clientes antigos?*). Chamamos 'sintagma verbal' àquela parte da oração que explicita este comportamento (*permanecerão fechadas; Caiu; voava, voava; estão a passar fome*), ou este relacionamento (*entre; se ia afastando; não fazem nenhum desconto*). Os sintagmas verbais delimitam-se pois nos textos graças à função sintáctica específica, verbal, que cumprem. 'Sintagma verbal' é um termo sintáctico.

Segundo esta definição, a partícula de negação em *não fazem nenhum desconto* faz parte do sintagma verbal, pois contribui para a designação, por via negativa, de uma relação entre 'coisas' (a loja e os seus clientes antigos). Reservamos, porém, à negação um capítulo à parte (17.), visto existirem outras palavras de negação que não fazem parte do sintagma verbal.

Um sintagma verbal costuma conter um verbo (cf. 4.1.2) em determinada forma (cf. 4.1.3).

4.1.2 Verbo

'Verbo' é um termo que designa uma classe de palavras particularmente aptas para assumirem a função verbal, por evocarem tipos de comportamentos de coisas ou tipos de relacionamentos entre coisas. *Permanecer, cair, voar, passar fome, entrar, afastar-se, e fazer desconto* são verbos. A seleção de um verbo é (logicamente, mas não necessariamente cronologicamente) o primeiro passo na determinação de um estado de coisas pelo falante. O verbo selecionado caracteriza o comportamento ou relacionamento que designa e determina a forma em que as designações das 'coisas' devem juntar-se ao verbo (diretamente, em determinado caso, com determinada preposição etc.).

Os verbos podem ser simples (*cair, voar, entrar*) ou complexos (*passar fome, afastar-se, fazer desconto*). Falamos em 'verbos complexos' (cf. o termo alemão 'Funktionsverbgefüge'), quando a expressão de um tipo de comportamento de coisas ou de um tipo de relacionamento entre coisas está distribuída por várias palavras. Ao traduzir de uma língua para outra, vemos muitas vezes obrigados a traduzir verbos simples para verbos complexos e vice-versa (cf. pg. *dar conta* - al. *(be)merken* etc.). E também é frequente coexistirem numa língua verbos simples e complexos mais ou menos sinónimos (cf. no santiaquense *razisti* - *faze razisténsa* 'resistir').

O caso de *As lojas permanecerão fechadas* merece uma observação à parte. Segundo a nossa definição, está claro que o sintagma verbal desta oração é *permanecerão fechadas*. São estas as palavras que nos informam sobre o comportamento das lojas. Mas seria contraintuitivo admitir a existência de um verbo complexo *permanecer fechado*. Parece mais conforme ao senso comum dizer que o tipo de comportamento visado neste caso é apenas *(estar) fechado* e que *estar fechado, seguir fechado, permanecer fechado, acabar fechado, etc.*, diferem apenas na atribuição temporal deste comportamento. Quer dizer que, pelo menos quando seguido de um participio passado, *permanecer* pertence a um grupo específico de verbos: os verbos que não evocam nenhum tipo de comportamento, sendo apenas de atribuição. Ocupar-nos-emos dos verbos deste tipo no crioulo santiaquense em 4.4.2.3.

4.1.3 Forma verbal

Os verbos dispõem de formas que ajudam a individualizar comportamentos de coisas e relacionamentos entre coisas na fala. A seleção de determinada forma do verbo escolhido é, pois, um segundo passo na determinação do comportamento ou relacionamento visado pelo falante. *Permanecerão, caiu, voava, estão a passar fome, entre, se ia afastando e fazem desconto* são formas verbais. As formas verbais encontram-se, pois, também nos textos, mais concretamente nas orações com sintagma verbal, mas podem ser enumeradas fora dos textos; pertencem à morfologia da língua (*caio, cais, ...; faço desconto, fazia desconto, estou a fazer desconto, ...; afasto-me, vou-me afastando, ...; etc.*).

As formas verbais podem ser simples ou complexas, conforme contenham um ou vários verbos. Visto assim, *permanecerão, caiu* e *entre* são formas verbais simples, ao passo que *estão a passar fome* e *se ia afastando* são formas verbais complexas. No caso das formas verbais complexas que acabamos de citar, trata-se de formas perifrásticas dos verbos *passar fome* e *afastar-se*. Claro que *passar fome* e *afastar-se* são também expressões complexas, mas consideramos *estão a passar fome* e *se ia afastando* formas verbais complexas, e *passar fome* e *afastar-se* formas simples de verbos complexos.

4.2 Formas verbais

4.2.1 Formas verbais simples

4.2.1.1 Componentes

No crioulo de Santiago, uma forma verbal simples é constituída por uma forma de base de um verbo (simples ou complexo, cf. 4.1.2) e, eventualmente, uma ou várias marcas verbais. A forma de base pode ir acompanhada de até três partículas pré-verbais e de uma desinência. Para poder indicar como se faz a marcação, temos primeiro de informar sobre a constituição morfológica das formas de base, isto é, não-marcadas, dos verbos

do santiaguense.

4.2.1.2 As formas não marcadas

A forma não-marcada dos verbos santiaguenses termina sempre em vogal (cf. *kánta* 'cantar', *sabe* 'saber' etc.; *ser* não é propriamente verbo, mas variante contextual do verbo *é*, cf. 4.4.2.3.3).⁹ E a maioria destas formas não-marcadas consta de duas sílabas. Existem, porém, também muitos verbos de mais de duas sílabas, como *rakorda* 'lembrar(-se)', *diskunfia* 'desconfiar' etc., ou de apenas uma sílaba, como *fla* 'dizer', *da* 'dar', *bá* ou *ba* 'ir', *ben* 'vir' etc. Os verbos de mais de uma sílaba terminam frequentemente em *-a*, como *kánta* 'cantar', e menos frequentemente em *-e* ou *-i*, como *fase* 'fazer' ou *durmi* 'dormir' (cf. as três desinências de infinitivo do português *-ar*, *-er* e *-ir*). Só alguns verbos polissilábicos terminam em *-o* ou *-u*, nomeadamente verbos de origem africana, como *djongoto* 'pôr-se de cócoras', *ndjutu* 'recusar algo (principalmente comida) por ter esperado mais'. Há também verbos que terminam em ditongo crescente (*abitua* 'habituar(-se)', *bafatia* 'esbofetear'), ou decrescente (*sai* 'sair', (*a*)*trai* 'atrair', *bai*, variante de *bá*, *ba* 'ir'). Para a variação do perfil acentual dos verbos e a correspondente variação da pronúncia da sua vogal final, cf. 4.2.1.5.

4.2.1.3 Marcas

As três partículas pré-verbais do crioulo de Santiago são: *ta* para a marcação de 'imperfetividade' (cf. 4.3.3), *sa* para a marcação de 'duratividade' (cf. 4.3.4) e *ál* para a marcação de 'eventualidade' (cf. 4.3.7). Se houver necessidade de usar várias partículas, a ordem é sempre *ál sa ta*. De acordo com as nossas indagações, confirmadas por Nicolas Quint (comunicação pessoal), mas contrariamente ao que se afirma em Baptista 2014: 115, *sa* vai sempre seguido de *ta*, na variedade de Santiago. Observação compatível com o facto de a duratividade

⁹ Isto vale também para as que, na escrita, terminam em *-n*, como o verbo *ben* ['bẽ(ŋ)] 'vir' etc., que fonologicamente devem ser interpretadas como /'bẽ/ etc.

constituir um subtipo de imperfetividade.

As três desinências são: *-ba* para a marcação de 'anterioridade' (cf. 4.3.5), *-du* para a marcação de 'passividade' (cf. 4.3.6) e *-da*. *-da* acumula a expressão de anterioridade com a de passividade. Trata-se de uma fusão das desinências *-du* e *-ba*. Na gramática do crioulo de Santiago de 1887, de A. de Paula Brito, lê-se ainda *-duba*, em vez do atual *-da*. Graças a esta fusão, já não há necessidade de empregar simultaneamente mais de uma desinência verbal, em santiaguense.

No santiaguense acroletal, que não é objeto desta gramática, ocorrem ainda formas verbais terminadas em *-ndo*, como imitação dos gerúndios do português. Eis, pelo menos, um exemplo:

Partindu di prinsipi ma ser umánu, inkuántu un di kes ser di Naturéza, ta giádu (na si bida di diâ-diâ) pa lei natural, di ki lei di menór sforsu e un manifestason; partindu di prinsipi ma prinsipis di konomiâ e un di kes konsakuénsa di lei di menór sforsu na bida prátiiku di diâ-diâ; konsiderándu ma stádu diánti di un rialidádi umánu imaterial ki e língua, undi (tántu na pápia sima na skrebe) lei di menór sforsu ta manifesta kláramenti através di prinsipis di konomiâ, ta parse-m normal (i konsakuenti) ki nha preferénsa bai pa prinsipis di konomiâ, na abordájis ki ta sigi (Silva 2014: 185).

As marcas verbais de que dispõe o crioulo de Santiago dizem respeito a determinadas categorias verbais (cf. Jakobson 1957): a oposição entre a forma *ta kánta*, com a marca de imperfetividade, e a forma *kánta*, sem marca, é uma oposição no domínio do 'aspeto' (cf. 4.3.3.1). É, aliás, a oposição mais importante deste sistema verbal, sendo a marca *ta* a mais usada de todo o sistema.

A oposição entre a forma *sa ta kánta*, com a marca de duratividade *sa*, e a forma *ta kánta*, sem esta marca, é também uma oposição no domínio do aspeto, mais concretamente dentro do domínio da imperfetividade (cf. 4.3.4.1).

Mas a segunda oposição, em grau de importância, deste sistema não é esta, mas aquela que opõe as formas com a marca de anterioridade, como *kantába*, às formas desprovidas desta desinência, como *kánta*. Segundo a terminologia proposta por Roman Jakobson, trata-se, não de uma oposição no domínio do 'tempo' (absoluto), mas da 'taxe' (tempo relativo) (cf. 4.3.5.1).

A oposição entre a forma *ál kánta*, marcada pela eventualidade, e a forma não-marcada *kánta* é uma oposição no domínio do 'modo' (cf. 4.3.7.1).

Já a oposição entre a forma *kantádu*, com a marca de passividade, e a forma *kánta*, desprovida desta desinência, é uma oposição no domínio da diátese, ou, como diria Jakobson, da 'vox' (cf. 4.3.6.1).

A oposição entre *kantáda* e *kánta* é dupla, como já tivemos ocasião de constatar: *kantáda* é uma forma passiva e anterior.

Todas as oposições dentro do sistema verbal santiaguense são, pois, oposições inclusivas (cf. 0.2.5): opõem formas morfológica- e semanticamente marcadas a formas morfológica- e semanticamente não-marcadas. A compatibilidade das formas não-marcadas com os valores indicados pelas marcadas em determinados contextos revela este caráter inclusivo das oposições (cf. 4.3.3.9, 4.3.4.3, 4.3.5.8, 4.3.6.2).

Prescindindo momentaneamente das formas irregulares (cf. 4.2.1.6), podemos resumir a constituição das formas verbais simples do santiaguense na fórmula seguinte (as componentes facultativas estão postas entre parênteses, as componentes alternativas encontram-se separadas por uma barra):

(ál) (sa ta/ta) verbo(du/ba/da)

Eis um verbo provido de todas as marcas disponíveis: Ál sa ta kantáda. (RS) 'Cantava-se provavelmente ~ Estava-se provavelmente a cantar.' A sequência é: modo (eventual), aspeto (durativo), aspeto (imperfetivo), verbo, vox (passiva) + taxe (anterior).

O imperativo existe em santiaguense apenas como categoria da fala, ou seja, não dispõe de formas verbais específicas. Mas reconhece-se na fala graças a um ou vários dos indícios seguintes:

1. a entoação,
2. a ausência da marca *ta* de imperfetividade, em contexto claramente imperfetivo (*Xinta, bu kume!* 'Senta-te e come!', cf. 4.3.3.9.2),
3. a ausência (no primeiro de uma série de atos de fala diretivos) do pronome pessoal informal da segunda pessoa do

singular, nas orações afirmativas (*Xinta, bu kume!*, cf. 10.1.4.3) e

4. a anteposição da partícula de negação *ka* ao pronome pessoal sujeito (*Bu ka xinta* 'Não te sentaste', mas *Ka bu xinta!* 'Não te sentes!', cf. 17.2).

Não há, nas formas verbais do santiaguense, expressão da pessoa gramatical do sujeito, nem expressão do número ou género do sujeito, ou de determinados complementos. O género não existe, nesta língua (cf. porém 6.3.3 e 7.2.2.1). A categoria de pessoa gramatical funciona apenas nos pronomes pessoais e possessivos (cf. 10.1 e 10.2), e a de número apenas nos quantificadores (cf. 8.), nos pronomes (cf. 10.1-3) e nos sintagmas nominais (cf. 6.2).

4.2.1.4 O sistema das formas verbais simples

E 'ele', seguido das formas simples do verbo <i>kánta</i> 'cantar'					
	-	anterior	ant. + pass.	passivo	
-	<i>E kánta</i>	<i>E kantába</i>	<i>Kantáda</i>	<i>Kantádu</i>	-
imp.	<i>E ta kánta</i>	<i>E ta kantába</i>	<i>Ta kantáda</i>	<i>Ta kantádu</i>	
dur.	<i>E sa ta kánta</i>	<i>E sa ta kantába</i>	<i>Sa ta kantáda</i>	<i>Sa ta kantádu</i>	
-	<i>E ál kánta</i>	<i>E ál kantába</i>	<i>(Ál kantáda)</i>	<i>Ál kantádu</i>	ev.
dur.	<i>E ál sa ta kánta</i>	<i>E ál sa ta kantába</i>	<i>Ál sa ta kantáda</i>	<i>Ál sa ta kantádu</i>	

ant. = anterior, pass. = passivo, imp. = imperfetivo, dur. = durativo, ev. = eventual

Neste parágrafo, ilustramos o sistema das formas verbais simples do santiaguense (a sua 'conjugação') com o verbo *kánta* 'cantar'.

Neste sistema, a base aspetual tripartida (-/ta/sa ta kánta) fica, em princípio, triplicada pelo cruzamento com as categorias de modo, taxe e vox. Segundo a aritmética, resultariam 24 formas simples para cada verbo. Mas de facto só existem as 20 formas registadas na nossa tabela.

Esta redução explica-se por outra relação de inclusão semântica. Não é apenas a duratividade que implica imperfetividade, o mesmo vale para a eventualidade. No plano da expressão, estas relações de inclusão refletem-se de duas formas igualmente coerentes, mas opostas. O *sa* vai sempre seguido de *ta*, regra compatível com o facto de a duratividade implicar a imperfetividade; e o *ál* nunca vai seguido de *ta*, regra também

compatível com o facto de a eventualidade implicar a imperfe-
tividade. Só quando a eventualidade se combina com a durati-
vidade, o *ta* volta a aparecer, resultando a sequência *ál sa*
ta.

O número de 20 formas simples, correspondendo a 20 funções
diferentes, mostra que o crioulo de Santiago não é mais pobre,
no domínio verbal, do que as línguas europeias (mas, sim, mui-
to mais regular, cf. 4.2.1.6). Considere-se que se chega ao
número 20, mesmo não havendo formas distintas para diferentes
pessoas gramaticais, géneros e números - o que não supõe gran-
de prejuízo, visto as categorias de pessoa, género e número
serem as menos 'verbais', de entre as dez categorias verbais
que Roman Jakobson distinguiu em 1957. De facto, estas catego-
rias não informam sobre os comportamentos ou relações entre
'coisas', mas sobre as 'coisas' e a sua identidade, ou não,
com os participantes na comunicação (a pessoa). Em santiague-
se, estas informações são fornecidas, na medida do necessário,
nas designações destas coisas.

4.2.1.5 A pronúncia das formas verbais simples

Com a única exceção de *ál* ['al], todas as partículas e de-
sinências do santiaguense são átonas. Consequentemente (cf.
1.2.1.6.1), soam [ɐ] os *a* de *ta*, *sa*, *-ba* e *-da*. Em *ta*, pode
haver elisão da vogal antes de um verbo que começa por vogal.
Escreve-se então *t'*. O *sa* de *sa ta* é frequentemente abreviado
para [s]. Dever-se-ia, então, escrever *s'ta* (mas cf. 4.3.4.1).
O [b] intervocálico da desinência *-ba* cai com bastante fre-
quência, nos verbos cuja forma de base termina por *-a*, resul-
tando formas do tipo *kantá'a* [kən'taɐ], ou mesmo *kantá* [kən-
'ta], em vez do regular *kantába* [kən'tabɐ] (cf. mais adiante).

As formas dos verbos polissilábicos levam o acento fónico
na penúltima sílaba, se não se seguir nenhuma desinência, nem
nenhum pronome pessoal enclítico. Contudo, sempre que se veri-
fique uma das duas condições mencionadas, o acento fónico cai
na vogal final da forma de base do verbo. Esta variação no
perfil acentual pode ser acompanhada por uma variação no grau
de abertura das vogais, ora átonas ora tónicas.

Ocupar-nos-emos primeiro da vogal final das formas de base

polissilábicas. Estas formas terminam por [i], [u], [ɐ] átonos (cf. *durmi* ['durmi] 'dormir', *busu* ['busu] '(re)tirar', *kánta* ['kantɐ] 'cantar'). Ante uma das três desinências e ante um pronome pessoal enclítico, uma vogal final que soa [i], quando átona, pode soar [i] ou [e], passando a tónica (cf. *E durmi* [e'durmi] 'Dormiu' e *E durmiba* [edur'mibe] 'Dormira' vs. *E fase* [e'fasi] 'Fez', mas *E fase-l* [efɐ'sel] 'Fê-lo'). E uma vogal final que soa [u], quando átona, pode soar [u] ou [o], passando a tónica (cf. *E busu* [e'busu] *kartera* 'Tirou a carteira' e *E busu-l* [ebu'sul] 'Tirou-a', vs. *E konko* [e'koŋku] *na pórtá* 'Bateu na porta', mas *E konkoba* [ekoŋ'kobe] *n'el* 'Batera nela'). Segundo o *Alfabeto Unificado Para a Escrita do Caboverdiano (ALUPEC)*, a vogal final que varia na pronúncia entre [e] tónico e [i] átono, ou [o] tónico e [u] átono escreve-se, independentemente da sua pronúncia, e e o, para manter constante a escrita do verbo.

O facto de poder corresponder a um [i] ou [u] átonos, tanto um [i] como um [e] tónicos e tanto um [u] como um [o] tónicos cria, sobretudo no caso dos verbos altamente frequentes que terminam em vogal palatal, insegurança nos próprios falantes. Um número considerável deles usa duas variantes. Segundo as nossas informações, isto é válido pelo menos para os seguintes verbos: *bari* ~ *bare* 'barrer', *bati* ~ *bate* 'lavar roupa', *direti* ~ *direte* 'derreter', *jeri* ~ *jere* 'gerir', *ma(n)xi* ~ *manxe* 'amanhecer', *rabati* ~ *rabate* 'salvar', *sufri* ~ *sufre* 'sofrer', *tengi* ~ *tenge* '(fazer) tremer/tiritar' e *tosi* ~ *tose* 'tossir'.

O caso dos verbos cuja forma de base termina por [ɐ] átono é algo mais complicado do que o dos que terminam por [i] ou [u] átonos. Esta vogal [ɐ] continua a soar [ɐ] ante um dos pronomes pessoais enclíticos *-m* 'me' e *-l* 'o, a, lhe', apesar de agora tónica, e só soa [a] ante as desinências *-ba*, *-du*, *-da*, ou ante um dos pronomes pessoais enclíticos *-(b)u* 'te', *-nu* 'nos' e *-s* 'os, as, lhes' (cf. *E odja-l* [eo'ɟɐl] 'Viu-o', *E odja-m* [eo'ɟɐm] 'Viu-me', *E odjába* [eo'ɟabe] 'Tinha visto', *E odjá-(b)u* [eo'ɟabu] 'Viu-te', *E odjá-nu* [eo'ɟanu] 'Viu-nos', *E odjá-s* [eo'ɟas] 'Viu-os'; em santiaguense, não há pronome pessoal enclítico de segunda pessoa do plural, cf. 10.1.4.4). A

mesma regra vale para os verbos monossilábicos cuja forma de base termina por [ɐ] tónico, como *fla* ['fle] 'dizer', *da* ['de] 'dar', *ba* ['be] 'ir' etc. (cf. *E fla-m* [e'flɛ(ŋ)], *E fla-l* [e'flɛl], *E flába* [e'flabe], *E flá-bu* [e'flabu], *E flá-nu* [e'flanu], *E flá-s* [e'flas]). Escrevemos a vogal final dos verbos que varia na pronúncia entre [a] tónico e [ɐ] átono, no primeiro caso com *á* e no segundo com *a*, para manter o princípio de que todas as vogais abertas (necessariamente tónicas) levam acento agudo na escrita (cf. a escrita dos nossos exemplos neste parágrafo).

Quanto às penúltimas vogais das formas não-marcadas polissilábicas que são abertas quando não se segue nenhuma desinência ou pronome pessoal enclítico, essas passam evidentemente (cf. 1.2.1.6-7) a semifechadas nos contextos indicados (cf. *E kánta* [e'kantɛ] 'Cantou', mas *E kantába* [ekɛn'tabɛ] 'Tinha cantado' e *E kanta-l* [e'kantɛl] 'Cantou-a <canção>'). No entanto, disto praticamente só há exemplos com verbos cuja penúltima vogal é uma vogal central, pois vimos em 1.2.1.4 que as vogais tónicas abertas costumam estar reservadas para os substantivos.

Mesmo quando a forma de base do verbo termina por um ditongo decrescente, como em *sai* ['sɛi] 'sair', *kai* ['kɛi] 'cair', *mui* ['muɨ] 'moer', a pronúncia varia segundo o contexto. Ante as desinências e os pronomes enclíticos, o acento fónico cai no segundo elemento vocálico da sequência vocálica, resultando um hiato em vez de um ditongo (cf. *E'sai di kása* [e'sɛɨdi'kase] 'Saiu de casa', mas *Kántu e'ta saíba di kása, ...* (285/30) ['kantwetɛsɛ'ibɛdi'kase] 'Quando saía de casa, ...'). No entanto, dos verbos *bai* 'ir' e *poi* 'pôr' parece que se usam exclusivamente as variantes *bá* ou *ba* e *po*, nos contextos relevantes: só encontramos *E bába* [e'babɛ] 'Fora embora', *E po-l na mésa* [e'polnɛ'mesɛ] 'Pô-lo na mesa' etc. e nunca **E baíba*, **E poí-l na mésa* etc.

4.2.1.6 Formas verbais irregulares

O número de formas verbais irregulares costuma ser relativamente baixo, nas línguas que devem a sua existência a uma criouliização relativamente recente. E esse número é efetivamente baixo no crioulo de Santiago.

Duvidamos que se devam considerar formas irregulares as formas *tevi* (cf. pg. *teve*), relacionado com *ten(e)* 'ter', *foi* (cf. pg. *foi*), relacionado com *ê* 'ser' e *stevi* (cf. pg. *esteve*), relacionado com *sta* 'estar'. Poder-se-ia tratar de empréstimos relativamente recentes do português, que criaram parceiros não estativos de *ten(e)*, *ê* e *sta*, isto é, 'verbos de processo ou dinâmicos', mesmo que defetivos (cf. 4.4.2.1 e 4.4.2.4).

Contudo, e independentemente da interpretação que se prefira para *foi*, o verbo *ê* dispõe de uma forma supletiva *ser* de uso obrigatório após qualquer partícula verbal, após outro verbo e após preposição. E cada uma das duas formas (*é* e *ser*) deste verbo dispõe ainda de uma forma para a anterioridade. Esta forma é claramente irregular no caso de *é*, pois soa *éra* (eventualmente abreviado em *é'a*, *éa*), ou, por exemplo após a partícula de negação *ka* abreviada em *k'*, *ára*. A forma de anterioridade de *ser* também é irregular, quando soa *sérba*, devido à abertura da vogal tónica. Desta vez, existe porém a variante menos frequente, mas 'regular', *serba* (cf. para os pormenores de distribuição e exemplos de emprego de todas estas formas 4.4.2.3.2 e 4.4.2.3.3).

As restantes formas verbais irregulares do santiaguense resultam de dois processos. Um são empréstimos do português, outras são produtos de mudanças fónicas dentro do crioulo. Todas podem ser de origem relativamente recente, pois em todos os casos a forma regular continua a coexistir com a irregular.

As formas verbais irregulares emprestadas do português existem sobretudo para a anterioridade. Ao lado das formas regulares *benba*, *debeba*, *kreba*, *podeba* e *ten(e)ba*, que prevalecem ainda no crioulo fundo, encontramos as irregulares *binha*, *devía*, *kria*, *podía*, *tinha* etc., que já penetraram nos registos mesoletais (cf. as formas portuguesas de primeira e terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito *vinha*, *devia*, *que-*

ria, podia, tinha etc.).

A notória instabilidade de [b] intervocálico em muitos crioulos ibéricos do Atlântico (para o santiaguense cf. 1.2.2.7.1) produz formas abreviadas para os anteriores regulares dos verbos terminados em *-a*, que convivem com as formas regulares. Ao lado de *entrába* etc., há *entrá'a*, e mesmo *entrá*. Cf. por ex.: *E'tinha un fidju ki txomá Mariâ* (95/19) 'Tinha uma filha que se chamava Maria'. Veiga (1982: 118, nota 3) já tinha chamado a atenção para esta mudança. Graças ao caráter tônico e aberto da vogal [a] destas formas abreviadas, até as mais progressistas, do tipo *txomá*, se distinguem bem da forma de base do respetivo verbo (cf. forma de base: *entra* ['entrɐ]; anterior: *entrá* [en'tra]). A queda de [b] intervocálico cria, pois, formas de anterior irregulares no caso dos verbos cuja forma de base termina em *-a* átono. Contudo, esta queda não parece (ainda?) ter atingido o anterior dos verbos cujas formas de base terminam em *-í* [i], *-e* [i], *-u* [u] e *-o* [u] átonos.

Outro efeito dessa instabilidade de [b] intervocálico é a ocorrência de contrações das formas *ta ben* e *ta bá* em *t'en* e *t'á*. Cf. ..., *rapazinho prétu fla-l p'e'bai, ma óra k'e'kré ben, m'e'tá [= ta bá] buska-l* (101/20) 'O rapaz preto disse-lhe que se fosse embora, mas que, quando quisesse voltar, ele iria buscá-lo'. *Nu ben* pode ficar reduzido a *n'en* e *E sa ta bá* a *E s'á*.

4.2.2 Formas verbais complexas

4.2.2.1 Tipologia

Chamamos formas verbais complexas às sequências de duas ou mais formas verbais simples (cf. 4.1.3). Tais sequências resultam das seguintes construções:

1. Sequências do tipo *bá fase* (algum *kusa*) 'ir fazer (alguma coisa)', *konsigi fase* (algum *kusa*) 'coseguir fazer (alguma coisa)', *komesa (ta) fase* (algum *kusa*) 'começar a fazer (alguma coisa)' e *meste fase* (algum *kusa*) 'ter de fazer (alguma coisa)', nas quais o primeiro verbo rege, em vez de um complemento nominal, outro verbo com os seus complementos.

2. Sequências de dois verbos com o verbo *mánda* 'enviar' na

primeira posição (Por ex. *mánda fla, mánda pidi, mánda purgunta (algen algun kusa)*), as quais poderiam ser vistas como *serial verb constructions*. Cf. *Nastási, N kába di rasebe, gósi própi, un telegráma ki es mánda fla-m ma nha sógra móre!* (NL 78/6) 'Nastási, acabo de receber um telegrama, no qual me dizem que a minha sogra morreu'; *Odja, bu profesor mánda txoma-m p'el fla-m ma ...* (67/15) 'Olha, o teu professor mandou chamar-me para me dizer que ...'. Hesitamos em classificar estas sequências juntamente com as de 1., visto que o sujeito do segundo verbo, apesar de ficar implícito, difere do sujeito do primeiro.

3. Perífrases verbais que, no crioulo de Santiago, exprimem valores diatéticos (ou de 'vox', cf. 4.5.4), modais (cf. 4.5.5), aspetuais (cf. 4.5.6), ou de 'taxe' (cf. 4.5.7). Podem servir de exemplo estes quatro perífrases santiaguenses: *po algen fase (algun kusa)* 'levar alguém a fazer (alguma coisa)'; *pode fase (algun kusa)* 'poder fazer (alguma coisa)'; *sta pa fase (algun kusa)* 'estar prestes a fazer (alguma coisa)'; e *kunsa fase (algun kusa)* 'fazer (alguma coisa) depois (de ter feito outra coisa)'. O primeiro verbo destas perífrases funciona como verbo auxiliar a respeito do segundo. Pode tratar-se de um verbo que apenas funciona como verbo auxiliar (é o que neste crioulo acontece, por exemplo, com *pode* e com *kunsa*), ou de um verbo lexical cujo significado se torna gramatical, quando usado como auxiliar de uma perífrase (como é o caso de *po*, *sta* etc.). *Pode* é sobretudo verbo auxiliar, em santiaguense, mas tem alguns empregos onde adquire um significado lexical (cf. ..., *pamódi el e ton terivi ki dja nu ka sa ta pode ku el ...* (136/18) '..., porque é tão terrível que já não conseguimos dominá-lo ...').

Quanto à colocação de partículas pré-verbais e desinências, todas estas sequências se comportam da mesma forma, em santiaguense (cf. 4.2.2.3). Uma cumulação de tais sequências pode dar origem a construções de mais de duas formas verbais (para a cumulação de perífrases verbais, cf. 4.5.10).

4.2.2.2 Componentes

Numa expressão verbal complexa, o segundo verbo junta-se

ao primeiro sem elemento de ligação, ou por meio da partícula *ta*, de uma preposição (*na*, *di*, *pa* oder *ku*), ou do complementizador *ki*. Se houver necessidade de usar marcas, as de modo e aspeto precedem toda a expressão, ao passo que as desinências podem juntar-se ao primeiro, ao segundo, ou a ambos os verbos (cf. 4.2.2.3.1-3).

Eis uma representação esquematizada das componentes de uma forma verbal complexa, onde as componentes não obrigatórias vão entre parênteses e as componentes que se excluem mutuamente vão separadas por barra:

(ál)((sa)ta) verbo(ba/du/da) Ø/ta/prep./ki verbo(ba/du/da)

Cf. por exemplo

Ál sa ta komesádu ta kantádu. (RS) 'Provavelmente estão a começar a cantar.'

Seguem-se dois exemplos com uma forma verbal complexa integrada por mais de dois verbos:

Kántu N konxe-l, dj'e torna pegába na toka violinu. (RS) 'Quando o conheci, já tinha começado de novo a tocar violino.'

... N fika di mánda buskádu d'Inglatéra pa N ba kása k'un prispí. (342/5) '... decidiu-se mandar alguém de Inglaterra que me procurasse, para que fosse [lá] e casasse com um príncipe.'

4.2.2.3 Colocação das marcas

4.2.2.3.1 Generalidades

Vimos que, independentemente dos elementos que ligam os verbos de uma forma verbal complexa entre eles, todas as partículas pré-verbais, que determinam a forma complexa no seu conjunto, precedem invariavelmente o primeiro verbo. No entanto, como já ficou claro em 4.2.2.2, o crioulo de Santiago difere consideravelmente das línguas que nos são mais familiares, pelo facto de as desinências verbais poderem aparecer, nas expressões verbais complexas, não apenas no primeiro verbo. Efetivamente, estas desinências podem aparecer em santia-

guense no primeiro verbo da forma verbal complexa, em qualquer outro dos verbos que a integram, e, inclusivamente, em todos os verbos, sem que esta variação seja acompanhada de qualquer variação semântica perceptível. Esta liberdade, quanto à colocação das desinências, pode, porém, ver-se restringida por motivos semânticos que derivam de contextos específicos, como veremos em 4.2.2.3.3. E existe pelo menos um auxiliar que não aceita nenhuma desinência (cf. 4.5.7.2).

4.2.2.3.2 Colocação da desinência *-ba*

Para a desinência *-ba*, não se observam nenhuma restrição, quanto à sua colocação nas formas verbais complexas. De forma que, num sintagma verbal composto por dois verbos, há sempre três possibilidades que todos os locutores consideram corretas e equivalentes, apesar de alguns preferirem tal ou tal variante.

Eis primeiro alguns exemplos construídos por nós, mas aceites pelo nosso colaborador, falante nativo do crioulo de Santiago:

1. Perífrases verbais:

'Não deixara que me sentasse' pode dizer-se de uma das formas seguintes:

E ka dexe-m xintába. (RS)

E ka dexába-mi xinta. (RS)

E ka dexába-mi xintába. (RS)

2. Construções onde um primeiro verbo rege outro verbo:

'O rei queria (fazer) construir um sobrado para o rapaz':

Nhu rei kre faseba rapazinho un sobrádu. (RS)

Nhu rei kreba fase rapazinho un sobrádu. (RS)

Nhu rei kreba faseba rapazinho un sobrádu. (RS)

'Fora procurar o seu irmão':

E bá djobeba si armun. (RS)

E bába djobe si armun. (RS)

E bába djobeba si armun. (RS)

'Tinha prometido vir à Praia':

E fika di benba Práia. (RS)
E fikába di ben Práia. (RS)
E fikába di benba Práia. (RS)

'Tinham acabado de cantar, quando cheguei aqui':

Es kába di kantába kántu N txiga li. (RS)
Es kabába di kánta kántu N txiga li. (RS)
Es kabába di kantába kántu N txiga li. (RS)

3. Construções do tipo *mánda fla*:

'O rei entregou ao rapaz o sobrado que o rapaz lhe tinha pedido (por exemplo, através de um mensageiro ou de uma carta)'
pode-se dizer de uma das formas seguintes:

Nhu rei ntrega rapazinho sobrádu

ki rapazinho mánda pidiba-el. (RS)
ki rapazinho mandába pidi-l. (RS)
ki rapazinho mandába pidiba-el. (RS).

De forma análoga, nas formas verbais complexas compostas por uma série de três verbos, a desinência *-ba* pode, em princípio, aparecer num qualquer destes verbos, em dois quaisquer ou até nos três. No exemplo que se segue, o verbo *kre* 'querer, desejar' rege a perífrase verbal *pega na fase (algun kusa)* 'começar a fazer (alguma coisa)'. As frases marcadas com ponto de interrogação pareceram-lhe um pouco desajeitadas ao nosso colaborador cabo-verdiano, mas não incorretas:

'Quis começar a tocar o violino':

..., e kre pegába na toka violinu. (RS)
..., e kreba pega na toka violinu. (RS)
? ..., e kre pega na tokába violinu. (RS)
? ..., e kre pegába na tokába violinu. (RS)
? ..., e kreba pega na tokába violinu. (RS)
..., e kreba pegába na toka violinu. (RS)
..., e kreba pegába na tokába violinu. (RS)

Eis, para terminar, alguns exemplos de marcação da anterioridade em formas verbais complexas, extraídos do nosso cor-

pus, que comprovam as afirmações deste parágrafo:

- E fáxi nhu da kónta ma nu ka ta kre stába sen familia...
(Ta fládu ma Natal e fésta di familia!) (NyK 1986: 58)
'O senhor dá-se conta facilmente de que não gostaríamos de estar sem família... (Diz-se que o Natal é a festa da família!)!'
- Bon, kel dia go, nha Sebastiána ki éra nos bizinhu, móre, ki nos go, nu tinha ki bá trisnotába. (NL 33/17) 'Bom, naquele dia morreu a senhora Sebastiána, que era nossa vizinha, de forma que tivemos de ir velá-la.' (*tinha = tenba*, cf. 4.2.1.6)
- ..., di maneras ki N kre pa nhu flába-mi go si, pur akázu, mai di nho ta kustumába bába Práia bendeba purgera, o lenha la na lóxa di nha pai. (NL 30/31) '..., de maneira que, o senhor diga-me se, por acaso, a sua mãe costumava frequentar aquela loja do meu pai, na Praia, para vender (lenha de) purgueira e (outros tipos de) lenha.'
- Ó Nhordes, nhu debe popába-mi kel último turtura li. Nhu ka debeba dexába-mi kordába. (Trilogiâ II, 49/15) 'Oh Deus, o Senhor devia poupar-me a esta última tortura. Não devia fazer-me despertar.'

4.2.2.3.3 Colocação da desinência -du (e -da)

Também a respeito da desinência -du, que indica 'passividade' (e, conseqüentemente, a respeito da desinência -da, que acumula esta função com a indicação de anterioridade), encontram-se exemplos dessa liberdade de colocação.

Para dizer que se começou a fazer uma festa, por exemplo, há três possibilidades:

Komesa ta fasedu fésta. (RS)
Komesádu ta fase fésta. (RS)
Komesádu ta fasedu fésta. (RS)

E, de forma análoga, diz-se:

Na nha lugar dja kába mundádu pádja. (Veiga 1982: 119) 'No meu campo já se acabou de mondar as ervas daninhas.'
Na nha lugar dja kabádu munda pádja. (RS)
Na nha lugar dja kabádu mundádu pádja. (RS)

Para 'Mandou-se (alguém ou uma mensagem) ao rei para lhe pedir ajuda', temos as possibilidades:

Mánda pididu nhu rei un djuda. (RS)
Mandádu pidi nhu rei un djuda. (RS)
Mandádu pididu nhu rei un djuda. (RS)

Eis alguns exemplos do nosso corpus:

..., un di kes vantaji di régra e ponta manera módi debedu fase (nes kazu, skrebe), ... (Tomé Varela da Silva, num texto sobre o ALUPEC)'..., uma das vantagens das regras consiste na indicação do modo como se deve proceder (neste caso, para escrever), ...'
... ka debe dexádu di odja nel [António de Paula Brito] un vizionári ... (Silva 2014: 2.3.1) '... não podemos deixar de ver nele um visionário.'
Más kusé k-ês sata djobi podu diskubrida déntu di un rósa o di un kusinha d'águ... (Prispinhu 81) 'Mas o que estão a procurar poderia ser descoberto numa rosa ou num pouco de água...'
... prusésu ki abituádu txoma di tradicional, ki ta rakóre i sakóre di alfabétu purtuges, pa un bándá, i di prinsipis más-o-menu etimulójiku, di kelotu bándá. (Silva 2014: 2.4) '... o processo que se costuma chamar de tradicional, e que recorre e se socorre, por um lado, do alfabeto português e, por outro lado, de princípios mais ou menos etimológicos.'

Por outro lado, é compreensível que surjam limitações a essa liberdade de colocação de *-du*, quando há dúvidas sobre os sujeitos coincidirem ou não. Se o que se quer dizer é que o próprio rei foi enviado para que pedisse ajuda a alguém, é preciso dizer *Nhu rei mandádu pidi un djuda* (RS); se, pelo contrário, se quisesse dizer que alguém foi mandado para pedir ajuda ao rei, optar-se-ia por *Nhu rei mánda pididu un djuda* (RS).

Por razões análogas, parece que as possibilidades de colocação estão limitadas nos seguintes casos:

[antes de um duelo:] ..., un di nos ta ben tomádu li!
(56/19) '..., virão para levar um de nós!'
[depois do duelo:] Así, dja e ka so un d'es, más es tudu dos ki ba tomádu la. (57/5) 'De maneira que, não foi só um que foi levado, mas foram ambos.'
Fésta dja stába náu, bunitu própi, mandióka dja bai rin-kádu na Sidádi Bédja, bodi ku karneru dja bai pegádu na txáda d'Egua, fésta bédju sima kel la ka fasedu inda n'es mundu, ... (LS 18/21-25) 'A festa já estava mesmo bonita, já foram à Cidade Velha arrancar mandio-

ca, já foram apanhar o bode e as ovelhas na Achada da Égua, ainda não tinha sido celebrada uma festa como esta neste mundo, ...'

Nas perífrases aspetuais, o *-du* agrega-se, regra geral, tanto ao auxiliar, como ao verbo principal. Mas parece que há uma certa preferência por uma destas alternativas, em determinadas perífrases. Assim, ouve-se geralmente *árma fasedu*, *ben fasedu*, *bira ta fasedu*, *fálta fasedu*, *pása ta fasedu*, *torna fasedu*, *txiga fasedu*, *txiga di fasedu*, mas *podu ta/na fase*, *pegádu ta/na fase*, *dexádu di fase*. Cf.:

Na kel ánu tinha tántu fómi ki fálta so kumedu algen. (RS) 'Naquele ano, a fome chegou a tais extremos que só faltava comer pessoas.'

E pur kázu d'es kontisiméntu li (lénnda?), ki kel subidóna pása ta txomádu, ku ténpu, Gomisiánu. (57/7-8) 'Por causa desse acontecimento (uma lenda?), aquela via íngreme passou, com o tempo, a chamar-se Gomisiánu.'

Batáta doxi dja txiga kumedu. (RS) 'As batatas doces já se podem comer.'

Nas perífrases modais, *-du* agrega-se sempre ao verbo principal. Cf. por exemplo *Sobrádu pode/debe/ten ki/meste fasedu* (RS) 'O sobrado [= uma casa de dois andares de estilo colonial] pode/deve/tem de ser construído.'

O problema da colocação de *-du* complica-se ainda mais devido ao facto de as formas derivadas de verbos por meio de *-du* servirem também, e frequentemente, de adjetivos. A possibilidade daí resultante de se interpretar *N dexádu xintádu* como 'Deixaram-me sentado' bloqueia o uso desta frase no sentido de 'Deixaram que me sentasse'. Para expressar este sentido preferre-se, portanto, dizer *N dexádu xinta* etc.

4.3 Uso das marcas

4.3.1 Formas marcadas e formas não marcadas

A forma de base de um verbo santiaguense é a sua forma morfológica e semanticamente não marcada (ex.: *fase* 'fazer', *kánta* 'cantar' etc.). As suas possibilidades de uso resultam, de forma indireta, da enumeração de situações que requerem o

uso de alguma forma marcada, pois, em princípio, a forma de base emprega-se sempre que não há necessidade de usar uma forma marcada.

Por isso, é aconselhável partir das formas marcadas, na descrição do funcionamento do sistema verbal santiaguense.

Contudo, convém apontar que, regra geral, o crioulo de Santiago e muitos outros crioulos se afastam consideravelmente das línguas mais conhecidas da Europa, quanto ao uso das formas marcadas e não marcadas da sua gramática. No santiaguense, uma forma marcada para determinado valor 'A' (por exemplo, o *ta kánta*, marcado para a 'imperfetividade') não se usa em todos os contextos e situações que correspondem a este valor. Usa-se apenas quando o contexto linguístico e situacional não indica por si só que se trata de 'A' e quando importa realmente aclarar que se trata de 'A'. Quando tal não é o caso, prefere-se geralmente prescindir da marcação (cf. mais adiante 4.3.3.9, 4.3.4.3, 4.3.5.8, 4.3.6.2 e 4.3.7.5).

Atendo-nos ao nosso exemplo, isto significa que as formas com *ta* não se usam sempre que o valor visado é a 'imperfetividade'. Usam-se apenas quando o contexto linguístico e situacional não basta para indicar que o falante quer transmitir uma visão 'imperfetiva' do estado de coisas (cf. 4.3.3.9).

4.3.2 O aspeto - generalidades

A oposição 'inclusiva' (cf. 0.2.5) entre as formas *ta kánta* (marcada) e *kánta* (não marcada) é de índole aspetual. Entendemos por 'aspeto' a expressão morfológica e, portanto, gramatical (cf. mais adiante) de 'aspetualidade'. As línguas exprimem aspetualidade sempre que apresentam diferentes possibilidades de situar o observador em relação ao decorrer temporal de um estado de coisas (adaptado de Comrie 1976: 5). Mas há formas de expressar aspetualidade que normalmente não se incluem na categoria verbal 'aspeto'.

Assim, há expressão de aspetualidade ao nível lexical, quando uma língua dispõe de verbos cujo significado lexical difere relativamente à aspetualidade (cf. pg. *viver*, *nascer*, *morrer* etc.). De acordo com Leiss 1992: 41/42, chamamos 'carácter verbal' (al. *Verbalcharakter*) a esta aspetualidade expres-

sa pelo significado lexical dos verbos.

A aspetualidade fica expressa ao nível da derivação, quando esta modifica o significado aspetual da base (cf. lat. *flōreō, flōrēscō*; al. *blühen, erblühen, verblühen*, pg. *dormir, adormecer*). Fala-se, então, em '*Aktionsarten*' (cf. de novo Leiss 1992: 41/42).

E a aspetualidade exprime-se ao nível da construção verbal, por exemplo, quando a língua oferece, para determinados verbos, construções pseudo-reflexas que permitem uma modificação aspetual do seu significado (cf. esp. *dormir* 'dormir', *dormirse* 'adormecer' etc.), ou quando dispõem de perífrases verbais que permitem tal modificação, em princípio para todos os verbos (cf. 4.5.6).

A categoria gramatical 'aspeto' é, pois, apenas mais uma forma de exprimir aspetualidade. Esta categoria verbal existe nas línguas onde há, em princípio para todos os verbos, formas verbais (simples ou complexas) que só diferem, mas de forma constante, em relação ao seu valor aspetual. Dizemos 'em princípio', porque isto não exclui que existam, nestas línguas, afinidades de certos verbos com certos aspetos e neutralizações da oposição aspetual por determinados contextos. E também não exclui que, nelas, o significado lexical de certos verbos torne desnecessária a marcação do aspeto (cf. 4.4.1).

Visto assim, há dois tipos de 'aspeto' no crioulo de Santiago. Um que se exprime pela presença vs. ausência das partículas pré-verbais *ta* e *sa ta* (cf. *ta kánta* vs. *kánta, sa ta kánta* vs. *ta kánta*); é morfologicamente 'ligeiro' e semanticamente bastante geral. Ocupar-nos-emos dele nos parágrafos seguintes (4.3.3 e 4.3.4). O outro tipo consiste no emprego, ou não, de determinados verbos auxiliares (cf. por exemplo *sta na kánta* vs. *kánta*); é morfologicamente mais 'pesado' e permite fazer distinções aspetuais mais subtis. Tratá-lo-emos em 4.5.6. Todas as oposições diretas de aspeto, nestas duas áreas da gramática do santiaguense, são de natureza inclusiva: opõem uma forma morfológica e semanticamente marcada a uma forma morfológica e semanticamente não marcada (cf. 0.2.5).

O aspeto verbal, sendo uma das formas de expressar aspetualidade, claramente serve para situar o observador em relação ao decorrer temporal de um estado de coisas. A distinção

aspetual mais simples que pode haver, de acordo com esta definição, opõe uma perspectiva do estado de coisas desde o seu interior (cf. pg. *a moeda está a cair*) a uma perspectiva desde o seu exterior (pg. *a moeda caiu*, cf. Comrie 1976: 4).

No santiaguense, uma oposição deste tipo, mas inclusiva, existe efetivamente graças à perífrase verbal *sta ta fase* ou *sta na fase* 'estar a fazer' (ex. *E sta na kánta* 'Está a cantar'). Aqui, o critério de seleção da forma marcada *sta na fase* é dado pela localização do observador entre os dois limites temporais do estado de coisas em questão. O uso da forma não marcada *fase* não exclui totalmente a sua localização entre estes limites (cf. *Inkuántu e kánta N sai* 'Saí enquanto cantava'). Contudo, a sua interpretação na ausência (no contexto) de indícios claros neste sentido (como o *inkuántu* no nosso exemplo), implica a localização do observador fora destes limites, isto é, fornece uma perspectiva do estado de coisas desde o exterior (assim, por ex., em *E kánta* 'Cantou').

4.3.3 Marcação da imperfetividade por *ta*

4.3.3.1 Generalidades

A oposição inclusiva entre *ta kánta* e *kánta* não opõe uma perspectiva necessariamente interior a uma perspectiva não necessariamente interior. Neste par, o critério de seleção para a forma marcada não é dado pela localização do observador entre as duas fronteiras temporais do estado de coisas que delimitam o seu 'interior', mas pela sua localização anterior ao seu limite temporal final (e, portanto, eventualmente até anterior ao limite inicial de um estado de coisas futuro, cf. 4.3.3.6). Esta oposição corresponde, pois, muito melhor às noções tradicionais de 'imperfetivo' (perspetiva do estado de coisas desde um ponto anterior ao limite final) e 'perfetivo' (perspetiva desde um ponto posterior ao seu limite final); só que, por ser também inclusiva, a forma não marcada não exclui a imperfetividade. Como comprovaremos mais adiante, a perfetividade é apenas a leitura normal, na ausência de indícios contrários, da forma não marcada. Também esta pode conformar-se com uma perspectiva 'imperfetiva', sempre que essa imperfetivi-

dade resulte claramente do contexto.

Usando os símbolos ---> para o avançar do tempo,
'-----' para os limites temporais do estado de coisas, e
*** para localizações possíveis do observador,
podemos resumir a natureza da oposição inclusiva do tipo *ta*
kánta/kánta da seguinte forma:

ta kánta:

-----*----'----*----'----->

Polo marcado: visão necessariamente 'imperfetiva' do estado de coisas, com o observador localizado antes do limite final (e, portanto, eventualmente também antes do limite inicial) do estado de coisas.

kánta:

-----(*)---'----(*)----'-----*----->

Polo não marcado: visão indeterminada do estado de coisas, com localização indeterminada do observador (mas visão 'perfetiva', com localização do observador posterior ao limite final do estado de coisas, se não houver indicação em contrário no contexto).

Por ora, ilustramos esta oposição, dando alguns exemplos onde ambas as formas concorrem, sendo que as formas com *ta* traçam um plano de fundo 'imperfetivo', sobre o qual os acontecimentos se destacam mediante formas 'perfetivas' sem *ta*. Estes encontros de formas lembram encontros similares de pretéritos perfeitos e imperfeitos nas línguas românicas. Relembramos que *ta* é frequentemente abreviado em *t'* ante um verbo que começa por vogal (cf. 4.2.1.5):

Kántu e'[maridu] ta txiga na pórtá, mudjer <...> da ku odju na si maridu, e'rabida, e'xinta riba panéla, ... (42/13-15) 'Quando [o marido] chegava à porta, a mulher <...> avistou o seu marido, voltou-se e sentou-se sobre a panela, ...'

Mudjer rusponde, djuntu ku ta tra otu banána: ... (65/10) 'A mulher respondeu, ao passo que arrancava outra banana: ...'

Dipos, e'obi ma sta kel fonti na Fránsa ki ka ta da águ. Txiga, fonti na Fránsa ka ta da águ, ... (201/2-3)

'Depois ouviu que na França havia aquela fonte que não dava água. Chegou e <efetivamente> a fonte na França não dava água, ...'

E'átxa bapor ta sai pa Fránsa. (200/13) '<Chegando à Praia> Achou o vapor a sair para a França.'

Os seguintes casos ilustram o mesmo contraste entre fundo (forma imperfetiva) e acontecimento em destaque (forma não marcada):

..., e'po mo na kexáda, ta pensa si poku sórti. (54/11)
'..., pôs a mão no queixo e refletiu sobre a sua pouca sorte.'

Nton, p'el sálba si korpu di masáda, e'kai duenti na káma, ta móre. (38/4) 'Para poupar o seu corpo de esforços, deixou-se então cair na cama doente, como se estivesse a morrer.'

O significado imperfetivo das formas providas de *ta* permite uma série de empregos com significados discursivos típicos, que passamos a apresentar.

4.3.3.2 'Presente'

Para se referir a estados de coisas contemporâneos do momento da fala (isto é, 'presentes'), usa-se geralmente a forma imperfetiva:

- Ki diâ bu ta ranja-m un makáku?

Maridu rusponde-l:

- Ki diâ, N ka sabe. Más N ta garanti-bu ma ka ta dura! (55/9)

'Quando me arranja um macaco?

O marido respondeu:

- Quando, não sei. Mas garanto-lhe que não vai demorar muito!'

Ta kusta-m kridita, más nu pode fase un spriménta...
(39/10) 'Custa-me a acreditar, mas podemos fazer uma tentativa.'

4.3.3.3 'Vigência intemporal'

A forma imperfetiva serve também para designar estados de coisas de vigência supostamente intemporal. É o caso da conclusão à qual chega o marido no final de um conto popular:

Na mudjer ka ta kunfiádu! (42/35) 'Não se deve confiar nas mulheres!'

4.3.3.4 'Habitualidade'

A forma imperfetiva também é empregue para se referir ao que é habitual e usual. Cf. Veiga 1982: 123, nota (1): "Óki <pg.> como ta signífika ábitu di kume, ta fladu: *N ta kume.*"

Na kel ténpu, buru ta karága kárga. (198/4) 'Naquele tempo, os burros carregavam com as cargas.'

E'fase un djánta sima kel ki e'ta faseba ántis di maridu duense. (39/16) 'Preparou um jantar como costumava preparar antes do marido adoecer.'

Ken ki ta dába-mi dja kába kánsa, ki dja N ten tres diâ sen átxa náda, sen kume náda ... (75/6) '[Um mendigo:] Os que me davam alguma coisa já se cansaram de o fazer, de forma que há três dias que não encontro nada, não como nada ...'

..., dipos di kasaméntu, ómi toma kónta di si labora y mudjer, kónta di kása. Ta manxe, ómi ta tomába si kebrandjudjun féréré, e'ta bába si órta ki ta fikába un poku lonji di kása. La pa bándá dos óra di tárdi, e'ta benba kása almusa. (41/3-4) 'Depois do casamento, o homem encarregou-se da lavoura e a mulher do trabalho doméstico. De madrugada, o homem tomava rapidamente o pequeno almoço e ia para o seu terreno de regadio, que ficava um pouco longe de casa. Por volta das duas da tarde, vinha para casa almoçar.'

Mas

El undi e'juga, e'gánha; undi e'juga, e'gánha. (101/13) 'Onde quer que ele jogasse, ganhava; onde quer que jogasse, ganhava.'

porque, neste caso, o *undi*, junto com a repetição, basta para indicar a habitualidade (cf. 4.3.1 e 4.3.3.1).

4.3.3.5 'Iteração'

Usa-se ainda a forma imperfetiva para designar estados de coisas que se repetem durante um certo período de tempo, sem que se trate necessariamente de hábitos em sentido estrito:

- ... y kuántu más kumida e'dádu p'el kura, más e'ta kume. (38/15) '... e quanto mais comida lhe dava para que se restabelecesse, mais comia.'
- Bai ti té, ómi bira ta ben kása, e'ka ta átxa almusu. (41/5) 'Assim foi até que, a certa altura, o homem começou a não encontrar o almoço feito, quando vinha a casa.'

4.3.3.6 'Futuro'

Formas cuja função primária é a expressão de valores aspetuais podem, na ausência de indícios claros de que se está ante um emprego meramente aspetual, exprimir, de forma concomitante, valores temporais. Não é estranho que o santiaguense, que não dispõe de formas que exprimam tempo absoluto, faça amplo uso desta possibilidade. No entanto, a oposição aspetual de base desta língua, além de ser inclusiva, oferece apenas duas formas para cobrir os três domínios temporais do passado, presente e futuro. Nestas circunstâncias, é lógico que seja a forma marcada para a imperfetividade a cobrir dois destes domínios, o presente e o futuro, visto o futuro, que ainda não começou, fazer também parte do que ainda não acabou.

Em santiaguense não há, no domínio das formas verbais simples, outra possibilidade de expressar o futuro, que não seja o emprego da partícula *ta*. Pelo contrário, as formas não marcadas exprimem passado, se não houver indícios contrários no contexto.

Na seguinte pergunta, que uma pessoa humilde dirige a uma pessoa de classe social superior, a pessoa humilde refere-se primeiro ao presente e depois ao futuro, sempre mediante o uso de *ta*:

- Kunpádri, anhô nhu ta kume, nhu ka ta dexa-m kume? (198/20) 'Compadre, você está a comer e não me deixará comer [também] a mim?'

Na seguinte passagem, onde um curandeiro explica a uma mulher como pensa demonstrar-lhe que o seu marido, supostamente doente, é de facto apenas preguiçoso, abundam as referências a estados de coisas futuros, por meio de *ta*:

Bon, si nha kré, N ta fase-nha seta. N ta ránja tokadoris di tanboru, korneterus y un grupu di ómi. Es ta bai pa riba-l kása di nha, es ta toka kornéta ku tanboru, "bran, bran-ka-ta-bran" y ómis ta rusponde: "Nu ta má-ta duenti, nu ta dexa prontu: ken ki sta duenti, pa máta; ken ki sta prontu, pa dexa!" Si, es ta bai ta toka, es ta bá ta txiga pértu kása di nha. Mi, N sta sértu ma sin k'el obi, e ta bira prontu! (39/3-7) 'Bem, se a senhora quiser, faço-lhe uma receita. Vou arranjar tamborileiros, corneteiros e um grupo de homens. Irão para cima da sua casa tocar os tambores e as cornetas, 'bran, bran, bran-ka-ta-bran' e os homens responderão: "Matamos os doentes, deixamos os sãos: quem estiver doente, para matar, quem estiver são, para deixar!" Assim irão tocando, aproximando-se da sua casa. Tenho a certeza que <o seu marido> ficará são, mal os oiça!'

Um pouco mais tarde, o curandeiro promete:

Manhan tárdi, N ta mánda spriménta. (39/11) 'Amanhã de tarde, mandarei experimentar.'

4.3.3.7 'Posterioridade'

O futuro indicado por *ta* pode sê-lo apenas relativamente a um acontecimento passado:

..., es da rinkáda noti, es ta ben manxe na Práia. (198/6) 'Puseram-se a caminho de noite, chegariam de madrugada à Praia.'

..., e'pidi-l un bokádu, e'fla nau, m'el ka ta da-l n'un bokádu. (199/17) '..., pediu-lhe um bocado <de comida>, <o outro> disse que não, que não lhe daria nem um bocado.'

4.3.3.8 *ta* no período hipotético

O emprego de *ta* para se expressar futuro (absoluto ou relativo) torna compreensível o seu uso na oração principal (apódose) dos períodos hipotéticos. De facto, a realização do estado de coisas designado pela apódose só se dá se se cumprir a condição enunciada na prótase, sendo portanto logicamente posterior ao cumprimento desta condição. Recordemo-nos que também nas línguas europeias se usam correntemente formas de futuro ou de condicional na apódose dos períodos hipotéticos.

Distinguimos para o santiaguense dois tipos de períodos hipotéticos: um que apresenta a realização da condição expressa na prótase como sendo uma expectativa realista (chamado de 'período hipotético real'), e outro que apresenta esta expectativa como não realista (chamado de 'período hipotético irreal') (cf. 15.2.2).

Eis um período hipotético do primeiro tipo:

Bon, si nha kré, N ta fase-nha seta. (39/3) 'Bem, se a senhora quiser, passo-lhe uma receita.'

No segundo exemplo, também 'real', uma pessoa humilde exige a um cego que lhe fure os olhos, para beneficiar do tipo de indemnização (pela deficiência) a que este teve direito:

Si nhu ka ben fra-m nha odju, N ta po-nho dentu kalabosu, nhu ka ta sai nunca más! (201/20) 'Se o senhor não me furar os olhos, meto-o no calabouço e [daí] não sairá nunca mais!'

O começo do poema *Distinu*, de José Luis Hopffer C. Almada servir-nos-á de exemplo para o 'período hipotético irreal':

Si mundu éra sima nha pálmul mo N <u>ta fitxába</u> mo Y mundu <u>ta sérba</u> di-meu mi-so	'Se o mundo fosse como a palma da minha mão fecharia a mão E o mundo seria meu e só meu
Si bu róstu éra sima lágua nha odju N <u>ta fitxába</u> odju Y bu <u>ta skoreba</u> -mi na róstu	Se o teu rosto fosse como as lágrimas dos meus olhos fecharia os olhos E escorrer-me-ias pelo rosto'

Ta pode também ocorrer na oração condicional do 'período hipotético real', posto que é do futuro que se espera a realização das expectativas realistas. No exemplo seguinte, um sogro ameaça o genro, para que este aceite de volta a mulher expulsada:

Si nhu ka ta ba toma mudjer di-nho, un di nos ta ben tomádu li! (56/18-19) 'Se o senhor não aceitar de volta a sua mulher, virão aqui para levar um de nós!'

No entanto, nos períodos hipotéticos irrealis que se referem ao passado, parece que *ta* ocorre apenas (na prótase e na apódose), quando se trata de um hábito ou de um processo que se repete durante algum tempo. Daí a diferença entre

Si Dios ka diskunfiába di si kabésa, el ka kriába Diábu.
(J. L. Hopffer Almada) 'Se Deus não desconfiasse <um dia> de si, não criava o Diabo.'

e

Si Dios ka ta diskonfiába di si kabésa, e ka ta kriába Diábu. (RS) 'Se Deus não estivesse sempre a desconfiar de si, não criava o Diabo.'

Cf. ainda

Si e ta bába trabádja si órta, e ka ta ngordába sima e ngorda. (RS) 'Se tivesse ido <regularmente> à sua horta trabalhar, não teria engordado como engordou.'

Nas línguas românicas, pode-se usar, na oração principal, o presente em vez do futuro ('período hipotético real'), ou o imperfeito em vez do condicional ('período hipotético irreal'), renunciando, pois, à expressão da posterioridade lógica. Do mesmo modo, renuncia-se, ocasionalmente, no santiaguense, ao emprego de *ta*, na oração principal. Assim, 'Seria/era melhor falares com ela' traduz-se para Ta sérba midjór si bu papiába ku el ou por Éra midjór si bu papiába ku el (cf. Veiga 1982: 124).

Aliás, a fala não é sempre coerente. Ocorrem casos onde a prótase sugere uma condição realista, ao passo que a apódose faz pensar numa condição não realista, e vice versa:

Si ê ka pamodi anho ê nhu Rei, N ka ta flába-nho kus'ê ki rapasihu mánda fla-nho! (LS 27/19) 'Se o senhor não for o Rei, não lhe daria o recado do rapaz.'

4.3.3.9 Renúncia ao emprego de *ta*

Conforme o princípio exposto em 4.3.1, a imperfetividade 'de facto' de um estado de coisas pode ficar por marcar, nos casos em que resulta claramente do contexto linguístico. Com-

prova-se então que a forma morfológicamente não marcada é-o também no plano semântico, sendo a perfeitividade apenas a interpretação que se impõe na ausência de indicações contrárias no contexto. Manuel Veiga apresenta o exemplo seguinte:

Talbes txobe manhan. (Veiga 1982: 122) 'Talvez chova amanhã.'

O próprio Veiga comenta: 'Na es izénplu asp. non rializadu ['imperfetivo'] e indikadu pa modalidadi manhan ...'.

A ausência bastante regular de *ta* após anúncios introduzidos por *Spera!* 'Espera!' etc. justifica-se de forma análoga:

Spera N ba pánha kelotu <sapátu> purmeru, ántis di algen txiga n'el! (131/34-35) 'Espera, vou primeiro buscar o outro sapato, antes que alguém chegue aonde ele está.'
Spera-m N toma nha bengála féru ku nha kapaseti féru, N sai! (80/25) 'Espera por mim, vou buscar a minha bengala de ferro e o meu capacete de ferro e saio!'

A seguir, apresentamos três tipos de contextos claramente imperfetivos, onde a renúncia ao *ta* é usual, conforme o princípio mencionado.

4.3.3.9.1 Com os 'verbos de estado'

Convém lembrar uma interferência interessante entre o aspeto gramatical e a aspetualidade veiculada pelos significados dos verbos simples (o 'Verbalcharakter') (cf. 4.3.2): renuncia-se geralmente ao uso de *ta* antes dos verbos prototipicamente estativos, quando usados para designar um estado presente, ou - providos da desinência *-ba* (cf. 4.3.5) - passado.

O grupo de verbos - simples ou complexos (cf. 4.1.2) -, que em santiaguense são estativos segundo este critério, é relativamente restrito (cf. 4.4.1.2). Pertencem também a este grupo todo os verbos modais e os verbos afins a estes, como *kre* 'querer' e *meste* 'precisar, dever'. Aliás, alguns verbos só funcionam como 'verbos de estado', quando usados com determinado significado. *Txoma*, por exemplo, funciona como 'verbo de estado' quando significa 'chamar-se', mas não quando significa 'chamar (alguém)'. Em 4.4.1, trataremos destes 'verbos de

estado'. Aqui, damos apenas alguns exemplos para ilustrar o princípio:

Éra un bes tinha dos armun ki txomába Ruman ku Rumána. (LS 1/1) 'Era uma vez dois irmãos que se chamavam Ruman e Rumána.'

N sta prokupádu ku bu duénsa ... (42/19) 'Estou preocupada com a tua doença.'

[Na comida:] Kel la e di kenha? - E di nho ... (31/10-11) 'Para quem é aquilo? - É para o senhor ...'

Odja, manhan, N ten sais ómi pa mónda. (53/10) 'Olha, amanhã tenho seis homens para mondar.'

Dja N tene tudu spésia limária. Falta-m so makáku. (RS) 'Tenho já todo o tipo de animais. Falta-me só um macaco.'

Nton, e'fla mudjer ma parse-l ma si duénsa e frakéza. (38/8) 'Disse então à mulher que lhe parecia que a sua doença era <um tipo de> fraqueza.'

N mora na Fazénda. (RS) 'Moro no bairro da Fazénda.'

..., abô bu ka sabe ma li ka ta bendu? ... (154/3) 'Tu não sabes que não se deve vir aqui?'

Ta kusta-m kridita, más nu pode fase un spriménta ... (39/10) 'Custa-me a acreditar, mas podemos fazer uma experiência ...'

..., tudu kusa ki bu meste o bu kré, básta bu fla "tudu pa sáku", es ta fiká-bu na sáku pa bu uzu. (75/10-11) '... qualquer coisa de que precisares ou que quiseses, basta que digas 'tudo ao saco' e aparecerá imediatamente no teu saco, à tua disposição.'

... sima N kré nha maridu txeu, ... (39/1) '... como gosto muito do meu marido, ...'

Isto não significa, como precipitadamente se costuma afirmar em casos como este, que os verbos em questão não admitem *ta*. Seria mais correto dizer que, quando usado com estes 'verbos de estado', *ta* fica livre para assumir funções secundárias, mais específicas, mas sempre compatíveis com o seu valor básico de indicação de imperfetividade, como por exemplo: referir-se ao futuro, insistir, sugerir um hábito, uma permanência, etc. (cf. 4.4.1.3).

4.3.3.9.2 Nos atos de fala diretivos

No crioulo de Santiago, não há formas verbais específicas 'de imperativo'. Os atos de fala 'diretivos', como convites, ordens, proibições (cf. Searle 1975), reconhecem-se como tais

graças ao contexto verbal e situacional, à entoação e à sintaxe (cf. 4.2.1.3).

O indicador sintático dos atos de fala diretivos que interessa no contexto deste parágrafo é o seguinte: neles, a forma verbal fica sempre sem o *ta* imperfetivador, embora, logicamente, aquilo que se peça, aconselhe, etc. ainda não esteja feito (seja, pois, 'imperfeito'), no momento da realização do ato. Comprova-se, mais uma vez, a aptidão dos contextos claramente imperfetivos para tornar o emprego de *ta* supérfluo e atéagramatical.

Eis algumas frases que, nos contextos de onde as extraímos, servem para realizar atos diretivos:

Uma 'cabeça' encontrada pelo caminho tiraniza, com as suas ordens, uma família humilde. Num primeiro momento, a mulher quer chamuscá-la, para depois comê-la:

Na, nu txumuska-l gósi! (30/20) 'Não, chamusquemo-la imediatamente!'

Porém, uma vez no lume, a cabeça protesta inesperadamente e começa a dar ordens:

... Pánha-m bu laba-m! [...] Nxuga-m bu po-m deta! [...] Kubri-m go! [...] Góra, nhos ba buska kumida, nhos tarse-m! (30/25-31/7) 'Apanha-me e lava-me! ... Secame e deita-me! ... Cobre-me! ... Agora, ide buscar comida para ma trazer!'

Da história da burra que defeca ouro, extraímos o seguinte exemplo:

..., bésta, pururú un bandexa di farélu txóku li, pa N odja! (452/12) 'Burra, caga uma bandeja de farelo apodrecido, para eu ver!'

Outros exemplos:

Kóre, minina! ... (39/33) 'Corre, menina! ...'

Si nhu ka kré nxina-m ramédi, ka nhu nxina ... (38/20) 'Se não quiser indicar-me um remédio, não mo indique ...'

Nhu diskulpa-m! (42/3) 'Desculpe!'

Nu tra di-nho nu kume, dipos nu ta tra di-meu nu ta kume. (198/13) 'Tiremos o seu para comer, depois tiraremos o meu e comeremos.'

Cf. também a expressão idiomática *Ka nhu fla!* 'Não acredito!', literalmente 'Não diga <isso>!'.
O seguinte exemplo não constitui um contraexemplo. Nele, *ta* aparece numa ordem expressa de forma indireta, através de uma afirmação a respeito do futuro:

N ka kre fase-1. - Bu ta fase-1, sin! (RS) 'Não quero fazê-lo. - Vais fazê-lo, sim!'

Expressa de forma direta, esta ordem soaria: *Fase-1!*

Atos diretivos relatados no discurso indireto são introduzidos pela preposição *pa*. Neles, a partícula de negação ocupa o seu lugar usual, após o (pronome) sujeito. Contudo, a preposição *pa*, na função de conjunção subordinativa, implica imperfetividade e torna o *ta* supérfluo (cf. 4.3.3.9.3):

Tudu bes ki e'tenta purgunta maridu e pamódi, raspósta di maridu éra: p'el ka xatia-1. (48/20) 'Sempre que tentava perguntar o motivo ao marido, a resposta era: que não o chateasse.'

4.3.3.9.3 Nas orações subordinadas

O exemplo que acabamos de ver ilustra outro contexto onde nunca aparece *ta*, por estar a imperfetividade implicada no contexto: o das subordinadas introduzidas por *na* 'em' (cf. 14.2.1), *pa* 'para' (cf. 14.2.5), ou *ti* 'até' (cf. 14.2.3). Isto apesar de, nestes casos, o falante apresentar o estado de coisas que designa, através da subordinada, como continuando a vigorar (*na*), ou mesmo como ainda não tendo entrado em vigor (*pa*, *ti*), no momento a que se refere a oração principal.

No primeiro dos dois exemplos que se seguem, descreve-se o duelo entre Iáni e Gomis:

Es briga na kel stilu antigu: Purmeru, es da kunpanheru ku pó; dipos ku punhal. Na da ku pó, un ta da, ta spéra kelotu pa rusponde. So si, ti k'es kánsa, o ti k'es átxa ma dja txiga. (57/1-2) 'Combateram ao estilo antigo: primeiro deram um no outro com os paus, depois com os punhais. Lutando com os paus, dava primeiro um e depois esperava que o outro desse. Sempre assim, até se cansarem, ou até acharem que já era suficiente.'

Nton, p'el kába ku si diskunfiánsa <...>, bándá di dés y meia pa ónzi óra di palmanhan, e'txiga si kása. (42/11) 'Então, para acabar com a desconfiança <...>, chegou à sua casa por volta das dez e meia da manhã.'

Regra geral, e pela mesma razão, prefere-se a forma não marcada após outros elementos que introduzam orações subordinadas, como *inkuántu* (*ki*) 'enquanto' (cf. 15.1.2), (*kel*)*óki*, *óras ki* 'quando (+ futuro do conjuntivo)' (cf. 15.1.1), (*so*) *si* '(só) se' (cf. 15.2), *sima*, *sin ki* 'logo que, assim que', etc.

Gomis deu autorização a Iáni, para que este se ausentasse, antes da ocorrência do duelo:

Inkuántu Iáni ka volta, Gomis ba ta fase paredi na bera kaminhu, pa Iáni k'átxa diskulpa di kansera. (56/22) 'Enquanto Iáni não voltava, Gomis ia construindo paredes à beira do caminho, para não permitir que Iáni se desculpasse, alegando cansaço.'

Do conto do senhor humilde/da pessoa humilde:

Si nhu ka ben fra-m nha odju, N ta po-nho dentu kalabosu, ... (201/20) 'Se o senhor não me furar os olhos, meto-o no calabouço, ...'

Outros exemplos:

Nton, nhu báí, t'óki nhu volta. (201/1) 'Então, vá, até voltar/até que volte.'

Mi, N sta sértu ma sin k'el obi, e'ta bira prontu! (39/8) 'Pela parte que me toca, tenho a certeza de que ficará pronto, logo que ouvir <isto>!'

No exemplo seguinte, onde se trata da chegada diária a casa, a habitualidade sugeriria *Kelóki* e *ta txigába*, se a habitualidade não estivesse já inequivocamente expressa no e *ta atxába* (e não e *átxa*) da oração principal:

Kelóki e'txiga kasa, e'ta atxába mudjer detádu kubridu, ... (41/5) 'Sempre que chegava a casa, encontrava a <sua> mulher deitada e coberta, ...'

Sempre segundo o mesmo princípio, um *ta*, perfeitamente aceitável, resulta porém desnecessário, nas subordinadas in-

troduzidas por *ki*, nos exemplos seguintes:

... tudu kusa ki mudjer pidiba-el, e'ta dába pa pó y pa pédra p'el fartába-el vontádi. (30/2) '... tudo o que a mulher lhe pedia, ele movia o céu e a terra para lhe fazer a vontade.'

..., e'tene tudu kusa txeu, kréditu pa tudu bánda k'e'bai. (202/4) '..., tem de tudo em abundância, e crédito onde quer que vá.'

Pa más pikénu kusa kasábi ki bu fase-m, bu lonbu stá [sic] na pónta nha barapó ... (54/24) 'Pelo mínimo transtorno que me causares, vais sentir o meu pau nas tuas costas.'

4.3.4 Marcação da duratividade por *sa ta*

4.3.4.1 Generalidades

Contrariamente ao que se afirma em Baptista 2014: 115, parece que, em santiaguense, *sa* [sə] vai sempre seguido de *ta* (cf. 4.2.1.3). Existe uma variante mais curta desta sequência *s'ta* [stə] que, historicamente, parece ser a mais antiga (cf. Lang 2009: 165-167). Apesar da impossibilidade de introduzir outro elemento entre *sa* e *ta*, as duas partículas são tratadas como duas palavras, pelo ALUPEC. Isto condiz com a articulação semântica da sequência: é que no lado marcado, 'imperfetivo', da oposição aspetual *ta kánta/kánta*, funciona, no crioulo de Santiago, outra oposição, também ela inclusiva, com a forma marcada *sa ta kánta* opondo-se à forma não marcada *ta kánta*. Trata-se de uma oposição do tipo 'durativo'/'não marcado (para a duratividade)'. O exemplo seguinte ilustra esta oposição:

Mi N sta fórtimenti konbensedu ma kel diâ li ta txiga i sa ta txiga [...], pa ben di kada menbru di nos Família-Nason. (Tomé Varela, blog) 'Estou fortemente convencido de que esse dia chegará e já está a chegar, para o bem de cada membro da nossa família-nação.'

Preferimos o termo 'durativo' ao termo 'progressivo', apesar de *e sa ta kánta* significar aproximadamente o mesmo que o ingl. *he is singing* ou o fr. *il est en train de chanter*. De facto, poder-se-ia falar de progressividade na maioria dos empregos das formas do tipo *sa ta* + verbo, mas não em todos.

Faz sentido falar de um *kusia* 'cozinhar' que progride, mas dificilmente tem lógica falar de um *ten dór di bariga* 'ter dores de barriga' que progride. Contudo, as dores de barriga podem 'durar':

Si mudjer di nho sa ta ten dór di bariga, N ka sabe. Más parse-m go ma kúsia, e 'sa ta kusia tudu diâ ... (41/20-21) 'Não sei se a sua mulher tem dores de barriga, mas parece-me que está todo o <santo> dia a cozinhar ...'

Sa ta pode também acompanhar outros verbos que designam estados que não 'progridem', como *parse* 'parecer', *xinti* 'sentir', *fálta* 'faltar' e, até, *ser* 'ser' (cf. 4.4.2.3.3):

... sa ta parse-m ma bo, oxi, bariga ka ta due-bu! (42/21) 'Parece-me que, a ti, hoje, a barriga não te dói.'

Nha maridu, dja N tene kuázi tudu spésia limária Más sa ta falta-m makáku. (55/6-7) 'Ó marido, já tenho quase toda a espécie de animais Mas continuo sem macaco.'

Rapasinhu, bu sata [sic] ser ndjustu. (Prispinhu 82) 'Rapaz, tu estás a ser injusto.'

Desnecessário será dizer que, tal como a expressão de imperfetividade, a de duratividade não é obrigatória com os 'verbos de estado'.

As formas do tipo *sa ta kánta* não expressam habitualidade, apesar de a habitualidade dispor em muitas línguas de formas específicas (cf. Comrie 1976: 1.2). Já vimos em 4.3.3.4 que a habitualidade constitui um dos significados recorrentes do simples *ta kánta*.

Devido à sua afinidade semântica com a perífrase verbal *sta ta/na* fase 'estar a fazer' (cf. 4.5.6.4.14), *s'ta* encontra-se por vezes escrito erroneamente numa só palavra: *sta*. Todavia, a sequência de partículas *s'ta* é átona, ao passo que o auxiliar *sta* da perífrase leva, pelo menos, um acento secundário.

No crioulo fundo de determinadas zonas do interior de Santiago, diz-se *á ta* ['atɛ] bzw. *ái ta* ['aĩtɛ], em vez de *sa ta*, *s'ta*. Cf. por exemplo

Mas *antis di kela, inda, nhos meste fla-m di undi nhos ben, pa undi nhos a-ta bai [= sa ta bai], kenha é nhos, ...* (Oda 265/28-266/1) 'Mas antes de aquilo, vocês têm de me dizer de onde vêm, aonde vão e quem são, ...'

Seguem-se alguns exemplos que ilustram bem a duração ou continuação que exprimem as formas do tipo *sa ta kánta*:

Maridu da *kónta sédu ma mudjer sa ta da-l más ramédi ki kumida.* (38/6) 'O marido rapidamente se deu conta de que a mulher lhe dava mais remédios que comida.'

Ómi *sa ta dida ku dizinbárka ku si mudjer, ...* (201/14) 'O homem estava ocupado a desembarcar <junto> com a sua mulher, ...'

Mudjer *sa ta bai buska-l silora dibagár, e'grita-l: - Kóre, minina! ...* (39/32) 'A mulher foi devagar para lhe ir buscar as ceroulas, <mas> ele gritou-lhe: - Corre, menina! ...'

N *sta prokupádu ku bu duénsa ki ka sa ta pása.* (42/19) 'Estou preocupada por causa da tua doença, que não quer passar.'

A possibilidade de se referir ao futuro, mediante uma forma verbal precedida por *ta* (cf. 4.3.3.6), existe naturalmente também para as formas precedidas por *sa ta*. No exemplo que se segue, os dois compadres acabaram primeiro, juntos, com as provisões do compadre mais humilde. Quando o compadre (supostamente) de classe social superior se atira às suas próprias provisões, o mais humilde mostra que gostaria de ter a sua parte. Eis a resposta do compadre de classe social superior:

Amí N *ka sa ta da-nho nha kumida! <...> Na! ... N ka sa ta da!* (198/21-199/1) 'Não lhe darei a minha comida! ... Não! ... Não lha darei!'

Cf. ainda

Si *kré nha kulpa e más rixu ki di tudu algen, más, di li [di séu] go, ma N ka sa ta sai, e si!* (77/18) 'Talvez a minha culpa seja maior do que a de todos os outros, mas que de aqui <do céu> não sairei, disso não há dúvida nenhuma.'

Pelo contrário, as referências ao passado requerem marcação, pelo menos quando de outra forma resulta uma ambiguidade:

Kel mininu un bes sa ta papiába poku má gósi e sa ta papia txeu. (Fanha/Pereira 1987: 302) 'Houve um tempo em que este menino falava pouco, mas agora fala muito.'
Inkuántu N sa ta kumeba, txuba sa ta txobeba manenti. (RS) 'Enquanto comia, a chuva caía sem parar.'

4.3.4.2 Empregos secundários de *sa ta*

Exemplificando com pares mínimos, Dulce Fanha/Pereira 1987: 303 mostra como o que se apresenta como vigorando no momento visado pelo falante, pode, em determinadas circunstâncias, ser visto como mais concreto e real.

Ao contrário de uma mulher que expressa o seu desejo de ter um filho dizendo N ta ben ten un fidju 'Terei um filho', outra que dissesse N sa ta ben ten un fidju insinuaria que já está grávida. E ao contrário do simples Bu ta konxe nha ermon, Bu sa ta konxe nha ermon poderia vir a significar, segundo a mesma autora, 'Ficas a conhecê-lo a partir de agora: contraste entre um estado e a sua não existência anterior'. Finalmente, comparando com o simples Katxupa ta dura na fase 'A preparação de uma cachupa [prato nacional de Cabo Verde] requer bastante tempo', conviria traduzir a pergunta Katxupa sa ta dura ku sta prontu? para 'A <tua> cachupa demorará ainda muito tempo a ficar pronta?'.
.

4.3.4.3 Renúncia ao emprego de *sa ta*

De acordo com o princípio evocado em 4.3.1, prescinde-se muitas vezes do emprego de *sa ta*, quando o contexto implica duratividade ou continuidade:

Manenti N ta djobe pa séu di noti xeiú di stréla ku dimirason, N ta fika ta pensa na mistériu di izisténsa (RS). 'Olho continuamente com admiração para o céu noturno, cheio de estrelas, e fico a pensar no mistério da existência.'

Sensason di sabura y di pás éra txeu, di módi ki manentimanenti e'ta rasmungába si kantiga, e'ta puxába si sibiu, ... (242/11-12) 'Experimentava uma profunda sensação de bem-estar e de paz, de tal maneira que ia todo o tempo a trautear a sua canção e a assobiar.'

Sempre que *sa* aparecer nos contextos inequivocamente durativos, deve-se contar com a possibilidade de o falante pretender, com o seu emprego, atingir uma meta mais específica. Cf. mais uma vez:

Si mudjer di nho sa ta ten dór di bariga, N ka sabe. (41/20) 'Se a sua mulher tem <realmente> dores de barriga, eu não sei.'

Bu sa ta konxe nha ermon. 'Ficas a conhecer o meu irmão a partir de agora.' (Fanha/Pereira 1987: 303).

Os exemplos (33) a (44), em Silva 1990: 152/153, onde convém ler *s'ta* (= *sa ta*) em vez de *sta*, ilustram o mesmo fenómeno. Eis dois desses exemplos:

Kada dia el s<'>ta kre-bu más txeu. 'Each/ <every day she/he loves/is loving you more.'

Bu ka s<'>ta konxe-m? 'Don't you recognize/aren't you recognizing me?'

4.3.5 Marcação da anterioridade por *-ba*

Para as variantes fónicas desta marca, cf. 4.2.1.5, e para a sua colocação nas formas verbais complexas, cf. 4.2.2.3.2.

4.3.5.1 Generalidades

A oposição inclusiva entre as formas verbais com e sem *-ba* do santiaguense (*kantába/kánta* etc.) é uma oposição de 'taxe'. Esta categoria verbal existe nas línguas que dispõem de formas específicas para a expressão do 'tempo relativo', isto é, da 'anterioridade', da 'posterioridade' e/ou da 'simultaneidade'. No crioulo de Santiago, as formas verbais providas da desinência *-ba* exprimem 'anterioridade', constituem o que chamamos o 'anterior' deste crioulo; já as formas verbais sem *-ba* são neutras quanto a valores de *taxe*. A 'posterioridade' e a 'simultaneidade' não dispõem de formas específicas, no sistema das formas verbais simples do santiaguense (cf. 4.2.1.4). Contudo, a língua tem perífrases verbais que exprimem 'posterioridade' (cf. 4.5.7).

No português e noutras línguas europeias, também há formas verbais que exprimem valores de *taxe* (cf. pg. *tinha cantado*

vs. *cantava*), mas destas, pelo menos as finitas, exprimem sempre simultaneamente algum tempo absoluto (*tinha cantado*, por exemplo, exprime anterioridade, mas em relação ao passado). Pelo contrário, no santiaguense, que não dispõe de tempos absolutos, as formas verbais que terminam em *-ba* exprimem apenas tempo relativo.

É certo que, em muitos casos, formas verbais do santiaguense com *-ba* situam o estado de coisas simplesmente 'no passado'. Isto é, designam estados de coisa 'anteriores' ao momento da fala. Porém, são tão frequentes exemplos onde as formas em *-ba* correspondem a mais-que-perfeitos simples ou compostos do português. Estas formas indicam também anterioridade, não em relação ao momento da fala, mas relativamente a outro estado de coisas do passado. Mostram claramente que a função de *-ba* não pode ser a de expressar passado. Chamar as formas do santiaguense em *-ba* de formas de passado significa confundir tempo relativo (anterioridade, simultaneidade e posterioridade) com tempo absoluto (passado, presente e futuro).

O efeito semântico temporal produzido por *-ba* (simples passado ou mais-que-perfeito) depende do verbo que é usado. Se se tratar de um verbo de estado ou usado como tal (cf. 4.4.1), a forma em *-ba* produz o efeito de um simples passado; se se tratar de um verbo que designa um processo (sempre, ou no contexto em questão), a forma em *-ba* produz o efeito de um mais-que-perfeito. Por outras palavras, a forma em *-ba* produz o efeito de um simples passado, sempre que a forma sem *-ba* do mesmo verbo produza, no mesmo contexto, o efeito de um presente; e produz o efeito de um mais-que-perfeito, sempre que a forma sem *-ba* do mesmo verbo produza, no mesmo contexto, o efeito de um simples passado.

4.3.5.2 'Mais-que-passado'

Eis uma série de exemplos onde, em conformidade com o que se explicou em 4.3.5.1, o ponto de referência para a anterioridade expressa pelas formas em *-ba* não é o momento da fala, mas um estado de coisas passado.

Um homem faz-se passar por doente, para se esquivar ao trabalho e ser mais bem alimentado pela sua mulher. Consegue o

seu objetivo. É natural que, nestas circunstâncias, a doença se agrave. A mulher consulta, então, um naturopata:

Mudjer ben kása. E'ka flába maridu nin e'ka fla m'el ba kása sáibu. (39/12) 'A mulher voltou a casa. Ao seu marido, não lhe tinha dito <anteriormente>, nem lhe disse <agora> que iria, ou tinha ido, à casa do naturopata.'

O naturopata, que diagnosticara a 'doença' corretamente, receitara alimentação normal. Com a aplicação desta nova receita, o estado do marido piora de forma dramática. A mulher está prestes a deixar-se enganar de novo.

Más e'lenbra di kusa ki sáibu flába-el, e'pazígua. (39/18) 'Mas lembrou-se do que o naturopata lhe dissera, e serenou.'

Um monstro já engoliu muita coisa - inclusive o pai de um menino. Respondendo aos gritos de socorro do menino, Deus atira uma pedra ao monstro:

Bitxu abri dentu metádi, sai kes tudu kuza ki bitxu kumeba; sai interu. (84/32) 'O monstro partiu-se em dois e saíram todas as coisas que o monstro tinha comido; saíram inteiras.'

4.3.5.3 'Passado'

Segundo o exposto em 4.3.5.1, combinando a desinência *-ba* com verbos de estado (cf. 4.4.1), os falantes do crioulo santiaguense obtêm o efeito semântico de um simples passado.

A maioria dos inícios dos contos populares contidos na coletânea *Na bóka noti* poderiam servir de exemplo; mais concretamente, todos aqueles que descrevem uma situação de onde parte a ação. Por exemplo:

Éra un bes un ómi ku si mudjer. Es tenba tres fidju. Kel ómi gostába tántu di si mudjer ki tudu kusa ki mudjer pidiba-el, e'ta dába pa pó y pa pédra p'el fartába-el vontádi. (30/1) 'Era uma vez um homem e a sua mulher. Tinham três filhos. O marido gostava tanto da sua mulher que, sempre que a mulher lhe pedia alguma coisa, movia o Céu e a Terra para satisfazer a sua vontade.'

Todavia, claro, o mesmo jogo entre estado e acontecimento dá-se também no interior dos contos:

Mudjer ki stába la kushina, da un pankáda! (30/17) 'A mulher, que estava na cozinha, estremeceu.'

No entanto, com determinada condição, também as formas em -ba dos verbos que designam processos produzem o efeito semântico de um simples passado: a saber, sempre que vão 'imperfe-tivadas' por meio da partícula *ta*. Por exemplo, para apresentar alguma coisa como constituindo um hábito, ou um processo em curso, ou até um estado.

Damos primeiro dois exemplos, onde verbos que normalmente designam processos, descrevem estados passados, providos da marca de imperfetividade:

Kel bueru ta dába pa un barakon, undi mudjer tenba si póti di tingi. (65/24) 'Aquele buraco [no frontão] dava para uma barraca, onde a mulher tinha o seu pote de tingir.'

Nóba na Fránsa éra un fonti ki ka ta naseba águ, dja tene águ pa tudu mei di prása, ki algen ka ten kusa fase ku el. (201/31) '<Até há pouco> A notícia na França era uma fonte que não dava água, <mas agora> já dá água em abundância, já não se sabe o que fazer com ela.'

Seguem-se dois exemplos onde se trata de hábitos:

... tudu kusa ki mudjer pidiba-el, e'ta dába pa pó y pa pédra p'el fartába-el vontádi. (30/2-3) '... sempre que a mulher lhe pedia alguma coisa, movia o Céu e a Terra para satisfazer a sua vontade.'

Um pouco mais adiante, no mesmo conto:

Maridu konsigi trabádjú. Komu e'tenba txeu amizádi na família, e'ta benba kása tudu diâ. (30/5) 'O marido conseguiu um trabalho. <Mas> como gostava muito da sua família, regressava todos os dias a casa.'

Eis, finalmente, um exemplo onde se trata de um processo em curso:

Kántu ki Diogu txiga la na portu, undi ki Nhánha ta nbar-kába, e'odja mástru di bárku ta perde: dja bába si kaminhu! (370/14) 'Quando Diogu chegou ao porto, onde

Nhánha estava a embarcar, viu o mastro do barco que estava a desaparecer <ao longe>: <o barco> já estava a caminho!'

Evidentemente, mesmo uma forma do tipo *ta kantába* pode referir-se a um estado de coisas anterior ao passado onde se situa a ação. Só que, em tal caso, o efeito semântico de um mais-que-perfeito não se deve à forma verbal, mas ao contexto (cf. 4.3.1):

E'fase un djánta sima kel ki e'ta faseba ántis di maridu duense. (39/16) 'Preparou um jantar como costumava preparar antes do marido adoecer.'

Note-se que, também na tradução para português, a manifesta anterioridade do antigo costume relativamente àquele novo jantar não exige o emprego de um mais-que-perfeito.

Contudo, como vimos, a combinação da desinência *-ba* com verbos de processo imperfetivados por meio de *ta* produz normalmente o efeito semântico de um simples passado. Resulta o mesmo efeito semântico, quando tais verbos se combinam com a sequência *sa ta*, que marca o aspeto durativo (cf. 4.3.4). Estas formas do tipo *sa ta kantába* usam-se, por exemplo, para descrever processos em curso (no exemplo que se segue: *marido sa ta benba di trabádju* e *e sa ta pasába na un txáda*), que formam o plano de fundo do qual se destacam determinados acontecimentos (no exemplo que se segue: *e átxa un kabésa riba-l pédra*):

Kelotu diâ, kántu maridu sa ta benba di trabádju y ki e'sa ta pasába na un txáda, e'átxa un kabésa riba-l pédra: ... (30/10) 'No dia seguinte, quando o marido vinha do trabalho e passava por um sítio plano, encontrou uma cabeça em cima de uma pedra, ...'

4.3.5.4 'Futuro em relação ao passado'

Como foi explicado em 4.3.3.1 e 4.3.3.6, as formas imperfetivadas do tipo *ta kánta* não servem apenas para o que ainda não acabou, mas também para o que nem sequer começou. Daí que as formas santiaguenses do tipo *ta kantába* valham também, não só para o que perdura no passado, mas ainda para o que, visto

desde o passado, pertence ao futuro. No primeiro dos dois exemplos que se seguem, um jovem que pede a mão de uma jovem contém-se na comida, na casa da noiva:

Gentis dimira, más es pensa m'el ta tornába sirbi. (51/22)
'As pessoas admiraram-se, mas pensaram que <mais tarde> voltaria a servir-se.'

Noutro conto, um homem acaba de espancar um grupo de diabos:

Xuxus, [...], es disidi ma kel ómi ka ta entrába la, na inférnu. (76/28-29) 'Os diabos [...], decidiram que aquele homem não entraria lá, no inferno.'

4.3.5.5 -ba nos discursos indiretos

Nos exemplos de 4.3.5.4, estamos perante situações de discurso indireto em sentido lato. Em sentido lato porque *pensa* 'pensar', *disidi* 'decidir' etc. não são verbos que designam atos de fala. Nos discursos indiretos que dependem de tais verbos no passado, o santiaguense não exige, mas admite uma 'consecutio temporum'.

Sem 'consecutio temporum':

E fla/flába, m'e ta konpanha-m. (RS) 'Disse/Dissera que me acompanharia.'

E'ka flába maridu nin e'ka fla m'el ba kása sáibu. (39/12)
'Não dissera ao marido, nem lhe disse <agora> que fora a casa do naturopata.'

Com 'consecutio temporum':

E fla/flába, m'e ta konpanhába-mi. (RS)
'Disse/Dissera que me acompanharia.'

Diskulpa di mudjer éra m'el stába duenti ku kortaméntu barriga. Pur isu, e'ka podeba fase almusu. (41/7-8) 'A desculpa da mulher era que estava doente, com dores de barriga. Por isso, não podia preparar o almoço.'

Más profesor tánbe dja flába ma éra imposivi furtába la, pamódi guárda ta stába la noti-manxe, manxe-noti. (140/9-10) 'Mas o professor também já tinha dito que ali era impossível robar, porque havia <sempre> um guarda, de noite e de dia.'

Méstri flába-el tánbe pa kel óra ki e'txigába kása, pa

e'ka detába; pa e'panhába korpu di si mudjer, pa e'bi-rába-el kabésa pa báxu; ... (258/14-16) 'O curandeiro dissera-lhe também que, quando chegasse a casa, não se deitasse, <mas> agarrasse o corpo da sua mulher e o virasse de rosto para baixo, ...'

Cf. ainda a dupla repetição de uma promessa de Nha Bédja, para estimular o seu cavalo Borbodéku, durante uma perseguição:

Oxi mé N ta dá-bu sáangi frésku pa bu bebe! (291/22-23)
'Ainda hoje te darei sangue fresco para beberes.'

...

Nha Borbodéku, dja N flá-bu ma oxi mé N ta dá-bu sáangi frésku pa bu bebe. (291/26) 'Borbodéku, já te disse que ainda hoje te darei sangue fresco para beberes.'

...

Nha Borbodéku, dja N flába-bo ma oxi mé N ta dába-bo sáangi frésku pa bu bebe. (291/34) 'Borbodéku, já te dissera que ainda hoje te daria sangue fresco para beberes.'

Esta 'consecutio temporum' pode dar-se também nos casos onde a forma em *-ba*, da oração principal, não exprime (apenas) uma distância temporal, mas (também) uma distância modal (cf. 4.3.5.6):

(Si mi éra bo,) N ka ta kiriditába m'e ta fase-l/ta faseba-el. (RS) '(Se estivesse no teu lugar,) não acreditaria que <ele> o fará/fizesse <realmente>.'

(Si mi éra bo,) N ka ta flába m'el ta tene razon/ta teneba razon. (RS) (Se estivesse no teu lugar,) não diria que tem/tinha razão.'

Nton, labánta kelóra kel uma tronku palásiu ki ningen ka ta sunhába ma un diâ na mundu ta faseda. (463/31-32)
'Então surgiu num instante um palácio gigantesco que ninguém sonhava que se construísse um dia no mundo.'

4.3.5.6 *-ba* no período hipotético

Em 4.3.3.8 vimos que, nos períodos hipotéticos, a partícula imperfetivadora *ta* exprime a posterioridade lógica da realização do estado de coisas designado pela oração principal, em relação àquele designado pela oração condicional. Vimos também que, na oração condicional, a partícula *ta* pode exprimir o futuro do qual se espera o cumprimento da condição. Repetimos aqui, para memória, um dos nossos exemplos:

..., si nha kré, N ta fase-nha seta. (39/3) '... se a senhora quiser, faça-lhe uma receita.'

Acrescentando a desinência *-ba* aos verbos de ambas as orações do período, indica-se que não é ou não era realista esperar que a condição se cumprisse, isto é, o 'período hipotético real' torna-se 'período hipotético irreal'. À distância temporal (anterioridade) normalmente expressa pelas formas em *-ba*, substitui-se, pois, uma distância modal (irrealidade). Esta deslocação de valor do campo temporal para o campo modal lembra uma deslocação similar, desta vez do tipo passado → irrealidade, nas línguas românicas (cf. fr. *Si j'avais de l'argent, je m'acheterais une voiture*):

Si bu ta kumeba bu ta fikába gordu. (Veiga 1982: 119) 'Se comesses, ficarias gordo.'

Gósi li/Ánu pasádu si N teneba dinheru N ta komprába un káru. 'Se eu tivesse dinheiro agora/no ano passado compraria um carro.' (Veiga 1982: 121)

Si N atxába nha kartera N ta pagába-bo un almosu (gósi o ónti). 'Se eu encontrasse agora/ontem tivesse encontrado a minha carteira, pagar-te-ia um almoço.' (Veiga 1982: 121)

Como se vê, nestes 'períodos hipotéticos irrealis' não se distingue entre presente e passado:

..., s'e'ka saíba fáxi, e'ta bába n'águ. (201/6-7) '..., se não tivesse saído rapidamente <do poço>, ficava inundado.'

Kántu es txiga, <...>, fase kel uma múzika spesial, ki nen tudu konjuntu di mundu ka ta konsigiba-el. (464/5) 'Quando chegaram, <...>, ouvia-se uma música tão especial, que nenhum conjunto do mundo conseguiria reproduzir.'

Lembremos por fim que *-ba* pode cumprir a sua função habitual de indicar anterioridade em períodos que, à primeira vista, poderiam parecer hipotéticos:

Si stáda ku medu ê pamodi kusa stába mutu galánti. (Veiga 1982: 127) 'Se se estava com medo, era porque a coisa era realmente horripilante.'

Aqui, a oração que começa com *si* não enuncia nenhuma condição. É a oração que começa por *pamodi* que enuncia a causa do medo.

4.3.5.7 O *-ba* atenuador

Acabamos de ver que, nos períodos hipotéticos, à semelhança do pretérito imperfeito das línguas românicas, as formas em *-ba* do santiaguense podem assinalar, em vez de uma distância temporal, um distanciamento modal em relação à realidade. As analogias entre estas formas românicas e as formas em *-ba* do santiaguense vão ainda mais longe: tal como o imperfeito românico, as formas crioulas em *-ba* usam-se para tirar rispidez aos atos de fala teoricamente ameaçadores para a autoestima do interlocutor:

N tene li un muéda di 50 merés; nha podeba troka-m el?
(RS) 'Tenho aqui uma moeda de 50 merés; a senhora poderia trocar-ma?'

(Numa loja:) N mesteba un láta di leti en pó. (RS) 'Necessitava de uma lata de leite em pó.'

Ami N gostába di prispi pa kazába ku mi! (378/3) 'Gostava que o príncipe casasse comigo!'

"Ná Tóta, pagamentu en dinheru go N ka dizejába!" E djobem, e fla si: "Nton, abo, pagamentu di kus'ê ki bu kre própi?" N fla-l: "Tóta, mi pagamentu ki N kreba éra pa bu dexába-mi durmiba ku bo oxi, na bu káma!" (NL 88/1-2) 'Não, Tota, não queria pagamento em dinheiro!' Olhou para mim e disse: "Então, afinal, que tipo de pagamento queres?" Disse-lhe: "Tota, o pagamento que queria era que me deixasses dormir hoje contigo, na tua cama!'

E nho, mi ku nho, pa nu ka ser armun dja, ê mutu difisiu! <...> di maneras ki, N kre pa nhu flába mi go si, pur akázu, mai di nho ta kustumába bába Práia bendeba purgera, o lenha la na lóxa di nha pai. (NL 84/30) 'Bem, é difícil que eu e vocês não sejamos irmãos! <...> por isso gostava que me dissesse agora se por acaso a sua mãe costumava ir vender <azeite de> purgueira, ou lenha, lá na loja do meu pai.'

4.3.5.8 Renúncia ao emprego de *-ba*

Também a respeito de *-ba*, verifica-se a validade do princípio descrito em 4.3.1: prescinde-se muitas vezes do emprego

de *-ba*, quando o contexto por si só já indica, de forma inequívoca, anterioridade (em relação ao momento da fala, ou a outro estado de coisas).

4.3.5.8.1 Devido ao contexto

Graças ao princípio geral que acabamos de lembrar, numa enumeração de acontecimentos passados pode ser suficiente marcar a anterioridade na primeira forma verbal:

Stória, stória éra un ómi ku un rapazinho. Agô, kel ómi go e'ten un fidju. Kel si fidju, e'gosta di bitxu. (83/1-2) Literalmente: 'Era uma vez um homem. Bem, este homem tem um filho. Este filho gosta de animais.'

..., e ta panhába algen so nsodádu e ta pega e ta máta. (LS 23/8) '..., costumava apanhar as pessoas desprevenidas, apoderar-se delas e matá-las.'

Eis um exemplo no qual o passado se exprime três vezes através do aspeto perfetivo. Contudo, o quarto verbo é de estado e a sua forma não marcada é incapaz de expressar passado. Isto não impede que o falante diga *ten* em vez de *tenba*, confiando no facto de o contexto deixar claro que se trata de um estado que vigorava naquele passado:

E'bai pa kel kása, e'da-l vólta, e'da-l vólta, kása ka ten pórtá! (76/2-3) 'Aproximou-se daquela casa, deu-lhe a volta uma e outra vez, a casa não tinha [lit. tem] porta!'

4.3.5.8.2 Nas orações subordinadas

Nas orações subordinadas, prescinde-se regularmente da marcação de anterioridade por meio de *-ba*, quando a anterioridade do estado de coisas designado pela subordinada, em relação ao estado designado pela principal, se deduz claramente da conjunção que introduz a subordinada:

Dipos k'el toma kel pó di fártu, e'pensa: ... (75/16) 'Depois de comer esta refeição abundante, pensou: ...'

No exemplo seguinte, é o aspeto perfetivo do verbo principal *txiga* que torna supérflua a marcação de anterioridade na

subordinada introduzida por *ki*. O narrador podia ter dito *ten-*
ba em vez de *ten*. O exemplo fala de um mendigo:

Txiga un okazion k'el ten tres diâ sen átxa náda. (75/3)
'Numa ocasião, ficou três dias sem encontrar nada [sem
conseguir esmola].'

4.3.6 Marcação da passividade por *-du*

Para a colocação das desinências *-du* e *-da* nas formas ver-
bais complexas, cf. 4.2.2.3.3.

4.3.6.1 Generalidades

A oposição inclusiva entre as formas marcadas do tipo *kan-*
tádu e as formas não marcadas do tipo *kánta* é uma oposição na
categoria verbal chamada 'voz' (Roman Jakobson: *vox*), ou 'diá-
tese'. Uma categoria deste tipo funciona nas línguas que dis-
põem de formas verbais específicas, que permitem aumentar ou
diminuir o número de argumentos (cf. 3.3.2.1), cuja menção es-
tá prevista no significado do verbo. Ao se acrescentar ou ex-
cluir determinados argumentos, muda também a adjudicação dos
papeis de tópico (ou tema) e foco (ou rema) aos argumentos da
oração (cf. 3.3.3.3 e 3.3.3.4).

O santiaguense não dispõe de formas verbais simples que
aumentam o número de argumentos a mencionar, mas tem perífra-
ses diatéticas para este fim (cf. 4.5.4). E tem sobretudo as
formas simples em *-du*, que permitem excluir o que sem *-du*
seria o sujeito da oração. Assim, passando de *E kánta* 'Cantou'
a *Kantádu* 'Cantou-se', prescinde-se da menção do cantor, quem,
ipso facto, deixa de ser o tema da oração.

A desinência *-du* do santiaguense acarreta pois uma redução
do número de argumentos a mencionar: a entidade prevista pelo
significado do verbo para fazer de sujeito deixa de ser men-
cionada como tal. Pode eventualmente ser mencionada, como
acontece no exemplo seguinte, mas só sob a forma de um comple-
mento oblíquo:

... gravason ki e'fase o fasedu pa otus kuletor (Tomé Va-
rela em *Na bóka noti*, vol. I, 2004: 12/4). '... grava-

ções que ele fez, ou que foram feitas por outros coletores <de contos>.'

Com as formas em *-du*, a função de sujeito é assumida por uma entidade que, com a forma não marcada, funcionaria como complemento direto ou indireto. E é esta entidade que constitui o tema das orações, com o verbo que termina em *-du*.

Formas com as características do santiaguense *kantádu* chamam-se formas da (voz) passiva. O santiaguense dispõe, pois, de formas verbais simples da passiva, como o latim, ao passo que as línguas românicas só dispõem de formas perífrásticas com este valor (cf. o *foram feitas* da nossa tradução). Eis alguns exemplos do emprego destas formas da passiva em santiaguense:

Midjóra e'ka xinti y kuántu más kumida e'dádu p'el kura, más e'ta kume. (38/16) 'Não sentiu melhoras e, quanto mais comida lhe era dada, mais comia.'

Kántu N txiga na kel aldêa, N fládu ma nha amigu dja parti. (RS) 'Quando cheguei àquela aldeia, disseram-me que o meu amigo já partira.'

Anton, e'lenbra ma na Práia ta bendedu kuázi tudu kusa. (55/11) 'Lembrou-se então de que, na Praia, se vende praticamente de tudo.'

Nóba na Fránsa e un fontí ki dja ten kántu mil ánu ta buskádu si águ ta ten, águ ka ta ten. (199/31) 'A novidade na França é uma fonte que há muitos mil anos se investiga se tem água ou não.'

Fládu ma Kábuberdiánus gosta txeu di grógu. (RS) 'Diz-se que os caboverdianos gostam muito de aguardente.'

O uso das formas da passiva não parece, porém, ser exatamente o mesmo nos registos basiletais do crioulo santiaguense e nas línguas românicas. Note-se que nenhum dos cinco exemplos anteriores apresenta um complemento oblíquo que designaria a entidade que faria de sujeito com a forma não marcada do verbo, como acontece no primeiro exemplo deste parágrafo, que pertence claramente a um registo acroletal. Para além disso, nestes cinco exemplos imediatamente precedentes, nem sequer o contexto fornece informação sobre a identidade desta entidade. De facto, as formas da passiva do santiaguense usam-se principalmente onde se prefere deixar esta entidade por identifi-

car¹⁰:

Ka ta papiádu na mésa. (Veiga 1982: 119) 'À mesa não se fala.'

Na mudjer ka ta kunfiádu! (42/34-35) 'Não se pode confiar nas mulheres!'

Na skóla ta skrebedu ... 'Na escola, escreve-se ...'

... fasedu un fésta bédju, ki ti inda stádu na kel fésta. (LS 42/20) '... organizou-se uma festa tão grande, que ainda perdura.'

Segundu ta kontádu 'Gomisiánu' e nómi di dos ómi ki djuntádu: ... (56/4) 'Conta-se que <o nome> 'Gomisiánu' reúne em si os nomes de dois homens: ...'

Unbes, mai dja kelóra labánta, mánda po midju n'águ sen kotxi, pa piládu, pa fasedu Diogu kufongu. (350/12) 'Então, a mãe levantou-se imediatamente e mandou pôr milho sem desfarelar em água, para ser <posteriormente> pilado, a fim de se fazer broa de milho cozida nas brasas, para Diogo.'

Não será por acaso que, em santiaguense, se usa geralmente estas formas em *-du*, em contextos onde outras línguas, apesar de terem a passiva, preferem usar um pronome pessoal de sujeito indeterminado. O santiaguense não tem tal pronome. Nele, só existem alguns verbos suscetíveis de uso impessoal, isto é, sem sujeito explícito (cf. 4.4.4). Com todos os outros verbos, só as formas em *-du* oferecem a possibilidade de deixar o agente por mencionar.

A desinência *-du* é compatível com as marcas de todas as restantes categorias verbais. Todavia, convém recordar que a cumulação *-duba* das desinências *-du* e *-ba* tem sido abreviada em *-da*, do século XIX a esta parte (cf. 4.2.1.3):

Si teneda midju na tanboru, nos nu ka odja. (Veiga 1982: 26) 'Se tinham milho no recipiente <ou não>, nós não vimos.'

..., ná fésta bedju sima kel la ka faseda inda n'es mundu. (LS 18/25) '..., não, uma festa tão grande como aquela ainda não se tinha feito neste mundo.'

Un bes ta fláda ma ... (RS) 'Antigamente, costumava-se dizer que ...'

¹⁰ Cf. Moreira 2014: 3.5.3.1 a propósito da marca correspondente no crioulo da ilha do Maio: "-d associado ao presente ou a um passado não muito longínquo marca a indefinição do sujeito: ..." (sublinhado por J.L.).

Más e'lenbra ma ta fláda ma óras ki nhu kontra ku kusa-ka-dretu y ki kusa-ka-dretu mexe o ka mexe ku nho, ma nhu ka debe konta, timenti ka pása tres diâ. (244/10) 'Mas lembrou que se dizia que quando você tem um encontro com um demônio e este demônio se mete ou não se mete com você, que você não deve contá-lo <a ninguém> até passarem três dias.'

... e dipos di noti kai, ki stórias ta kontáda; ... (13/8) 'Era depois do anoitecer que se contavam as histórias; , ...'

Anton, rapás lenbra di stórias di fitisera ki ta kontáda. (243/4) 'Então, o rapaz lembrou-se das histórias de feiticeiras que se contavam.'

Kel diâ, mudjer ba pánha águ (pánha águ éra so na póti ki ta panháda). (144/4) 'Certo dia, a mulher foi apanhar água (a água apanhava-se sempre em potes).'

- Mós, abô bu ka sabe ma li ka ta bendu?

E fla:

- Nau! ... Ka ta benda! ... Dja N ben dja! (154/3-5)

'Jovem, tu não sabes que não se vem aqui?'

Disse:

- Não! ... Não se vinha! ... <Mas agora> já vim!

... ses pai ku ses mai moreba tudu na un máu ténpu, ténpu di karastia ku fómi, ki ta fláda fómi-l vinti, <...>. Na kel fómi éra tántu mórti ki algen bira ka ta nterádu na simitéri náu, es ta nterádu na baládu, ki éra un labáda grándi ki ta poda kes ómis ki stába ku kórpu más sustedu bai koba kel baládu pa ta ntera mórtus. (LS 1/3-12) 'O pai e a mãe deles morreram ambos numa época má, numa época de carestia e fome, que se chamava a fome dos <anos> vinte, <...>. Durante aquela fome morreram tantos, que se deixou de enterrar no cemitério. Os mortos enterravam-se no 'valado', que era uma levada grande. Obrigou-se aqueles homens que se aguentavam melhor a ir cavar aquele 'valado', para enterar os mortos.'

Manuel Veiga (1982: 119-120) fornece os exemplos seguintes para as combinações da desinência *-du* (ou *-da*) com outros marcadores:

Sa ta kumeda kantu bentu labánta y txuba kumesa ta baza na txon. 'Estava-se a comer, quando o vento se levantou e a chuva começou a dar no chão.'

Al dadu trabadju es anu. 'Talvez haja trabalho este ano.'

Al sa ta dadu sumola manenti. 'É possível que se esteja a dar esmola.'

4.3.6.2 Renúncia ao emprego de *-du*

Também a respeito de *-du* (ou *-da*), constatamos que se pode renunciar ao seu emprego nos casos em que a 'passividade' (ou a 'passividade' combinada com a 'anterioridade') se deduz, sem a menor dúvida, do contexto (cf. 4.3.1). Tal acontece sobretudo em orações subordinadas:

Bu odja? - Nàu. - Nton, fládu fla ka ta skrebe. (RS) 'Viuiu? - Não. - Então, não me fio. (= provérbio, lit. mais ou menos: 'Enquanto só se relatam palavras ouvidas, a coisa não se escreve.')

Kárni podu na láta, ki fika kárni di láta ta uza ti enton! (230/10-11) 'Pôs-se a carne em lata e, desde então, usa-se carne enlatada.'

Pa más siguránsa, e'ránja un bóina pa kada un, ki fika ti gósi ta uza. (379/20) 'Para maior segurança, arranjou uma boina para cada um, que têm continuado em uso até agora.'

4.3.6.3 Adjetivos verbais em *-du*

Por último, devemos mencionar que as formas derivadas de verbos por meio de *-du* funcionam, no crioulo de Santiago, simultaneamente, como adjetivos verbais:

Mudjer, rei di prokupádu ku midjóra di si maridu ki ka sa ta txiga, e'ba kása sáibu. (38/16) 'A mulher, muito preocupada com as melhoras do seu marido, que tardavam em chegar, foi a casa do curandeiro.'

Séu tinha so rúas di ouru; kadeira tudu di ouru; txon éra tudu alkatifadu! (27/21) 'No céu, só havia ruas de ouro; as cadeiras eram todas de ouro; o chão estava alcatifado por toda a parte.'

Es stórias la sta kolokádu n'es libru na siklu o kapitu di 'Ómi ku Mudjer'. (Tomé Varela em *Na bóka noti*, vol. I, 2004: 12/15) 'Neste livro, essas histórias estão colocadas no ciclo ou capítulo 'O homem e a mulher.'

..., e'xinta riba panéla, di manera ki tudu panéla fika kubridu ku sáia. (42/15) '..., sentou-se na panela, de maneira que a panela ficou completamente coberta pela saia.'

De forma semelhante, usam-se também como adjetivos as seguintes formas terminadas em *-du*: *baridu* 'barrido' de *bari* 'barrer', *bonbudu* 'às costas' (*tene/leba mininu/algum kusa*

bonbudu) de bónbu 'levar às costas', distraídu 'distraído' de distrai 'distrair', intxidu 'enchido' de intxi 'encher', intupidu 'entupido, cheio de' (un bár intupidu di mininas bunita, 309/23, 'um bar cheio de raparigas bonitas') de intupi 'entupir', kusidu 'cozido' de kusia 'cozinhar', proibidu 'proibido' de proibi 'proibir', rukutidu 'picado, ferido com objeto pontiagudo, rukutidu 'roído' de rukuti 'roer', sukundidu 'escondido' de sukundi 'esconder(-se)' etc. etc.

As construções do tipo *fase algun kusa ben fasedu* 'fazer alguma coisa bem feita' constituem um caso especial de emprego adjetival das formas em *-du* (cf. 3.3.3.4).

À semelhança do que acontece nas línguas românicas, os adjetivos verbais do santiaguense em *-du* nem sempre têm significado de passiva:

Ómi xintádu ka debe atakádu, pamódi e ka pode defende.
(RS) 'Não se deve atacar um homem sentado, porque não se pode defender.'

Outros exemplos deste fenómeno: *disdongudu* 'quem faz ouvidos de mercador' de *disdongu* 'fazer ouvidos de mercador', *fujidu* 'fugido' de *fuji* 'fugir', *labi-labidu* 'muito sujo' de *labi-labi* 'rebolar-se'.

Os exemplos seguintes mostram que o sentido ativo do adjetivo verbal em *-du* não pressupõe a intransitividade do verbo correspondente: assim, *persebedu* 'esperto (dito de uma criança)' corresponde a *persebe algun kusa* 'perceber' e *xintidu* 'magoado, triste' a *xinti algun kusa* 'sentir' (cf. Óras k'el sánha, mudjer ta fika xintidu, ... (48/13) 'Sempre que <o marido> se assanhava, a mulher ficava triste, ...').

O emprego precidativo destes adjetivos verbais em *-du* é ainda mais frequente do que o de outros adjetivos. Cf. ..., e *brasa-m karapatidu*, ... (NL 52/8) '..., deu-me um abraço muito apertado, ...', de *karapati* 'agarrar(-se), abraçar' (mais exemplos em 5.2.3).

Substantivos em *-du*, que correspondem a adjetivos deverbais em *-du*, costumam ser calques do português: cf. *bistidu* 'vestido' (ao lado de *bisti* v. 'vestir' e *bistidu* adj. 'vestido'), *pididu* 'pedido' (ao lado de *pidi* v. 'pedir' e *pididu* adj. 'pedido') etc.

4.3.7 Marcação de modalidade por *ál*

4.3.7.1 Generalidades

Entre as marcas verbais do santiaguense, a partícula *ál* aparece com menos frequência nos textos, tanto orais como escritos. Não é fácil determinar com precisão a sua função (e vemo-nos obrigados a rever aqui, em parte, a explicação que demos em Lang 1993: 3.8).

Não há dúvida de que a oposição inclusiva entre as formas marcadas do tipo *ál kánta* e as não marcadas do tipo *kánta* é de tipo modal. E também não há dúvida de que as formas verbais precedidas de *ál* são, como as que levam a marca de duratividade de *s'*, *sa*, intrinsecamente imperfetivas (cf. 4.3.4.1). Só que, por motivos etimológicos, a marca de duratividade faz-se sempre seguir de *ta*, ao passo que, por motivos análogos, *ál* não se faz nunca seguir de *ta*. Por motivos etimológicos, porque parece que *s'* resultou de uma análise 'errada' (desde o ponto de vista do português) de *(e)stá a* (na pronúncia da época da criouliização: ['stæ]) em *s ta* (cf. Lang 2009: 2.2.3.5 e aqui 4.3.4), ao passo que *ál* resultaria de uma fusão 'errada' (sempre do ponto de vista do português) de *há de*, que daria *ál* (para mais pormenores, cf. Lang 2009: 2.2.3.6).

Mas qual a modalidade expressa por *ál*? Ao falar de modos ou modalidades, os gramáticos pensam, por um lado, em diferentes classes de atos de fala (atos assertivos, atos diretivos etc.) e, por outro lado, em diferentes graus numas escalas que vão do impossível ao necessário, do proibido ao obrigatório, ou do improvável ao certo. Para evitar confusões, falaremos no primeiro caso de modalidades de atos de fala ou ilocutórias. E no segundo caso distinguiremos entre modalidades aléticas (impossível - necessário graças a circunstâncias objetivas), modalidades deônticas (proibido - obrigatório, isto é, impossível - necessário graças a imposições humanas) e modalidades epistémicas (improvável - certo). Para o primeiro tipo de modalidades, muitas línguas oferecem diferentes formas para um mesmo verbo (cf. pg. *Fazes um descanso. Faz um descanso!* etc.); os três tipos restantes expressam-se frequentemente pelos mesmos meios lexicais: *Pode dar um passeio* (tem a possibi-

lidade física; tem a permissão; considero possível que esteja a fazê-lo).

O pg. *Há de fazê-lo (!)* também tem estas três possibilidades. E o presumível descendente crioulo do pg. *há de*, o santiaguense *ál*, apesar de ser uma simples partícula verbal, parece conservá-las, com destaque para a segunda e a terceira: *E ál fase-l(!)* pode significar 'Oxalá o faça!', tendo então valor 'optativo', ou 'É muito provável que o faça' (RS).

4.3.7.2 'Desejo'

Eis primeiro uma frase onde o verbo precedido de *ál* exprime um desejo:

(K') ál dádu trabádju es ánu! (Veiga 1982: 157 e, para a variante com a negação, RS) 'Oxalá (não) haja trabalho este ano!'

Os desejos formulados na presença de quem tem capacidade de satisfazê-los funcionam, regra geral, como pedidos indiretos:

Agóra, nh'al diskansa xintidu <...> Maridu di nha sta sábi sima pexi déntu di águ. (Oda 61/21) 'Agora, a senhora deveria sossegar ... O seu marido está como peixe na água.'

E o mesmo vale quando quem fala está convicto de que aquele que tem capacidade de satisfazer o desejo está a ouvir:

Diós al da-u sórti ...! (Oda 165/8) 'Que Deus te dê boa sorte ...!'
Nhordés al da-nu txuba! (Veiga 1982: 120) 'Que Deus nos dê chuva!'

De qualquer forma, a formulação de desejos constitui uma subespécie dos atos de fala 'regulativos' (cf. 3.3.1). Só que neles, o locutor não equipara o interlocutor a quem deve satisfazer o seu desejo, como ocorre nas ordens, nos pedidos, nos convites (etc.) diretos. E será por isso que a partícula de negação *ka* ocupa, nos desejos, a mesma posição que nas asserções, e não a que lhe corresponde nos imperativos (cf.

4.3.3.9.2 e 17.2.1):

Na vergonha bu k'al po-nu! (Oda 165/21) 'Oxalá não nos causes vergonha!' (em contraste com Ka bu po-m na vergónha! (RS) 'Não me envergonhes!')

Bu k'al sa ta ngana-m! Bu krer k'al ser finjidu! (Veiga 2009: 229/1) 'Oxalá não me enganes! Oxalá o teu amor não seja fingido!'

4.3.7.3 Perguntas acerca do preferível

Ál encontra-se frequentemente em perguntas que alguém faz - frequentemente a si mesmo - acerca do que é, ou teria sido preferível fazer. Nestes casos, uma tradução 'etimológica' para *haver de* parece geralmente muito apropriada:

Ave María! Ki diskulpa própi ki N ál da? (NL 39/35) 'Ave Maria! Que tipo de desculpa hei de dar?'

Ómi di Diós, nhu fla-m, nton, faxi, kusé N al fase, ... (Oda 157/14) 'Homem de Deus, diga-me então rapidamente o que hei de fazer, ...'

... pamódi dja N ka sabe kusé N al fase pa N agráda nha maridu. (49/11) '... , porque já não sei o que hei de fazer para agradar ao meu marido.'

Y pamodi N k'al infrenta rialidad tal kual el é?! (Oda 194/24) 'E por que é que não enfrentaria a realidade tal e como é?!'

Modi ki N al konvense nha pai?! Modi N al konsigi dinheru di pasájen?! (Oda 194/10) '<Mas> como convencer o meu pai?! E como conseguir o dinheiro para a passagem?!'

Más ... kusé el al fla si pai ku si padrinhu?! Y si kon-siénsia, módi al reaji?! (Oda 128/4) 'Mas ... o que dizer aos seus pais e ao seu padrinho? E como devia reagir a sua consciência?'

4.3.7.4 'Presunção'

É também bastante frequente o emprego de *ál* para informar sobre o grau de fiabilidade de uma afirmação. Com estes empregos de *ál* passamos ao domínio das modalidades epistémicas e obtemos o efeito de uma forte presunção:

E'al sta li morádu! (149/8) 'Deve morar por aqui!'

Ómi ál sa ta trabádja n'es momentu. (RS) 'É de presumir que, neste momento, esteja a trabalhar.'

E'al sa ta da mininu mama. (Veiga 1982: 157) 'Deve estar a

dar de mamar ao bebé.'

Combinado com uma negação, nas interrogações e nas exclamações, o *ál* epistémico produz efeitos interessantes:

Es k'ál sa ta bende grógu es óra li. (RS) 'Não creio que estejam a vender aguardente <de cana de açúcar> a esta hora.'

K'ál sa ta kantáda, kántu e txiga la. (RS) 'É improvável que se estivesse a cantar, quando lá chegou.'

Pamodi k'al ser di Pedrinhu, nha mosinhu kiridu?! (Oda 194/14) 'E porque não seria <esta carta> do Pedrinho, o meu rapaz querido?!'

Módi ki N ál pensába ma si ki ta dába ses fin. (RS) 'Como poderia ter imaginado que terminariam desta forma?'

Kenha ki ál flába? (MG) 'Quem o haveria de dizer?'

Há contextos onde o suposto é, ao mesmo tempo, o desejado:

Ka bu fadiga, bu pai ál dja átxa un soluson. (RS) 'Não te preocupes, o teu pai já terá encontrado uma solução.'

Bu ál dja gánha loteria. (RS) 'Quase de certeza que já ganhaste a lotaria.'

Contudo, os exemplos que se seguem mostram que, nestes casos, o matiz optativo deriva do contexto e não da partícula *ál*:

Bu ál tene kolera. (RS) 'Deves ter cólera.'

N sa ta bai kása. Mininu ál sa ta txora. (RS) 'Vou para casa. A criança deve estar a chorar.'

Ku es txuba li, nos midju ál dja kába strága. (RS) 'Com esta chuva, é de temer que o nosso milho já esteja estragado.'

Nhu toma kudádu, nhu sta mutu pensativu! Nhu al sa ta majika algun kusa! (Oda 234/7-8) 'Tenha cuidado, o senhor está muito pensativo! Deve estar a magiciar alguma coisa!'

A modalidade epistémica 'forte presunção' não é, pois, algo que acresça ao valor opcional optativo, mas um valor alternativo que se substitui ao valor opcional optativo.

4.3.7.5 Renúncia ao emprego de *ál*

Como as outras marcas verbais apresentadas nos parágrafos anteriores, *ál* torna-se supérfluo, quando o contexto mostra

claramente que se trata de um desejo, ou de uma suposição. Assim, para não ir mais longe, *ál* não se emprega nunca após *Oxalá* 'oxalá', ou em orações do tipo *N ta deseja ma ...* 'Desejo que ...'.

4.3.7.6 Comparação com a interpretação de Manuel Veiga

A nossa interpretação da função da marca *ál* dista pouco da proposta por Manuel Veiga, que diz que as formas do tipo *ál kánta* exprimem um 'aspeto da eventualidade' (cf. Veiga 1982: 120), ou um 'aspeto da eventualidade desejada', que o português expressaria através do seu condicional, ou através da perífrase verbal *haver de* + verbo + desejo (cf. Veiga 1982: 159). Com o termo 'aspeto', Veiga referia-se, em 1982, não à categoria verbal deste nome (cf. Jakobson 1974, Comrie 1976 usw.), mas a um valor qualquer no domínio de uma categoria verbal qualquer (em relação às formas do tipo *kantába*, falava, naquela época, de um 'aspeto do passado', cf. Veiga 1982: 119 e 156, etc.).

Como nós, Veiga considera que *ál* marca um modo. Mostra que concorda com Rosine Santos, que distinguia, para o santiaguense, três modos: o modo 'assertivo' (que certamente corresponde ao 'indicativo'), o modo 'eventual' (de que estamos a tratar), e o modo 'injuntivo' (que deve corresponder ao 'imperativo') (cf. Veiga 1982: 159). O termo 'eventualidade' tem a vantagem de se ajustar, tanto à potencialidade do que se deseja, como à potencialidade do que se supõe. Concordamos, pois, observando apenas que, no santiaguense, o 'injuntivo' é apenas um modo 'da fala' (cf. 4.2.1.3, 10.1.4.3 e 17.2.1).

Diferimos porém de Veiga, ao considerar que o desejo e a suposição constituem significados alternativos, que se conseguem pelo uso das formas precedidas de *ál* em níveis diferentes: no plano deôntico, onde *E ál fase-1!* expressa um desejo ('Oxalá o faça!'), e no plano epistémico, onde *E ál fase-1* expressa presunção ('É muito provável que o faça'). Em frases que expressam simultaneamente desejo e eventualidade, a expressão do desejo é dada por outros meios.

4.3.8 A forma de base não marcada

4.3.8.1 Generalidades

As secções precedentes foram dedicadas às diferentes marcas que, no crioulo de Santiago, podem acompanhar a forma de base dos verbos. Tentámos mostrar, para cada uma delas, qual o seu significado instrumental e quais os usos das formas assim marcadas. Estas informações ajudam a entender os usos relativamente heterogéneos da forma morfológica- e semanticamente não marcada dos verbos do santiaguense - erradamente equiparada, por alguns, ao tempo que funciona como tempo não marcado na maioria das línguas europeias: o presente (cf., por exemplo, Quint 2000: 225 e 229-231).

De acordo com o princípio tipológico mencionado em 4.3.1, a forma não marcada do verbo usa-se sempre que não se pretenda expressar, explicitamente, 'imperfetividade' (*ta*), 'duratividade' (*sa ta*), 'anterioridade' (*-ba*), 'passividade' (*-du*), ou 'desejo ou presunção' (*ál*),

- seja porque tais valores resultam do contexto, sem precisar da ajuda das marcas correspondentes (cf. 4.3.3.9, 4.3.4.3, 4.3.5.8, 4.3.6.2 e 4.3.7.5),

- seja porque se pretende representar o processo em questão justamente como sendo acabado, pontual, com menção do seu 'agente', ou como neutro em relação a estes critérios.

De acordo com o que acabamos de dizer, os usos prototípicos da forma de base sem marca nenhuma são os seguintes:

4.3.8.2 Designação de processos acabados

Três factos contribuem para tornar a designação de processos acabados, e portanto passados, a função privilegiada das formas verbais não marcadas do santiaguense:

1. A esmagadora maioria dos verbos santiaguenses designam processos.

2. O santiaguense carece de verdadeiros tempos gramaticais. Daí a necessidade de se usar o aspeto gramatical para se referir de forma indireta ao tempo.

3. A marca *ta*, imperfetivadora, é a que se usa com maior

frequência. Combinada com os verbos que designam processos (que são os mais frequentes), remete, em contextos neutros, para o presente ou (mais raramente) para o futuro. Nestas circunstâncias, é lógico que a ausência de *ta* diante destes verbos se interprete, nos mesmos contextos, como se referindo ao passado.

De facto, a forma de base não marcada é a forma narrativa por excelência do santiaguense. Serve para alinhar ao longo do eixo temporal os eventos que impulsionam a ação, isto é, aqueles eventos que numa língua românica seriam designados pelo pretérito perfeito simples (fr. *passé simple*, it. *passato remoto*, esp. pretérito indefinido):

Un bes, un ómi di lonji ba kása di un mudjer, si konxedu di ténpu bédju. Mudjer resebe-l ben resebedu, gazadja-l ben gazadjádu: da-l kafé ku kuskus ku óbu streládu, más katxupa d'onti gizádu. (65/1-3) 'Uma vez, um homem de longe foi a casa duma mulher que conhecia de outros tempos. A mulher recebeu-o bem recebido, agasalhou-o bem agasalhado: ofereceu-lhe café, couscous, um ovo estrelado, além de cachupa do dia anterior.'

..., p'el sálba si korpu di masáda, e'kai duenti na káma, ta móre. Mudjer ki kréba si maridu rei di txeu, da pa pó y pa pédra na buska y fase ramédi. (38/4-5) '..., para poupar esforços ao seu corpo, deitou-se na cama, fingindo-se mortalmente doente. A mulher, que gostava muito do seu marido, moveu o céu e a terra para procurar e preparar remédios.'

Kántu e'soti pé ki e'tenta subi, silora nega (ton gordu ki dja el stába!). E'tra, e'fúlia. E'grita: ... (39/34-40/1) 'Quando meteu as pernas pé <nas ceroulas> e tentou subi-las, as ceroulas negaram-se (de tanto que tinha engordado!). Tirou <as pernas>, atirou <as ceroulas> e gritou: ...'

Bai ti té, ómi bira ta ben kása, e'ka ta átxa almusu. (41/5) 'Assim foi, até que o homem começou a não encontrar almoço quando vinha a casa.'

No quotidiano, os falantes empregam a forma de base não marcada dos verbos de processo para se referir a processos/ estados de coisas que já ocorreram/deixaram de existir no momento da fala:

... Ná, kel li própri e Diós ki po-l li pa mi! (30/13) 'Não, foi o próprio Deus que a pô-la [a cabeça] aqui para mim!'

- Sakuta un kusa pa riba kása li! ...
Mudjer sakuta, más e ka fla náda. Maridu, fadigádu, pergunta-l:
- Kusé ki es fla? ...
- Sin, maridu, N obi sima ki es fla ma ken ki sta duenti, es ta máta y ken ki sta prontu, es ta dexe... (39/28)
'Escuta uma coisa aqui acima da casa! ...
A mulher escutou, mas não disse nada. Preocupado, o marido perguntou-lhe:
- O que é que disseram? ...
- Sim, marido, ouvi como que disseram que matariam os doentes e deixariam os sãos...
- Á Nhordés! ... Nhu djobe na mi!... Tudú es ánus li, mi N pása na pidi pa N pode kume ... (75/5) 'Oh meu Deus! ... Olha para mim! Passei todos estes anos a pedir esmola, para poder comer ...'

Se (ainda) não se esperava o evento em questão, costuma aparecer o advérbio *dja* diante do sujeito pronominal, ou atrás do sujeito nominal:

- Módi?! ... Dja bu traze-m nha kabésa?! ... Na, nu txu-muska-l gósi! (30/20) 'Como?! ... Já me trouxeste a minha cabeça?! ... Então chamuscamo-la logo!'
[Depois de um parto difícil:] Kántu mininu pupa, mai toka kanpainha, abri pórtá, gentis fla:
- Ale-l dj'e'pari! (200/23)
'Quando o menino gritou, a mãe tocou a campainha, abriu a porta e as pessoas disseram:
- Ei-la, já deu à luz!'
- Nha, notísia na Kauberdi e ómi k'éra ségu dja bira prontu y kel k'éra prontu dja bira ségu! (202/9-10) 'Senhora, a notícia de Cabo Verde é um homem que era cego e que já recuperou a vista e outro que era são e já ficou cego!'
- Dja N kánsa ku saporta bu dispurdénsia ... Oxi, bu ten ki paga-m tudu kobi ki bu buru kume-m na nha órta! (54/18) 'Estou farto de suportar a tua imprudência ... Hoje, você tem de me pagar todas as couves que o seu burro comeu na minha horta!'

4.3.8.3 Designação de estados de coisas atuais

Dos três factos lembrados logo no início de 4.3.8.2, deduz-se também, de forma indireta, que, em contextos neutros, a forma não marcada dos 'verbos de estado' (cf. 4.4.1.2), entre os quais se incluem os verbos auxiliares modais, se interpreta

normalmente como se referindo ao presente. Serve para descrever estados de coisas que perduram no momento da fala:

Kóre, minina! ... Bu k'odja ma dj'es sta na bera?! (39/23)
'Corre, menina!... Não viste que já estão ao lado?'
E rapazinho spértu dimás! (145/17) 'É um rapaz muito esperto.'
Mo bu txoma? (145/6) 'Como te chamas?'
Ta kusta-m kridita, más nu pode fase un spriménta ... (39/10)
'Custa-me a acreditar, mas podemos fazer uma tentativa ...'

Mais exemplos em 4.3.3.9.1.

A partícula *ta* só se coloca diante destes verbos para surtir efeitos semânticos especiais dentro do vasto domínio semântico da imperfetividade (futuro, hábito, repetição, insistência na verdade do que se afirma etc., cf. 4.3.3.9.1).

4.3.8.4 Atos de fala diretivos

Como já explicámos em 4.3.3.9.2, não há, na gramática do crioulo de Santiago, modo imperativo. Os atos de fala diretivos (convites para fazer alguma coisa, proibições etc.) identificam-se como tal, sobretudo graças ao contexto situacional e/ou verbal. Mas diferem também sintaticamente dos restantes atos de fala (assertivos etc.). Por exemplo, graças ao facto de a forma verbal ficar regularmente sem *ta*, apesar de estar ainda sem realizar (e portanto 'imperfeto'), o que alguém exige, pede, proibe etc. que se faça:

Kóre, minina! (39/33) 'Corre, menina!'
Nhu diskulpa-m! (42/3) 'Desculpe, senhor!'
- Módi?! ... dja bu traze-m nha kabésa?! ... Na, nu txumuska-l gósi! (30/20) 'Como?!... já me trouxeste a minha cabeça?!... Bem, chamusquemo-la imediatamente!'

Mais exemplos em 4.3.3.9.2.

4.4 Classes semânticas de verbos

4.4.1 'Verbos de estado' e 'verbos de processo'

4.4.1.1 Generalidades

O crioulo de Santiago deve ser considerado uma língua de aspeto por excelência, visto que o aspeto constitui a categoria central, tanto no seu sistema verbal de formas simples, como no seu sistema verbal perifrástico (cf. 4.3.2, 4.3.3 e 4.5.6).

No entanto, como vimos em 4.3.2, numa língua, a 'aspetualidade' pode expressar-se ainda por outros meios: por ex., por meio de afixos verbais que marcam diferentes 'Aktionsarten', ou por meio dos próprios verbos, sem afixos, isto é, pelo que chamamos de 'Verbalcharakter'. Por isso, não deve parecer estranho que se observe, em muitas línguas de aspeto gramaticalizado, uma interessante interação entre o aspeto gramatical e as 'Aktionsarten' e o 'Verbalcharakter'.

Nos crioulos, normalmente pobres em derivações verbais, esta interação dá-se principalmente entre o aspeto gramatical e o 'caráter verbal'. Os estudos levados a cabo no marco do *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures* confirmaram que esta interação se manifesta de forma relativamente homogênea em todos os crioulos situados numa ampla franja que atravessa a África central e ocidental, para chegar, passando pelas ilhas situadas à frente da costa ocidental africana, às Caraíbas (ilhas e terra firme). Neles, os 'verbos de processo ou dinâmicos' distinguem-se de um grupo de 'verbos de estado ou estativos', por precisarem de marcação para remeter para o presente de quem está a falar.¹¹

O crioulo de Santiago participa desta particularidade. Para se referir ao presente, os seus falantes usam a partícula imperfetivadora *ta* antes do verbo, mas prescindem normalmente

¹¹ Cf. Philippe Maurer and the APiCS Consortium. 2013. *Present reference of stative verbs and past perfective reference of dynamic verbs*. Em: Michaelis, Susanne Maria & Maurer, Philippe & Haspelmath, Martin & Huber, Magnus (eds.), *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology (available online at <http://apics-online.info/parameters/51>, accessed on 2017-11-20.)

desta partícula com os 'verbos de estado'.

Cf.

E nkontra Djuzé. 'Encontrou o José.'

E ta nkontra Djuzé. 'Encontra o José.'

mas

E txoma Djuzé. 'Chama-se José.'

E, logicamente, nestes 'verbos de estado', a marca de anterioridade *-ba* adicionada ao verbo não produz o efeito semântico de um mais-que-perfeito (como acontece nos 'verbos dinâmicos'), mas o de um simples passado. Cf.

E nkontrába Djuzé. 'Tinha encontrado o José.'

mas

E txomába Djuzé. 'Chamava-se José.'

Em rigor, não são determinados verbos, mas determinados predicados que se comportam de uma ou de outra forma. Pois há também verbos complexos como *sta ku fómi* 'passar fome' etc. e perífrases verbais como *sta ta fase* 'estar a fazer' etc. que se comportam como 'verbos estativos', e há também verbos que só em determinados empregos se comportam como tal. Assim, o verbo *txoma*, que aqui nos servia de exemplo, deixa de se comportar como verbo de estado nos seus empregos transitivos, quando se trata de chamar a outro. Nestes casos, precisa da partícula *ta* para se referir ao presente do falante, como qualquer outro 'verbo dinâmico':

Sónbra'l Miliánu ka sta li ... E'sta la órta!

- N meste'l ... N meste odja'l ... Undi ki N ta txo-
ma'l? (219/16)

'Sónbra l'Miliánu não está aqui ... Está lá, na horta!

- Eu preciso dele ... Tenho de o ver ... Onde convém que o chame?'

Pelas razões que acabamos de ver, colocamos os conceitos de 'verbos de estado ou estativos' e 'verbos de processo ou dinâmicos', tão difundidos na literatura que nos fala do funcionamento do aspeto nos crioulos atlânticos, entre aspas.

4.4.1.2 Inventário

No crioulo de Santiago, pertencem a estes predicados de estado, intrinsecamente imperfetivos e que, portanto, não precisam da marca de imperfetividade para remeter ao presente, os seguintes verbos:

- Os verbos de 'pertença' *ten* e *tene* 'ter' e os verbos de atribuição *ê* ~ *ser* 'ser' e *sta* 'estar', a que dedicamos o parágrafo 4.4.2, assim como os verbos complexos formados a partir destes, como *tene burgónha* 'ter vergonha', *sta ku fómi* 'estar com fome' etc.
- Os verbos modais (*debe, kre, pode, ten ki*), os seus afins *meste* 'precisar, dever' e *kre* (quando significa 'querer ou amar', mas não quando significa 'acreditar'), e as expressões verbais complexas onde intervêm (*debe fase, meste fase, kre fase, pode fase, ten ki fase* etc.).
- E, sem pretensão de sermos exaustivos, os verbos *átxa*, quando significa 'ser da opinião', não quando significa 'encontrar',
bale (*algen/péna*) 'sevir, valer, ajudar alguém, valer a pena',
básta, quando significa 'ser suficiente', não quando se trate de *básta sedi/fómi* 'matar a sede/a fome',
debe 'dever (dinheiro etc.)',
fálta, quando significa 'faltar (alguma coisa a alguém)', não quando significa 'comportar-se mal com alguém' ou 'faltar às aulas',
fika 'ficar' quando equivale a 'encontrar-se (alguma coisa n'algum lugar)', não quando significa 'continuar no mesmo lugar, tornar-se, vir a ser' nem quando funciona como verbo auxiliar na perífrase verbal *fika ta fase* (cf. 4.5.6.4.13),
gosta 'gostar (de (fazer) alguma coisa)',
konxe, quando significa 'conhecer', não quando significa 'chegar a conhecer' ou 'reconhecer',

merese 'merecer',
mora 'morar',
parse, quando significa 'parece-me' etc., não quando si-
 gnifica 'aparecer (alguém ou alguma coisa)' ou 'parecer-
 se',
pode 'suportar, poder ((com) alguém/algo)'
sabe 'saber, saber fazer',
txoma, quando significa 'chamar-se', não quando significa
 'chamar (alguém)'.

Comparando esta lista com os *strong stative verbs* do san-
 tiaguense na *Table 36* de Bart Jacobs (cf. Jacobs 2012: 220),
 constatamos apenas pequenas diferenças: No nosso material, o
 verbo *kusta* 'costar (dinheiro/esforços)' vai quase sempre pre-
 cedido de *ta*, quando se refere ao presente. O mesmo vale para
 o verbo *dipende* 'depende, estar dependente'.

Seguem-se alguns exemplos (e há mais em 4.3.3.9.1):

Maridu kábu sta-l sábi. Si duénsa e grávi, más fastiu go
 tioxí. (38/14) 'O marido sente-se bem. A sua doença é
 grave, mas nunca sente falta de apetite.'
 Bon, N ka kré pensa mal di mudjer di nho ... (42/2-3)
 'Bem, não quero pensar mal da sua mulher ...'
 Ná papai, bu ka meste ten kudádu! (NL 55/9) 'Não, papá,
 não tens de ter cuidado.'
 Anhô, nhu ka ta konxe-m? ... Djuzé fla: - Nau! ... Mi N ka
konxe-nha ... (128/19-21) 'O senhor não me reconhece?
 ... José disse: - Não! Eu não a conheço ...'

Vê-se que esta classe de predicados estativos, circunscri-
 ta pela não obrigatoriedade do uso de *ta* para se referir ao
 presente, não coincide com a classe muito mais ampla dos pre-
 dicados chamados 'atélicos' ou 'aditivos', à qual pertencem
 verbos como *ánda* 'andar', *kánta* 'cantar' etc. que, ao contrá-
 rio de processos como *entra* 'entrar', *móre* 'morrer' etc., de-
 signam processos sem meta, nem término inerentes, de forma que
 qualquer parcela do processo pode receber o mesmo nome que o
 processo inteiro. Segundo o critério de uso da partícula *ta*,
ánda 'andar', *kánta* 'cantar', *spéra* 'esperar' etc. são predi-
 cados dinâmicos:

[Um pai, no seu leito de morte, dirigindo-se aos filhos:]
N ta dexa-nhos tudu rodiádu y N ta spéra ma nhos ta
vive ku armundádi. (288/4) 'Deixo-vos todos reunidos e
espero que vocês vivam como irmãos.'

Também não parece factível delimitar uma classe de predi-
cados estativos, independentemente de línguas concretas, e
afirmar que as expressões que os designam em santiaguense não
requerem a partícula *ta* para se referir ao presente. Os 'Ki-
mian states' que, segundo Rothmayr 2009: 2.4 formariam uma
classe bastante restringida deste tipo, não nos servem. A se-
melhança ou parecença entre pessoas cumpre, por exemplo, todas
as condições para fazer parte desta classe e, no entanto, o
santiaguense *parse ku* 'parecer-se com' vai regularmente prece-
dido de *ta*, quando se refere ao presente:

Nhu sabe ma tudu algen ta fla ma mi ku nho nu ta parse
txeu, o Nastási! (NL 84/16) 'Tu sabes que toda a gente
diz que nós somos muito parecidos, Nastási!

Iziane S. Silva, que tencionou também delimitar o grupo de
predicados que o santiaguense trata (conforme o critério de
uso de *ta*) como predicados de estado, afirma a propósito de
verbos como (na grafia do autor) *creditâ* 'crer', *sperâ* 'espe-
rar', *ubí* 'entender', *odjá* 'olhar', *tcherâ* 'cheirar', *morrê*
'morrer', *vivê* 'viver', *criâ* 'crescer': "Costumam referir-se
ao passado, quando não vão acompanhados duma marcação aspe-
tual" (cf. Silva 1990: 147/148). E o mesmo vale para predica-
dos que nos parecem tão estativos como *dura* 'demorar' e *fika*
'ficar (nalgum lugar)': remetem normalmente para o passado,
quando não vão precedidos de *ta*. Cf.

Nu dura txeu. (RS) 'Demorámos muito tempo (a fazê-lo).'
N fika la. (RS) 'Fiquei lá?.'

Mas

Nu ka ta dura. (RS) 'Não demoramos/vamos demorar muito.'
Kaxupa ta dura txeu na fase. (RS) 'Demora-se muito a
fazer uma cachupa.'
N ta fika inda. (RS) 'Ainda fico .'

Iziane S. Silva sugere que, com sujeitos humanos, os predicados de estado, segundo o critério de emprego de *ta*, designam estados de coisas cuja existência e duração não estão ao alcance do sujeito (cf. Silva 1990: 147/148). Enquanto não se inverte esta regra, pretendendo que sempre que se está ante um predicado dinâmico quando a existência e duração do estado de coisas em questão está ao alcance do sujeito, parece um critério bastante fiável.

4.4.1.3 *ta* com predicados de estado

O facto de se poder prescindir, nos predicados de estado enumerados no início de 4.4.1.2, da marcação de imperfetividade, não significa, porém, que o uso da marca *ta* esteja excluído com eles:

Ta parse-m ma kes kusa ta da probléma. (RS) 'Parece-me que estas coisas vão causar problemas.'

<...>. Nton go nu pása ta konta stória di kes dos armuns jémia ki ta txomába Ruman ku Rumána. (LS 1/14) 'Passamos, pois, a contar a história destes dois irmãos que se chamavam Ruman e Rumána.'

Nu ta mora na Fazenda. (RS) 'Moramos no bairro da Fazenda.'

Significa sobretudo que o *ta* fica livre, com tais predicados, para produzir efeitos semânticos mais específicos dentro da imperfetividade.

Desta forma, é normal que se prefira *ta ser*, *ta konxe*, *ta gosta*, *ta pode* etc. a *ser*, *konxe*, *gosta*, *pode* etc., para distinguir o 'futuro' do 'presente':

E pur isu ki kása Nhánha Tóri Fin di Mundu, es ka konxe, es ka ta konxe. (337/18-19) 'É por isso que eles não conhecem, nem conhecerão a casa de Nhánha Tóri Fin di Mundu.'

N ta ser grándi un dia. (Veiga 1982: 125) 'Um dia serei grande.'

Óki N ser grándi, N ta gosta di vinhu. (RS) 'Quando for adulto, gostarei de vinho.'

Lobu dixi na laguâ, pédra-mármí labánta, da-l na kabésa, pati! Lobu buâ, kai la, e'fla: - N ka ta pode saporta! (192/21) 'Lobu desceu à lagoa, a pedra mármore levantou-se, deu-lhe na cabeça, pum! Lobo voou pelo ar,

caiu e disse: - Não vou poder salvar-me desta!'

Alternativamente, pode-se usar *ta* com tais predicados para insistir, para fazer frente a uma expectativa contrária etc. Os exemplos apresentados em Fanha/Pereira 1987: 303-304 ilustram bem, junto com os comentários da linguista portuguesa, esta possibilidade:

Bu konchi nha ermon. 'Tu conheces o meu irmão.' vs. Bu ta konchi nha ermon (conheces, mas não te lembras: contraste entre a afirmação de um estado e a negação pressuposta desse estado).

N gosta di bolu. 'Eu gosto de bolos.' vs. N ta gosta di bolu. 'Eu gosto de bolos' (antes não gostava).

Cf. ainda:

Nóba na Fránsa e un fonti ki dja ten kántu mil ánu ta buskádu si águ ta ten, águ ka ta ten. (199/32) 'A novidade na França é uma fonte sobre a qual se tenta perceber, há milhares de anos, se afinal tem água ou não.'

E ka ta pode fase tudu kusa. (RS) 'Ele, simplesmente, não pode fazer tudo.'

Es ta debe ben. (RS) 'Já devem estar a vir (se prometeram vir).'

E fla-m ma ten makáku na Santiágu. - Nton ta debe ten. (RS) 'Disse-me que em Santiago há macacos. - Então, deve mesmo haver.'

Existe finalmente a possibilidade de sugerir, usando *ta* com 'predicados de estado', a habitualidade do estado de coisas em questão:

Manenti-manenti, el ta sta ku dór di kabésa. (Veiga 1982: 127) 'Ele anda sempre com dores de cabeça.'

Ántis di si pai móre el ta stába porkatádu na kántu-l kása, más gósi dja e toma mundu pa pónta. (Veiga 1982: 127) 'Antes da morte do seu pai, costumava ficar parado em casa, mas agora já começou a sair.'

El ta sta sénpri li na kása. (Veiga 1982: 127) 'Costuma estar sempre aqui em casa.'

Óras k'el txiga órta, komu e'ta teneba bóka stángu fráku, e'ta bába na pé di mandióka, e'ta galába un fidju o dos, e'ta nhemeba kru. (41/10) 'Ao chegar à horta, como costumava estar esfomeado, ia para as mandiocas, tirava uma ou duas raízes e mastigava-as cruas.'

Más komu kel boi la éra tántu máu, tudu algen ki ta mora na kel lugar ta tinha bontádi di máta Barikuba, ... (LS 23/4) 'Mas como aquele boi era tão mau, todas as pessoas que lá moravam, andavam desejosas de matar Barikuba, ...'

Más profesor tánbe dja flába ma éra imposivi furtába la, pamódi guárda ta stába la noti-manxe, manxe-noti. (140/10) 'Mas o professor também já tinha dito que era impossível ir lá furtar, porque o guarda costumava estar lá dia e noite.'

Éra un bes un ómi ku si mudjer. <...> ómi éra rei di pírghisós, sobrutudu purki e 'ta gostába di stima si korpu. (38/2) 'Era uma vez um homem e a sua mulher. <...> o homem era muito preguiçoso, sobretudo porque gostava de se poupar.'

A sequência *sa ta* cumpre, com os predicados estativos, a mesma função que com qualquer outro verbo. Serve para indicar que o estado de coisas em questão já dura no momento da observação e vai continuar:

Ê el ki sa ta ser nos prezidenti. (RS) 'É ele que é atualmente o nosso presidente.'

Ku kelotu programa nu sa ta tenba txeu probléma na konputador. (RS) 'Com o programa anterior, tínhamos muitos problemas no computador.'

Rapasihu, bu sata ser ndjustu. (Prispinhu 82) 'Rapaz, você está a ser injusto.'

4.4.2 Verbos de pertença (*tene, ten*) e verbos de atribuição (*sta, ê - ser*)

4.4.2.1 Generalidades

Muitas línguas do mundo dispõem de dois grupos de verbos complementares. Chamemo-los de 'verbos de pertença' e 'verbos de atribuição'. No crioulo de Santiago, pertencem ao primeiro grupo *ten* e *tene* 'ter', *da* 'dar', *mánda* 'enviar', *nprista* 'emprestar, tomar emprestado', *seta* 'aceitar', *resebe* 'receber', *dikiri* 'adquirir, obter', *perde* 'perder', *kunpra* 'comprar', *bende* 'vender', *furta* 'furtar' e muitos outros. Ao segundo grupo pertencem, entre outros, *ê ~ ser* 'ser', *sta* 'estar', *bi-ra* 'transformar-se em, tornar-se, ficar', *parse* 'parecer' e *fika* 'tornar-se, ficar'. A sua complementaridade torna-se evidente, considerando pares de frases do tipo N ten un livru

'Tenho um livro' e *Es livru ê di meu* 'Este livro é meu'.

O primeiro grupo apresenta uma afinidade com o tipo de estado de coisas 'possessivo' (cf. *E ten txeu dinheru* 'Possui muito dinheiro'); o segundo, com os tipos 'equitativo' (cf. *El ê nos prezidenti* 'É o nosso presidente'), 'descritivo' (cf. *Rapás ê sabidu* 'O rapaz é inteligente') e 'situativo' (cf. *Éra na ténpu móna* 'Era na época da monda'). No 'possessivo', trata-se efetivamente da pertença de alguma 'coisa' a outra 'coisa' (podem tratar-se também de 'coisas' animadas ou humanas). Nos outros três tipos, atribui-se a uma 'coisa' uma característica, um papel, ou um sítio (no espaço, no tempo etc.). Para os 'tipos de estado de coisas', remetemos para 3.3.2.2.

A maior parte dos verbos de pertença especifica esta pertença de alguma forma. Alguns, como *cumpra* 'comprar', *da* 'dar', *furta* 'furtar', *mánda* 'mandar', *nprista* 'emprestar, tomar emprestado', *seta* 'aceitar', *dikiri* 'adquirir', referem-se ao estabelecimento de uma relação de pertença, isto é, à causação de uma posse; outros, como *perde* 'perder', *bende* 'vender', referem-se ao fim de uma relação de posse. Uma vez, apresenta-se a permuta de posse desde o ponto de vista do possuidor anterior, como em *da*, *mánda*, *bende*; outras vezes, desde o ponto de vista do novo possuidor, como acontece em *dikiri*, *furta*, *seta*. Pode tratar-se efetivamente de posse, como em *kunpra*, *bende*, mas pode tratar-se também apenas de uma disposição temporária, como em *nprista* etc.

Do lado dos verbos de atribuição, observe-se algo similar: *bira* e *torna* servem para falar da aquisição de uma nova característica, de um novo papel, *parse* serve para falar de características ou papéis talvez apenas aparentes etc.

Há verbos que, em determinados empregos funcionam como predicados de pertença ou de atribuição, mas que noutros empregos ostentam outro(s) significado(s) (cf. *E bira riku* 'Fez-se rico', mas *E bira rósto pa trás* 'Virou o rosto para trás' ou *E bira otu bes pa si kása* 'Voltou novamente à sua casa'). A descrição pormenorizada do(s) significado(s) destes verbos é função dos lexicógrafos.

Contudo, parece ser tarefa dos gramáticos ocuparem-se do significado e dos empregos dos verbos que apresentam a pertença e a atribuição, digamos, 'em estado puro': cf. ingl. *to ha-*

ve - *to be*, dt. *haben - sein*, fr. *avoir - être* etc. A importância destes verbos deriva do facto de constituírem, respetivamente, o modelo dos verbos transitivos (e ditransitivos) e dos verbos intransitivos, isto é, dos dois tipos básicos de orações.

Comparando o crioulo de Santiago com o inglês, o alemão e o francês, chama a atenção dos centro-europeus que o santiaguense disponha dos dois lados, o da pertença e o da atribuição 'em estado puro', de dois verbos: no lado da pertença, encontramos *ten* e *tene* 'ter' e no lado da atribuição - à semelhança do português e das outras línguas ibero-românicas - encontramos *ê ~ ser* 'ser' e *sta* 'estar'. (A mera existência não se exprime, porém, por meio de *ê ~ ser*, mas por *izisti* 'existir' ou *ten: Nhordés ta izisti* ou *Nhordés ten* 'Deus existe').

Todavia, bem vistas as coisas, não há duplicação: *tene* e *sta* constituem parceiros marcados, nas oposições *tene/ten* e *sta/ê ~ ser*. E o traço distintivo dos parceiros marcados é o mesmo, dos dois lados: *tene* e *sta* apresentam a pertença e a atribuição como temporalmente limitadas, mesmo nos contextos onde tais limites ficam por precisar. *Ten* e *ê ~ ser*, por seu lado, não sugerem limites temporais de pertença e atribuição, independentemente do facto de tais limites existirem ou não, na realidade visada.

Como acabamos de lembrar, do lado da atribuição, distingue-se de forma análoga entre *ser* e *estar*, nas línguas da Península Ibérica. Menos conhecido dos linguistas é o facto de que, do lado da pertença, se distingue de forma análoga entre *am* e *ame* no wolof, a principal língua de substrato do crioulo caboverdiano (cf. Lang 2009: 2.2.5.3.2). Tanto quanto sei, não existe oposição análoga, do lado da pertença, em nenhuma língua europeia. Por isso, ilustraremos o seu funcionamento no santiaguense, extensamente, em 4.4.2.

Tanto *tene* e *sta* como *ten* e *ê ~ ser* são 'verbos estativos' por excelência: não exigem a partícula *ta* para se referir ao momento da fala (cf. 4.3.3.9.1) e, providos da marca *-ba* de anterioridade, produzem o efeito de um simples passado, não o de um mais-que-perfeito (cf. 4.3.5.1-3).

Mas é interessante observar que parecem existir, no crioulo de Santiago, justamente para estes quatro verbos, parceiros

perfetivos defetivos que, materialmente, remontam a formas do pretérito perfeito português: *tevi* (var. *tivi*, para *tene* e *ten*), *stevi* (para *sta*) e *foi* (para *ser* ~ *ê*). Não há motivos para 'imperfetivar' estas formas antepondo-lhes *ta* (**ta tevi*, **ta stevi*, **ta foi*), visto existirem parceiros imperfetivos a nível lexical. Mas também não ocorrem formas providas da marca de anterioridade *-ba* ou de outras marcas para estes três verbos (**tevíba*, **stevíba*, **foíba*, **tevidu* etc.).

As relações semânticas entre estes verbos podem ser esquematizadas da seguinte forma:

pertença		atribuição	
imperfetivo			
limitado	-	limitado	-
<i>tene</i>	<i>ten</i>	<i>sta</i>	<i>ê ~ ser</i>
perfetivo			
<i>tevi</i>		<i>stevi</i>	<i>foi</i>

4.4.2.2 A pertença (*tene* e *ten*)

4.4.2.2.1 O parceiro marcado: *tene*

Tene (anterior: *teneba*, passivo: *tenedu*, anterior e passivo: *teneda*) apresenta a pertença como temporalmente limitada (cf. Veiga 1996: 'ter de forma transitória' e Quint 2000: 250 '(avoir) de façon transitoire'). Há determinados estados que o santiaguense costuma apresentar como casos de pertença e que são inerentemente transitórios. Consequentemente, é habitual dizer-se

-*tene fómi*, *tene sedi*, *tene xixi* ('ter fome, ter sede, ter vontade de urinar') etc.

-*tene gána* 'ter vontade', *tene furia* 'estar com raiva' etc.

-*tene dór* 'ter dores', *tene fébri* 'ter febre', *tene moléstia* 'estar indisposto', *tene gripi* 'ter gripe', *tene burgo-nha* 'ter vergonha' etc.

-*tene présa* 'ter pressa', *tene ténpu* 'ter tempo' etc.

-*tene sónu* 'estar cansado' etc.

-tene un ideia 'ter uma ideia', tene atenson n'algun kusa
'estar com atenção' etc.
-tene náda ki/di fase 'não ter nada que fazer' etc.

Un bes Lobu ku Xibinhu es teneba fómi y es ka teneba náda-
l kume. (433/1) 'Uma vez, Lobu e Xibinhu tinham fome e
não tinham nada para comer.'

Fórti kavalinhu bunitu! Péna e'sta mutu kansádu. Kre e'te-
ne sedi. (166/25) 'Que cavalinho tão bonito! É uma
pena que esteja muito cansado. Deve ter sede.'

O mudjer! ... N tene uma gána kume kabésa! (34/6) 'Oh mu-
lher! ... Sinto uma vontade enorme de comer uma cabe-
ça!'

Rapás la, dór k'el tene ka ta da pa spéra txeu ... (63/13)
'As dores que tem aquele rapaz não dão para esperar
muito tempo ...'

Amí N tene fébri ... Désdi ki nhos bai, mi fébri da-m ...
(146/7) 'Eu tenho febre ... Logo que foram embora, eu
tive febre ...'

E'pensa m'e algun duénsa k'el teneba. (460/14) Pensava <a
mulher> que <o seu marido> sofria de alguma doença.'

Amí, N tene présa ki N ka pode pára pa N djuda-nho. (63/
12) 'Eu tenho pressa, de forma que não posso demorar
para ajudar o senhor.'

Ora ki nhos bai, bu ta faze ma'u tene sónu, nhos ta deta
báxu pé di róza. (206/20) 'Quando forem, fazem de con-
ta que têm sono e deitam-se.'

Más N tene un ideia ki ta razolve tudu es problema li,
dentu fáxi. (63/14) 'Mas tenho uma ideia que resolve
rapidamente todo este problema.'

Prispi dja ka teneba ninhun atenson na misa, ... (384/30)
'O príncipe já não prestava nenhuma atenção à missa
...'

Mamá, amí go, N tene un favor pa N pidi-nha ... (333/26)
'Mamá, eu queria pedir-lhe um favor ...'

Más Pedru insisti di tal manera ki si pai ka teneba náda
di fase. (289/18) 'Mas Pedro insistia de tal maneira,
que o seu pai não podia fazer nada.'

Quando se trata da disposição de uma coisa, tudo depende
de se a disposição é apresentada como sendo duradoura ou pelo
contrário - como nos exemplos que se seguem - como momentânea,
recente, perdida etc.:

Pai ku mai di Bisentinho dja bira sábi pamódi, ku dinheru
k'es teneba, es ta matába tudu ses nisisidádi. (140/
24) 'Os pais de Bisentinho ficaram contentes porque,
com o dinheiro que agora tinham, podiam satisfazer to-

das as suas necessidades.'

Anhôs, si nhos tene un txábi bédju ki perde y nhos ben átxa so dispos di nhos kunpra un txábi nóbu, na nhos intender, kál ki nhos ta uza ku el? (356/24) 'Na vossa opinião, se vocês tiverem uma chave velha que se perdeu e que só voltam a encontrar depois de comprar outra nova, qual das duas vão usar?'

Más pididu di si mudjer éra kuázi sénpri limária, di módi ki mudjer dja teneba kuázi tudu spésia limária. (55/4) 'Mas a sua mulher pedia-lhe quase sempre animais, de forma que já tinha quase todo o tipo de animais.'

Un bes, Lobu ku Xibinhu teneba kada un d'es un fóрма sukri-l téra. (403/1) 'Uma vez, Lobu e Xibinhu dispu-nham, cada um, de um pão-de-açúcar.'

- Rainha! Nha dexa-m bai misa tánbe ku kes mininu di nha!
 Rainha rusponde Mariâ di Pó:
 - Nau! Si bu kré, bai bo so!
 - Bistidu go N ka tene! (210/20)
 '- Rainha! Deixe-me acompanhar estes seus meninos à missa!
 A rainha respondeu a María di Pó:
 - Não! Se quiser, você vai sozinha!
 - <Mas> Não tenho vestido <para usar>!

Dipos, ben parse di tárdinha na ses pórtá un rapazinhu di nómi Pálu. E'ba pidi-s m'e'ka tene mai, e'ka tene pai, m'e'sa ta djobe un ómi k'un mudjer pa toma-l p'el fika ses fidju ... (293/4) 'Depois apareceu, à tardinha, um rapaz à sua porta que se chamava Pálu. Como não tinha mãe nem pai, andava à procura de um homem e de uma mulher e pediu-lhes que o aceitassem como filho ... '

Nha fidju, anos, gentis bédju, nu ka tene kabésa! (354/3) 'Meu filho, nós, velhos como somos, <já> não temos cabeça!'

É frequente que se distinga por meio de *ten/tene* a posse efetiva da disposição momentânea:

N ten un livru. N'es momentu ê Djuzé ki tene-l. (RS) 'Pos-suo um livro. Neste momento é o Djuzé que o tem.'

Un rapazinhu prétu ki ten dinheru, konbida-m, ... (103/12) 'Um rapaz preto rico convidou-me ...'

Ken ki tene nha ropa pa da-m, di zimóla! (114/21) 'Quem tem a minha roupa, que ma devolva, por favor!'

Bu ka tene n'un zumóla pa'u da-m? (102/6) 'Não trazes nenhuma esmola para me dar?'

Bitxu sa ta pidi kumida, N ka tene náda da-l! (84/20) 'O animal está a pedir comida e não tenho nada para lhe dar!'

Usa-se *tene* sempre que se trata de expressar que alguém ou alguma coisa tem algo num determinado lugar, estado etc:

Alguém ou alguma coisa tem algo num determinado lugar:

Kántu dj'el tene kumida tudu na prátu, mudjer txoma: ... (35/16) 'Quando já tinha toda a comida distribuída pelos pratos, a mulher chamou: ..'

..., e'rapára ma katxór teneba róstu na txon, ... (242/17) '..., viu que o cão tinha o rosto no chão, ...'

Mamâi tene águ na póti di trizantonti, di ontonti, di onti y di oxi ... (87/20) 'A mamã tem no pote água de antes de anteontem, de anteontem, de ontem e de hoje ...'

Kolxon, e'ka pode po detádu, purki e'tene ómi dentu d'el. (204/10) 'Não pode colocar o colchão na posição horizontal, porque há um homem dentro dele.'

..., N tene uns ropa na tingi ... (65/17) '..., estou a tingir roupa ...'

Nton, mininas fla pai pa e'bai na mon di kel rapás, pa e'djobe kusé e'tene na dédu. Éra tres anel di kes minina. (94/8) 'Então, as raparigas disseram ao pai que se aproximasse da mão daquele rapaz, para ver o que tinha no dedo. Tratava-se dos tres anéis das meninas.'

... rapariga ki sa ta badjába sima k'el teneba móla na pé ... (74/7) '... a rapariga que dançava como se tivesse molas nos pés ...'

Anton, amí dja N tene otu minina la oréla már, N ka pode ben káza ku fidju di nho. (99/24) 'Mas eu já tenho outra amiga à beira-mar, não posso casar com a sua filha.'

Undi ki obi fládu tene jogu di kárta y jogu di batóta, e'sta la. (101/2) 'Onde quer que dissessem que havia jogo de cartas ou de azar, lá estava ele.'

Si teneda midju na tanboru, nos nu ka odja. (Veiga 1982: 26) 'Se tinham milho no tonel ou não, nós não vimos.'

..., ben odja rikéza ki N tene li ... (281/19) '..., vem ver a riqueza que tenho aqui ...'

Alguém ou alguma coisa tem algo num determinado estado:

Nhu Rumáldu káska mandióka. Dj'el tene galinha ta rafoga manenti. (85/21) 'O senhor Rumáldu descascou a mandioca. Já tinha a galinha a refogar continuamente.'

..., N tene korpu ta due-m! (120/35) '..., Dói-me o corpo!'

N pergunta-nho si nhu k'odja ki óra ki pása li un kabálu ki tene un minina k'un rapás muntádu n'el ... (124/27) 'Perguntei-lhe se o senhor não viu a que horas passou por aqui um cavalo com uma menina e um rapaz montados

nele ...'

Gentis ki stába na sála, dj'es simira dja na djobe, ki ses bóka abértu stá bábu ta báza y odju es tene ragaládu ti orédja. (74/13) 'As pessoas que estavam na sala ficaram embasbacadas a olhar, ao ponto de a saliva lhes sair das bocas abertas e de terem os olhos arregalados até às orelhas.'

Ántis di e'fitxa bóka, nhu Diogu dja teneba-el [Nhánha Fin di Mundu] xintádu, na si frenti. (356/15) 'Antes de fechar a boca, o senhor Diogu já a tinha sentada <no cavalo>, diante dele.'

Dja bu tene bu kálsa stragádu. (RS) 'Já tens as calças estragadas.'

N tene un kása rendádu. (RS) 'Tenho uma casa alugada.'

Ti 2006 dja nu kre tene nos disionáriu publikádu. (RS) 'Até 2006, queremos ter o nosso dicionário publicado.'

Tudu es kusa li dja tene-m priokupádu. (RS) 'Todo este assunto me mantém em estado de preocupação permanente.'

Óras k'el txiga órta, komu e'ta teneba bóka stángu fráku, e'ta bába na pé di mandióka, e'ta galába un fidju o dos, e'ta nhemeba kru. (41/10) 'Ao chegar à horta, como costumava estar esfomeado, costumava ir para as mandiocas, tirar uma ou duas raízes e mastigá-las cruas.'

Sabel, so vontádi k'el tene pa ómi txiga, e'teneba pórtá abértu, uan! (79/13) 'Tão ansiosa estava Sabel que chegasse o homem que mantinha a porta aberta de par em par.'

Odja, si bu kré skápa di li, e pa nu fuxi, purki, nen mi nen bo, nu ka tene bida sértu dja más. (105/23) 'Olha, se quiseres escapar de aqui, então fujamos já, porque <aqui> as nossas vidas já não estão a salvo, nem a minha, nem a tua.'

Em frases exclamativas que começam por *so*, *tántu* etc. prescindem-se, por vezes, do *tene* e do seu sujeito, caso o contexto informe acerca da sua identidade:

E nho, kel noti N ka durmi ninhun sónu, <N teneba> so gána di manxe pa N bá skóla ku kuéka. (NL 1/9) 'Bem, naquela noite não dormi nem um segundo, de tanta ansiedade que sentia de ir à escola com as cuecas <novas>.'

E nho, <N teneba> tántu gána di ba skóla ku kuéka ki bá vira-m bariga un bes. (NL 1/15) 'Bem, sentia tanta ansiedade de ir à escola com as cuecas, que fiquei de diarreia.'

4.4.2.2.2 O parceiro não marcado: *ten*

Ten (anterior: *tenba* ou *tinha*, passivo: *tendu*, anterior e passivo: *tenda*) apresenta a pertença sem evocar limites temporais (cf. Veiga 1996: 191 'ter de forma permanente'). Como parece ser a regra, nas oposições de tipo inclusivo (marcado/não marcado), também neste caso o parceiro não marcado *ten* ocorre com maior frequência que o parceiro marcado *tene*.

Só *ten*, mas não *tene*, admite empregos impessoais, nos quais *ten* significa 'há, existe':

Ten almusu? (RS) 'Há almoço?'

Nobidádi ka ten. (RS) 'Não há nenhuma novidade.'

Ka ten probléma. (RS) 'Não há problema!'

Más di si ka ten. (RS) 'Não há mais do que isso.'

Ka ten ramédi. (RS) 'Não há remédio.'

N'es aldêa ten un ómi ki sabe latin. (RS) 'Nesta aldeia, há um homem que sabe latim.'

Ten misa di dés óra. (RS) 'Há uma missa que começa às dez horas.'

Ten li algun trabádju pa mi? (RS) 'Há algum trabalho para mim, aqui?'

Só *ten* funciona como correspondência do fr. *il y a* 'desde':

Ten txeu sumána ki N odja-l última bes. (RS) 'Faz muitas semanas que o vi pela última vez.'

e, de forma análoga, diz-se:

N ten sinku sumána trádu di kása. (RS) 'Faz cinco semanas que fui tirada <pelo meu marido> de casa <dos meus pais>.'

Dja e ten sinku ánu kasádu. (RS) 'Está casada há cinco anos.'

Na 1990 dja e tenba studádu txeu livru sobri kriolu. (RS) 'Em 1990, já tinha estudado muitos livros sobre o crioulo.'

N ten pensádu na kel prupósta ki bu fase-m. (RS) 'Tenho pensado sobre a proposta que me fizeste.'

A perífrase verbal crioula formada a partir do modelo português *ter de fazer alguma coisa* (cf. 4.5.5.4) só admite *ten*:

..., pamódi palavra di nhu rai ten ki ser kunpridu. (389/2) '..., porque a palavra do rei tem de ser cumprida.'
Oxi N ten di ila midju. (RS) 'Hoje, tenho de torrar milho.'

Não está excluído que existam outras expressões que só admitem *ten*. Até agora, só encontramos exemplos com *ten pás* e nenhum com **tene pás*:

Dja nu ten pás na nos téra ... dja nu pode trabádja nos kánpu... (236/15) 'Já temos paz no nosso país ... Já podemos cultivar os nossos campos ...'

E, evidentemente, só convém usar *ten* onde se trata de apresentar algo como imutável:

Módi ki txoma kes sinku kontinenti ki nu ten? (68/14) 'Como se chamam os cinco continentes que temos?'
E ten dos fidju mortu. (RS) 'Tem dois filhos mortos.'

Ten ocorre também, com maior frequência, em todos os contextos até agora não mencionados nestes parágrafos (4.4.2.2.1 e 4.4.2.2.2). Mas diz-se mais ou menos indiferentemente:

Odja manhan, N ten(e) sais ómi pa mónnda. (53/10 e RS) 'Olhe, amanhã terei seis homens para me ajudar na monda.'
N ten(e) un favor pa N pidi-bu. (RS) 'Queria pedir-lhe um favor.'

E existe quase sempre a possibilidade de expressar uma nuance, preferindo *tene*. Cf.:

N ka ten ningen. (RS) por. ex., no sentido de 'Já não tenho familiares.' Mas, por ex.: N ka tene ningen. (RS) 'Por agora, não tenho ninguém.' (por ex. no sentido de 'nenhum companheiro')

E ten 12 ánu. (RS) 'Tem 12 anos (idade)'. Mas também: Dja N tene 12 ánu. (RS) 'Agora, já tenho 12 anos.'

... ku kel prinsipi nortiadador la, tenda ideia ma el [ALU-PEC] podeba ser un stromentu kapás di sirbi kalker sidadon di kalker ilha di Káuberdi... (Silva 2014: 2.3.6) '... com este princípio norteador, tinha-se a ideia de que <o Alfabeto Unificado para a Escrita do Caboverdiano> podia ser um instrumento capaz de servir

qualquer cidadão de qualquer ilha de Cabo Verde ...'
Mas: ... N tene un ideia ki ta razolve tudu es pruble-
ma li ... (63/14) '... vem-me uma ideia à cabeça que
resolverá todo este problema ...'.

Odja, amí N ten idádi txeu, N s'ta sufri di petu kansádu,
N sta xeiu di lépra, ... 'Olhe, sou muito velho, sofro
de asma, estou cheio de lepra, ... (359/12). Mas tam-
bém: Ami dja N sta bedju, dja N tene txeu idádi, ...
(363/14) 'Eu sou velho, já sou muito idoso, ...'

Ami, N ten sórti na djogu biska, kuázi sénpri N ta pánha
ás. (RS) 'Eu tenho sorte no jogo da bisca, apanho qua-
se sempre algum ás.' Mas, por outro lado: Más mi go N
tene sórti! N átxa un pé <di sapátu> la trás la ...
dja N átxa kelotu lisiin! (138/16) 'Tenho mesmo sorte!
Encontrei um sapato lá atrás ... e já encontrei o par
aqui!'

Bu ten razon. 'Você tem razão.' (RS) Ao lado de: Bu tene
razon. (RS) 'Desta vez, você tem mesmo razão.'

N ka ten náda fase ku el. (RS) (um professor a falar de um
aluno problemático:) 'Não sei o que fazer com ele.'
Mas também: N ka tene náda fase ku bo. (RS) '<Neste
momento> não preciso de você.'

Es stória ten txeu influéncia di portugês. 'Esta história
tem muita influência do português. (RS) Mas também:
... tene ..., por exemplo, se a história estiver a ser
contada no momento da afirmação.'

Nhu rei ten un pastor. 'O rei tem um pastor.' (RS) Ao lado
de: Nhu rei tene un pastor ki e kre dispidi. (RS) 'O
rei tem um pastor que <, porém, agora> quer despedir.'

Modi ki nhu ten/tene kel un dédu pé tamánhu si? (RS) 'Como
se explica que o senhor tenha um dedo do pé tão grande
[desde que nasceu/neste momento]?'

Compare-se ainda

..., náda N ka ten pa N dexá-bu. (67/17) '..., não possuo
nada que lhe possa legar.'

com

..., N ka tene náda da-l! (84/20) '..., não tenho nada <à
mão> que lhe possa dar!'

Falando de roupa, podemos por ex. distinguir, usando *ten* ou *tene*, entre a que temos no guarda-roupa e a que trazemos atualmente no corpo:

E ten un kamisa rei di bunitu. 'Tem uma camisa muito bonita.' (RS) Mas: Bu tene la un kamisa rei di bunitu. (RS) 'Trazes uma camisa muito bonita.'
Xuxu tene uma kapoton, xuxu tra kapóti. Kántu e'tra kapóti, uma krifi! (82/1) 'O diabo vestia um capote. E quando tirou o capote, <apareceu> um chifre enorme!'

4.4.2.3 A atribuição (*sta* e *ê ~ ser*)

O crioulo de Santiago inclui-se justamente no grupo de línguas que usam cópula nas orações que, regra geral, servem para atribuir uma característica, uma identidade, ou um sítio ao sujeito e que, por esta razão chamamos aqui de 'atributivas'. Sem querer pôr em causa esta classificação, salientamos o facto de que teremos várias vezes ocasião de chamar a atenção para contextos onde se pode prescindir da cópula (tanto de *sta*, como de *ê ~ ser*) e que não se pode excluir a possibilidade de que as orações atributivas sem cópula fossem ainda mais frequentes em tempos passados.

4.4.2.3.1 O parceiro marcado: *sta*

À semelhança do verbo pg. *estar*, o verbo santiaguense *sta* (anterior: *stába* ou *stá*, passivo: *stádu*, anterior e passivo: *stáda*) atribui ao seu sujeito uma característica, um papel, um estado, ou um lugar no espaço ou no tempo, mas tudo isto apenas de forma temporária:

Atribuição de uma característica passageira:

Pamodi ki bu sta tristi? (41/30) 'Por que é que você está triste?
... pórtá stába abértu por kázu kalor, ... (52/3) '... a porta estava aberta por causa do calor, ...'
..., mudjer la undi e'stába xintádu, e'stába águ ta disprinda, sima k'el stába n'algum trabádju forsádu. (42/24-25) '..., a mulher, lá onde estava sentada, estava

a transpirar como se estivesse ocupada nalgum trabalho forçado.'

Mi dja N sta bédju y N ka ten ningen, ... (75/17) 'Já estou velho e não tenho familiares, ...'

Kumida dja sta pruntu ... (35/17) 'A comida já está pronta ...'

..., N obi sima ki es fla ma ken ki sta duenti, es ta máta y ken ki sta pruntu, es ta dexa... (39/28-29) '..., parece-me que disseram que matarão os doentes e deixarão os sãos <vivos>... '

Mi, N sta sértu ma sin k'el obi, e'ta bira pruntu! (39/8) 'Eu tenho a certeza que, mal ouça isso, se recomporá!'

Nhu átxa ma kel li stá dretu? (58/17) 'O senhor acha que isso estava bem feito?'

Maridu xinti ma mudjer ka sta mutu prokupádu ku si kumida ... (39/13) 'Ao marido, parecia-lhe que a mulher não se preocupava muito com a sua comida ...'

E fla nau, m'el ka ta bai pamódi ma si mai sta parida nóbu, ... (95/7) 'Disse que não, que não iria, porque a sua mãe acabava de dar à luz, ...'

Kábu sta mau, ... (30/11) 'O país está em crise, ...'

Nhu sta avontádi ... N ka ta dura! (65/22) 'Esteja à vontade ... Não vou demorar muito!'

Maridu labánta mé, más el stába dja ton gordu ki si ropa negába-el. (34/23) 'O marido levantou-se, efetivamente, mas tinha engordado a tal ponto, que já não cabia na roupa.'

Un diâ, dipos ki dj'el stába ómi, e'ben da odju béntu li Práia. (48/5) 'Um dia, quando já estava um homem feito, veio cá à Praia, para dar uma voltinha.'

Na kel bes stáda tudu ku médu pamodi fébri ta da tudu algen. (Veiga 1982: 127) 'Naquele tempo, todos tinham medo, porque todo o mundo apanhava a febre.'

Nas frases deste tipo, prescinde-se às vezes do verbo *sta*:

Mal Xibinhu soti-l dédu na bóka, Nhu Lobu da-l krápu! Xibinhu kudi:

- Ui! Nha-Tiu, nho nhu ka sériu! ... Si ki ta fasedu? ... (441/20)

'Logo que Xibinhu lhe meteu o dedo na boca, Nhu Lobu deu-lhe, zás! Xibinho reagiu:

- Ui! Nha-Tiu, você tem cada uma [literalmente: você não está sério]! ... Faz-se isto? ...'

Parse un pórta na kása kelóra. E'entra. Kása baziu, sen náda: paredi ku tétu, txaskan! (76/5-6) 'Naquele momento, apareceu na casa uma porta. Entrou. A casa estava vazia, sem nada. As paredes e o teto despídos.'

Atribuição de um papel temporário:

E termina studa, gósi e sta prufesor. (RS) 'Terminou os estudos e agora trabalha como professor.'

Ken ki sta nhos prufesor gósi? (RS) 'Quem é que está atualmente como vosso professor?'

N kel ánu ki N raprova, éra el ki stába nos prufesor. (RS) 'Naquele ano em que reprovei, ele esteve como nosso professor.'

Atribuição de um lugar temporário

no espaço:

Bu k'odja ma dj'es sta na bera?! (39/33) 'Não vês que já estão à beira?!'

Djánta dja sta na mésa y sen djánta nhu ka ta bai! (51/13) 'O jantar já está na mesa e o senhor não se vai embora sem jantar, ...'

Más xintidu go sta-l dentu di kel tosinhu! (52/3) 'Mas o seu pensamento estava naquele toucinho.'

Mudjer ki stába la kusinha, da un pankáda! (30/17) 'A mulher, que estava na cozinha, apanhou um susto.'

..., e'pánha kel kabálu más nóbu ki stá la. (96/33) '..., pegou no cavalo mais novo que estava lá.'

Nhu djobe-l, e debe sta, nhu djobe-l na ridondésa. (NL 3/8) 'Procure-o, deve estar, procure-o nas redondezas.'

Nastási, Nastási, abo ki kásta di fós ki bu kunpra, mini-nu? Dja N lida tudu lida ka sta ninhun pó ki sa ta sende!?! (NL 10/35) 'Nastási, Nastási, que tipo de fósforos compraste, menino? Já fiz todos os esforços imagináveis, não há nenhum fósforo que acenda!?!'

no tempo:

..., dja nu sta es ánu na mes di Novénbru! (NL 4/11) '..., já estamos no mês de novembro deste ano!'

..., undi nu ta átxa lumi ku águ go pa nu kúsia sángi gósi, ki dja stá [sic] noti? ... (89/3) 'Onde vamos encontrar agora fogo e água para cozer o sangue imediatamente, visto que já anoiteceu?'

Kusé nhu sta n'el? (52/11) 'O que é que está a fazer?'

Dja stába dentu tárdinhu [sic] y el e'stába na un txáda dizértu k'el ka konxeba. (75/22) 'Já era tarde e encontrava-se num lugar deserto que não conhecia.'

Também em frases deste tipo prescinde-se, por vezes, do verbo *sta*:

Nton, mudjer purgunta-l:

- Undi kes otu ómi?

Maridu rusponde:

- Kes ómi ka ben. (53/15)

'A mulher perguntou-lhe então:

- Onde estão os outros homens?

O marido respondeu:

- Aqueles homens não vieram.'

Kántu soldádis txiga ku korpu na si prezénsa, nhu Rei sai di kabésa:

- Undi si kabésa? Kusé ki nhos fase ku el? ...

Ken ki mánda-nhos korta-l? (142/19)

'Quando os soldados chegaram à sua presença com o corpo, o Rei ficou furioso:

- Onde está a sua cabeça? ... O que é que fizeram com ela? ... Quem vos mandou cortá-la?'

Abô ku fómi, bu katxór ku fómi, tudu ku gána-l kume. Ael fártu, ku bariga riba-l kósta, na bu kusta. Es alí ka fila! (422/19-20) 'Tu estás com fome, o teu cão está com fome, toda a gente está com vontade de comer. <Ao passo que> ele está farto, com a barriga cheia, às tuas custas.'

4.4.2.3.2 O parceiro não marcado: ê ~ ser

O verbo *ê*, *e* ou *é*¹² (anterior: *éra* ou *é'a*, *éa*; para as formas *ser* e *sérba* ~ *serba*, cf. 4.4.2.3.3) não tem passiva.¹³ Atribui ao sujeito uma característica, um papel ou uma identidade, ou um lugar no espaço ou no tempo, sem sugerir limites temporais a tais atribuições, independentemente de tais limites existirem, na realidade visada, ou não.

¹² "...vérbu <é> (na "ALUPEC") pása ta skrebedu <e>, dja ki si son ta flútua entri abértu i simi-fitxádu (mesmu dentu di omesmu variánti, albes), ..." (Silva 2014: 2.). "...algun flutuason (na alguns palábra) entri sons abértu ku sons fitxádu (e kázu di <spera> i <spéra>, i e kázu di própi vérbu <e> ki ta vâria di prunúnsia ti na omesmu algen, konfórmi kontestu fráziku)" (Silva 2014: 3.4.3). Nós escrevemos *ê* por tratar-se de uma forma geralmente átona e a vogal *é* *ser*, regra geral, tónica (cf. 1.2.1.6.1). E pomos o acento circunflexo para que ortograficamente não se confunda com a variante e do pronome pessoal da terceira pessoa do singular *el*).

¹³ Em contextos hipotéticos, ocorre também a forma *for*. Cf. *Óki N for más grándi, N ta subi kes árvis más tamánhu* (RS) 'Quando for maior, subirei a estas árvores maiores', *Ami, si N for prufesor, nunca N ka kastigába mininus* (RS) 'Se fosse professor, nunca castigaria as crianças', *Nha bende-m el pa présu ki for!* (127/10) 'A senhora vende-mo pelo preço que quiser!'. O carácter basilectal desta forma, perfeitamente normal no Barlavento, fica por verificar em Santiago.

Atribuição de uma característica:

- Un bes, kása un rapás ki era rei di trabadjador. (53/1)
'Uma vez, casou um rapaz que era muito trabalhador.'
- Si duénsa e grávi, más fastiu go tioxi. (38/14) 'A sua doença era grave, mas não lhe faltava nunca o apetite.'
- Ténpu éra di nisisidádi, trabádjú era so pisádu y ómi era rei di pirgisós, ... (38/1-2) 'Era um tempo de privações, só havia trabalhos pesados e o homem era muito preguiçoso, ...'
- Kántu almusu txiga, ki maridu odja m'e sima ántis di si duénsa, nton e'piora dja ki ta móre! (39/23) 'Quando chegou o almoço e o marido viu que era como antes da sua doença, piorou de tal maneira que parecia que ia morrer!'
- Dipos di kasaméntu, Iáni da kónta, inda na kása pai di noiba, ma noiba era bédja. (56/8) 'Depois do casamento, ainda na casa do pai da noiva, Iáni reparou que a noiva não era virgem.'
- ..., e'átxa kes tres ponba ta toma bánhu. Kel más grándi, e'fase ideia ma kel k'e más vélha di tudu. (102/30) 'Encontrou aquelas três pombas a tomar banho. Teve a impressão de que a maior era a mais velha.'
- Uzu di til (~) e mas kumun na variadádis di barlabentu, ... (Silva 2014: 3.4.3) 'O uso do til é mais comum nas variedades de Barlavento, ...'
- Sima na purtuges, tanbê na káuberdiánu penúltimu sílaba ki e tóniku na maiór párti di palábura, (Silva 2014: 3.4.3) 'Tal como no português, também no caboverdiano é a penúltima sílaba que é tónica, na maioria das palavras, ...'
- Lendisu, sima N ben sédu, N ta odja si N ta fase almusu. So ma dja bu fla-m e módi. (42/21) 'Além disso, como tenho chegado cedo, vou ver se faço o almoço. Basta que me digas como se faz.'

Atribuição de um papel ou de uma identidade:

- ... tudu kel ténpu si almusu éra mandióka kru ... (41/17)
'Durante todo aquele tempo, o seu almoço consistiu em mandioca crua ...'
- ... fla-m ma nha maridu ka sta duenti e fase trósa-l mi y txoma-m nha maridu di dodu! (38/21) '... dizer-me que o meu marido não está doente é fazer troça de mim e chamar o meu marido de doido!'
- Diskulpa di mudjer éra m'el stába duenti ku kortaméntu baringa. (41/7) 'A desculpa da mulher era que estava doente, com dores de barriga e diarreia.'

N ta tra kusas di dentu kása, un-un, N ta ben po na sedja li na ruâ ... Dipos e so pega na sedja. (36/2) 'Tirarei as coisas de casa, uma a uma, e pô-las-ei na tina, aqui na rua ... Depois será só pegar na tina.'

E ka kel la náda ki N kré fla-nha, mudjer! (38/22) 'Não é isso em absoluto que lhe quero dizer, mulher!'

Kel la e di kenha? - E di nho ... (31/10-11) 'Esta <comida> é de quem? - É do senhor ...'

Módi?! ... Sima nha mudjer tene gána kume kabésa!? ... Na, kel li própri e Diós ki po-l [un kabésa] li pa mi! (30/13) 'Mas como?! ... Com tanta vontade que tem a minha mulher de comer uma cabeça! ... Não, foi o próprio Deus que a pôs aqui para mim!'

Também neste tipo de frases se prescinde, por vezes, do ê:

Amí N ka nétu-l nha! ... Nha ka mai di nha mai, nha ka mai di nha pai! (284/3) 'Não sou neto da senhora! ... A senhora não é a mãe da minha mãe, e a senhora <também> não é a mãe do meu pai!'

Maridu rabida spantádu pa mudjer, e fla-l:
 - Mudjer?! ... Kel li ka kabésa! ... (30/27) 'O marido voltou-se horrorizado para a mulher e disse:
 - Mulher?! ... Isto não é uma cabeça! ...'

Iáni fla m'el ka ta toma mudjer ki ka di-sel. (56/17-18) 'Iáni disse que não tomaria nenhuma mulher que não fosse sua.'

Atribuição de um lugar no espaço, ou no tempo:

Sógra raporta ma mudjer éra di Práia. (49/32) 'A sogra lembrou-se que a mulher era da Praia.'

Éra na ténpu móna. (53/1) 'Era época de monda.'

Éra un bes un ómi ku si mudjer. (30/1) 'Era uma vez um homem e a sua mulher.'

4.4.2.3.3 ê (éra) vs. ser (sérba)

Em linguística, fala-se em *suppletion* (inglês), *Suppletion* (alemão) etc., quando, na flexão de uma palavra, concorrem raízes diferentes. Os verbos do tipo 'ser' são 'verbos supletivos' em muitas línguas (cf. al. *ich bin* 'sou', *wir sind* 'somos', *ich war* 'fomos', lat. *sum* 'sou', *fui* 'fui' etc.). E os verbos pg. *ser* e santiaguense *ê* também são verbos 'supletivos' (cf. pg. *sou, era, fui*).

No santiaguense, ao passo que *sérba* e *serba* são simples variantes, a distribuição de *ê, éra, ser* e *sérba ~ serba* é

complementar. A distribuição de *ê* vs. *éra* (e também a de *ser* vs. *sérba* ~ *serba*) ajusta-se à oposição '-/anterior'; a distribuição de *é*, *éra* vs. *ser*, *sérba* ~ *serba* rege-se por critérios sintáticos. Usam-se as formas *ser*, *sérba* ~ *serba* exclusiva- e obrigatoriamente

- após qualquer outro verbo (principal, modal, ou auxiliar numa perífrase verbal),

- após as partículas verbais (*ta*, *sa ta*, *ál*) e

- após as preposições ou locuções prepositivas que introduzem orações subordinadas. Cf.

após verbos principais:

Si kalhár, nhu ka prendi ser más idukádu pa kulpa-l nho, más li go, ... (317/11) 'Talvez por culpa própria, o senhor não aprendeu a ser mais educado, ...'

Kel boi éra tãun máu k'até dipos di mórtu, el kontinuá ta ser máu. (236/25) 'Aquele boi era tão mau, que até depois de morto continuou a ser mau.'

após verbos modais:

... nunca ka pasá-s pa kabésa ma kel dinheru podeba ser furtádu. (140/28) '... nunca lhes tinha passado pela cabeça que esse dinheiro pudesse ser dinheiro roubado.'

... palavra di nhu rai ten ki ser kunpridu. (389/2) '... as ordens do rei devem cumprir-se.'

Kes dos mudjeris, tiâ di mininus, obi es konbérsu. Enbóra pa es mininus dja móreba, es tra konkluzon ma so podeba sérba ses subrinhus. (379/29) 'As duas mulheres, tias dos meninos, ouviram aquela conversa. E, embora para elas, os meninos já tivessem morrido, tiraram a conclusão de que só podiam ser os seus sobrinhos.'

... N diskunfia lógu ma kel ómi debeba sérba senhor Lupódiu, ... (NL 84/7) '... supus logo que aquele homem devia ser o senhor Lupódiu, ...'

após verbos auxiliares em perífrases verbais:

Désdi kel bes, úniku ramédi di tudu orgudju ku ódiu pása ta ser umildádi ku bon korason. (197/35) 'Desde então, a humildade e o bom coração passaram a ser o único remédio para qualquer espécie de orgulho e ódio.'

E' ben ser agóra juis di si maridu. (208/8) '<A mulher> veio a ser agora o juiz do seu marido.'

Pálu go, éra un armun di Bina, ki stába pa sérba nha kunhádu, si un dia N kása. (NL 81/24-25) 'Pálu era um irmão de Bina, que seria meu cunhado, se um dia eu casasse.'

após as partículas verbais:

... nhu rai promete da metádi di si rikéza óki si fidja ka certa na divinha, más si el certa, ken ki bota kel divinha ta ser inforkádu. (387/12) '... o Rei prometeu dar metade da sua riqueza se a sua filha não acertasse na adivinha, mas se acertasse, aquele que lhe apresentou a adivinha, seria enforcado.'

Prinsénsa bira ta txora dimaziádamenti, pamódi e'xinti m'e un di kes lumária k'e pai di si fidju y ki, purtántu, ta ser si maridu. (461/28) 'A princesa desatou a chorar desconsoladamente, porque adivinhou que um daqueles animais era o pai do seu filho e que, portanto, [esse animal] viria a ser o seu marido.'

Es ba skóla, minina studa, sénpri midjór ki el. Tudu ki mós kré studa, minina ta sérba sénpri midjór. (206/18) 'Frequentaram a escola e a menina estudou, obtendo sempre melhores resultados do que ele. Tudo quanto o rapaz queria estudar, a rapariga era sempre melhor.'

após preposições (ou locuções prepositivas) que introduzem orações subordinadas:

E nho, mi ku nho, pa nu ka ser armun dja, ê mutu difisiu! (NL 84/24) 'Bem, é pouco provável que não sejamos irmãos, eu e o senhor.'

...; alen d'el ser idukádu, el e amigu di se mai. (171/9) '...; além de ser educado, era amigo da sua mãe.'

Os exemplos mostram claramente que *ser* de maneira nenhuma aparece apenas onde aparece o infinitivo *ser*, em português. O *ser* do santiagoense não é 'infinitivo', admite sujeitos próprios.

É muito mais difícil explicar o uso de *ser* nos exemplos seguintes:

Más ómi fika la, pa kel fin: o e'faze-l [kunpádri] akilu, o e'ta faze-l un kuza ki maridu ten ki seta sértu, m'e'ser si mudjer. (203/18) 'Mas o homem ficou lá, para este fim: ou lhe [ao companheiro? compadre?] faria isto [seduzir a mulher dele], ou lhe faria algo que obrigasse o marido [= o companheiro? compadre?] a aceitar como evidente que <a mulher> fora sua.'

Kebra-ndjudjun di kelotu diâ ser sima ántis di maridu duense. (39/23) 'O pequeno-almoço do dia seguinte foi como <os pequenos-almoços> anteriores à doença do marido.'

Nos kebra-ndjudjun di antónti éra pon ku kafé. Kel di ónti ser kel mésmu. (RS) 'Anteontem, o nosso pequeno-almoço consistia em pão e café. O de ontem foi idêntico.'

Kebra-ndjudjun di ónti ser sima di antónti. (RS) 'O pequeno-almoço de ontem foi como o de anteontem.'

Notemos que, nos três últimos exemplos do pequeno-almoço, *ser* poderia ser substituído por *foi* (cf. 4.4.2.4).

Para exemplos de uso das formas *é*, *éra*, cf. o parágrafo 4.4.2.3.2.

4.4.2.4 Os parceiros perfetivos: *tevi*, *stevi* e *foi*

Como já ficou dito em 4.4.2.1, consideramos as formas mencionadas no título deste parágrafo como sendo parceiros não estativos, isto é, perfetivos, dos verbos de estado *ten(e)*, *sta* e *é ~ ser*. Designam processos ou estados de coisas pretéritos no momento da fala, ou noutro momento considerado:

tevi:

Kántu N odja ma dja N fronta, N tevi un idea ki salva-m. N bua dentu már. (RS) 'Quando compreendi que estava metido numa alhada, tive uma ideia que me salvou. Pulei para o mar.'

Amí es ánu N ka tevi ninhun alunu ki txoma Djuzé! (110/19) 'Eu, este ano, não tive nenhum aluno que se chamasse Djuzé.'

Amí, nh'armun Pedru ku nh'armun Pálu ku mi <...>, nu deta noti, nu sunha ku káza Nhánha Tori Fin di Mundu ... Nu tevi un sonhu! (338/15) 'Quanto a mim, o meu irmão Pedru e eu <...>, deitámo-nos à noite e sonhámos com a casa da senhora Tóri Fin di Mundu ... Tivemos um sonho!'

stevi:

N stevi la si kása, ónti, la Mira Flor. (NL 4/4) 'Ontem, estive na sua casa, em Miraflores.'

Patron, nhu sabe ma duránti kel tres ánu ki nhu stevi na Lisboa di Purtugal li, ma ovi [sic!] grándis krizi na Káuberdi! (NL 40/21) 'Ó patrão, o senhor sabe que du-

rante os três anos que estive em Lisboa, houve uma crise grave, em Cabo Verde!'

Kel kusa, kusa éra un ómi k'un mudjer. Kel ómi ku kel mudjer es stevi kazádu tántu ténpu, es ben ten un fidju k'es po-l nómi di Pedru. (331/2) 'Era uma vez um homem e a sua mulher. Aquele homem e aquela mulher tinham estado casados muito tempo, quando, finalmente, tiveram um filho a quem chamaram Pedru.'

foi:

... kel boi ki ta pirsigiba-nos, dja nu kába ku el, grásas a kel rapazinho ki foi kurajozu, ... (236/14) '... já acabámos com aquele boi que nos perseguia, graças àquele rapaz que teve coragem, ...'

Bon, kel rapás, kel diâ, inkuántu el ta bai pa kása, e'fase rivizon di kel runian y di si diâ di trabádju. E'txiga konkluson ma foi un bon diâ. (242/10) 'Pronto, naquele dia o rapaz, no regresso à casa, reviu na sua cabeça aquela reunião e o seu dia de trabalho. Chegou à conclusão de que tinha sido um bom dia.'

..., nunca N foi filis, désdi ki N pása pa si sirbisu. (322/30) '..., nunca fui feliz desde que entrei para o seu serviço.'

Foi un flisidádi pa Manel, kuándu es konsigi entra na kel palásiu di Mil y un Maravilha, sin mutu tribulason. (326/17) 'O Manuel ficou feliz, quando conseguiu entrar sem muita atribulação naquele palácio de mil e uma maravilhas.'

Foi ocorre frequentemente na expressão idiomática *ku ... , foi un kontu/pontu/ténpu so* 'mal/logo que....,':

Sin, el forsa Sinderu ku kel ánsia di txiga la más fáxi. El xigádu, ku dixi, ku konko na pórta, foi un pontu so. (314/31) 'Sim, com essa ânsia de lá chegar mais depressa, esporou Sinderu. Mal chegou, desceu e bateu à porta.'

Pálu isádu, ku es ta dexe palásiu, foi un kontu so. (326/26) 'Mal tinham subido Pálu <da masmorra profunda>, abandonaram o palácio.'

El postu pé na pórta, ku mánda rea <bebidas di> pratilera, foi un kontu so. (309/33) 'Mal pôs o pé na porta, mandou baixar as bebidas da prateleira.'

Kel ripiti-l omésma kusa y krisenta más, ku Pálu ta labánta n'el, foi un ténpu so. (315/25) 'Mal repetiu <a mulher> a mesma coisa, acrescentando <ainda> mais, o Pálu gritou com ela.'

O caráter perfetivo de *foi* manifesta-se ainda, quando serve para focalizar um elemento numa frase cujo verbo, por sua vez, requer uma interpretação perfetiva:

..., foi prisizamenti senhor pádri ki ben kunprá kavali-nhu. (165/27) '..., foi precisamente o senhor padre, que veio comprar o cavaliño.'

Más, kel kaxon bai, konsigi sálta. Ba pa otu téra. Dipos, un otu diâ, es panha-l. Es atxa-l na bera már. Ki panha-l foi un prispi. (206/2) 'Mas aquela caixa partiu e conseguiu atravessar <o mar>. Foi para outra terra. Mais tarde, tiraram-na da água. Encontraram-na à beira-mar. Quem a apanhou foi um príncipe.'

... si el tenba poder foi mi ki da-l. (329/2-3) '... se tinha algum poder, fui eu quem lho deu.'

4.4.3 Verbos de uso causativo e não causativo

As línguas europeias não desconhecem a possibilidade de usar o mesmo verbo, na voz ativa, uma vez como verbo causativo (e portanto transitivo) e outra vez como verbo não causativo (e intransitivo). Cf. fr. *Je vais rentrer la voiture dans le garage* vs. *La voiture va rentrer dans le garage*. Esta prática é, porém, muito mais difundida no santiagoense, sendo geralmente impossível considerar primário um dos dois empregos e secundário, e marginal, o outro.

Abitua, por exemplo, significa tanto 'habituar alguém a fazer uma coisa', como 'habituar-se a fazer uma coisa'. Do mesmo modo, *abri* significa 'abrir' e 'abrir-se', *anima* 'animar' e 'cobrar ânimo', *disfálka* 'debilitar' e 'tornar-se débil', *disfase* 'dissolver' e 'dissolver-se', *disfodja* 'arrancar folhas' e 'perder (as) folhas', *dizikilibra* '(fazer) perder o equilíbrio', *nfáda* 'aborrecer(-se)' etc. etc. Devido a tal facto, construções como as que se seguem surpreendem, quando as comparamos com as suas traduções para português:

Di tudu manera ki dj'e'lida ku pastor p'e'ranja-l fígadu di Toro Barozu p'e'ba skápa si pai ki sa ta móre, ka ten manera di rapás risponde-l. (223/16) 'Apesar de todos os seus esforços para convencer o pastor a arranjar-lhe o fígado de Toro Barozu [um boi], para <com ele> ir socorrer o seu pai, era impossível convencer o rapaz.'

Pedru renda un kuártu, el mete dentu d'el ti otu diâ.
 (309/20) 'O Pedru arrendou um quarto e meteu-se nele até ao dia seguinte.'
 ..., ómi torna kóre kabálu pa báxu, kóre pa riba, ...
 (340/34) '..., o homem voltou a fazer correr o cavalo para baixo e para cima, ...'
 Kántu Diogu toma anel, anel dja ka ta po na dédu más.
 (369/12) 'Quando o Diogu pegou no anel, o anel já não entrou no seu dedo.'
 ... nu ta laba-l [pádja di xalí] p'e sai téra (inf.) '... lavamo-la [uma planta], para lhe tirar a terra.'
 Vinhu ka perde kumida sabor. (inf.) 'O vinho não tira à comida o seu sabor.'
 Kumida nhu ten avontádi. Más méza go nhu ka ta bai, pamódi nhu ta ba-m di kabálu! (400/20) 'Você vai ter a comida que quiser. Mas não se vai sentar na mesa porque vai servir-me de cavalo para me levar.'

Esta particularidade do santiaguense torna menos surpreendente a expressão idiomática *ti galinha nase denti*, literalmente 'até quando as galinhas criarem dentes' (no sentido de 'para todo o sempre').

4.4.4 Verbos de uso pessoal e impessoal

É duvidoso que existam, no santiaguense, verbos de uso exclusivamente impessoal. Mesmo entre os que designam fenómenos meteorológicos, como *txobe* 'chover' etc., se encontram exemplos como este:

Pur izénplu, nho, nhu ta atxa ma é distinu paga rénda, mésmu ki txuba ka txobe, é ka si?! (Oda 23/5) 'Por exemplo, o senhor acha que é um destino <inalterável> ter de pagar a renda, mesmo quando não chove, é isso?'

Mas o crioulo santiaguense tem toda uma série de verbos que admitem um uso impessoal e que, neste caso, ficam, como os seus congéneres portugueses, não apenas sem sujeito semântico, mas até sem sujeito gramatical. Ao santiaguense *Ten un sumána* corresponde em português *Há uma semana*, mas em francês e em alemão *Il y a une semaine* e *Es ist eine Woche her*.

Pertencem a este grupo de verbos crioulos é ~ *ser*, *fase*, *pode*, *ten*, cujo uso pessoal é, porém, mais frequente do que o impessoal, mas também pertencem a este grupo *manxe* e *noti*, em

relação aos quais acontece o contrário.

Eis, primeiro, alguns exemplos de uso impessoal de verbos do primeiro grupo:

..., e'fase rivizon di kel runian y di si diâ di trabádjú. E'txiga konkluzon ma foi un bon diâ. (242/10) '..., reviu na sua cabeça aquela reunião e o seu dia de trabalho. Chegou à conclusão de que tinha sido um bom dia.'

Kántu pása tres diâ, e'konta si gentis el: foi grása txeu pa tudu família. (244/15-41) 'Passados três dias, contou-o aos seus: foi uma grande alegria para toda a família.'

..., dja ten txeu sumána ki bu ka ba skóla! (67/15) '..., há já muitas semanas que você não vai à escola!'

Nos e amigu tal ki sima mi ku bo ka ten na mundu! (157/29) 'Somos tão amigos, que não há nada no mundo como você e eu!'

Kel noti go tenba luâ kláru. (245/23) 'Naquela noite, havia lua clara.'

Tenba un ómi na Uzórgu ki fitisera ta stába so ta xatia-l bida. (245/1) 'Em Uzórgu, havia um homem a quem as feiticeiras estragavam a vida.'

Anhos, dja fase ónzi diâ, nhos ka ta ri, oxi ki txiga kel un rapás, dja nhos pega na ri go! (94/5) 'Já há onze dias que vocês não riem e hoje, que chegou este rapaz, vocês já passaram a rir.'

Bo? N ta bandoná-bu? ... Na! ... Ka pode! Bo e nha mudjer! (108/2) 'Tu? Eu abandonar-te-ia? ... Não! ... Não pode ser! Tú és minha mulher!'

Kusê ki sta dentu bóisa <di nha mudjer>? Frálda? <...> E nho, ka pode, nhu sta ngranádu! E nho, mi nha kodê tene nóvi ánu! Ka pode náu! Dja N fla-nho ma ka pode, pamó ka pode! (NL 6/13-16) 'Dentro da mala <da minha mulher> está o quê? Uma fralda? ... Ouça, não pode ser, o senhor está enganado! Veja, eu, o meu mais novo tem nove anos! Não pode ser, não! Já lhe disse que não pode ser, porque não!'

E agora, pelo menos, um exemplo dos empregos pessoais e impessoais de *manxe* e *noti*:

Bon, N manxe sédu, N po pé na kaminhu, ... (NL 29/33) 'Bem, levantei-me cedo e pus-me a caminho, ...'

Kántu e'razolbe ben, dja sa ta manxeba. (409/12) 'Quando resolveu ir, já estava a amanhecer.'

Tudumódi dja nhu noti dja!... Djánta dja sta na mésa y sen djánta nhu ka ta bai! (51/13) 'De qualquer forma, já anoiteceu! ... O jantar já está na mesa e, sem jantar,

o senhor não se vai embora.'
Konbersa di li, konbersa di la, ku pai ku mai di noiva,
kántu el ta xinti, dja noti y si ménbra dja traze
djánta pa mésa. (51/10) 'Falava-se disto e daquilo,
com o pai e a mãe da noiva, e quando ele se deu conta,
já tinha anoitecido e a sua noiva já tinha trazido o
jantar para a mesa.'

4.5 Perífrases verbais

4.5.1 Generalidades

Chamamos 'perífrase verbal' a uma expressão verbal complexa, na qual um verbo gramaticalizado (cf. mais adiante) determina um verbo lexical (cf. 4.1.3). Eis um primeiro exemplo:

E'pega na máta tudu si limária p'el da maridu so liméntus
fórti, ... (38/9) '<A mulher> Passou a matar todos os
seus animais, para dar ao <seu> marido só alimentos
fortes ...'

Numa perífrase verbal encontramos, pois, um verbo principal (neste caso: *máta*) e um verbo auxiliar (aqui: *pega*). O primeiro, que pode ser um verbo complexo (cf. 4.1.3) do tipo *da lisénsa* 'dar licença', *toma kóna* 'tomar conta' etc., transmite o significado lexical e, através dele, caracteriza o tipo de processo ou de estado de coisas visado. O outro verbo que, na maioria dos casos, rege o verbo principal, não caracteriza o tipo de processo ou estado de coisas visado, mas contribui, à semelhança dos morfemas verbais, para a sua determinação gramatical.

Portanto, a assimetria na relação sintática entre os dois verbos não é o critério decisivo que permite distinguir o verbo principal do verbo auxiliar, mas sim a assimetria semântica: pois também na frase em espanhol *Abocado a esta situación, tomó y se suicidó* 'Perante esta situação, não duvidou em suicidar-se' estamos diante de uma perífrase verbal (*tomar y hacer*), apesar da construção coordenativa. Efetivamente, *tomar* não significa aqui propriamente 'tomar', mas contribui para a determinação gramatical deste 'suicidar-se'.

De acordo com 4.2.2.1, há 'gramaticalização' de um verbo,

quando este não contribui com todo o seu significado lexical para a determinação do processo/estado de coisas em questão, mas apenas com uma parte utilizável para fins gramaticais. O verbo santiaguense *pega*, por exemplo, significa literalmente qualquer coisa como 'agarrar, apanhar etc.'. Mas deste significado usa-se apenas o elemento 'estabelecimento intencional de um contacto imediato' (com uma ação), na perífrase verbal *pega na fase algun kusa*. A perífrase serve, pois, para expressar que um agente passa diretamente a determinada ação.

Conforme a sua função gramatical, as perífrases verbais podem ser classificadas segundo as categorias verbais universalmente possíveis. Estamos a referir-nos às categorias genuinamente verbais como a voz (ou 'diátese'), o modo, o status, o aspeto, o tempo, a taxa (cf. 4.3.5.1 e 4.5.7) e a evidência, e não àquelas como o género, número e pessoa, que apenas dizem respeito aos argumentos do verbo (cf. Jakobson 1974). Quer dizer que, em princípio, pode haver, para quem aceite o quadro das categorias autenticamente verbais de Jakobson, perífrases verbais diatéticas, modais, relativas ao status, aspetuais, temporais, relativas à taxa e à evidência.

Surge então, a dois níveis, a questão da relação entre o sistema verbal morfológico e o perifrástico: ao nível geral, teórico, e ao nível das categorias que na língua em questão (no nosso caso, o santiaguense) dispõem de expressão em ambos os sistemas.

Trataremos das relações do segundo tipo suscintamente nos parágrafos consagrados às categorias afetadas do santiaguense (cf. 4.5.4.1, 4.5.5.1, 4.5.6.1, e 5.5.7.1). A dupla configuração destas categorias obrigaria também, em princípio, a debruçarmo-nos sobre a razão de ser de diferenças tão subtis como a que existe em santiaguense entre *E sa ta kánta* (forma verbal simples) e *E sta ta/na kánta* (perífrase verbal), ambos mais ou menos sinónimos do pg. *Está a cantar* (cf. 4.5.6.4.14). Essa é uma tarefa que não poderemos empreender nesta gramática.

Quanto ao nível geral, será suficiente destacar que o sistema morfológico domina o perifrástico, sendo que todas as perífrases podem, em princípio, por sua vez ser conjugadas como os verbos simples (cf., para a perífrase *sta ta fase*: *E sta ta kánta*, *E ta sta ta kánta*, *E stába ta kánta*, *E ál sta ta kánta*,

E ál sa ta sta ta kánta, Stádu ta kánta, Stáda ta kánta).

4.5.2 Estrutura das perífrases verbais no santiaguense

Em todas as perífrases verbais do santiaguense, o verbo gramaticalizado rege sintaticamente o verbo principal. Este último junta-se diretamente, por meio da partícula imperfetivadora *ta*, por meio do subordinador *ki*, ou por meio de uma das preposições *di*, *ku*, *na*, *pa*, ao verbo auxiliar. Para a colocação das marcas de aspeto, tempo, voz e modo na conjugação das perífrases verbais, remetemos para o parágrafo 4.2.2.3.

4.5.3 Inventário

Contamos até agora 26 perífrases verbais no crioulo de Santiago. Não excluimos que se descubram ainda algumas. Parece, por exemplo, estar a surgir uma cópia crioula da perífrase temporal portuguesa *ir fazer*:

N sta ku tántu fómi ki bá da-m dór di bariga d'un bes.
(RS) 'Estou com tanta fome que <não tarda nada> vou ter dores de barriga.'
Nu bá fáxi pamodi sa ta bá komesádu! (RS) 'Vamos rapidamente lá ter, porque vai começar dentro em breve!'
Ál sa ta bá komesádu. (RS) 'Devem começar dentro em breve.'

Contudo, este emprego temporal de *bá fase* parece que ainda não é inteiramente livre. Prefere-se espontaneamente a interpretação de movimento no espaço sempre que é viável.

De acordo com o critério mencionado em 4.5.1, distinguimos, entre as 26 perífrases verbais do santiaguense, três diatéticas, três modais, 18 aspetuais e duas de *taxe*. Chama imediatamente a atenção que o sistema verbal secundário das perífrases permita, assim, aos locutores deste crioulo, especificações ulteriores, dentro de categorias que já dispõem de meios de expressão no seu sistema verbal primário, morfológico.

Enumeramos aqui primeiro todas as perífrases verbais do santiaguense, ordenadas por estas categorias e substituindo o verbo principal (com os seus complementos) por *fase 'fazer'*. Mais adiante, nos parágrafos 4.5.4 a 4.5.7, trataremos das pe-

rífrases individuais que correspondem a cada uma destas quatro categorias.

Perífrases diatéticas: *po fase, fase fase, dexa fase* (vgl. 4.5.4).

Perífrases modais: *pode fase, debe fase, (meste fase), ten ki/di fase* (vgl. 4.5.5).

Perífrases aspetuais: *txiga fase, sta pa fase, ára fase, ben fase, txiga di fase, árma fase, pása ta fase, po ta/na fase, pega ta/na fase, bira ta fase, sai ta/na fase, labánta na fase, (komesa (ta) fase), fika ta fase, sta ta/na fase, bá ta fase, (kontínua (ta) fase), pára (di/ku) fase, (kába (di) fase), dexa di fase, torna fase* (vgl. 4.5.6).

Perífrases de taxe: *kunsa fase, fálta fase* (vgl. 4.5.7).

As expressões entre parênteses não são perífrases verbais genuínas. São expressões verbais complexas, onde os verbos *meste, komesa, kontinua* e *kába* funcionam com o seu significado lexical. A diferença semântica entre *E komesa trabádju* 'Começou o trabalho' e *E komesa ta trabádja* 'Começou a trabalhar' deriva da diferente natureza gramatical das expressões regidas, substantiva, no primeiro caso, e verbal, no segundo, e não do verbo que as rege. Só que, devido à particular semântica destes quatro verbos, estas expressões complexas vêm a complementar o paradigma das perífrases modais e aspetuais genuínas. Razão pela qual trataremos das referidas expressões verbais complexas junto com as perífrases verbais autênticas da respetiva classe (cf. 4.5.5.5, para *meste fase*, e 4.5.6.2, para *komesa (ta) fase, kontinua (ta) fase, e ká(ba) (di) fase*).

4.5.4 Perífrases diatéticas

4.5.4.1 Generalidades

Em 4.3.6.1, já frisámos que a categoria verbal da voz (Roman Jakobson: *vox*) ou diátese funciona nas línguas que dispõem

de formas verbais específicas que permitem aumentar ou diminuir o número de argumentos que regem (cf. 3.3.2.1). A voz passiva, por exemplo, permite suprimir a menção do que seria o sujeito na construção não marcada, ativa, do mesmo verbo. Na passiva do crioulo de Santiago, esta supressão indica-se pela desinência verbal *-du* (cf. 4.3.6). Portanto, a voz passiva do santiaguense faz parte do seu sistema verbal primário, morfológico. Por outro lado, este crioulo dispõe, no seu sistema verbal secundário, perifrástico, de três perífrases que permitem aumentar o número de argumentos. Das três, duas, praticamente sinónimas (*po fase* e *fase fase*), introduzem um causante que não coincide com quem vai exercer a ação. Chamamos a estas duas perífrases 'causativas'. A terceira perífrase introduz o papel de quem permite que outra coisa ou pessoa faça determinada coisa (*dexa fase*). Chamamos a esta perífrase 'permissiva'. Eis um exemplo para cada uma destas três perífrases:

..., si nhos kre bai N ta po Pálu bá djuntu ku nhos. (NL 81/23) '..., se vocês quiserem ir, determino que Pálu vos acompanhe.'

Diós ta fase-bu konsigi! (188/17) 'Deus fará com que tenhas êxito!'

..., Pedru, bu ta átxa manera di bu ka dexa más ningen ku-me kel kumida. (385/19) '..., Pedru, conseguiráis impedir que outrem coma aquela comida.'

Os verbos *po* (significado lexical 'pôr, colocar' etc.) e *dexa* (significado lexical 'abandonar, não mexer com' etc.), além de funcionarem como verbos auxiliares nestas perífrases diatéticas, desempenham ainda o papel de verbos auxiliares nas perífrases aspetuais *po ta/na fase* e *dexa di fase* (cf. 4.5.6.4.8 e 4.5.6.4.17).

As perífrases verbais diatéticas diferem de todas as restantes pelo facto de, nelas, aparecer uma expressão pronominal ou substantiva entre o verbo auxiliar e o verbo principal, a funcionar simultaneamente como complemento do auxiliar e sujeito do principal. É o que se observa nos exemplos vistos até agora. Por vezes, a expressão que ostenta esta dupla função aparece só depois do verbo principal (e dos seus complementos, caso haja), como nos exemplos seguintes:

Ka nhu dexa skápa ninhun. (460/23) 'Não deixe escapar nenhum.'

Gosi, e nha Mariâ ki ta ba lába. Bu Mariâ sta kansádu, len disu e'dexa ba n'águ tres tripa! (179/23) 'Agora já é a minha Maria que vai lavar. A tua Maria está cansada, e além disso deixou que a água lhe arrebatasse três tripas.'

4.5.4.2 *po fase*

Nos empregos como

..., e'po mo na kexáda, ... (54/11) '..., pus a mão no queixo, ...'

o verbo *po* exhibe o seu significado lexical, que consiste em indicar que um agente leva alguma coisa para algum lugar, onde a deixa estar.

Na perífrase causativa *po fase* (por vezes *po na fase*) 'pôr a fazer', o verbo *po*, gramaticalizado, passa normalmente a indicar que uma pessoa determina outra a exercer a ação indicada pelo verbo principal. Cf.

Verbo <i>po</i>:			
sujeito	verbo	complemento direto	complemento oblíquo
<i>E</i>	<u>po</u>	<i>mo</i>	<i>na kexáda</i> .
'Pôs a mão no queixo.'			
Perífrase verbal <i>po fase</i>:			
sujeito	verbo auxiliar	←complemento, sujeito→	verbo principal
<i>E</i>	<u>po</u>	<i>Pedru</i>	<u>monta</u> (<i>na kabálu</i>).
'Fez Pedru montar o cavalo.'			

Há, porém, casos onde se trata, em vez de um causante que determina outrem a exercer uma ação, de um que obriga uma coisa a mudar:

... manhan, N ten ki bai la na kel róxta frenti nhos kása li, pa N po-l bira un órta, xeiu di videra k'uva tudu madur, ... (117/15) '... amanhã, tenho de ir àquela

rocha à frente da nossa casa, para fazer com que se transforme numa horta cheia de videiras carregadas de uvas totalmente maduras.'

Noutros casos ainda, o causante não é um ser animado:

Abô maridu?! ... Kusé ki kontise ki po-bu ben kása es óra li? (42/17) 'Tu <aqui>, marido?! ... O que foi que te fez voltar a casa a esta hora?'

Kel ramédi ... frásku di ramédi k'e ta po kes gentis ki sta mórtu labánta, undi ki sta? (303/31-32) 'Esse remédio ... onde está esse frasco com o remédio que faz levantar-se os que estão mortos?'

Mais alguns exemplos com esta perífrase do santiaguense:

..., e'entra, e'kunprimenta prufesor, prufesor po-l xinta. (110/5) '..., entrou, saudou o professor e o professor fê-la sentar-se.'

Manel dixi, e po nhu bédju monta... (290/7) 'O Manuel desmontou e fez o velho montar...'

Almusu ben, Djon Grándi fla si mudjer: - Po Djuzé kume na prátu di oru la! (116/11) 'Chegou o almoço e Djon Grándi disse à sua mulher: - Põe o Djuzé comer naquele prato de ouro!'

..., si nha ka po nha rapasinh mixa, N ta da-nha ku pistóla, ... (NL 46/6) '..., se não fizer de maneira a que o meu rapaz consiga urinar, disparo sobre a senhora com a pistola, ...'

Mudjer, ki dja dába kónta di si maridu molói, ta abuzába d'el <...>: e'ta poba maridu na pánha águ, lába losa, lába ropa, ránja lenha. (54/3-4) 'A mulher, que já se tinha dado conta da mansidão do marido, abusava dele <...>: fez o marido trazer a água, lavar os pratos e a roupa, ir buscar lenha.'

Kántu mi éra pikinóti, papai poba-mi pantába korbu ... (NL 35/3) 'Quando era pequeno, o papá pôs-me espantar os corvos ...'

O predecessor do santiaguense *po*, o pg. *pôr*, funciona como auxiliar numa perífrase do mesmo tipo (*pôr* alguém/alguma coisa a fazer alguma coisa).

4.5.4.3 fase fase

Nos empregos como

Nha mai faze frángu asádu pa jánta. 'A minha mãe preparou frango assado para o jantar.'

o verbo *faze* exhibe o seu significado lexical, que consiste em indicar que um agente produz algum resultado.

Na perífrase causativa *faze faze*, o *faze*, gramaticalizado, passa normalmente a indicar que uma pessoa determina outra a exercer a ação indicada pelo verbo principal. Cf.

Verbo <i>faze</i>:			
sujeito	verbo	complemento direto	complemento oblíquo
<i>Nha mamai</i>	<u>faze</u>	<i>frángu asádu</i>	<i>pa jánta.</i>
'A minha mãe preparou frango assado para o jantar.'			
Perífrase verbal <i>faze faze</i>:			
sujeito	verbo auxiliar	←complemento, sujeito→	verbo principal
<i>Diós</i>	<u>ta faze-</u>	<i>bu</i>	<u><i>konsigi!</i></u>
'Deus far-te-á conseguiu-lo.'			

Purisu, so p'el pode faze Mariâ sufri, e'inventa uma dór di bariga dja, ki nunhun ramédi ka konsigi kura-l. (178/6-7) 'Por isso, e só para fazer a Maria sofrer, inventou umas dores de barriga tão fortes, que nenhum remédio conseguia curá-las.'

Diós ta lebé-bu! Diós ta faze-bu konsigi! Diós ta tarse-bu ku pás y salvaméntu! (188/17) 'Deus acompanhar-te-á! Deus fará com que tenhas êxito! Deus trazer-te-á são e salvo!' (SE)

Há, porém, casos onde o causante não é um ser animado:

Á barinha kondon, faze-m odja ku Nhánha Kinta Nóva gósi li! (370/17) 'Ah, varinha de condão, faz que nos vejamos imediatamente, Nhánha Kinta Nóva e eu!'

Bránka Rumána, la undi ki bu nxinádu ramédi pa bu fidju, bu ta pergunta ramédi ki ta faze-m xinta fidju. (380/24) '[Fala uma árvore:] Bránka Rumána, lá onde te mostrarem o remédio para a tua criança, perguntarás por um remédio que faça os meus frutos maturar nos ramos.' (SE)

O predecessor do santiaguense *fase*, o pg. *fazer*, também funciona como auxiliar numa perífrase do mesmo tipo.

4.5.4.4 *dexa fase*

Nos empregos como

Papá dexa kabálu lá. (cf. 94/11) 'O papá deixou o cavalo lá.'

o verbo *dexa* exhibe o seu significado lexical, que consiste em indicar que um agente não mexe com determinada coisa, ou abandona-a em algum lugar.

Na perífrase permissiva *dexa fase*, o *dexa*, gramaticalizado, passa normalmente a indicar que uma pessoa, ou coisa, permite que uma pessoa, ou coisa, faça alguma coisa. Cf.

Verbo <i>dexa</i>:			
sujeito	verbo	complemento direto	complemento oblíquo
<i>Papá</i>	<u>dexa</u>	<i>kabálu</i>	<i>lá.</i>
'O papá deixou o cavalo lá.'			
Perífrase verbal <i>dexa fase</i>:			
sujeito	verbo auxiliar	←complemento, sujeito→	verbo principal
<i>Profesor</i>	<u>dexa-</u>	<i>l</i>	<u>bai.</u>
'O professor deixou que se fosse embora.'			

Há, porém, casos onde o que permite ou impede (nas frases com negação) que algo ocorra não é um ser animado:

Nton, p'el kába ku si diskunfiánsa ki ka sa ta dexa-l nen trabádja dretu, bándá di dés y meia pa ónzi óra di palmanhan, e'txiga si kása. (42/11-12) 'Então, para acabar com a sua desconfiança que já não o deixava trabalhar corretamente, apresentou-se entre as dez e meia e as onze horas na sua casa.'

...; dór ka ta dexába si mudjer fase almusu. (41/17-18) '...; a dor não permitia que a sua mulher preparasse o almoço.'

Txeia ka s'ta dexá-s pásá ku buru. (408/4) 'A cheia não permite que passem com o burro.'

Oxi txuba dja pega na kai k'e ka kre dexe algen sai di ká-sa. (RS) 'Hoje, a chuva já desatou a cair de tal maneira, que não quer permitir que uma pessoa saia de casa.'

Mais exemplos com esta perífrase permissiva, com predecesor em português:

Diánti di kel raspósta, professor [sic] dexa-l bai. (137/31) 'Ante esta resposta, o professor permitiu que se fosse embora.'

Dexa-m odja s'es sta na sónu o náu ... (122/35) 'Deixa-me ver se estão a dormir, ou não ...'

... oxi mai ku pai di nha pidi-m pa N dexá-s ben mora ku nos! (NL 34/15) '... hoje, os pais da senhora pediram-me que lhes permitisse virem morar connosco.'

..., fitisera ka ta dexába-el ten pás. (245/5) '..., as feiticeiras não o deixavam viver em paz.'

Pedru, Pálu, Manel, désdi k'es nase, es ka dexádu bai n'un káu. (265/2) 'Desde o seu nascimento, Pedru, Pálu e Manel nunca obtiveram licença para ir onde quer que fosse.'

E'pensa ma si maridu tenba maniâ di ka dexe kumida resta. (53/6) 'Pensava que o seu marido tinha a mania de não deixar sobrar comida.'

..., e'dexe kai na txon. (169/9) '..., deixou o anel cair no chão.'

4.5.5 Perífrases modais

4.5.5.1 Generalidades

A categoria verbal chamada 'modo' oferece opções para exprimir diferentes 'modalidades'. Em 4.3.7.1, vimos que se distinguem dois tipos de modalidade. O primeiro tipo refere-se à força ilocutória, isto é, ao tipo de ato de fala executado pela enunciação da frase (asserção, convite etc.). Corresponde ao 'mood' de Halliday. Falamos neste caso de 'modalidade ilocutória'. O segundo tipo refere-se à localização do que se afirma numas escalas que vão do impossível ao necessário, do proibido ao obrigatório, ou do improvável ao certo. Para evitar confusões, falamos, no primeiro caso, de modalidades aléticas (impossível - necessário, graças a circunstâncias exteriores), no segundo caso, de modalidades deônticas (proibido - obrigatório, graças a imposições humanas) e, no terceiro caso,

de modalidades epistémicas (improvável - certo).

É evidente que existe uma estreita relação entre as modalidades aléticas e deônticas, por um lado, e as modalidades epistémicas, por outro lado, dado que costumamos esforçar-nos por calibrar a fiabilidade das nossas afirmações, avaliando as circunstâncias objetivas e as imposições humanas. No entanto, a necessidade de distinguir entre as modalidades aléticas e deônticas, por um lado, e as epistémicas, por outro lado, resulta claramente da seguinte reflexão: dizendo que *O Pedro tem de trabalhar* e que *O Pedro trabalha*, não afirmamos a mesma coisa (sempre que o *tem de* exprime uma modalidade deôntica), mas dizendo que *O Pedro deve estar doente* e *O Pedro está doente* afirmamos a mesma coisa (sempre que o *deve* exprime uma modalidade epistémica); só que com o *deve* apresentamos a afirmação como sendo o resultado de uma dedução da nossa parte. Em termos mais gerais: no seu uso alético ou deônticos, os verbos modais contribuem à determinação do estado de coisas, mais concretamente a um acontecimento designado pela oração, no seu uso epistémico modificam a asserção deste acontecimento calibrando a sua fiabilidade (alta em *O Pedro deve estar doente*, mas baixa em *O Pedro pode estar doente*).¹⁴

O crioulo de Santiago dispõe, no seu sistema verbal primário, da partícula verbal *ál* para a expressão de duas modalidades. As formas verbais que começam por *ál* exprimem desejo no domínio da modalidade ilocutória e suposição no domínio da modalidade epistémica (cf. 4.3.7). No seu sistema verbal secundário, perifrástico, este crioulo dispõe de três perífrases modais (*pode fase*, *debe fase* e *ten ki/de fase*), que podem exprimir, segundo o contexto, uma modalidade alética ou deôntica, ou uma modalidade epistémica. A construção costuma variar de acordo com a modalidade que se queira expressar. Cf.

alético ou deôntico:

Gósi e sa ta pode trabádja otu bes. (RS) 'Agora pode trabalhar outra vez.'

¹⁴ Jacob Maché faz a mesma distinção entre dois níveis de atuação dos verbos modais. Porém, a respeito dos empregos epistémicos não fala em 'nível da asserção', mas em nível da proposição (cf. Maché 2009: 36) ou da ilocução (cf. Maché 2009: 38). Porém, parece que apenas asserções podem ser modificadas por verbos modais em uso epistémico.

So mi ki ta pode káza-nho ku es mudjer ... (218/29) 'Só eu poderei casá-lo com esta mulher ...'

epistémico:

E pode sa ta trabádja. (RS) 'Talvez esteja a trabalhar.'

E debe sa ta trabadjába kántu nu pása diánti di si kása.
(RS) 'Devia estar a trabalhar, quando passámos diante da sua casa.'

O verbo crioulo *meste* nunca funciona como verbo auxiliar. Ostenta sempre o seu significado lexical 'precisar de'. Portanto, a expressão verbal complexa *meste fase* não é uma perífrase verbal. O facto de *meste fase* nunca expressar uma modalidade epistémica parece confirmar esta análise.¹⁵ Mas é certo que, quanto à expressão de modalidades aléticas e deônticas, *meste fase* complementa o paradigma das perífrases verbais modais do santiaguense (cf. 4.5.3).

A expressão *temó*, historicamente uma fusão do pg. *tem mo-(do)* ou do crioulo *ten mó(di)* 'há um modo', ocupa um lugar interessante entre verbo complexo e verbo modal. De facto, em vez de *Nu ka tenba mó bai* 'Não tínhamos a possibilidade de ir', diz-se também *Nu ka temó bába* (RS). Cf. ainda *N ta skrebe-bu na kriolu pa bu temó pratika-l* (MG) 'Escrevo-te em crioulo, para te dar a oportunidade de o praticar'. *Temó* é, pois, quase sinónimo de *pode* 'poder'. Mas, como *kunsa* (cf. 4.5.7.2), *temó* não admite desinências e, contrariamente aos verbos modais, não expressa nunca uma modalidade epistémica.

A seguir, trataremos de cada uma das três perífrases modais do santiaguense separadamente.

4.5.5.2 *pode fase*

Exceto na construção *pode ku algen* 'conseguir dominar alguém/alguma coisa' (... , *mininu li, kré, ka ten ningen ki pode ku el!* (159/23) '... , este minino, parece que ninguém consegue dominá-la!'), o verbo santiaguense *pode* 'poder' funciona exclusivamente como auxiliar na perífrase modal *pode fase* 'poder

¹⁵ Cf. Leiss 2009: 6: "Ein Verb ist dann als Modalverb zu klassifizieren, wenn es neben den Grundmodalitäten über eine zusätzliche epistemische Lesart verfügt: ..." 'Um verbo deve ser classificado como verbo modal, se, além de modalidades básicas, admite leituras epistémicas.' (trad. de J.L.)

fazer'.

A possibilidade expressa por *pode fase* pode corresponder a diferentes tipos de modalidade:

Modalidade alética:

A (im)possibilidade resulta de circunstâncias 'objetivas':

E'pega na máta tudu si limária p'el da maridu so liméntus fórti, pa maridu pode fortifika fáxi, pa duénsa dexal. (38/10) 'Passou a matar todos os seus animais, para dar ao marido exclusivamente comida forte, para que pudesse convalescer rapidamente.'

Si es bá ta briga, óra manduku, óra punhal, ti k'es ka pode <briga> más, ... (57/4) 'Continuaram a lutar assim, ora com os paus, ora com os punhais, até que já não podiam, ...'

..., saúdi é ka substantivu konkrétu náu. Pamô saúdi é un kusa ki nu ka pode pega, ki nu ka pode pálpa, ki nu ka pode odja. (NL 50/15-16) '... saúdi não é um substantivo concreto, não. Porque a saúde é uma coisa na qual não podemos tocar, que não podemos palpar e que não podemos ver.'

N podeba flába-el algun kusa, más N ten médu d'el. (RS) 'Poderia dizer-lhe alguma coisa, mas tenho medo dele.'

Modalidade deôntica:

Opções (não) admitidas por normas humanas ou divinas:

...; mi N ka pode largá-u pa'u móre ... (105/24) '...; não posso abandonar-te e deixar-te morrer ...'

Dipos, kántu e'abri kaxon, e'odja, e'fla:

- E'sta skritu Bernardo, mas e ka Bernardo. E Bernarda!

E Bernarda, más e 'ka pode duspi-l! (206/7)

'Mais tarde, quando abriu o caixão, viu e disse: - Está escrito *Bernardo*, mas não é um Bernardo, é uma Bernarda.

Era <efetivamente> uma Bernarda, mas não a podia despir.'

...; es pode utilizadu inda na kontestu kondisional. (Veiga 1982: 120) '...; estas [as desinências -ba e -da] podem utilizar-se também em contextos condicionais.'

(Im)possibilidade resultante de uma proibição/permissão individual:

Nhu pode po káska la, na txon ... (66/6) 'Pode pôr as cascas lá, no chão ...'

Nhu pode fla tudu algen, nhu fla tudu riba dos Platô, ma mininu ê di Djuána, má di Nastási Lopi ka ê náu! (NL 6/31) 'Pode dizer a todo o mundo, diga a todos lá em cima, no Platô [bairro alto da capital caboverdiana], que o menino é de Djuana, sim, mas não de Nastási Lópi!'

Bon, nhu rei, N ta pidi-nho un favor pa N fla-nho un kuza.
Nhu rei fla: - Pode fla-m! (99/16)
'Pronto, senhor Rei, peço-lhe o favor de lhe dizer uma coisa.
O senhor Rei disse: - Podes dizer-ma!

(Im)possibilidade resultante de uma recusa/de um consentimento, de uma promessa individual:

Ta kusta-m kridita, más nu pode fase un spriménta ... (39/10) 'Custa-me a acreditar, mas podemos fazer uma experiência ...'

Ná, dinheru N ta mandá-u. Kel li bu pode sta diskansádu. (NL 5/1) 'Vou mandar-te o dinheiro, claro. Quanto a isso, podes estar descansada.'

Modalidade epistémica:

[Anda-se à procura de um homem. Alguém se lembra de que o procurado é pescador e faz uma observação:] E pode sta na már. (RS) 'Pode estar no mar.'

N pode ser buru mé, má bésta go N ka ê náu. (NL 6 31) 'Talvez seja mesmo burro, mas não sou um imbecil, pois não.'

Pode-se forçar a leitura epistémica, usando o impessoal *Pode ser ki e(l)* ... em vez do pessoal *E(l) pode* No exemplo do pescador, o falante, em lugar de *E pode sta na már,* poderia dizer:

Pode ser k'e sta na már. (RS)

Mais exemplos:

Nha ta odja fumu?! ... Á ... bon! ... Pode ser k'el ta bai fase algun xá pa djuda-l ku dór ... (41/23) 'A senhora

vê fumo?! ... Ah ... bem! ... Pode ir a preparar-se um chá contra as dores ...'

Pode ser ki <bánkus> sta dentu bóisa. Nhu djobe, ... (NL 6/6) '[As transferências bancárias] podem estar dentro do bolso. Verifique, ...'

O *ser* desta expressão impessoal pode ser omitido:

Na kárta e fla ma mininu nase na mes pasádu. Ker dizer, e nase ku duzi mes! Aian, ka pode! (NL 4/15) 'Na sua carta, disse que o menino nasceu no mês passado. Quer dizer que nasceu com doze meses. Não, impossível!'

N fla-l: Be sor profesor! Ehe! Lumária más sabidu ki algen? Ná, kel go ka ten, sor profesor! Ná, ka pode! E djobe-nu, e fla si: Pode sin! (NL 67/17-18) 'Eu disse-lhe: Bem, senhor professor! Eh! Animais mais inteligentes que nós? Não, isso não existe, senhor professor! Não, isso é impossível! Fixou-nos e disse: É possível, sim!'

Bo, N ta bandoná-bu? ... Na! ... Ka pode! Bo e nha mudjer! (108/2) 'Eu abandonar-te? ... Não! ... Não pode ser! És minha mulher!'

4.5.5.3 *debe fase*

O significado lexical do verbo *debe* prevê três argumentos - o devedor, o credor e o devido:

Nhu toma dinheru, nhu diskonta kusas ki N debe-nho, nhu pasa-m nha troku. (RS) 'Tome o dinheiro, desconte o que lhe devo, e dê-me o meu troco.'

Na perífrase verbal *debe fase* 'dever fazer', que exprime 'necessidade', a função do verbo principal lembra o papel do devido, mas não está previsto nenhum argumento que lembre o papel do credor. De novo, podemos distinguir diferentes modalidades de necessidade:

Modalidade deôntica:

Necessidade resultante de normas humanas ou divinas:

... algen ka debe spreta na bráku fitxadura. (164/7) '... não se deve espreitar pelo buraco da fechadura.'

E pur isu ki algen, óki faze algun pididu, enbóra nhu ka kré, más nhu debe seta ... (305/16) 'É por esta razão

que devemos aceitar, embora não queiramos, quando alguém nos dirige um pedido ...'

Nha-Tiu, nho, N sta pa N ser padrinhu di li tres diâ, na kása-l nhu rei. Más, mi N ka sta sábi pamódi N debe bai di kabálu y mi N ka tene kabálu! (400/16) 'Nha-Tiu, dentro de três dias serei padrinho na casa do senhor rei. Mas não me sinto bem porque devo ir montado e não tenho cavalo!'

... e'lembra ma ta fláda ma óras ki nhu kontra ku kusa-kadretu y ki kusa-kadretu mexe o ka mexe ku nho, ma nhu ka debe konta, timentí ka pása tres diâ. Si nhu konta ántis, ma nhu ta móre. (244/11) 'Mas lembrou que se dizia que, quando você tem um encontro com um demônio, e este demônio se mete ou não com você, você não deve contar o sucedido até passados três dias. Porque se o contar, você vai morrer.'

Kulpádu go, dja sabedu e kenha ... Kulpádu e Lobu. Na primeru diâ ki Lobu kemáda, e'debe konfesá verdádi ... (158/5) 'Já se sabe quem tem a culpa ... é o Lobu. Devia ter confessado a verdade logo no primeiro dia em que foi queimado ...'

Necessidade resultante do desejo de alcançar determinada meta:

Anton, p'e' sálva, ma si mai debe kúsia kel kárni k'el dába-el p'el guárda, ku sal txeu. (160/20) 'Então <Mininu Peladu disse> que, para ele se salvar, a sua mãe devia cozinhar com muito sal a carne que lhe tinha dado para guardar.'

Bon, rapazinho da si mamai tudu orientasãu, módi k'e'devía faze. (165/25) 'Bem, o rapaz deu à sua mamã todo o tipo de orientação, sobre como tinha de proceder.'

Más Lobu, el, e'ka fla ningen. Kántu e'txiga káza, e'devía flába, afin di ivitába kuzas di otu diâ. Más e'ka fla ningen. (153/21) 'Mas o Lobu, ele, não <o> disse a ninguém. Devia dizê-lo, quando chegou a casa, para evitar as coisas que ocorreriam no dia seguinte. Mas não o disse a ninguém.'

Como já frisámos, há exemplos onde não é fácil dizer se a necessidade deriva de normas sociais, ou do desejo de alcançar determinada meta prática:

E nho, dja e tárdi! Li ka ten diskulpason, pamódi nhu debeba pensába ánti. (309/4-5) 'Caro senhor, já é tarde demais! Aqui não há desculpa, porque o senhor devia refletir antes.'

Na nos intender, strutura ba pa tudu kes vérbu li debeda

[sic] rakuperadu. (Veiga 1982: 120 a propósito da concorrência das formas *tinha/tenba/teneba, binha/benba*) 'A nosso ver, as formas em *-ba* de todos estes verbos deveriam ser recuperadas.'

Modalidade epistémica:

Necessidade resultante de uma dedução do falante:

Bo ki dja ben ti dja txiga li, dja bu debe sabe e módi. (174/22) 'Visto teres chegado até aqui, já saberás de que se trata.'

Mamai, amí tánbe N kré ba konxe Nhánha Tori Fin di Mundu! ... Nh'armun Pedru dja bai, dja ben; nh'armun Pálu dja bai, dja ben; amí tánbe si N bai, N debe ben! (335/20) 'Mamã, eu também quero ir conhecer Nhánha Tóri Fin di Mundu!... O meu irmão Pedru já foi e voltou; o meu irmão Pálu já foi e voltou. Eu também, se for, volta-rei certamente.'

Kusas dja debeba stába kuázi dizusperádu ku kel rapás, kántu parse kel uma lion, lumi ta báza di odju, obidu, bóka, naris, ta bai na si ládu. (249/3-4) 'Os fantasmas já deviam estar desesperados, quando apareceu um leão enorme com os olhos, os ouvidos, a boca e o nariz a lançar fogo, e a caminhar ao seu lado.'

Komu nha e si mai, nha debe konxe-l midjór ki mi, ... (49/12) 'Sendo a mãe dele, a senhora deve conhecê-lo melhor do que eu, ...'

..., debe ten algun algen li k'e nteresádu di kel minina ... (371/13) '..., deve haver alguém que se interessa por esta menina ...'

... N diskunfia lógu ma kel ómi debeba sérba senhor Lupódiu, ... (NL 84/7) '... eu achei logo que aquele homem devia ser o senhor Lupódiu, ...'

Tal como no caso de *pode*, também no caso de *debe* se pode forçar a leitura epistémica, empregando a expressão impessoal *Debe ser ki e(l)* ... em vez da pessoal *E(l) debe* Só que, desta vez, não encontramos casos com o verbo *ser* omitido:

Debe ser ki kontise algun dizástri purki sta txeu algen la na bántu di urjénsia. (RS) 'Deve ter acontecido algum desastre, porque o banco das urgências está cheio de gente.'

4.5.5.4 *ten ki/di* fase

O significado lexical do verbo santiagoense *ten* 'possuir,

dispor de, ter' (cf. 4.4.2.2.2) faz esperar a menção, na frase, de um 'possuidor' (ser animado ou coisa) e de alguma coisa 'possuída' (que também pode ser um ser animado, ou uma coisa inanimada):

E ten dos fidju.

Na perífrase verbal *ten ki fase* (mais raramente *ten di fase*) 'ter que/de fazer', o papel do 'fazer (tal ou tal coisa)' lembra vagamente o da coisa de que se dispõe nos empregos não gramaticalizados de *ten*. Mas o que o falante pretende indicar com este 'fase (tal ou tal coisa)' é um comportamento apresentado como inevitável, do sujeito da frase.

Há muitos tipos de contextos onde não faz diferença se se usa *debe fase* ou *ten ki fase*. Porém, há outros tipos de contextos onde os falantes preferem normalmente uma das duas perífrases: assim, parece que *ten ki fase* se usa raramente, para expressar necessidade epistémica e menos do que *debe fase*, para expressar necessidades que resultam de normas sociais; ao passo que se ajusta perfeitamente a todos os restantes tipos de necessidade alética e deontica. No geral, *ten ki/de fase* é mais frequente do que *debe fase*.

Modalidade alética:

Necessidade que resulta de circunstâncias apresentadas como objetivas:

Abô, si bu ten ki txora, ka bu txora na kábu ki bu ta obidu! (142/12) 'Tu, se tiveres de chorar, não chores onde a gente te vê ou te ouve.'

E Diós ki kré pa nos fidja kása sen sapátu! Góra, dja, ten ki ser, pamódi ramédi dja kába! (139/23) 'É o próprio Deus a querer que a nossa filha case sem sapatos! Agora, já tem de ser <assim>, porque todos os remédios já se esgotaram.'

Kábra Gazéla fase m'el sta ku médu. Nhu Lobu fla-l: - Nha ka ten ki da médu! (415/25) 'A cabra Gazéla fingiu que tinha medo. Nhu Lobu disse-lhe: - A senhora não tem de ter medo!'

Necessidade que resulta do desejo de alcançar determinada meta:

Nhu rei, komu e 'tenba ki sabeba kenha ki éra pai di kel mininu, e'ba kása-l sáibu. (460/20) 'Como o Rei tinha de saber quem era o pai daquela criança, foi a casa de um sábio.'

Tenba um ómi ki fitisera ta stába so ta pokenta-l, ka ta dexa-l ten paz [sic], sénpri k'el tenba di andába di noti. (256/2) 'Havia um homem que as feiticeiras estavam continuamente a atormentar, não o deixavam em paz, sempre que tinha de andar à noite.'

E nho, di rapenti, N lenbra ma N ten ki volta pa kása! ... N fla dentu mi: 'Nhor Dés, kre banbá ki N ten ki pása na pórtá simitéri mi so! (NL 65/22-25) 'Bem, de repente lembrei-me que tinha de voltar a casa! ... Disse para mim: 'Meu Deus, parece-me que terei de passar diante da porta do cemitério, eu só!'

Nu ten ki ránja manera di nu lárğa es kabésa li pamódi, sinon, e'ta matá-nu! (31/25) 'Temos de arranjar uma maneira de abandonar esta cabeça aqui, porque, se não, matar-nos-á.'

Esta meta especifica-se frequentemente por meio de uma oração subordinada introduzida por *pa*:

Tudu kabálu ten ki pertádu pa kabaleru ka kai. (401/18) 'É sempre preciso apertar o cavalo, para evitar que o cavaleiro caia.'

... nu ten ki bai pa nu fla nos mai ma nu ten un amigu ki konbidá-nu pa nu ba almusa ku el. (385/2) 'Temos de ir dizer à nossa mãe que um amigo nos convidou para almoçarmos com ele.'

Oxi li N ten ki aviza nha patron p'e'ka ta bebe kel kafé di tárdi, purk e kapás di kel kafé di tárdi sa ta faze-l mal. (128/6) 'Ainda hoje tenho de dizer ao meu patrão que não beba esse café da tarde, porque é possível que esse café da tarde lhe faça mal.'

Pertence ainda ao âmbito da necessidade que resulta de objetivos a atingir, o uso da perífrase na formulação de desígnios mais ou menos irrefutáveis:

Toma nos báka, bu ba bende, pamódi nos fidja ten ki kása kalsádu! (138/30) 'Pega na nossa vaca e vai vendê-la, porque no seu casamento a nossa filha tem de usar sapatos.'

- Á maridu! ... Mós, fórti gána kume kabésa! ... Maridu

rusponde: - Kábu sta mau, más dexa kétu! ... N ten ki ranjá-bu kabésa! (30/9)

'- Oh marido! ... Rapaz, sinto muitíssima vontade de comer uma cabeça! ... O marido respondeu: - Estamos em crise, mas fica quieta! ... Prometo-te que te arranjo uma cabeça!'

..., mi N ten ki fika más grándi djugador di kárta! (112/23) '..., eu quero absolutamente ser o melhor jogador de cartas!

Quando há negação deste *ten ki fase*, a anulação da necessidade resulta frequentemente do simples facto de que a ação (já) não adiantaria nada:

... dj'el po-m krimi, ki mi N ka ten ki nega más ... (64/10) '... já atirou as culpas para cima de mim, de forma que já não me serve de nada negar...'

Anton, es volta fáxi, es ba da nhu Rei es nóbu nobidádi. Nhu Rei fika ta pena bárba, más dja náda e'ka tenba ki fase! (143/25) 'Então regressaram rapidamente, foram dar ao Rei esta nova informação. O Rei arrepelou a barba, mas já não podia fazer nada!'

Modalidade deôntica

Necessidade que resulta de uma ordem que é preciso cumprir:

[Djon Grándi:] Góra, kuza ki bu ten ki fase e kel li! ... Diánti nha kása bu sa t'odja kel grándi rótxa la. Manhan, bu ten ki po-m el bira un grándi órta, xeiu di videra k'uva tudu madur, ... (116/30-32) 'O que agora tens de fazer é o seguinte! ... Estás a ver aquela grande rocha diante da minha casa. Amanhã tens de fazer com que se transforme numa grande horta cheia de videiras, com uvas maduras, ...'

Bai, ker N kré o N ka kré, N ten ki bai. Mi e kenha ki ka ta fase vontádi nhu rei? (195/26) 'Quer queira, quer não, tenho de ir. Quem sou eu para me recusar a cumprir a vontade do senhor rei?'

Mudjer, ki dja dába kónta di si maridu molói, ta abuzába d'el ...: e'ta poba maridu na pánha águ, lába kása, lába rópa, ránja lenha! Maridu tenba ki fase tudu es kusa li, (54/4) 'A mulher, que já se tinha dado conta de que o seu marido era bonacheirão, abusava dele ...: fê-lo ir buscar água, lavar a casa, lavar a roupa, arranjar lenha! O marido tinha de fazer todas estas coisas,'

Oxi, bu ten ki paga-m tudu kobi ki bu buru kume-m na nha órta! (54/18) 'Hoje, tens de me pagar todas as couves que o teu burro comeu na minha horta!'

Obi li, toma es barinha kondon li! El e'ten ki po-bu odja ku Nhánha di Kinta Nóva, sértu! (369/33) 'Ouve lá, toma esta varinha de condão! Ela, de certeza, conseguirá fazer com que os vejais, Nhánha di Kinta Nóva e tu!'

Na boca do falante que se dirige ao seu interlocutor usando a perífrase sem dispor de poder coercivo, a ordem torna-se pedido urgente:

Ami N ka sabe kus'ê ki Flipa tene. Flipa nunca más ka par-se la na kása, nen pa bá djuda nha mudjer fase algun trabádju. Pur isu bu ten ki fla-m kus'ê ki Flipa tene! (NL 72/16) 'Não sei o que a Flipa tem. Nunca mais apareceu lá em casa, nem mesmo para ajudar a minha mulher em alguma tarefa. Por isso, tens de me dizer o que é que a Flipa tem!'

Bon, Nastási, ago bu ten ki bá pidi papai pa dexá-nu bá bádju funson, la Pédra Badexu. (NL 81/14-15) 'Bem, Nastási, agora tens de ir pedir ao papá que nos deixe ir ao baile, em Pedra Badejo.'

Necessidade resultante de normas sociais:

Na diâ di kinzi, éra diâ di kazaméntu di Nhánha. Nton, noiva sta na séntu, gentis go ten ki ba kumprimentába noiva. (370/33) 'O dia 15 era o dia do casamento de Nhánha. A noiva estava sentada na poltrona da noiva e as pessoas tinham de se aproximar para cumprimentá-la.'

..., pamódi palavra di nhu rai ten ki ser kunpridu. (389/2) '..., porque a palavra do senhor Rei deve ser cumprida.'

E [pastor] ká'ra ladron, éra fiél: tudu kuántu k'e'faze, dretu o tórtu, e'ten ki fla nhu rei. (222/4) '<O pastor> não era ladrão, era fiel: tudo quanto fazia, direito ou torto, tinha de o contar ao Rei.'

Modalidade epistémica:

O uso de *ten ki/di fase*, para apresentar uma conclusão que se impõe é raro, mas existe:

Bon, nu subi riba d'es figera li, nu deta, purki es kábu li, algen ten ki ben li es noti sértu! (269/10-11)

'Bem, subamos a esta figueira e pernoitemos lá em cima, porque, sem dúvida, alguém virá aqui, esta noite.'

4.5.5.5 *meste fase* (expressão lexical de necessidade)

O verbo santiaguense *meste* (*algun kusa*) equivale mais ou menos ao verbo pg. *precisar* (*de alguma coisa*):

Toma kel sáku la! Di li pa diánti, tudu kusa ki bu meste o bu kré bástá bu fla 'tudu pa sáku', es ta fiká-bu na sáku pa bu uzu. (75/10) 'Toma aquele saco! A partir de agora, qualquer coisa de que precisares ou que quisesres, basta que digas 'tudo ao saco' e aparecerá imediatamente no mesmo, à tua disposição.'

E nho, nhu lion di mátu fla-m pa N fla-nho, pa nhu ba la m'el meste-nho! (190/2) 'Ó senhor, o senhor leão do mato disse-me que lhe dissesse que fosse ter com ele, que precisa do senhor!'

No lugar do objeto direto, pode aparecer uma oração subordinada introduzida por *pa*:

..., N meste pa bu da-m un informason! (NL 42/35) '..., tens de me dar uma informação!'

Bon, amí N ka meste pa ningen fiánsa na mi! (64/8) 'Bem, eu não preciso que confiem em mim.'

No entanto, seguido imediatamente de outro verbo, *meste fase* pode competir com *ten ki fase*. Contudo, só no domínio da necessidade alética ou deontica. *Meste fase* não exprime nunca necessidade epistémica (cf. 4.5.5). Relacionamos esta particularidade com o facto de *meste* não estar gramaticalizado e, portanto, *meste fase algun kusa* não constituir uma perífrase verbal. O facto de o significado de *meste* ser o mesmo em *N meste un kusa* e em *N meste fase um kusa* comprova-se ainda nos exemplos seguintes, onde encontramos enumerações com vários *meste*, uns com objeto nominal e outros a reger um verbo:

... N meste Sónbra-l Miliánu!
- Sónbra-l Miliánu ka sta li ... E sta la órta!
- N meste-l ... N meste odja-l ... Undi ki N ta txoma-l? (265/16)
'... Preciso de Sónbra-l Miliánu!
- Sónbra-l Miliánu não está aqui ... Está lá na horta!
- Preciso dele ... Preciso de o ver! ... Onde posso

chamá-lo?'

Pamó sénpri dj'e'flába m'<...>. M'e'ka ta voltába más pa ómi, pamó e'ka ta kazába más, e'ka mesteba mudjer, e'ka mesteba káza, e'ka mesteba náda: ... (208/17-18) 'Porque sempre dissera que <...>. Que nunca mais voltaria a viver com os homens, porque não voltaria a casar, não precisava de mulher, não tinha de casar, não precisava de nada: ...'

Substituindo, nestes exemplos, *meste* por *ten* (*ki*) ou *debe*, resultam frases agramaticais.

O tipo de modalidade expressa através de *meste* fase é quase sempre o de uma necessidade alética, que resulta de um desejo de alcançar determinada meta:

Kunpá Furtádu, mi N meste bai ti bordu di bapor. Kántu ki nhu ta kobra-m na lántxa? (NL 30/7-8) 'Compadre Furtádu, tenho de ir a bordo do barco a vapor, quanto terei de lhe pagar na lanchar <que me levará ao barco a vapor>?'

Rei di Muntaliza, k'e si pai, óki e'bai k'e'ben, k'el meste subi, ta flába-el: - Mariâ, reia un gródi kabélu li! (188/7) 'O Rei de Muntaliza, que era o seu pai, quando ia vê-la e tinha de subir, dizia-lhe: Maria, faz descer uma madeixa do teu cabelo!'

Si bu éra más linpu, N ta bába ku bo grexa pa bu bai odja un algen ki sa ta limiába nos grexa, sen meste sende lus. (211/12) 'Se estivesses mais limpa, ia contigo à igreja, para veres alguém que <da última vez> iluminava a nossa igreja, sem ter de acender a luz.'

Mi nha ka meste mara-m nha kabálu! Mi nha kabálu ten re-dia, ten kórda ... Purtántu, nha ka meste mara-m el! (364/32-33) 'Não é necessário que a senhora ate o meu cavalo! O meu cavalo tem rédeas e coldre ... Por isso, a senhora não precisa de mo atar!'

Como no caso de *ten ki* fase, quando há negação, a anulação da necessidade de fazer uma coisa pode resultar do simples facto de que a ação (já) não adiantaria nada:

Óra, Béntu, Xintidu, si nhos ka bale-m oxi, nhos ka meste bale-m más. (292/15) 'Óra, Bentu, Xintidu [nomes de três cães], se não me ajudarem hoje, já não terão de me ajudar nunca mais.'

Nhu Manel, undi ki nhu sta, ki nhu xinti kel anel li ta perta-nho na dédu, o si nhu tene-l fóra, nhu djobe poi, ka kánba, ka nhu meste ben li más! (342/2) 'Senhor Manuel, onde quer que esteja, se sentir esse anel

apertar-lhe o dedo, ou se, não o tendo posto, quiser pô-lo e já não entrar, então o senhor já não tem de vir aqui nunca mais!'

Porém, ocasionalmente, um *meste fase* com negação refere-se a uma necessidade que resulta de circunstâncias objetivas:

Ná papai, bu ka meste ten kudádu! N ta bai, N ta ben dre-tu. (NL 55/9) 'Não, papá, não tem de estar preocupado! Irei e voltarei sem problema.'

Por analogia com *ten ki fase*, intercala-se por vezes um *ki* entre *meste* e *fase*:

Nau! Bu ka meste ki pensa kusa-l paga-m. N ta lebá-u di grása ... (410/8) 'Não! Não tens de pensar em como pagar-me. Levo-te de graça ...'
..., anho nhu ka meste ki sabe si N ta dibinha o náu, ... (LS 29/12) '..., o senhor não tem de saber se eu adivinho ou não, ...'

4.5.6 Perífrases aspetuais

4.5.6.1 Generalidades

Tal como as partículas verbais *ta* ou *sa ta*, a maioria das perífrases verbais do santiaguense expressam 'aspetualidade' (cf. 4.3.2). Mas não situam o observador simplesmente antes do limite final (*ta*), ou entre os limites temporais (*sa ta*) do estado de coisas em questão, como ocorre com o imperfetivo *ta fase* e o durativo *sa ta fase*. Com as perífrases aspetuais, determina-se na maioria dos casos a relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento do estado de coisas em questão com maior precisão.

Assim, no caso da perífrase *sta pa fase* 'estar a ponto de fazer', o observador vê-se trasladado para o momento que precede imediatamente o início deste *fase*. Com a perífrase *bira ta fase* 'começar a fazer', vê-se trasladado para o seu início. E com a perífrase *bá ta fase*, é convidado a acompanhar o seu desenvolvimento durante algum tempo.

Em princípio, cada um dos pontos ou das fases de observação pode de novo ser focado como concluído, isto é, de modo

perfetivo, como ainda não concluído, isto é, de maneira imperfetiva, etc. Assim, com

E 'pega na máta tudu si limária ... (38/9) '<A mulher> passou a matar todos os seus animais ...'

apresenta-se o momento de *pegar* como já concluído, ao passo que com

E ta pega na máta tudu si limária ...

se apresenta como ainda não concluído, e com

E sa ta pega na máta tudu si limária ...

apresenta-se no seu decorrer. Tudo isto não impede que, por razões semânticas evidentes, as combinações de determinadas partículas com determinadas perífrases ocorram raramente (por ex. *ta sta ta fase*), ou talvez nunca (*sa ta sta ta fase?*) - sem serem agramaticais.

Em 4.5.3, mencionámos três expressões verbais que, graças ao facto de salientarem também determinadas fases do estado de coisas designado pelo verbo regido, podem ser utilmente enumeradas junto com as perífrases aspetuais, apesar de não serem perífrases, segundo a nossa definição. Em 4.5.6.2, trataremos estas três expressões antes de prosseguir, a partir de 4.5.6.3, com as perífrases aspetuais propriamente ditas.

4.5.6.2 Expressão lexical de aspetualidade: *komesa (ta) fase*, *kontinua (ta) fase* e *ká(ba) (di) fase*

Segundo a nossa definição, estas três expressões verbais complexas não constituem perífrases verbais, porque nelas o primeiro verbo não está gramaticalizado: ostenta nelas o mesmo significado que quando *komesa*, *kontinua* e *kába* vão seguidos de expressões nominais. Neste aspeto, *komesa*, *kontinua* e *kába* não diferem de outros verbos como *sabe*, *skese*, *tenta*, etc., que também podem reger complementos nominais e verbais (cf. ..., *y mi parse-m ma N sabe kúsia dretu* (49/27) '..., e parece-me que sei cozinhar bem'). Eis alguns exemplos do emprego de *komesa*,

kontinua e *kába* com complementos nominais:

Na diâ siginti, e'torna komesa trabádju ndjudjun. (458/39-40) 'No dia seguinte, começou o seu trabalho de novo em jejum.'

Nton, Nhu Lobu kumesa ku si kóre fédi trás di Xibinhu. (397/9) 'Então, o senhor Lobu iniciou a sua corrida desajeitada atrás de Xibinhu.'

Anton, es kontínua viáji. (37/1) 'Então, continuaram a sua viagem.'

Nha Xaninha kontínua ku es brinkadera li un sumána. (194/24) 'A senhora Xaninha continuou durante uma semana com esta brincadeira.'

Más, fitisera, <...,> nen e'ka ta ligába y la e'ta kontinuába na si dizakátu ti madrugáda, ... (256/6) 'Mas a feiticeira, <...,> nem fez caso e continuou a faltarlhe ao respeito até de madrugada, ...'

Notísia sa ta sai manenti ma kel rapás, ti inda, ka kába si stória. (175/9) 'Continuamente, saíram informações <a afirmar> que o rapaz ainda não tinha acabado o seu conto.'

O diábu, kába ku kel stória sen piáda la! (175/11) 'Ó diabo, acaba <de uma vez> com esse conto sem graça!'

Frases do tipo *E komesa (ta) fase, E kontinua (ta) fase, E ká(ba) (di) fase* podem, porém, significar duas coisas bem diferentes. Por um lado, podem querer dizer que fez primeiro isto, depois isso, e finalmente aquilo:

E komesa fase kaboku, e kontinua labánta paredi, pa e kába kubri kása. (RS) 'Começou a cavar uma cova, depois levantou paredes, e acabou por cobrir a casa.'

Intritántu, kel tentason di mundu y di oru domina-l di tal manera, el ka sufri, el kába di kai n'es sparéla di Nha Bédja. (310/13) 'No entanto, esta tentativa do mundo e do ouro dominou-o de tal maneira, que não resistiu e acabou por cair nesta armadilha de Nha Bedja.'

Como se vê, *komesa fase, kontinua fase* e *kába fase* servem, nestes casos, para indicar o lugar de um estado de coisas, numa sequência de estados de coisas. Intercalando as preposições *ku* ou *na* (*E komesa ku kume, E kontinua ku kume, E kába ku kume*), esta interpretação é a única possível:

Si e'bá ta bai, ti k'el ben kába ku móre, ... (253/6) 'Assim continuou, até que finalmente morreu, ...'

Dja N diskunfiába ma es bu brinkadera li ta kabába ku po-m na konplikason... (195/19) 'Há muito tempo que temo que, com esta brincadeira, me acabes criando complicações...'

Dj'es flába m'e ta kába ku kantába. E ben kába ku kánta mé. (RS) 'Já tinham dito que acabaria por cantar. E, efetivamente, acabou por cantar.'

Na maioria dos casos, porém, o que frases do tipo *E komesa (ta) kume*, *E kontinua (ta) kume*, *E kába (di) kume* pretendem transmitir é que começou a comer, continuou a comer e acabou de comer:

Dipos di almusu, es diskánsa un bokadinhu, es komesa dju-ga. (116/18) 'Depois do almoço, descansaram um bocado, e <então> começaram a jogar.'

Anton, papá, kusa ka dja komesa fila? ...

- Dja komesa fila Bisentihu! (134/9-10)

'Então, papá, a coisa já começou a dar certo? ...

- Já começou a dar certo, Bisentihu!'

Dipos di fésta kasaméntu, es komesa ta fase vida normal. (48/7) 'Depois do casamento, começaram a viver normalmente.'

Y dentu kel, Nha Bédja disparse, más Pedru kontinua obi si bós kláru, ... (311/7) 'Entretanto, nha Bédja desapareceu, mas Pedru continuava a ouvir claramente a sua voz, ...'

Katxór nen ka liga-l! E'kontinua ta koba si txon, sen labánta róstu. Un bokadinhu, e'pára, e'labánta róstu, e'djobe rapás; el báxa róstu, el kontinua koba si txon. (242/22-24) 'O cão nem lhe fez caso! Continuou a cavar no chão, sem levantar o focinho. Um pouco mais tarde, levantou a cabeça, olhou para o rapaz; baixou a cabeça e continuou a cavar no chão.'

Kántu e'ká toma bánhu, e'sai, ... (114/20) 'Quando acabou de tomar banho, saiu, ...'

Es po Bisentihu na skóla. <...> Di li pa un mes, tudu kes libru Bisentihu ja kába sabeba-es fépu! (131/10) 'Puseram o Bisentihu na escola. <...> Depois de um mês, Bisentihu já sabia todos aqueles livros.'

Kumedu, kába kumedu, rapásis fla prispí p'el toma kes papel, p'el xinta, p'el lé, ... (385/33-34) 'Comeram, acabaram de comer, <e então> os rapazes disseram ao príncipe que pegasse nos papéis, que se sentasse e que os lesse, ...'

..., el disidi da metádi di tudu si bens, <...>, a kel ómi ki konsigi konta-l un stória sen fin, un stória ki ka

ta kába di obidu, pamódi ka ta kába di kontádu. (173/5) '... , decidiu dar metade dos seus bens, <...>, ao homem que conseguisse contar-lhe um conto sem fim, um conto do qual não se ouviria nunca o seu fim, porque não se acabaria nunca de contar.'

Só neste segundo tipo de empregos, *komesa (ta) fase*, *kontinua (ta) fase* e *kába (di) fase* servem para destacar determinada fase do estado de coisas designado pelo verbo regido e os seus complementos. Quer dizer que só aqui cumprem estes verbos uma função comparável à dos verbos auxiliares nas perífrases aspetuais do santiaguense. E, portanto, só a estes empregos nos referimos, ao incluir *kumesa (ta) fase*, *kontinua (ta) fase* e *ká(ba) fase*, entre parênteses, nas listas em 4.5.6.3.

Tal como o pg. *acabar de fazer*, o santiaguense *ká(ba) di fase* (mas não *ká(ba) fase*, nem *kába ku fase*) pode ainda significar o mesmo que fr. *venir de faire quelque chose*. O seu significado é, então, 'egressivo' a respeito de *fase*:

Mininu Bedju, *nho ku tudu es kusa ki nhu kába di fla-m*, inda *nhu ka splika-m* konkretamenti ditirminason ki *sta [= s'ta]* buli dentu-l *nho*. (266/20) 'Mininu Bedju, apesar de tudo quanto acaba de me dizer, você ainda não me explicou concretamente a determinação que está em ebulição dentro de você.'

Nastási, N *kába di resebe*, gósi própi, un telegráma, ki es mánda *fla-m* ma nha sógra móre! (NL 78/5) 'Nastási, acabo de receber agora mesmo um telegrama, onde me dizem que a minha sogra morreu.'

Também aqui, *kába* cumpre, pois, uma função comparável à função dos verbos auxiliares nas perífrases aspetuais do santiaguense.

Para expressar 'egressividade' relativamente a um momento do passado, junta-se a marca de anterioridade *-ba* a um dos dois verbos (ou a ambos):

Rapásis *ka mete ku el*, pamódi *dja es konxeba-el y, el*, e 'kába di matába ses xéfi, kelóra! (135/18-19) 'Os rapazes não se meteram com ele, porque o conheciam e porque acabava de matar o chefe deles, naquele momento!'

4.5.6.3 Visão geral das perífrases aspetuais

Eis, para começar, um exemplo para cada uma das 18 perífrases aspetuais do crioulo de Santiago tratadas neste parágrafo, cada um provido de uma tradução aproximada:

txiga fase 'chegar ao ponto de poder fazer uma coisa':

Es minina dja txiga kása. (RS) 'Esta rapariga já é casadoira.'

sta pa fase 'estar a ponto de fazer uma coisa':

..., N sta pa N ser padrinhu di li tres diâ, ... (400/15)
'..., dentro de três dias, serei padrinho.'

ára fase 'chegar quase a fazer uma coisa':

N' ára txumbába es ánu. (RS) 'Este ano, quase chumbei.'

ben fase 'chegar a fazer uma coisa':

Kántu ki N ben da kónta, dja éra tárdi. (RS) 'Quando cheguei a dar conta, já era tarde demais.'

txiga di fase 'chegar a fazer uma coisa':

Mi própi, N txiga di txomadu kumunista pur kauza di nha barba ku nha kabélu kunpridu, ... (Oda 182/24-25) 'Eu também cheguei a ser chamado de comunista devido à minha barba e ao meu cabelo comprido ...'

árma fase 'fazer alguma coisa um pouco':

Xibinhu árma afásta si di kása pa Nhu Lobu kuda ma dj'el ba buska txábi. (417/4) 'Xibinhu afastou-se um bocado de casa, para que Nhu Lobu pensasse que tinha ido procurar a chave.'

pása ta fase 'passar a fazer uma coisa':

Más mudjer <...> pása ta da-l kumida normal. (53/5) 'Mas a mulher <...> passou a dar-lhe comida normal.'

po ta/na fase 'pôr-se a fazer uma coisa':

..., txiga un rapasinho na pórtá. <...>, e' po na rapára kel rapás ku rapariga. Pása un bokádu e' po na djobe badjadoris na pé. (74/15-16) '..., um rapaz chegou à porta. <...>, pôs-se a observar o jovem e a rapariga. Pouco depois, pôs-se a observar os pés dos dançarinos.'

pega ta/na fase 'começar a fazer uma coisa':

E' pega na máta tudu si limária p'el da maridu so liméntus fórti, ... (38/9) 'Pôs-se a matar todos os seus animais, para dar ao marido só alimentos fortes ...'

bira ta fase 'pôr-se a fazer uma coisa':

..., e'ódja Bisentinhu ta subi na skáda di terásu nhu Rei,

e'bira ta treme sima bára berdi; ... (141/4) '..., viu o Bisentinho a subir as escadas do terraço do senhor Rei, pôs-se a tremer como uma vara verde: ...'

sai ta/na fase 'passar a fazer uma coisa':

E sai na rebenta tudu kusa dentu-l kása. (RS) 'Passou a despedaçar tudo, em casa.'

labánta na fase 'começar a fazer uma coisa (várias vezes/durante algum tempo)':

N ka sabe pamodi ki mos la dja labánta na bebe si? (RS) 'Não sei por que é que aquele jovem começou a beber daquela maneira.'

fika ta fase 'ficar a fazer uma coisa':

..., nhos ta da prispi kel papel li p'el fika ta sabe tudu. (385/23) '..., dareis ao príncipe este papel, para que fique a saber tudo.'

sta ta/na fase 'estar a fazer uma coisa':

Ómi ki stába na po-l kornu, labánta di káma, pánha si ropa, perde na ténpu. (60/19) 'O homem que estava a pôr-lhe cornos levantou-se da cama, apanhou a sua roupa e desapareceu.'

bá ta fase 'ir fazendo uma coisa':

Si es bá ta briga, óra manduku, óra punhal, ti k'es ka pode más, ... (57/4) 'Assim iam lutando, alternando o pau com o punhal, até que já não podiam mais, ...'

pára (di/ku) fase 'parar de fazer uma coisa':

Ómi, enbóra karneru pára ku nbera, e'kontínua buska. (139/13) 'O homem continuou a procurar, apesar de o carneiro ter parado de berrar.'

dexa di fase 'deixar de fazer uma coisa':

Dja dexa di txobe. (RS) 'Deixou de chover.'

torna fase 'voltar a fazer':

Un bes, mudjer di un ómi <...> móre. <...> Pása ténpu, ómi torna kása! (178/4) 'Uma vez, morreu a mulher de um homem, <...> Passou algum tempo e o homem voltou a casar!'

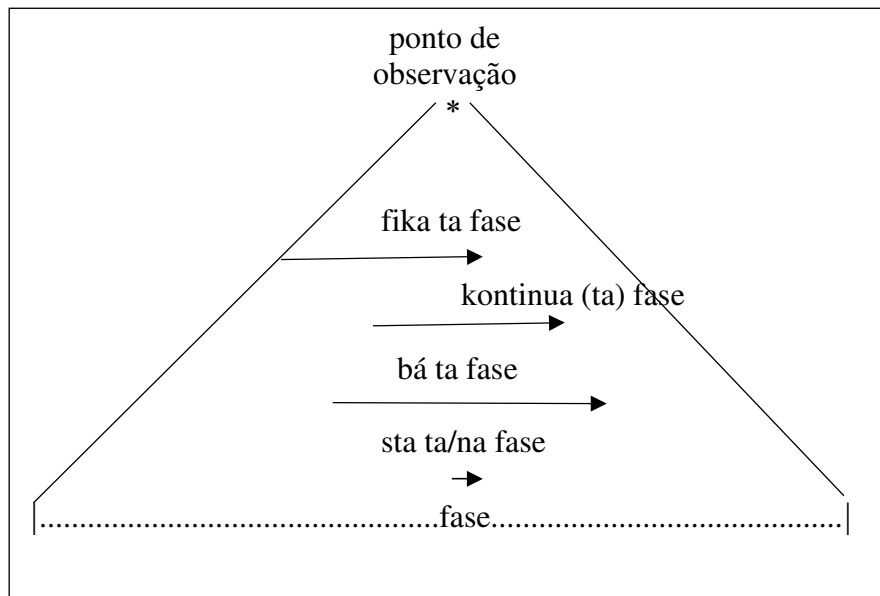
Vê-se que a tradução das numerosas perífrases aspetuais do santiaguense, mesmo tratando-se de traduções para uma língua tão rica em perífrases aspetuais como o português, não consegue diferenciá-las de modo satisfatório. Tivemos, por exemplo, de recorrer várias vezes ao pg. *pôr-se a fazer* e não encontramos nenhuma perífrase verbal portuguesa que traduzisse o cri-

oulo *árma fase*.

Ordenámos as perífrases de modo a ficarmos primeiro numa fase prévia ao *fase* (*txiga fase, sta pa fase, ára fase*), para depois entrarmos nele (*ben fase, txiga di fase, po ta/na fase, pega ta/na fase, bira ta fase, sai ta/na fase, labánta na fase, pása ta fase, (komesa (ta) fase)*), para então acompanhar o seu desenvolvimento durante algum tempo (*fika ta fase, sta ta/na fase, bá ta fase, (kontínua (ta) fase)*), até chegar ao seu fim (*pára (di/ku) fase, (kába (di) fase)*) e, finalmente, deixá-lo para trás (*dexa di fase*), antes de recomeçar (*torna fase*). Vê-se que há um interesse especial, por parte dos falantes, em caracterizar o início do *fase*.

O caso de *árma fase* afasta-se dos restantes, por operar uma quantificação do *fase* relativamente a determinada expectativa ('quantificação subjetiva', cf. 8.2.1.4). Confessamos que a inclusão desta perífrase na classe das perífrases aspetuais não nos satisfaz plenamente.

Os linguistas Eugenio Coseriu e Wolf Dietrich esforçaram-se por diferenciar os significados das perífrases aspetuais das línguas românicas (cf. Coseriu 1976: 5.7 - 5.8 e Dietrich 1973: 3.3.8 - 3.3.9). Pensamos que a sua maneira de representar graficamente o significado das perífrases aspetuais que oferecem uma visão interior (uma determinada 'Schau', na terminologia alemã destes autores) do estado de coisas designado pelo verbo principal, pode ser utilmente transferida às perífrases e expressões verbais complexas correspondentes do santiaguense:



Para uma diferenciação semântica satisfatória dos significados das perífrases aspetuais até agora ainda não suficientemente diferenciados, recorreremos, nos parágrafos consagrados às perífrases individuais (cf. 4.5.6.4.1-18), ao significado lexical dos verbos que nelas funcionam como auxiliares. É certo que boa parte do significado lexical destes verbos passa a segundo plano, quando passam a servir fins gramaticais. Mas não fica completamente oculto. Para o demonstrar, consideramos as três perífrases *po ta/na fase*, *pega ta/na fase* e *bira ta fase*, que poderiam passar por sinónimos.

De acordo com o facto de *po* e *pega* serem essencialmente verbos de ação, as perífrases *po ta/na fase* e *pega ta/na fase* usam-se preferencialmente com sujeitos animados - o que não exclui totalmente os usos metafóricos com um sujeito inanimado, como em

Oxi txuba dja pega na kai k'e ka kre dexa algen sai di ká-sa. (RS) 'Hoje, a chuva já deu em cair de tal maneira, que não quer deixar sair as pessoas de casa.'

Pelo contrário, o verbo santiaguense *bira* é sobretudo um verbo 'atributivo' (cf. 4.4.2.1 e 4.4.2.3) e, consequentemente, a perífrase *bira ta fase* não requer um sujeito animado:

Tudu bunitu ki dja odjádu na mundu, bira ta parse feiu ...
(462/12) 'De repente, pareceram feias todas as coisas
que já se tinha visto no mundo...'

A parte não utilizável para fins aspetuais do significado lexical do verbo sobrevive, pois, nos casos de *po ta/na fase* e *pega ta/na fase*, até certo ponto; por exemplo, sob a forma de restrições quanto à natureza do sujeito. Além disso, o verbo *pega* transmite à perífrase *pega ta/na fase* qualquer coisa de definitivo. Em suma, os verbos *po* e *pega* transmitem às perífrases *po ta/na fase* e *pega ta/na fase* a nuance de uma decisão voluntária e, no caso de *pega ta/na fase*, incondicional.

A nossa ordenação das perífrases aspetuais justifica também, até certo ponto, o uso da partícula imperfetivadora *ta* (cf. 4.3.3) e das preposições *pa*, *na*, ou *di* como elementos de ligação entre o verbo auxiliar e o verbo principal. Vê-se claramente que o seu uso nestas perífrases é tudo menos aleatório.

Logicamente, encontramos a partícula imperfetivadora *ta* diante do verbo principal de todas as perífrases aspetuais que não fornecem uma vista completamente exterior do *fase*. Cf. *po ta fase*, *pega ta fase*, *bira ta fase*, *pása ta fase*, *sai ta fase*, *fika ta fase*, *sta ta fase*, *bá ta fase*. Em algumas destas perífrases, a preposição *na*, que, nos seus empregos espaciais, serve para falar da introdução ou situação de uma coisa dentro de outra, pode ocupar o lugar deste *ta*. Cf. *po na fase*, *pega na fase*, *sai na fase*, *sta na fase*, *labánta na fase*.

A decisão a favor de *ta* ou de *na*, nas perífrases que admitem ambas as partículas, pode ter consequências, resultando matizes semânticos: *sai ta fase* não difere muito de 'começar a fazer', *sai na fase* corresponde mais a 'passar a fazer várias vezes, ou durante algum tempo'. De acordo com este matiz, *labánta na fase* corresponde melhor a *sair na fase*, do que a *sair ta fase* (cf. os exemplos em 4.5.6.4.11 e 4.5.6.4.12).

E talvez não seja por acaso que o *ta* pode ser omitido, precisamente nas expressões verbais complexas *komesa (ta) fase* e *kontinua (ta) fase*, apesar de fornecerem claramente uma vista imperfetiva do *fase*: tratando-se aqui, não de perífrases, mas de expressões verbais complexas, é lícito pensar que nestes casos é o contexto (mais concretamente, o significado le-

xical dos verbos *komesa* e *kontinua*) que torna desnecessária a marcação de imperfetividade (cf. 4.3.1).

No caso das perífrases aspetuais que oferecem uma vista do *fase* desde o exterior, o verbo principal junta-se ao auxiliar sem intervenção da partícula *ta*, independentemente do facto de a perífrase fornecer uma vista do *fase* desde o seu termo (e portanto perfetiva, cf. *pára di fase, dexa di fase*), desde 'diante'? (*txiga fase, sta pa fase, fálta fase*), ou desde ambos os lados (*torna fase*).

Também as preposições *pa* 'aproximação', *ku* 'co-presença' e *di* 'afastamento' figuram nas perífrases aspetuais correspondentes em total conformidade com o seu significado instrumental (cf. 14.2.5, 14.2.19 e 14.2.2).

Para excluir qualquer mal-entendido: não cometemos o erro crasso de pretender que as perífrases do santiaguense só podem ter a forma que têm. Pretendemos apenas demonstrar que a sua forma não entra em contradição com os significados dos elementos que as integram. Como linguistas, não devemos aspirar a mais.

4.5.6.4 As perífrases verbais aspetuais consideradas isoladamente

4.5.6.4.1 *txiga fase*

O significado lexical do verbo santiaguense *txiga* pouco difere daquele do seu étimo português *chegar*. Prevê um complemento que especifique o lugar onde chega o sujeito da frase:

Kelóki e'txiga kása, e'ta atxába mudjer detádu, kubridu, ... (41/5) 'Quando chegava a casa, encontrava a sua mulher deitada e coberta, ...'

Pode tratar-se de uma chegada no tempo:

Mudjer, rei di prokupádu ku midjóra di si maridu ki ka sa ta txiga, e'ba kása sáibu. (38/17) 'A mulher, muito preocupada com as melhoras do marido que tardavam em chegar, foi a casa de um sábio.'

Não se está sempre diante da perífrase verbal, quando outro verbo segue imediatamente o verbo *txiga*. Pode tratar-se

também de uma enumeração, onde qualquer outro *fase* do sujeito da frase segue imediatamente a sua chegada a algum ponto no espaço, ou no tempo:

- ..., N odja kel altumóvia finu txiga pára na nha pórtá.
(NL 84/4) '..., vi aquele automóvel elegante a chegar e a parar diante da minha porta.'
- Lántxa bai txiga tráka na bapor. (NL 30/29) 'A lancha partiu, chegou e atracou no barco a vapor.'
- ..., Diogu bai pa káza, txiga mostra si pai ku si mai anel ki Nhánha da-l, ... (368/25) '..., o Diogu foi para casa, chegou e mostrou aos seus pais o anel que Nhánha lhe tinha dado, ... '

Como vimos em 4.5.6.3, há duas perífrases verbais, de natureza aspetual, com o verbo *txiga* a funcionar como auxiliar. Na primeira, sem precedente em português, tratada neste parágrafo, o verbo principal junta-se diretamente ao auxiliar; na segunda, que apresentaremos em 4.5.6.4.5, junta-se a ele por meio da preposição *di*. Em ambas as perífrases, a função do *fase* (*algun kusa*) lembra a função do complemento oblíquo (de lugar, ou de tempo) do verbo *txiga*.

A perífrase *txiga fase* expressa que o sujeito (animado ou não) já preenche os pré-requisitos para a realização do *fase*:

- E' [Xibinhu] trabádja, trabádja, trabádja, trabádja ti na sértu pontu, batáta dja sa ta subi kabésá, kobi dja s[']ta txiga kume, bóbra dja sa ta pari. (426/19) 'Trabalhou, trabalhou, trabalhou, trabalhou, até que as batatas já iam levantando as cabeças, as couves já chegavam a ser comestíveis e as abóboras já iam dando fruto.'
- Lobu ael e laskádu. Ta manxe tudu diâ, e'ta pánha bóbra nóbu, inda ki ka txiga pánha, má e'ta kuzinha; ... (426/22) 'O Lobu, ele é comilão. Levanta-se todos os dias e colhe as abóboras novas, mesmo que ainda não estejam maduras o suficiente para serem colhidas, mas ele cozinha-as; ... '
- Es minina dja txiga kása. (RS) 'Esta rapariga já pode casar.'

Observe-se que, nesta perífrase, a oposição *fase/fasedu* está neutralizada no verbo principal. A forma não marcada pode ser interpretada como 'ativa' (*Minina txiga kása*), ou como se fosse uma forma 'passiva' (*Bóbra txiga pánha*).

4.5.6.4.2 *sta pa fase*

No santiaguense, há duas perífrases aspetuais nas quais *sta* funciona como verbo auxiliar. Para a perífrase *sta ta/na fase*, remetemos o leitor para o parágrafo 4.6.4.14 e para o significado lexical do verbo *sta*, para o parágrafo 4.4.2.3.1.

A perífrase verbal *sta pa fase* 'estar para fazer' serve para formular prognósticos (na maioria dos casos: a curto prazo), ou para descrever intenções. Isto não significa que a realização do *fase* seja necessariamente apresentada como iminente.

Gobérnu sta pa toma un disison n'es xintidu. (RS) 'O Governo tem a intenção de tomar uma decisão neste sentido.'

Nu sta pa fase un ponti. (RS) 'Temos a intenção de construir uma ponte.'

E sta pa móre kalker d'es dia li. (RS) 'Morrerá certamente um dia destes.'

Di akordu ku Biblia txeu kusa sta pa kontise. (RS) 'Segundo a Bíblia, devem ocorrer muitas coisas.'

Éra uma vex un mulher ki stába grávida, stá pa tinha fi-dju. Dipos, na altura ki xinti vontádi di ten kriánsa, el stába el sozinhu dentu di kása. Anton, mininu k'el stá pa tinha, fála ku el, fla-1: ... (151/1-3) 'Era uma vez uma mulher que estava grávida, a ponto de dar à luz. Mais tarde, quando sentiu que o menino ia nascer, estava sozinha dentro de casa. Então, o menino, que estava para nascer, falou com ela e disse-lhe: ...'

Dipos, rei mánda txoma si grándis sábius pa ben fla-1 kuzé ki sa ta pása, ki kel minina ki sta pa káza ku si fi-lhu, s'ta smáia sin, xintádu na séntu. (371/11) 'Depois, o Rei mandou chamar os seus grandes sábios, para que viessem e lhe dissessem o que se estava a passar com aquela rapariga que estava prestes a casar-se com o seu filho e se desmaiava sem mais nem menos, sentada na poltrona da noiva.'

Com repetição insólita do pronome pessoal sujeito diante do verbo principal:

Nha-Tiu, nho, N sta pa N ser padrinhu di li tres diâ, na kása-l nhu rei. (400/15) 'Nha-Tiu, ouça, vou ser padrinho na casa do senhor Rei dentro de três dias.'

4.5.6.4.3 *ára fase*

Ára (var. *era*) significa 'errar (o caminho), enganar-se':

Sima nha Tia Gánga ta fla: 'Pórta, burnéki!', Lobu di pa dentu, ta fla: 'Póita, tubuku!'. Si es kontínua ti ki Lobu ara, e'fla: - Póita, buinéki! (443/8) 'Toda a vez que a senhora Tia Gánga dizia: 'Porta, abre-te, burnéki!', o Lobu, no interior, dizia: 'Poita, fecha-te, tubunku!'. Continuaram assim, até que o Lobu cometeu um erro e disse: - Poita, fecha-te, buinéki!'

O verbo pode ir acompanhado de um complemento que informa sobre o domínio no qual erra o sujeito:

..., óki kabésa sta na si lugar, pé ka ta ara ku kaminhu. (Oda 131/2) '..., a cabeça estando no seu lugar, os pés não erram o caminho.'

Na perífrase verbal *ára fase* (var. *éra fase*, *era fase*), o verbo principal designa qualquer coisa que pouco faltava que acontecesse com o sujeito (animado ou não):

El ara fla ma nau, mas bóka spanta-l, rusponde kuma sin. (Oda 179/27) 'Pouco faltou para que recusasse, mas a sua boca opôs-se e respondeu que sim.'

Dj'e ára ganhába totolotu. (RS) 'Faltou pouco para ele ganhar na lotaria.'

E lolu, e ára kaíba. (RS) 'Escorregou e, por pouco caiu.'

E da txeu fálta, di manera ki e éra raprova. (RS) 'Deu muitas faltas, de modo que faltou pouco para reprovar.'

O verbo português *errar* não admite tal emprego. Mas a expressão impessoal portuguesa *Faltou pouco para que* + conjuntivo (ou *faltou pouco para* + infinitivo) serve perfeitamente para traduzir a perífrase santiaguense. O francês oferece correspondências perifrásticas mais precisas, desde o ponto de vista da construção: *manquer/faillir faire qc.*

4.5.6.4.4 *ben fase*

Ben significa 'vir'. O verbo prevê, pois, um complemento a indicar a meta desta deslocação:

Mudjer ben kása. 'A mulher chegou a casa.'

Também quando é um sintagma verbal a ocupar o lugar deste complemento, *ben* conserva frequentemente o seu significado lexical de deslocação no espaço:

N ta tra kusas di dentu kása, un-un, N ta ben po na sedja li na ruâ ... (36/1) 'Tirarei primeiro as coisas do interior da casa, uma a uma, depois virei pô-las na selha, aqui na rua...'

Djuzé fika spantádu pamódi parse-l un mudjer na kuártu la, ki ka si mudjer y el e'ka s'ta konxeba, e'purgunta-l:
- Nha!? ... Nha, kusé nha ben fase li?! ... (128/17)
'Djuzé espantou-se porque uma mulher que não era a sua mulher, e que não conhecia, apareceu no seu quarto. Perguntou-lhe:

- Senhora!? ... Ó senhora, o que vem fazer aqui?!'

Es óra e ka di bo. Si bu kontínua ta ben muda limária es óra, bu odju ta mostrá-bu. (73/17) 'Esta hora não é a tua. Se continuares a vir a esta hora, para levar o <teu> gado a pastar noutro lugar, vais ver o que te acontece.'

..., nu dexe limária li, nu ba konsentra kábu-l mora primeru, nhu [sic] kunsa ben toma limária, ... (149/6)
'..., deixemos o gado aqui e vamos primeiro assegurar um lugar para viver, depois voltaremos para vir buscar o gado, ...' (para *kunsa fase*, cf. 4.5.7.2)

Em inúmeros casos, porém, *ben* funciona claramente como auxiliar. São particularmente evidentes os casos onde o verbo *bai* (var. *bá*, *ba*) 'ir' desempenha o papel de verbo principal. Os linguistas costumam remeter justamente para tais casos onde resultariam interpretações contraditórias, se se aplicasse o significado lexical, para provar que o verbo ficou gramaticalizado, passando a verbo auxiliar:

Nton, Djuzé fika la parádu, Bránka-Flor ba frenti. Dipos, Djuzé ben bai. (115/21-22) 'Então, Djuzé ficou lá parado, ao passo que Bránka Flor foi adiante. Depois, chegou o momento de Djuzé avançar ele também.'

Há exemplos onde não é possível decidir se o falante está a usar a perífrase ou não:

Dipos, rei mánda txoma si grándis sábius pa ben fla-l kuzé ki sa ta pása, (371/11) 'Depois, o Rei mandou chamar os seus grandes sábios, para que (viessem e) lhe dissessem o que se estava a passar,'

Do ponto de vista teórico, é importante esclarecer um mal-entendido: a existência de tais casos não significa que o próprio falante não saiba o que quer dizer. Só se quiser ser conscientemente ambíguo, pode querer dizer ambas as coisas ao mesmo tempo. E, de qualquer forma, não pode significar qualquer coisa que fique a meio caminho entre o significado lexical e o perifrástico do verbo em questão.

Na perífrase verbal *ben fase*, a função semântica do *fase* lembra a do complemento que designa a meta da deslocação em *ben kása* 'vir a casa' etc. A perífrase indica que, após determinado lapso de tempo, o sujeito (animado ou inanimado) chega, ou chegou, finalmente a realizar a ação (o *fase*). A *fase* considerada chega, portanto, até ao momento de o *fase* se realizar. Há motivos para recorrer a esta perífrase, por exemplo quando esta *fase* parece longa, pode ter sido aproveitada para impedir a entrada em vigor do *fase*, quando já não se esperava a sua realização etc, etc. Tentativas de reproduzir o efeito semântico desta perífrase, de origem presumivelmente africana, em português resultam frequentemente toscas:¹⁶

Nton, Djuzé pása ta pása ténpu, so na kása di kel rei. Dipos, Djuzé ben káza ku filha di kel rei. (126/35) 'Então, Djuzé começou a passar todo o seu tempo na casa do senhor Rei. Mais tarde, chegou a casar com a filha daquele rei.'

Kántu ki N ta ben da kónta, dja éra tárdi. (RS) 'Quando <finalmente> reparei, já era tarde demais.'

Nhos obi li, si nhos ten un txábi bédju, k'e'perde, ki nhos ránja un txábi nóbu y txábi bédju ben parse, kuzé ki nhos ta faze ku txábi bédju? (129/15) 'Ouçam, caso tenham uma chave velha que se perde e tenham de

¹⁶ Em Wilson 1961: 151, lê-se a propósito do balanta, que se fala na Guiné-Bissau: "The radical **ben** 'come' is usable in the manner of a separable tense sign, with the same behaviour as those listed on the previous page. In this case it has the meaning of 'and then...': **həŋɔn nyi gbɛɛs, ... mben diis, ... mben kon wɔm, nsaw** 'he gave me money, ... and then I went off, ... and then ate it and finished (it)' This use of the radical of the verbe 'come' to indicate a subsequent event is common to most languages of the region, including Mandinka and Portuguese Crioulo."

comprar uma nova: se a chave velha reaparecer, o que é que fazem com a velha?'

Iáni konkorda, más e'fla-l m'el ka sta purparádu. P'el de-xa-l bai Sidádi Vélha purpára, m'el ta volta p'es ben justa kónta. (56/20) 'Iáni concordou [aceitou o desafio para o duelo], mas disse que não estava preparado. (Pedi) Que o outro o deixasse ir à Cidade Velha para se preparar, que ele voltaria, para que ajustassem contas.'

Bisentinhu, bo, bu ka ten abertal di toma-m kel karneru la gósi, pa nu ben kume? (131/22) 'Bisentinhu, não tens maneira de me roubar aquele carneiro agora mesmo, para que <o> comamos?'

..., e'rátxa baleia, e'átxa tibaron; e'ben abri tibaron, e'átxa bódi, ... (157/3) '... abriu a baleia cortando-a e encontrou dentro um tubarão; abriu o tubarão e dentro encontrou um bode, ...'

Obi, xuxinhu! Pa N ka nheme-u bu orédja, so si bu mostra-m txábi di nférnu. Xuxinhu ben abri pórtá di inférnu go. (93/8) 'Ouve, diabinho! Só se me mostrares a chave do inferno agora mesmo, é que eu não mastigo a tua ore-lha. O diabinho abriu logo a porta do inferno.'

E sa ta benba traze-m un livru. (RS) 'Estava prestes a trazer-me um livro.'

Kántu dja e'sa ta ben entrába na povuason di Paiól, un vós txoma-l pa si nómi. (249/10) 'Quando já estava prestes a entrar na povoação de Paiól, uma voz chamou-o pelo seu nome.'

4.5.6.4.5 *txiga di fase*

Para o significado do verbo *txiga*, para expressões do tipo *txiga* + verbo, que não constituem perífrases verbais e para a perífrase verbal *txiga fase*, remetemos para 4.5.6.4.1.

Para além da perífrase verbal *txiga fase*, existe a perífrase verbal *txiga di fase*, objeto deste parágrafo. Emprega-se sobretudo no crioulo leve e parece óbvio que imita a perífrase verbal portuguesa *chegar a fazer*. Quanto ao significado, assemelha-se em certa medida à perífrase *ben fase* do crioulo fundo. Porém, à semelhança do seu modelo português, a perífrase *txiga di fase* emprega-se preferencialmente quando, com a realização do *fase*, se alcançam extremos imprevistos. Daí também que a perífrase ocorra sobre tudo com sujeitos humanos e, frequentemente, acompanhada do *mésmu* argumentativo (cf. 3.3.1.3.3):

Mi própi, N txiga di txomadu kumunista pur kauza di nha barba ku nha kabélu kunpridu, ... (Oda 182/24-25) 'Eu mesmo, cheguei a ser chamado de comunista por causa da minha barba e do meu cabelo comprido, ...'

Sô Teté ta diskunfiaba un bokadinhu y, txeu bês mesmu, e txiga di pensa ma Rejina staba konluiadu ku própi Pidi. (Oda 43/28) 'Só Teté desconfiava um bocado e frequentemente chegou mesmo a pensar que a Rejina estava de conluio com a própria PIDE.'

É di es manera li ki e txiga di konxe un sértu nunbru di idiolojia polítiku y ralijozu. (Oda 44/14) 'Foi assim que chegou a conhecer um certo número de ideologias políticas e religiosas.'

Txiga mésmu di fasedu diklarason públiku sobri si seriedadi. (Oda 55/25) 'Chegou-se ao extremo de se fazer declarações públicas relativamente à sua seriedade.'

4.5.6.4.6 *árma fase*

O verbo *árma* significa 'armar(-se), preparar(-se) para etc.':

Inton, el txoma tudu si vítimas, el armá-s di matxádu, ... (327/1) 'Então, convocou todas as suas vítimas e armou-as com machados, ...'

Dja kelóra, armádu nóbu fésta dja, ... (356/35) 'Então, organizou-se uma nova festa, ...'

Na perífrase verbal *árma fase*, para a qual não encontramos até agora modelo português, nem africano, a função semântica do *fase* parece lembrar a do complemento direto do verbo *árma*. Porém, segundo os exemplos de emprego desta perífrase que conseguimos reunir, esta não nos situa numa fase preparatória do *fase*, antes pelo contrário, quantifica este *fase*. *Árma fase* não significa, pois, 'preparar-se para fazer alguma coisa', mas 'fazê-la um pouco'. Daí também a ausência do *ta* imperfetivador, entre o auxiliar e o verbo principal desta perífrase. A perífrase não nos introduz no interior do *fase*, antes fornece uma visão global do mesmo, desde o exterior:

Dexa águ árma ferbe. (RS) 'Deixa a água ferver um pouco.'

Dexa águ árma ferbe más un kusinha. (RS) 'Deixa a água ferver mais um bocado.'

Águ ta árma ferbe, bu ta tra panéla. (RS) 'Deixa a água ferver apenas um bocado e depois retira a panela.'

Águ árma ferbe, N tra panéla. (RS) 'Mal ferveu a água, re-

- tirei a panela.'
- N árma froxa txapéu pa N freska kabésa. (RS) 'Arejei o chapéu um bocado, para refrescar a cabeça.'
- Árma txiga más pértu pa N flá-u un kusa. (RS) 'Aproxima-te um bocado, para que te diga uma coisa.'
- Xibinhu árma afásta si di kása pa Nhu Lobu kuda ma dj'el ba buska txábi. (417/4) 'Xibinhu afastou-se um bocado de casa, para que Nhu Lobu pensasse que já tinha ido procurar a chave.'
- Sima mudjer txiga na bera káma, ki árma dobra kósta si, e si ki Nhu Kabésa bua-l na kósta krun! (36/21) 'Mal chegou a mulher à beira da cama, dobrando um pouco as costas, o senhor Kabésa saltou-lhe para as mesmas, zás!'
- Xalí ê un pádja <...>. E ta árma da parensia di kána, más n'omésmu ténpu ê differenti. (GG, Plantas medicinais, I 2/33) 'O xalí é uma planta medicinal <...>. Assemelha-se um pouco à cana, mas ao mesmo tempo é diferente.'
- N árma dura ku dizisti, pamódi N stába ku médu di nfluénsa negativu pa nhas koléga (Tomé Varela da Silva, mensagem eletrónica do 28-02-11) 'Demorei um bocado a desistir, porque temi que isso influenciasse negativamente os meus colegas.'

4.5.6.4.7 *pása ta fase*

O verbo santiaguense *pása* significa 'passar', sobretudo em relação ao espaço ('passar (por) um lugar'), ou ao tempo ('passar determinado tempo'):

- Kántu kabálu ta pása bera Djuzé, Djuzé buâ, munta kabálu, pega rédia ... (119/30) 'Ao passar o cavalo ao seu lado, Djuzé saltou, montou o cavalo e pegou nas rédeas ...'
- Mi N pása na mei di kes bitxus brábu, ninhun ka mexe ku mi... (189/14) 'Passei por entre aqueles animais bravos e nenhum mexeu comigo...'
- Na próva oral N pása mutu ben pasádu, sen djuda di ningen. (NL 24/7) 'Na prova oral, passei muito bem, sem a ajuda de ninguém.'
- Pása un ánu, dos ánu, ... (64/11) 'Passou um ano, passaram dois anos, ...'
- Anton, dexa-m sai na mundu, pa N odja si N ta átxa algun kábu ki ta agrada-m, pa N pása réstu di nha bida. (75/20) 'Então, deixa-me sair para o mundo e ver se encontro algum lugar que me agrade, para nele passar o resto da minha vida.'

O verbo *pása* pode ir acompanhado de complementos introduzidos pelas preposições (*de ...*) *pa ...*, quando se trata de indicar a passagem (de uma) a outra etapa:

Profesor pasa-l pa otu purgunta: ... (68/13) 'O professor colocou-lhe outra pergunta: ...'

Purmeru, es da kunpanheru ku pó; <...> Dipos es ta pása pa fáka o punhal, ... (57/1-3) 'Primeiro lutaram corpo a corpo; <...> Depois passaram às facas e aos punhais, ...'

O fase na perífrase verbal *pása ta fase* 'passar a fazer' lembra a função semântica do segundo destes complementos. A perífrase fala sempre da passagem da inexistência do fase à sua existência:

Nton, Djuzé pása ta pásá ténpu, so na kása di kel rei. (126/34) 'Então, o Djuzé começou a passar todo o seu tempo na casa daquele rei.'

Maridu pása ta toma so káldu galinha, galinha ku mása, kárni txubára ku bodéku, ... (38/11) 'O marido passou a comer só caldo de galinha, carne de galinha com puré de milho, carne de cabrito fêmea e macho, ...'

Más mudjer <...> pása ta da-l kumida normal. (53/5) 'Mas a mulher <...> passou a dar-lhe comida normal.'

Kes la sta ku bida, pamodi el <nha Bédja Fitisera> pása ta kre ku es. (266/39) 'Aqueles continuam vivos porque <nha Bédja Fitisera> se enamorou deles.'

E pur kázu d'es kontisiméntu li <...>, ki kel subidóna pása ta txomádu, ku ténpu, Gomisiánu. (57/7-8) 'Foi por causa daquele acontecimento que aquela subida íngreme passou, pouco a pouco, a chamar-se Gomisiánu.'

4.5.6.4.8 *po ta/na fase*

Há dois empregos gramaticalizados de *po*. Na perífrase verbal diatética *po fase* (cf. 4.5.4.2), *po* serve para introduzir, além do agente do *fase*, um instigador. Por outro lado, *po* funciona como auxiliar na perífrase *po ta/na fase*, de que tratamos neste parágrafo.

O verbo *po* 'pôr' do santiaguense prevê três argumentos: um agente que põe, um objeto que é posto e um lugar onde o agente deposita o objeto:

..., e'xinta na pónta poial, e'po mo na kexáda, ta pensa

si poku sórti. (54/11) '..., sentou-se no muro diante da casa, pôs a mão no queixo e refletiu sobre a sua pouca sorte.'

Mudjer, nton, po tudu ramédi di ládu. (38/9) 'Então, a mulher prescindiu de todos os remédios.'

O significado da perífrase santiaguense *po ta/na fase um kusa* 'pôr-se a fazer alguma coisa' parece-se com o da perífrase *pega ta/na fase* (cf. 4.5.6.4.9). Dentro da perífrase *po ta/na fase*, a função do verbo principal lembra a do complemento oblíquo de lugar onde é depositado o objeto do verbo *po*. Por seu lado, o sujeito da perífrase - geralmente um ser animado - assume simultaneamente os papéis de quem põe e do objeto posto. Não ocorre o mesmo nas perífrases correspondentes do português e do francês (cf. pg. *pôr-se a fazer alguma coisa* e fr. *se mettre a faire qc.*), nas quais o pronome reflexivo lembra a função do objeto depositado. Em todas estas perífrases surge, porém, a imagem de um sujeito que passa a determinado *fase*. Ao contrário do que vale para *po ta fase*, *po na fase* sugere que o sujeito executa a referida ação durante algum tempo, ou várias vezes (cf. 4.5.6.3).

Si mai po ta txora, ... (317/33) 'A sua mãe desatou a chorar, ...'

..., e'prosima di kel kusa galánti y ku pónta di si bára marmuleru, e'po ta rabida kel kusa. (246/3) '..., aproximou-se daquela coisa horrível e pôs-se a virá-la com a ponta da sua bengala de marmelo.'

Anton, e'kóre, fáxi, e'ba pega kel ómi di karneru, e'po ta konbersa ku el. (137/32) 'Correu então rápido, alcançou aquele homem do carneiro e começou a conversar com ele.'

Dja e po na kóre. (RS) 'Já se habituou a correr.'

..., e'po na rapára kel rapás ku rapariga. Pása un bokádu e'po na djobe badjadoris na pé. (74/15-16) '..., pôs-se a examinar o rapaz e a rapariga. Um bocado mais tarde, começou a observar os pés dos dançarinos.'

4.5.6.4.9 *pega ta/na fase*

Seguido de um complemento direto ou introduzido pelas posições *na* ou *di*, o verbo santiaguense *pega* significa 'pegar em, agarrar':

- ..., Máma-na-Buru pega si ástia di féru, e'mete-l na lumi. (92/7) '..., Máma-na-Buru pegou no seu bastão de ferro e pô-lo no lume.'
- ..., el pega di spedju, el límia Pedru dentu-l róstu, ... (312/1) '..., pegou no espelho e encandeou Pedru no rosto, ...'

Na perífrase *pega ta/na fase*, a função do *fase* lembra a dos complementos do verbo *pega*. E o significado da perífrase parece-se com o da perífrase *po ta/na fase* (cf. 4.5.6.4.8). O sujeito da perífrase costuma ser um ser animado que, mais ou menos de improviso, empreende a ação do *fase*. Ao contrário do que vale para *pega ta fase*, *pega na fase* sugere que o sujeito executa a referida ação durante algum tempo, ou várias vezes (cf. 4.5.6.3).

- Nton, kel Mariâ pega ta txora, ... (181/16) 'Então, aquela Maria desatou a chorar ...'
- Enton, pai dja pega ta fla minina: ... 'Então, o pai pôs-se a dizer à filha: ... (213/8)
- Dja e pega na kóre. (RS) 'Já se habituou a correr.'
- E'pega na máta tudu si limária p'el da maridu so liméntus fórti, ... (38/9) 'Passou a matar todos os seus animais, para dar ao marido só alimentos fortes,'
- Anhos, dja fase ónzi diâ, nhos ka ta ri, oxi ki txiga kel un rapás, dja nhos pega na ri go. (94/6) 'Há onze dias que vocês não riem e hoje, que chega este rapaz, de repente põem-se a rir.'

Quando, exceccionalmente, o sujeito não é um ser animado, trata-se de um uso metafórico:

- Oxi txuba dja pega na kai k'e ka kre dexa algen sai di ká-sa. (RS) 'Hoje, a chuva desatou a cair de tal forma, que não quer deixar as pessoas sair de casa.'

4.5.6.4.10 *bira ta fase*

O verbo santiaguense *bira* significa 'virar(-se)':

- Manel bira pa si mai, e fla-l: ... (318/3) 'Manuel virou-se para a sua mãe, para lhe dizer: ...'
- Béntu bebe, na fin e'xágua bóka, la undi e'bira p'el kuspi kel águ na txon, si mai fla: ... (383/7) 'O vento bebeu, para terminar enxaguou a boca e, quando se virou para cuspir aquela água no chão, a sua mãe disse: ...'

Como verbo de atribuição (cf. 4.4.2.3), o mesmo verbo *bira*, seguido de um complemento predicativo, significa 'ficar, tornar-se, vir a ser':

Agô, nos kabálu ta bira pé di laránja, amí N ta bira laranja [sic], abô bu ta bira ómi bédju ta bende laranja. (97/34) 'Agora, o nosso cavalo tornar-se-á uma laranjeira, eu tornar-me-ei uma laranja e tu tornar-te-ás um velho que vende laranjas.'

..., el kenta manteiga ti ki bira brumedju, ... (314/8) '..., aqueceu a manteiga até ficar vermelha, ...'

Xibinhu dja birába gordu y Lobu stába mágru. (437/2) 'Xibinhu já engordara e Lobu estava magro.'

Na perífrase verbal *bira ta fase*, a função do *ta* lembra a do complemento predicativo do verbo *bira*. A perífrase destaca o momento de passagem da inexistência à existência do *ta*. A este respeito, é sinónima da expressão verbal *komesa (ta) fase* (cf. 4.5.6.2). O sujeito pode ser um ser animado ou um objeto inanimado:

..., Djuzé buâ, munta kabálu, pega rédia ku lensinhu bránku, *komesa ta da ku spóra*, ku kel kaseti ki ta mula na béntu. Nton, kabálu bira ta kóre. (119/32) 'Djuzé saltou, montou o cavalo, pegou nas rédeas e no lencinho branco e começou a esporear o cavalo, a dar-lhe com aquele pau amolado pelo vento. Então, o cavalo pôs-se a correr.'

Pása ténpu, mudjer ki dja stába más ki borisedu ku kel situason, e'bira ta po ómi dentu, tudu noti ki maridu sai pa kásas di raparigas. (60/11) 'Passou algum tempo e a mulher, que já estava aborrecida por causa desta situação, deixou entrar um homem, todas as noites que o marido saia para as casas das suas amantes.'

..., e'odja Bisentinhu ta subi na skáda di terásu nhu Rei, e'bira ta treme sima bára berdi; ... (141/4) '..., viu o Bisentinhu a subir a escada do terraço do senhor Rei, começou a tremer como varas verdes;...'

Laguâ nbrabise ki bira ta kebra kránka más ki már, ... (192/1). 'O lago fez-se bravo, ficou com ondas maiores do que as do mar, ...'

4.5.6.4.11 *sai ta/na fase*

O significado do verbo santiaguense *sai* 'sair' prevê com-

plementos que informam acerca do espaço abandonado pelo sujeito e do espaço onde este chega:

Sinku óra di tárdi e sai di si kása na rua. (RS) 'Às cinco da tarde, saiu de sua casa para a rua.'

Na perífrase *sai ta/na fase*, a função do *fase* lembra a do complemento que designa o espaço de chegada do sujeito. Porém, a perífrase não fala de um movimento no espaço, mas de um sujeito - regra geral animado - que passa inesperadamente a determinado *fase*. Ao contrário do que vale para *sai ta fase*, *sai na fase* sugere que o sujeito vai executar a referida ação durante algum tempo, ou várias vezes (cf. 4.5.6.3).

Mininus sai ta kóre dipos di almosu. (RS) 'Depois do almoço, as crianças puseram-se a correr.'

Kel dia, Luisa dizaparse. Tóni, na si dizuspéru, sai ta ánda di kuártu pa kuártu pamodi e ka pode kreba ma si mudjer dexába-el. (RS) 'Naquele dia, Luisa desapareceu. Tóni, no seu desespero, começou a percorrer os quartos da casa, porque não podia crer que a sua mulher o abandonasse.'

Bon, N po nha balai di kárni na kabésa, N sai ta bende. (NL 53/12-13) 'Bem, pus o cesto de carne na cabeça e comecei a vender.'

Mininus dja sai na kóre dipos di almosu. (RS) 'As crianças já ganharam o hábito de correr depois do almoço.'

Dja e sai na studa. (RS) 'Já começou a estudar a sério.'

E sai na kume ki ê un kásu sériu. (RS) 'Começou a comer em excesso.'

E sai na rebenta tudu kusa dentu-l kása. (RS) 'Começou a partir tudo, em casa.'

Mal e'da rinkáda, kusas sai na kunpánha-l [sic]. (245/19) 'Mal empreendeu o caminho, os fantasmas puseram-se a acompanhá-lo.'

Existe um emprego impessoal da perífrase com um sujeito inanimado:

Dja sai na fase béntu. (RS) 'Já começou a fazer vento.'

4.5.6.4.12 *labánta na fase*

Eis um emprego prototípico do verbo santiaguense *labánta* 'levantar(-se)':

Nha Bédja Fitisera toma bindi y el ba panha águ. Más tudu bes ki el murgudja bindi na águ, el labanta-l bazíu (291/16) 'Nha Bédja Fitisera tomou a cuscuzeira [um recipiente com buracos para a preparação do cuscu] e foi buscar água. Mas, sempre que mergulhava a cuscuzeira na água, levantava-a vazia.'

A perífrase *labánta na fase* exprime que um sujeito - regra geral animado - passa a executar a atividade do *fase* durante algum tempo, ou repetidamente. Não conseguimos averiguar nenhuma diferença semântica de peso entre *labánta na fase* e o *sai na fase*, de que tratamos em 4.5.6.4.11.

Dja e labánta na kóre. (RS) 'Entretanto, já corre muito.'
Dja e labánta na studa. (RS) 'Já começou a estudar a sério.'
Mudjer da kósta, ómi labánta na kume banána. (65/23) 'A mulher voltou as costas e o homem começou a comer bananas.'
N ka sabe pamodi ki mos la dja labánta na bebe si. (RS) 'Não sei por que é que aquele moço começou a beber tanto.'
Nu ten ki konpo pórtá di nos kása purki dj'es labánta na furta otu bes. (RS) 'Temos de reparar a porta da nossa casa, porque recomeçaram a furtar.'
Es dia, béntu dja labánta na fase ki e sa ta báza midju na txon. (RS) 'Hoje, o vento começou a soprar de tal forma, que está a vergar o milho.'

4.5.6.4.13 *fika ta fase*

O verbo santiaguense *fika* 'ficar' prevê um complemento oblíquo de lugar ou de estado:

Máma-na-Buru fika dentu di inférnu dés diâ. (93/21) 'Máma-na-Buru permaneceu dez dias dentro do inferno.'

Na perífrase verbal *fika ta fase* 'ficar a fazer', a função do *fase* lembra a função desse complemento. A perífrase indica que, a partir do momento visado, o *fase* corresponde ao sujeito da frase. Só o contexto pode esclarecer se já lhe correspondia anteriormente ou não:

Kántu bai ti té, rapariga fika el so ta bádja: rapásis ku kelotus rapariga dja xinta fépu ... (74/5) 'Depois de algum tempo, só a rapariga ficou a dançar: os rapazes

e as outras raparigas já se tinham sentado todos ...'

Méstri flába ómi ma kel óra ki mudjer txoma-l ki e'ka kudi, pa e'fika ta rapára kusé ki mudjer fika ta fase. (257/12) 'O curandeiro dissera ao homem que, quando a mulher o chamasse e ele não respondesse, que ficasse a observar o que faria a mulher a partir de aí.'

Nton kelóra tánbe soldádi fri kabálu, es kóre, kóre, es fika ta bai ka pé na txon ka pé na téra, ... (LS 33/10) 'Então, os soldados esporearam também os seus cavalos e estes correram e correram, sem tocar a terra com os cascos, ...'

Na fin di tudu, nhos ta da prispi kel papel li p'el fika ta sabe tudu. (385/23) 'No final de tudo, vocês entregarão este papel ao príncipe, para que fique a saber tudo.'

No fim das suas histórias, os narradores de contos caboverdianos gostam de derivar determinados costumes ou inventos conhecidos do seu auditório, de algum particular da sua história. Fazem-no frequentemente, recorrendo à perífrase fika ta fase:

Kárni <di Dorádu d'Oru> podu na jilera, ki ka ten jilera pa po kárni! Kárni podu na láta, ki fika kárni di láta ta uza ti enton. Kárni di láta, ki inda oxi ta rena, e so kárni di Dorádu d'Oru! (230/11) 'A carne <desse terrível boi de nome Dorádu d'Oru> foi posta nas geleiras, mas não havia geleiras em número suficiente! Então, pôs-se a carne em latas e, desde então, temos carne em lata. A carne em lata, que ainda hoje temos, é toda carne de Dorádu d'Oru!'

E di li ki limária fika ta fasedu tornel ta podu na kabé-sa, di manera ki kórda e na tornel - so busu! (133/29) 'Desde então que aos animais se faz um laço que se lhes põe na cabeça, de maneira que a corda forma um laço - é só tirar!'

Nhu prispi káza ku si Mariâ di Pó. Matádu buru pa katxor, purki otu kárni ka ta sirbiba. Buru éra txeu dimás! Ki fika inda katxor ta kume buru. (221/10) 'O senhor príncipe casou com a sua Maria di Pó. Mataram-se burros para <que comessem também> os cães. Sobrava muita carne de burro. E, de facto, ainda hoje os cães comem carne de burro!'

Es [pásus] dixi, es kume. Ómi manxe so osu, ki fika ta atxádu osu na txáda! (202/13) 'Os pássaros desceram e comeram <o homem morto>. O homem amanheceu feito ossos e, desde então, encontram-se ossos na paisagem.'

Parece lógico que uma perífrase aspetual que indica a entrada em existência de um estado de coisas junte o verbo principal ao auxiliar, por meio da partícula imperfetivadora *ta*. Isto é válido até nos casos onde o verbo principal é um verbo de estado, que normalmente não precisa de *ta* para se referir ao presente (cf. mais uma vez: ... *p'el fika ta sabe tudu*, apesar do exposto em 4.4.1.1). Observam-se, porém, exceções a esta regra:

E'ta kume ki nu ta fika debe-l obrigason! (38/15) 'Come tanto, que temos de lho agradecer!

Es, kuzinha, es fika ka kuzinha, pamó tudu diâ, mós tá [= ta bá] primeru, e'ta komesa kemá-s. (155/16) 'Quanto a cozinhar, <os animais> continuaram a não cozinhar, porque todos os dias o rapaz foi primeiro e começava a queimá-los [os animais].'

Não existe nenhuma perífrase *fika (di) fase*. *Fika (di) fase* significa simplesmente 'comprometer-se a fazer alguma coisa':

E fika (di) ben. (RS) 'Comprometeu-se a vir.'

... N fika di mánda buskádu d'Inglatéra pa N ba káza k'un prispi. (342/5) 'Acordou-se que mandariam alguém de Inglaterra para me buscar, para que eu vá casar com um príncipe.'

4.5.6.4.14 *sta ta/na fase*

Para a perífrase *sta pa fase*, remetemos o leitor para o parágrafo 4.5.6.4.2.

Após o verbo santiaguense *sta*, que costuma situar um sujeito no espaço, no tempo, ou em algum estado, segue frequentemente um predicado nominal introduzido pela preposição *na*, ou um predicado adjetival que designa um estado:

Djánta dja sta na mésa ... (51/13) 'O jantar já está na mesa ...'

E'txiga, e'deta, e'fase m'el stá na sónu. (137/2) 'Chegou, deitou-se e fez de conta que dormia.'

Kumida dja sta pruntu ... (35/17) 'A comida já está pronta ...'

... si mai sta parida nóbu, ... (95/7) '... a sua mãe acaba de dar à luz, ...'

A designação de tal estado pode ser confiada a um verbo com sujeito próprio:

E'sta soris ta báza ... (197/2-3) 'Está alagado em suor ...'

N sta korpu ta treme, ... (NL 37/25) 'O meu corpo está a estremecer, ...'

Quando o sujeito do segundo verbo coincide com o de *sta*, parece lícito falar em perífrase verbal: a função do *fase* lembra, então, a dos complementos predicativos do verbo *sta*:

..., e'volta pa kása kétu, e'entra na kuártu d'el ku si mudjer, e'átxa mudjer ta po-l kornu. Ómi ki stába na po-l kornu, labánta di káma, pánha si ropa, perde na ténpu. (60/19) '... voltou silencioso a casa, entrou no quarto dele e de sua mulher e surpreendeu a mulher a pôr-lhe os cornos. O homem que estava a pôr-lhe os cornos levantou-se da cama, apanhou a sua roupa e desapareceu.'

E'ba na si fidju k'el stába ta mamánta, ... (177/6) 'Foi para o seu filho, que ela <ainda> amamentava, ...'

A afinidade da perífrase verbal com as construções anteriormente mencionadas resulta particularmente evidente, quando o verbo principal, neste caso sempre introduzido por *na*, vai acompanhado de determinantes nominais:

E'ta mete bindi n'águ, intxi; e'subi ku el pa riba, sta baziu. E'torna. E'sta na kel un pánha águ. (303/23) 'Meteu a cuscuzeira [recipiente com buracos, para a preparação do cuscuz] na água; levantou-a, estava vazia. Repetiu. Estava ocupada neste apanhar de água.'

Como mostram os nossos exemplos, a perífrase *sta ta/na fase* indica que o *fase* começa antes e continua depois do momento de observação. O seu significado é, pois, 'durativo', como o do ingl. *to be doing something*, do al. *dabei sein, etwas zu tun*, do fr. *être en train de faire qc.*, do esp. *estar haciendo algo*, etc. A perífrase *sta ta/na fase* entra, assim, em concorrência com a forma verbal simples *sa ta fase*, que também indica duratividade (cf. 4.3.4). Em vez de Ómi ki stába na po-l kornu, ..., o narrador podia ter dito Ómi ki sa ta poba-el kornu, ...

De acordo com o seu significado claramente imperfetivo, o verbo principal da perífrase junta-se invariavelmente por meio da partícula imperfetivadora *ta* ou a preposição *na* ao auxiliar (cf. 4.5.6.3). Onde faltar este *ta* nos textos escritos trata-se, na realidade, não de *sta*, mas de *s'ta* (= *sa ta*):

O Bulimundu, *dexa-m muntá-bu, pamó N sta [= s'ta] lebá-u pa palásiu di nhu rei, pa'u ba kazá k'vakinha mánsa!* (235/8) 'Ó Bulimundu <um touro bravo>, deixa-me montar-te, porque te estou a levar ao palácio do senhor Rei, para que cases com uma vaquinha mansa.'

Kabalihu *tene sede, ma pamódi e'ka sta [= s'ta] bebe?* (166/35) 'O cavaleiro tem sede, mas por que é que não bebe?'

Estas grafias erradas confirmam a afinidade semântica entre *sta ta fase* e *sa ta fase* e remetem para a origem da sequência *sa ta* (cf. Lang 2009: 2.2.3.5, p. 168).

Outros exemplos do uso da perífrase:

..., *N sta ta toma suador...* (42/29) 'Estou a tomar um banho a vapor...'

..., *es sta so na kóre trás di kumida pa kabésa.* (31/22-23) '..., estavam continuamente ocupados a procurar comida para a cabeça.'

Komu *kaxór ka mexe ku el y nen e'ka stába ta liga-l inportánsia, rapás sai di kaminhu, entra na lugár, e'torna toma kaminhu, ...* (243/7) 'Visto que o cão não se meteu com ele e nem sequer lhe prestou atenção, o rapaz afastou-se do caminho, entrou no campo e <mais adiante> voltou a tomar o caminho.'

..., *nhu rei ku nha rainha soma na baránda, e konta kabésa ki stá la ta ben, ...* (LS 27/3) 'O rei e a rainha assomaram-se à varanda, [o rei] contou as cabeças que estavam lá a aproximar-se.'

Em poucos casos encontramos *sta dentu ta fase*, em vez de *sta ta fase* ou *sta na fase*:

..., *pamódi el sabeba ma si planéta stába dentu ta kába.* (133/3-4) 'Porque sabia que o seu fim estava a chegar.'

4.5.6.4.15 *bá ta fase*

Em santiaguense, o verbo que corresponde ao português *ir* apresenta duas variantes curtas *bá* ['ba] e *ba* ['bɐ] e outra mais comprida *bai* ['bɛi]. Houve várias tentativas de apurar a distribuição das variantes curtas e da variante comprida (cf. Brüser et al. 2002: s.v. *bá*; Quint 2010: 39; Lopes 2014: 71). É certo o que todos estes autores afirmam: em final de frase ou diante de pausa, só ocorre *bai*. Mas pode-se ir um pouco mais longe. No final deste parágrafo, teremos ocasião de acrescentar outras informações a respeito da distribuição das variantes *bai* e *bá~ba*.

Bai 'ir' é o antónimo do verbo *ben* 'vir'. É frequente que a meta do movimento indicado por *bai* se explicita por meio de um complemento:

Mudjer, rei di prokupádu ku midjóra di si maridu ki ka sa ta txiga, e'ba kása sáibu. (38/17) 'A mulher, muito preocupada com as melhoras do seu marido que tardavam em chegar, foi a casa de um sábio.'

Anton, dipos di kebra-ndjudjun di otu diâ, mudjer ba na maridu, e'konsedja-l: ... (31/24) 'Depois do pequeno almoço do dia seguinte, a mulher dirigiu-se ao marido e aconselhou-o: ...'

Esta meta pode consistir numa ação a executar noutro lugar:

Profesor manda-l ba xinta. (68/20) 'O professor mandou-lhe que se fosse sentar.'

Pása ténpu, rapás ba pása un tárdis la kása ménbra. (51/9) 'Depois de algum tempo, o rapaz foi passar uma tarde na casa da <sua> namorada.'

Parece coerente que, nestes casos, o segundo verbo se junte diretamente ao verbo *bá~ba*, visto que o conjunto apresenta claramente uma visão exterior da ação-meta.

Pelo contrário, na perífrase verbal *bá ta fase* 'ir fazendo', o observador acompanha durante algum tempo o *fase* de um sujeito animado ou inanimado. Trata-se portanto de uma perífrase progressiva onde, logicamente, o verbo principal vai sempre precedido do *ta* imperfetivador:

Es briga na kel stilu antigu: Purmeru, es da kunpanheru ku pó; dipos ku punhal. <...> Si es bá ta briga, óra manduku, óra punhal, ti k'es ka pode más, ... (57/4) 'Combateram à moda antiga: Primeiro, lutaram com paus, depois lutaram com punhais Assim foram combatendo, agora com paus, depois com punhais, até não poderiam mais, ...'

Entritántu, maridu <...>, bá ta nota diferénsa na mudjer: ... (60/13) 'Entretanto, o marido <...>, ia observando algumas diferenças na <sua> mulher: ...'

Kel prága ki mai di Bránka-Flor pidiba-es, pega. Nton, Djuzé ba ta disgosta di Bránka-Flor. (126/32) 'Aquela praga, que a mãe de Bránka-Flor tinha lançado contra eles, deu resultado. Portanto, Djuzé ia deixando de gostar de Bránka-Flor.'

Ben, e'ba ta kría, dibáxu di se padrinhu, ... (163/22) 'Bem, foi-se criando sob a proteção do seu padrinho, ...'

Si, bá ta pása, bá ta pása, mudjer ka ta da ómi almusu nun diâ, pamódi kortaméntu bariga. Y ómi bá ta pása diâ na si kanéka di águ y mandióka kru. (41/12-13) 'Assim, o tempo ia passando, ia passando, sem que a mulher preparasse alguma vez algum almoço para o homem, sob o pretexto de dores de barriga acompanhadas de diarreia. E o homem ia passando os dias a beber uma caneca de água e a comer mandioca crua.'

Há exemplos onde a perífrase *bá ta fase* designa um movimento no espaço. Poder-se-ia cair no erro de pensar que estamos ante uma etapa intermédia entre o verbo de movimento *bai* e o auxiliar a que deu origem. Mas não há tal etapa intermédia: é sempre o verbo principal que nestes casos exprime um movimento no espaço, não o auxiliar:

E'karapáti na figera, e'subi, e'bira ta tra mo-mo, e'ta soti na bóka! Na laskadésa di kume figu, e'bá ta txiga na pónta rámu, sen k'el da kónta. (62/11) 'Agarrou-se

à figueira, subiu e começou a arrancar mãos-cheias <de figos>! Na sua avidez de comer figos, foi chegando à ponta do ramo, sem se dar conta.'

..., nhos pode bá ta bai, anos nu ta pára, nu ta diskánsa y dipôs nu ta bolta pa nos kása. (LS 29/23) '..., vocês podem ir indo, nós paramos, vamos descansar e depois voltaremos a nossa casa.'

..., e'dexa uns lásu na kaminhu. Kántu Lobu bai, Lobu bá ta kai na kel lásu. E'kai na un, go e'kai na kelotu. Fika inda un. (153/12) '..., deixou alguns laços no caminho. Quando Lobu foi, ia caindo naqueles laços. Caiu num, caiu no outro. Ficava ainda um.'

Anton es kontínua viáji. Es ba ta pása na un aldeia, un gálu da rinkáda pa mudjer, kánta:
 - Ka-kulé-kulé-ko ... Mudjer, kusé nha tene na kósta?
 Mudjer ka liga y es bá ta bai. (37/1-4)
 'Então, continuaram a sua viagem. Estavam a passar por uma aldeia, quando um galo saiu ao encontro da mulher a cantar:
 - Ka-kulé-kulé-ko ... Ó mulher, o que é que a senhora leva nas costas?
 A mulher não ligou e foram indo <foram fazendo o seu caminho>.'

Existe um emprego impessoal da perífrase *bá ta fase*:

É si ki, bá ta bai, bá ta bai so si, e <boi Barikuba> máta kuási tudu kel algen ki ta morába na kel lugar, ... (LS 23/9) 'Foi assim que <o boi Barikuba> matou, pouco a pouco quase todas as pessoas que viviam naquele lugar, ...'

Comprovámos em centenas de exemplos que o auxiliar da perífrase progressiva *bá ta fase* soa sempre *bá* ou *ba*, e nunca *bai* (cf. os exemplos que precedem). Isto não significa que não possam ocorrer sequências do tipo *(ta) bai ta + verbo*. Só que nestes casos não se trata nunca da perífrase, pois uma análise cuidadosa revela que, neles, *bai* descreve sempre um movimento no espaço:

Bu meste ránja un moráda fiksu pa bu ka fika sénpri ta bai ta ben. (RS) 'Tens de arranjar uma morada fixa, para não ficares sempre a ir e a vir.'

Adriánu, kántu e'ká konfesa nhu rei, e'ba si kaminhu, e'bai ta ri ... (377/15) 'O Adriánu, quando acabou de se confessar ao rei, foi-se embora e caminhou a rir-se ...'

Es bai ta konbersa y kuáundu es txiga pértu palásiu, Mininu Bédju konko Manel n'onbru, fla-1: ... (325/13) 'Caminharam a conversar e, quando chegaram perto do palácio do rei, o Mininu Bédju bateu nas costas do Manel e disse-lhe: ...

Si, es ta bai ta toka, es ta bá ta txiga pértu kása di nha. (39/7) 'Desta forma, [os músicos] caminharão tocando e chegarão pouco a pouco perto de sua casa.' (Aqui, a expressão de movimento no espaço compete ao *bai*, na primeira oração, e ao *txiga* na segunda oração, mas não ao *bá* da perífrase progressiva *bá ta txiga*).

Tais casos deixam entrever quão longe da verdade podem ir os linguistas que se fiam nas contagens automáticas.

4.5.6.4.16 pára (di/ku) fase

Tal como o seu predecessor português *parar*, o verbo santiaguense *pára* 'parar' admite empregos transitivos e intransitivos. E pode tratar-se de uma paragem no espaço ou no tempo:

Kántu e'ta pása na Ribon Xikêru, e'átxa txoru fitxádu na un kása la. Ómi pára, purgunta kusé ki kontise. (255/17) 'Quando passou por Ribon Xikêru, havia lá choro coletivo. O homem parou e perguntou o que é que se passava.'

..., el pára kabálu na mei di kánpus érmu. (321/25) '..., parou o cavalo no meio do campos ermos.'

Nhos pára djogu. (103/35) 'Parem o jogo!'

Nos empregos pessoais da perífrase *pára (di/ku) fase* 'parar de fazer', a função do *fase* lembra a do complemento direto do verbo *pára*. Nos empregos impessoais, mais raros do que os pessoais (cf. o último exemplo dos que se seguem), lembra a do sujeito do verbo *pára*. Em ambos os casos, a perífrase indica o cessar do *fase* de um sujeito animado ou inanimado:

..., e'po sáku na txon, e'báza xuxus ástia. Xuxus ta gritába dja ki éra feiu kusa di obi. Kántu xuxus pára ku grita y geme, e'abri si sáku, e'sakudi-s na txon. (76/25) '..., pôs o saco no chão e bateu com o bastão nos diabos <que estavam no saco>. Quando os diabos pararam de gritar e gemer, abriu o seu saco e mandou-os para o chão.'

Ómi, enbóra karneru pára ku nbera, e'kontínua buska. (139/13) 'Apesar de o carneiro parar de berrar, o homem

continuou a procurar [procurá-lo].'
 Nton, e'pára síbia y e'bai, kétu-kétu, p'el ba spánta ka-
 txór.(242/18) 'Então, deixou de assobiar e foi muito
 silencioso assustar o cão.'
 Kántu e'obi Xibinhu fla si, e'pára kume, e'pensa: - ...
 (434/1) 'Quando ouviu Xibinhu a dizer isto, deixou de
 comer e pensou: - ...'
 ... si bóka, ki prinsénsa ka ta parába di beja. (462/26-
 27) '... a sua boca, que a princesa não se cansou de
 beijar.'
 Dja pára txobe. (RS) 'Já deixou de chover.'

As variantes *pára fase*, *pára di fase* e *pára ku fase* pare-
 cem ser rigorosamente sinónimas.

4.5.6.4.17 *dexa di fase*

O verbo transitivo *dexa* 'deixar' fala sempre de uma dis-
 tância que surge, ou se mantém, entre o que funciona como seu
 sujeito e o que funciona como seu complemento direto:

E'pega na máta tudu si limária p'el da maridu so liméntu
 fórti, pa maridu pode fortifika fáxi, pa duénsa dexa-
 l. (38/11) 'Passou a matar todos os seus animais, para
 dar ao <seu> marido só alimentos fortes, para que a
 doença o deixasse.'
 ..., N ta ba buska kel kabálu ki papá dexa la ... (111/31)
 'Vou buscar aquele cavalo, que o papá deixou lá ...'
 Nhu Rumáldu, nhu Rumáldu, nhu kume-m tudu, nhu Rumáldu!
 ... Ka nhu dexa náda, nhu Rumáldu! (86/18) 'Senhor Ru-
 máldu, senhor Rumáldu, coma-me todo, senhor Rumáldu!
 ... Não deixe nada, senhor Rumáldu!'

Como auxiliar, *dexa* faz parte de duas perífrases verbais:
 da perífrase verbal diatética *dexa fase* (cf. 4.5.4.4) e da pe-
 rífrase verbal aspetual *dexa di fase* 'deixar de fazer', objeto
 deste parágrafo.

Na perífrase aspetual, a função do *fase* lembra a do com-
 plemento direto do verbo *dexa*. A perífrase indica o cessar do
fase de um sujeito animado ou inanimado. Ilustramos o uso des-
 ta perífrase por meio de uma das histórias de Nastási Lopi:

Dexa di dexa

- Ui! Ui, senhor dotor! Ka nhu kálka si náu! Ka nhu kálka sa ta due-m!

- Obi li Nastási, abo parse-m ma kuza ki N mandá-u pa'u faze bu ka faze!

- E, Sor Dotor, tudu kusa ki nhu manda-m fase N fase!

- Náu, bu ka fase, pamo bo bu sta piór di kel otu bes ki'u binha konsultába li, á sinku simána trás! Abo afinal, primera simána kus'ê ki N flába-bo pa'u fase?

- E, nhu fla-m pa N ... nhu fla-m pa N dexa di bebe, N de-xa di bebe própi.

- 'Sugundu sumána?

- Sugundu sumána nhu fla-m pa N dexa di fuma, N dexa di fuma.

- Tirsera sumána?

- Tirsera sumána nhu fla-m pa N dexa di perde noti, N dexa di perde noti própi. Ago prublema ago ê ki kuárta sumána nhu ka fla-m náda, nhu fla-m pa N ben na kinta sumána li otu bes ki dja N ben, di maneras ki mi, na kuárta simána, komu dja N stába nbaládu na dexa, pa N ka fika sen dexa, N dexa di dexa.
(NL 54/3-26)

'Deixar de deixar

- Ui! Ui, senhor doutor! Não pressione assim, não! Não pressione, que me dói!

- Ouve, Nastási, tu, parece-me que não fizeste o que te mandei fazer!

- Eh, doutor, eu fiz tudo quanto me disse que fizesse!

- Não, não fizeste, porque estás pior do que da última vez que vieste a uma consulta comigo, há cinco semanas. Tu, então, na primeira semana, o que é que eu te tinha dito que fizesses?

- Bem, o senhor disse-me que ..., disse-me que deixasse de beber e eu deixei mesmo de beber.

- E na segunda semana?

- Na segunda semana, o senhor disse-me que deixasse de fumar e eu deixei de fumar.

- E na terceira semana?

- Na terceira semana, o senhor disse-me que deixasse de fazer noitadas e eu deixei mesmo de fazer noitadas. Bem, o problema foi que em relação à quarta semana o senhor não disse nada, disse <simplesmente> que voltasse cá na quinta semana, o que já fiz. Assim sendo, na quarta semana, como já estava embalado no deixar, para que não ficasse sem deixar, deixei de deixar.'

A perífrase *dexa di fase* pode também indicar o cessar de um estado:

Enton, Bulimundu fika ton kontenti ku kel kantiga di rapazinhu, Bulimundu dexa di ser kel boi máu, e'báxa, rapazinhu pasa-l kel uma kórda na piskós, ben marádu. (235/4) 'Então, o Bulimundu pôs-se tão contente a escutar aquela cantiga do rapaz, que deixou de ser aquele boi mau, baixou-se e o rapaz passou-lhe uma corda em redor do pescoço, bem apertadinha...'

A perífrase admite também empregos impessoais, onde a função do *dexa* lembra a do sujeito do verbo *dexa*:

Dja dexa di txobe. (RS) 'Já deixou de chover.'

Por vezes, omite-se a preposição *di* entre o auxiliar e o verbo principal:

..., e'[Adriánu] entra dentu káza rei (rei detádu). Rei ten un kubérta di oru k'e'ta kubri, el ku kriáda. E'bai pa ládu kriáda, e'puxa kubérta si, xiu! Rei fla si:

- Kriáda, dexa puxa-m kubérta! (375/26)

'..., entrou na casa do rei (que estava deitado). O rei tinha uma coberta de ouro que servia para o cobrir a si e à criada. <O Adriánu> Foi pelo lado da criada e puxou a coberta assim, fru! O rei disse então:

- Criada, deixa de puxar a coberta!'

Terminamos citando uma expressão idiomática, na qual figura a perífrase *dexa di fase*:

E'fika la mutu satisfetu, ta konta mai ku pai módi ki bai, módi ki dexa di bai. (305/14) 'Ficou lá muito satisfeito, a contar à mãe e ao pai como foi tudo aquilo.'
El, kántu el ben txiga na káza, k'e'konta si pais <...>

módi k'e'pása, módi k'e'dexa di pása, ... (342/13)
'Quando finalmente chegou a casa e contou aos seus pais <...> todas as aventuras pelas quais tinha passado, ...'

4.5.6.4.18 *torna fase*

O verbo santiaguense *torna* não tem (ou já não tem?) o significado de 'voltar (atrás)', que o seu étimo português continua a ter. É justamente o verbo *volta* que, em santiaguense, traduz esta aceção do português *tornar*. (O [v] inicial do crioulo *volta*, em vez do [b] que era de esperar, poderia significar que se trata de um empréstimo relativamente recente do português.) O santiaguense *torna* conserva, porém, os usos como verbo de atribuição (cf. 4.4.2.1) a introduzir predicativos nominais, herdados do seu étimo português:

Póbrí torna duenti! (RS) '<Agora> o pobre <ainda por cima> ficou doente!'

Ladron torna asesinu! (RS) '<Agora> o ladrão <ainda por cima> tornou-se assassino!'

E, de facto, trata-se muitas vezes, nestes usos, de um regresso a um estado anterior:

Kel fuliádu na már, módi k'e'ta torna bibu? (161/27) 'Como poderia ficar vivo quem foi atirado ao mar [num saco bem atado]?'

O uso de longe mais frequente do verbo santiaguense *torna* é, porém, aquele em que funciona como verbo auxiliar na perífrase verbal *torna fase* 'tornar a fazer, voltar a fazer'. Esta indica globalmente repetição de um processo, ou volta a um estado anterior. Não surpreende que tal perífrase - simultaneamente egressiva (*di*) e ingressiva (*pa*), e não durativa (*na*), nem imperfetiva (*ta*) - não requeira a intervenção de nenhum destes elementos, entre o auxiliar e o verbo principal. A função do *fase* nesta perífrase lembra a do predicado nominal do verbo atributivo *torna*, precisamente naqueles casos que falam da volta a um processo/estado anterior:

Repetição de um processo:

- Un bes, mudjer di un ómi ki es tenba so un fidju fémia móre. <...>. Pása ténpu, ómi torna kása! (178/4) 'Uma vez morreu a mulher de um homem. Tiveram só uma filha. <...>. Depois de algum tempo, o homem voltou a casar.'
- E'bai na póti, e'ta intxi kanéka d'águ, e'ta báza na póti, e'ta torna intxi e'ta torna báza na póti, uuupu! (87/15-16) 'Foi ao pote, encheu a caneca de água e verteu-a no pote, encheu-a de novo e voltou a esvaziá-la, oops!'
- Anton, kelóra torna da-l kel uma somelhánti dór di bariga! Maridu txiga n'el. E'fla-l:
- E dór di bariga inda más grándi ki kel ki N tenba. (179/16) 'Então, imediatamente, voltou a dar-lhe uma tal dor de barriga! O marido aproximou-se dela. Ela disse-lhe:
- É uma dor de barriga ainda maior do que aquela que tinha.'
- ... , e'ten tres noti di fiu ta toka <fláuta> un bes, ti manxe. Óki manxe, e'ta pára. Meia-noti, e'ta torna ko-mesa. (160/15) 'Estive três noites seguidas a tocar <flauta>, até amanhecer. Quando amanhecia, parava. À meia-noite, voltava a começar.'
- N kré, N gosta ... Más N ta kume poku ... Gentis dimira, más es pensa m'el ta tornába sirbi. (51/22)
'- Quero, gosto ... Mas costume comer pouco As pessoas admiraram-se, mas pensaram que voltaria a servir-se.'

Repetição de um estado:

Duzi óra es ben. Kel rapazinho dja kába nborka kel kóbri na bóka. Dja, es torna fika ku fómi. (92/3) 'Às doze horas vieram. Mas aquele rapaz já tinha acabado de deitar o conteúdo daquele caldeirão de cobre na boca. De maneira que ficaram de novo com fome.'

São especialmente interessantes os casos nos quais verbos do tipo *volta*, *ripiti*, *lenbra* ou *fitxa pórtá*, que significam ou implicam regresso (ou mesmo repetição), ocupam o lugar do verbo principal, nesta perífrase. Pois estes exemplos não indicam necessariamente que haja uma segunda volta atrás, uma segunda repetição, um segundo fechar. A simples volta ao estado inicial já se considera um *torna fase*:

... , purki nha palavra sénpri éra ki N ben pa N torna voltába rápidu ... dja N bai! (342/24) '...., porque

sempre disse que vim <aqui> para voltar rapidamente <lá> ... E já vou!'

Ómi torna volta pa purgatóri. Kántu guárda abri pórtá, e'fla-l:

- Dja N fla-nho m'e ka li!

E' torna fitxa. (77/6-8)

'O homem regressou ao purgatório. Quando o guarda abriu a porta, disse-lhe <ao homem>:

- Já lhe tenho dito que não é aqui!

E fechou <a porta>.'

Nha ripiti-m inton kel konbersu ki nha papiába ku mi inda góra!

Kel mudjê torna ripiti-l na mánsu. (316/4)

'A senhora repita-me então aquilo que me acaba de dizer!

A mulher repetiu-o com calma!'

E'da kuátu pa sinku pásu, e'torna lenbra:

- Kusa ka mexe ku bo, ka bu mexe-l! (243/15)

'Deu quatro ou cinco passos e recordou:

- Se o fantasma não se meter contigo, não te metas com ele!'

Deixando o *torna* destes exemplos por traduzir, as nossas traduções chamam a atenção para o uso redundante, mas usual, da nossa perífrase com tais verbos.

Não surpreende muito que o verbo principal de uma perífrase verbal que expressa a repetição de determinado *fase*, já mencionado anteriormente, se omita de vez em quando:

E'ta mete bindi n'águ, intxi; e'subi ku el pa riba, sta baziu. E'torna <mete bindi n'águ>. (303/23) 'Mergulhava a cuscuzeira [recipiente para fazer cuscuz, que tem buracos] na água; retirava-a da água e estava vazia. Repetiu <a ação>.'

Lobu pergunta-l:

- Kabitinhu, undi bu mai?

Kabritinhu fla:

- Nha mai N djobe-l, e'móre.

Lobu torna <pergunta-l>:

- Kabitinhu, undi bu pai? (450/15)

'Lobu perguntou-lhe:

- Cabritinho, onde está a tua mãe?

O cabritinho disse:

- A minha mãe? Procurei-a, mas morreu.

O Lobu voltou à carga:

- Cabritinho, onde está o teu pai?'

4.5.7 Perífrases verbais de *taxe*

4.5.7.1 Generalidades

A maior parte das perífrases do santiaguense apresentadas até agora imitam modelos portugueses e podem ser de criação relativamente recente. Pelo contrário, as que apresentaremos em 4.5.7, e que chamamos '*de taxe*' (cf. 4.5.3), carecem de modelos portugueses. Parece que imitam modelos que se encontravam na língua que falavam a maioria dos africanos que criaram o crioulo caboverdiano e, nomeadamente, o santiaguense: o wolof (cf. Lang 2009: 2.2.3.12).

A categoria verbal da *taxe* (do 'tempo relativo') funciona nas línguas que dispõem de formas verbais específicas para exprimir 'anterioridade', 'simultaneidade', ou 'posterioridade' (cf. 4.3.5.1). No sistema das formas verbais simples do santiaguense, existem as formas em *-ba* para expressar 'anterioridade' (cf. 4.3.5). No seu sistema verbal perifrástico, existem pelo menos duas perífrases que expressam 'posterioridade' (cf. a seguir 4.5.7.2 e 4.5.7.3).

4.5.7.2 *kunsa fase*

O santiaguense *kunsa* remonta ao verbo português *começar*. Porém, na atualidade, *kunsa* sobrevive apenas como auxiliar, na perífrase *algen/algun kusa kunsa fase algun kusa*. Esta restrição do uso de *kunsa* é relativamente recente. Em finais do século XIX, *kunsa* podia ainda exercer as funções que entretanto passaram para *komesa*, empréstimo, ao que parece, mais recente do português. Assim, numa carta dirigida a Adolpho Coelho, impressa pela primeira vez em 1880, um habitante de Santiago usa *kunsa* (grafiado *cumçâ* ou *cunçâ*), primeiro na perífrase de que estamos a tratar e logo depois como sinónimo do *pg. começar*:

Nha estimado armun: En rêcêbê carta di nhô, qu'in fica munto contente con êl, e pan fazê nhô bontade en tâ cumçâ skrebê nhô na criôlo. Primêro nobidade qu'in tâ dâ nhô ê cumâ C. mâ tâ recitâ quês berços di dôda de Albano na criôlo e ê tâ cunçal sin: ... (Coelho 1880, 1967: carta 3)

Hoje em dia, em santiaguense, o português *Naquele dia comecei (a escrever) o meu segundo livro diz-se Kel dia N komesa ((ta) skrebe) nha sugundu libru. *Kel dia N kunsa (skrebe) nha sugundu libru* deixou de ser correto.

Parece, pois, que o novo empréstimo do português, *komesa*, confinou o mais antigo *kunsa* à perífrase verbal. Esta, no entanto, não remete para o começo de um estado de coisas, mas para o facto de ele ser posterior a outro mencionado anteriormente. *Kunsa fase* significa qualquer coisa como 'fazer de pois':

..., e'átxa kel mudjer ta bati y mininu xintádu ta txora.
E fla:

- Mudjer, nha da mininu máma, nha kunsa bati! (282/6)
'..., encontrou aquela mulher a lavar roupa, com a criança sentada a chorar. Disse: - Ó mulher, dê <primeiro> de mamar à criança e lave a roupa depois!'

Kába skrebe bu kunsa djobe si sta dretu. (RS) 'Acaba de escrever e verifica depois se está correto.'

..., y noibu tra-l di kása. El ten sinku mes trádu di kása, el kunsa káza. (64/12) '..., e o noivo tirou-a de casa <dos seus pais>. Viveu cinco meses fora de casa e depois casou.'

Spera-m, N sa ta bisti nha kálsa féru, N sa ta bisti nha kamisa féru, N ta kunsa bai! (80/20) 'Espera por mim, vou vestir as minhas calças de ferro, vou vestir a minha camisa de ferro, depois irei!'

Regra geral, e quando não há informação contrária, deduz-se que o *fase* desta perífrase segue imediatamente o estado de coisas previamente mencionado. No exemplo que se segue, um *so na fin* 'só ao final' fornece uma ulterior precisão do momento de entrada em vigor deste *fase*:

Manhan, keloki nhos txiga, kes dos mudjer ki nhos ta átxa la, e kes nhos tiâ ki ta konxe-nhos, mésmu sen nhos tra nhos bóina, ki so na fin nhos ta kunsa tra. (385/18) 'Amanhã, quando vocês chegarem, as duas mulheres que lá encontrarão serão as vossas tias, que vos reconhecerão sem necessidade de que tirem as vossas boinas - que só ao final tirarão.'

No nosso corpus, encontram-se muitas vezes informações redundantes relativamente à ordem cronológica dos dois estados de coisas em questão. Encontra-se, por exemplo, um *purmeru* a

introduzir a menção do estado de coisas anterior e/ou um *dipôs* no início da oração com a perífrase:

Purmeru N ta tirmina es trabádju li, N ta kunsu papia ku bo. (RS) 'Termino primeiro este trabalho, depois falo contigo.'

Kel dia (purmeru) txobe txeu, (dipos) ténpu kunsu midjora. (RS) 'Naquele dia choveu primeiro muito e depois o tempo melhorou.'

Figera, bo e un tentason, minina! ... Sima N tene fómi li! ... Na, N ta kumê bu [sic] purmeru, N ta kunsu bai. (62/9) 'Figueira, és uma tentativa, menina! Não, vou primeiro comer-te e depois vou!

..., nu dexe limária li, nu ba konsentra kábu-l mora pri-meru, nhu [sic] kunsu ben toma limária, ... (149/7) '..., deixemos os animais aqui e vamos primeiro escolher um sítio onde viver, depois voltaremos para vir buscar os animais,'

Há outras formas adicionais de insistir na ordem cronológica dos dois estados de coisas:

..., mi N ten un maskábu tudu diâ nha mai ten ki ba pánha águ na bindi la Pédra-Ínpéna, e'ta ben da-m bánhu n'el, pa N kunsu durmi. (285/10) '..., tenho uma mania que consiste em que todos os dias a minha mãe tem de ir a Pédra-Ínpéna buscar água na cuscuzeira. Banha-me nela, para depois eu conseguir dormir.'

Óki bu diskánsa, nu ta kunsu ben luta ... 'Quando tiveres descansado, vamos lutar ...' (281/19-20)

... tudu dia dipos k'el lárğa si trabádjus na Piku, k'el djánta, e'ta kunsu da rinkáda noti, pel [sic] ba trata [sic] di si limárias, na Rubon Mora, ... (73/4-5) '... todos os dias, depois de deixar o seu trabalho em Picos e depois de jantar, põe-se de noite a caminho, para cuidar dos seus animais em Rubon Mora, ...'

A cumulação de várias características faz de *kunsu* um verbo fora de série, no contexto da gramática do santiaguense:

1. Tal como *torna* (e tendencialmente também *pode*), já só funciona como auxiliar.

2. As desinências (-ba, -du, -da) não se juntam nunca a *kunsu*, mas sempre ao verbo principal:

Si bu trabadjába fáxi, bu kunsu benba, bu ta atxába-el in-da. (RS) 'Se trabalhasses depressa e viesses imediatamente depois, encontrá-lo-ias ainda <aqui>.'

Trabádja fáxi, bu ta kunsá dádu kumida. (RS) 'Trabalha rapidamente e receberás comida imediatamente depois.'

3. Parece que *kunsa fase* não permite negação. Não encontramos frases do tipo *Escreveste a carta, mas depois não a reviste* formuladas usando *kunsa*.

4. E também parece que a menção do estado de coisas apresentado por meio de *kunsa* como cronologicamente posterior deve obrigatoriamente seguir a menção do estado de coisas apresentado como anterior. Assim sendo, **Mudjer, nha kunsa bati, nha da mininu máma!* etc. fica excluído.

Apesar de todas estas características, parece que os falantes continuam a considerar *kunsa* um verbo. As partículas verbais precedem-no, como precedem qualquer outro auxiliar (cf. os nossos exemplos).

4.5.7.3 *fálta fase*

O sujeito do verbo santiaguense *fálta* (var. *fáita*) 'faltar' costuma ir depois do verbo:

E'kiria-l ku tudu mimu y sen fálta náda. (41/2) 'Criou-o com o maior cuidado possível e sem que lhe faltasse nada.'

..., inda almusu ka sta. Fálta un bokadinhu. (220/5) 'O almoço ainda não está pronto. Falta um bocado.'

..., el dj'e'xinta, nha rainha dja xinta, fálta so nhu rei, ... (220/16) '..., ele já se tinha sentado, a rainha já se tinha sentado, faltava só o senhor rei, ...'

Um estado de coisas que está a ponto de se realizar, mas não se chega a realizar, pode funcionar como sujeito do verbo *fálta*:

Pa N ká paga rénda, ta faltaba-mi sô tra nha própi kalsa bédju, <...>, pa N bende. (Oda 98/8) 'Faltava-me só tirar as minhas velhas calças <...> e vendê-las para pagar o último vencimento da renda.'

O *fase* da perífrase verbal *fálta fase* lembra este estado de coisas, mas não funciona como sujeito de *fálta*. Na perífrase, aparece outro sujeito que quase provoca ou quase sofre o

estado de coisas designado pelo verbo principal da perífrase:

No nosso primeiro exemplo, um rapaz conta como, numa ocasião, sofreu de anúria devido a um feitiço:

Kántu manxe palmanhan sédu, e nho, N torna bai na npéna kása, N spreme ti N fáita móre. (NL 45/10) 'Bem, de manhã cedo, voltei ao lado da casa e espirei até quase morrer.'

No segundo exemplo, ocorre a expressão *toma katxor benson* que, literalmente, significa 'pedir a benção do cão', mas que equivale a 'fazer qualquer coisa completamente absurda':

Nhu rei buska Lobu ti e'fálta toma katxor benson! (398/2-3) 'O senhor rei procurou o Lobu até já não poder mais.'

No terceiro exemplo, um touro bravo, de nome Barikuba, que dizima os súbditos do rei, provoca o mesmo:

'..., ami Barikuba inda falta-m sen ánu di bida, inda.' So si, nhu rei ta fálta so subi riba pa pila na txon, ... (LS 28/21) ' "..., a mim, Barikuba, ainda me restam cem anos de vida." Dizia sempre coisas destas, até que o senhor rei quase rebentou de raiva, ... '

Um último exemplo:

..., nhu rei ku nha rainha dá-s burgónha, k'es fálta so abri txon p'es kánba. (463/14) '... o senhor rei e a senhora rainha envergonharam-se a tal ponto, que pouco faltou para que abrissem o chão, para nele desaparecerem.'

Se, por um lado, dizer que "marca a posterioridade em relação a outro acontecimento" é uma descrição suficientemente precisa da função da perífrase *kunsa fase*, por outro lado, tal descrição é insuficiente, no caso de *fálta fase*. Esta última perífrase, além de implicar - como a perífrase *ára fase* (cf. 4.5.6.4.3) - que o *fase* não se chega a realizar, parece expressar também uma relação de causa efeito, resultando um significado complexo do tipo '(o sujeito faz A) tanto que chega quase a fazer B'. Pois, conforme diz o nosso informante André dos Reis Santos, *fálta fase* implica esta relação de causa e efeito, independentemente da presença, ou não, de elementos

como *so* (*fálta*) 'só', *ti* (*fase*) 'até', que a acompanham nos exemplos vistos até agora:

... N *spreme*, N *fáita móre* (RS) 'Espremi tanto, que pouco faltou para morrer.'

No 'crioulo leve', existe uma construção que fica a meio caminho entre o português e o crioulo. Lembra certos empregos do português *faltar* (cf. pg. *Falta-me só fazer as malas*), mas ostenta um significado consecutivo afim à perífrase *fálta fase*:

..., *ku kurason fraku*, *falta-l* *sô* *ku mixa sirola*. (Oda 170/3) '..., tão fraco estava o seu coração, que pouco faltou para molhar as ceroulas.'

Zé xinti burgónha, *ki* *falta-l* *sô* *ku abri* *txon pa e kanba*. (Oda 103/5) 'O Zé sentiu tanta vergonha, que pouco faltou para abrir um buraco no chão e nele desaparecer.'

..., *el atxa gatu-l séra ku bariga riba-l kósta*, *ta falta* *sô* *ku rabenta*. (Oda 255/23-24) '..., encontrou o gato da serra com a barriga tão cheia, que pouco faltava para rebentar.'

Dipôs di sbafatia-l, *si pai* *falta* *sô* *ku bota-l* *na rua*. (Oda 205/2) 'Depois de o seu pai o ter esbofeteado, só faltou mandá-lo para a rua.'

4.5.8 Inserções nas perífrases verbais

Apesar da ligação íntima, nas perífrases verbais, entre o auxiliar e o verbo principal, este último introduzido ou não por uma partícula ou preposição, há perífrases que admitem a inserção, após o auxiliar, de determinados elementos semanticamente aptos para tal. Não nos estamos a referir ao argumento que, nas perífrases diatéticas, aparece regularmente neste lugar, por funcionar simultaneamente como complemento direto do auxiliar e sujeito do verbo principal (cf. 4.5.4.1), nem à partícula de negação *ka*, que ocupa este lugar quando se trata de negar o verbo principal (cf. 4.5.9), mas a advérbios como *kuázi*, *so*, *inda* ou *mésmu*:

Kuánda kabalon dja *stá* *kuázi* *ta bota-l* *kel páta*, *kabalinhu bira trás*, *e'odja* *kel uma kabalon si trás*, ... (167/16) 'Quando o cavalo grande já estava quase a tocá-lo

com as patas, o cavalo pequeno olhou para trás e viu esse cavalo enorme atrás de si, ...'

E'pega so na txora, pamódi un kábu so rótxa p'e'po-l bira un órta xeiú di videra, el e'ka sabeba fase kusa di kel li. (117/8) 'Desatou a chorar desconsoladamente porque transformar um lugar onde só havia rochas numa horta cheia de videiras era coisa que ele não sabia fazer.'

Tenba un ómi na Uzórgu ki fitisera ta stába so ta xatia-l bida. (245/1) 'Era uma vez um homem em Uzórgu a quem as feiticeiras, continuamente, tornavam a vida impossível.'

Txiga mésmu di fasedu diklarason públiku sobri si seriedadi. (Oda 55/25) 'Chegou-se mesmo a fazer uma declaração pública a respeito da sua seriedade.'

Os exemplos seguintes constituem um caso interessante:

Anhâ ki sta na rubera ta bati, nha k'odja un padás di tripa ta pása n'águ? (181/29) 'A senhora, que está na ribeira a lavar, não viu passar um pedaço de tripa na água?'

..., nhu rei ku nha rainha soma na baránda, e konta kabésa ki sta la ta ben, ... (LS 27/3) '..., o senhor rei e a senhora rainha assomaram-se à varanda e ele [o rei] contou as cabeças que estavam ali a aproximar-se.'

O mais seguro será considerar que estamos perante o verbo *sta* a situar um sujeito em determinado lugar. Mas, de alguma forma, a perífrase aspetual *sta ta fase* também não anda muito longe. O pg. *A senhora está na ribeira a lavar, ...* representa talvez o tipo de construções que deu lugar à reanálise do descendente do verbo latim *stare*, como instrumento gramatical, em vários idiomas românicos (> *A senhora está a lavar na ribeira, ...*).

Nos exemplos seguintes, com a perífrase *fika ta fase*, o sujeito ou um predicativo do sujeito ocupam o lugar após o auxiliar:

Nhu prispi káza ku si Mariâ di Pó. Matádu buru pa katxor, purki otu kárni ka ta sirbiba. Buru éra txeu dimás! Ki fika inda katxor ta kume buru. (221/10) 'O senhor príncipe casou com a sua Maria di Pó. Mataram-se burros para os cães (comerem), porque outra carne não servia. Havia excesso de carne de burro. Até ao dia de hoje, os cães comem carne de burro!'

Kárni <di Dorádu d'Oru> podu na jilera, ki ka ten jilera pa po kárni! Kárni podu na láta, ki fika kárni di láta ta uza ti enton. Kárni di láta, ki inda oxi ta rena, e so kárni di Dorádu d'Oru! (230/11) 'A carne <desse terrível boi de nome Dorádu d'Oru> foi posta nas geleiras, mas não havia em número suficiente! Então, pôs-se a carne em latas e, desde então, temos carne em lata. A carne em lata que ainda hoje há é toda carne de Dorádu d'Oru!'

Kántu bai ti té, rapariga fika el so ta bádja: rapásis ku kelotus rapariga dja xinta fépu ... (74/5) 'Depois de algum tempo, só a rapariga ficou a dançar: os rapazes e as outras raparigas já se tinham todos sentado ...'

4.5.9 Perífrases verbais e negação

Em princípio, há dois tipos de negação possíveis, nas perífrases verbais e nas outras formas verbais compostas por dois verbos. Em orações do tipo

E pása ta trabádja. 'Passou a trabalhar.'
E po-l txora. 'Fê-lo chorar.'

podemos negar que passasse a trabalhar ou que o fizesse chorar, isto é, podemos negar a ocorrência de todo o estado de coisas em questão, dizendo:

E ka pása ta trabádja. 'Não passou a trabalhar.'
E ka po-l txora. 'Não o fez chorar.'

Eis três exemplos autênticos deste tipo de negação:

Lobu ael e laskádu. Ta manxe tudu diâ, e'ta pánha bóbra nóbu, inda ki ka txiga pánha, ma e'ta kuzinha; ... (426/22) 'O Lobu, ele é comilão. Levanta-se todos os dias e colhe as abóboras novas, mesmo que ainda não estejam maduras o suficiente para serem colhidas, mas ele cozinha-as; ...'

... si bóka, ki prinsénsa ka ta parába di beja. (462/26) '... a sua boca, que a princesa não parava de beijar!'
Komu katxór ka mexe ku el y nen e'ka stába ta liga-l in-portánsia, rapás sai di kaminhu, entra na lugár, e'torna toma kaminhu, ... (243/7) 'Visto que o cão não se meteu com ele e nem sequer lhe prestou atenção, o rapaz afastou-se do caminho, entrou no campo e <mais adiante> voltou a tomar o caminho.'

Contudo, podemos também negar o conteúdo lexical do verbo principal, criando uma correspondência negativa para o tipo de estado de coisas 'trabalhar', ou 'chorar': *ka trabádja* 'não trabalhar', *ka txora* 'não chorar'. É o tipo de negação que observamos em:

E pása ka ta trabádja. 'Passou a não trabalhar.'

E po-l ka txora. 'Fê-lo deixar de chorar.'

Eis alguns exemplos deste tipo de negação extraídos do nosso corpus:

Éra un bes un ómi pirgisós ki subi riba-l pó di káma, finji duenti, p'el pode ka trabádja. (34/2) 'Era uma vez um homem preguiçoso que se meteu na cama, para não ter de trabalhar.'

Kreiu e kel rédia li ki kabalinhu tene, ki sta ka ta dexa-l bebe. (167/2) 'Creio que são as rédeas que impedem o pequeno cavalo de beber.'

Es, kuzinha, es fika ka kuzinha, pamó tudu diâ, mós tá [= ta bá] primeru, e'ta komesa kemá-s. (155/16) 'Quanto a cozinhar, continuaram <os animais> sem o fazer, porque todos os dias o rapaz ia primeiro e começava a queimá-los.'

Em princípio, nada obsta a que acumulemos ambas as formas de negação:

E ka pása ka ta trabádja. 'Não passou a não trabalhar'.

E ka po-l ka txora. 'Não o fez parar de chorar.'

Só que normalmente há formas menos retorcidas de dizer a mesma coisa: cf. pg. 'Continuou a trabalhar' e 'Não conseguiu fazer com que deixasse de chorar. O mesmo vale para o santia-guense.

4.5.10 Cumulação de perífrases verbais

À semelhança do que se verifica para as preposições (cf. 14.1.4), pode haver acumulação de perífrases verbais. Estas acumulações servem para otimizar a descrição de estados de coisas, processos etc. Numa acumulação de duas perífrases verbais, o conjunto auxiliar + verbo principal dum primeira perífrase funciona como verbo principal de uma segunda perífra-

se:

<u>E</u>	<u>ben</u>	<u>pega</u>	<u>na</u>	<u>toka</u>	<u>violinu.</u>
		perífrase 1			
		auxiliar 1		v. principal 1	
		perífrase 2			
	auxiliar 2	verbo principal 2			
'Acabou por começar a tocar violino.'					

Não é sempre fácil, traduzindo para outra língua, encontrar uma expressão adequada para as subtilezas que uma língua tão rica em perífrases verbais como o santiaguense consegue transmitir, acumulando-as.

É impossível enumerar todas as combinações possíveis. O exemplo *E ben pega na toka violinu* combina duas perífrases aspetuais. E parece que as perífrases aspetuais e as expressões verbais complexas *komesa (ta) fase*, *kontinua (ta) fase* e *kába (di) fase* se prestam particularmente bem a serem acumuladas. *Ben fase*, por exemplo, aparece muitas vezes combinado com outra perífrase. E pode, então, desempenhar tanto o papel da perífrase 2, como acontece em *E ben pega na toka violinu* e em

..., pai dja ben bira ta gosta di filha. (213/6) '..., o pai já tinha chegado a começar a gostar da <sua> filha.'

Kántu ki Máma-na-Buru ben torna lenbra di kel orédja, xuxinhu stába la lonji. (94/12) 'Quando Máma-na-Buru se lembrou finalmente daquela orelha, o pequeno diabo já estava muito longe, ...'

como o papel da perífrase 1, como acontece em

..., pamó góra pádri, komu dja e'fika ku réiba di mininu [=kavalinhu] ki dja diskubri-l se segredu, e'sta ta ben máta go kavalinhu. E'sa ta ben vinga, ... (166/2-3) '..., porque agora o padre, como já se chateou com o menino <o cavalinho> que lhe descobriu o segredo, esteve a ponto de matar o cavalinho. Esteve a pensar em como vingar-se dele, ...'

Más, N sta ta ben rakumendá-bu un kuza. Ka bu skese! (168/24) 'Mas agora já vou recomendar-te uma coisa. Não te esqueças dela!'

Bulimundu fika kontenti, pamódi dj'el obi nómi di vakinha mánsa ki sta ta ben káza ku el, li na palásiu di nhu rei. (234/17) 'Bulimundu ficou <de repente> contente,

porque já ouvira o nome da vaquinha mansa que ia casar com ele, lá na casa do senhor rei.'

O efeito semântico que produz este *sta ta ben fase* aproxima-se do significado da perífrase *sta pa fase* (cf. 4.5.6.4.2).

Porém, há muitas outras combinações de perífrases e expressões verbais complexas de índole aspetual:

Kántu N konxe-l, dj'e torna pegába na toka violinu. (RS)
'Quando o conheci, já tinha começado de novo a tocar violino.'

E'kába kume, un bokádu, e'torna komesa rátxa lenha. (458/32)
'Acabou de comer e um bocado mais tarde voltou a rachar lenha.'

As possibilidades de combinar perífrases de tipo diferente, também numerosas, ficam por estudar. Eis, pelo menos, alguns exemplos:

modal + aspetual:

..., amí dja N tene otu minina la oréla már, N ka pode ben káza ku fidju di nho. (99/24-25) 'Eu já tenho outra amada à beira-mar, não posso casar com a filha do senhor.'

Menti e'kré kába di da rekádu, Nhánha dja stába li na ruâ ... (353/11) 'Enquanto queria acabar de dar o recado, Nhánha já estava aqui na rua ...'

modal + diatético:

Obi li, toma es barinha kondon li! El e'ten ki po-bu odja ku Nhánha di Kinta Nóva, sértu! (369/33) 'Ouve lá, toma esta varinha de condão! Ela sem dúvida conseguirá fazer com que os vejam, Nhánha di Kinta Nóva e tu!'

So mi ki ta pode po-nho káza ku kel mudjer! (218/30-31)
'Só eu posso fazer com que o senhor case com aquela mulher!'

diatético + aspetual:

Nen el ka dexa Xibinhu kába fla: ... (439/34) 'Nem sequer deixou que Xibinhu terminasse de falar:...'

taxe - aspetual:

Batáta ta ferbedu 15 minotu, e ta kunsá txiga kume. (RS)

'As batatas fervem-se durante 15 minutos, então estão prontas para comer.'

(Antis) N ka konxeba-el, (dipos) N kunsa ben konxe-l. (RS)

'(Antes) não o conhecia, depois cheguei a conhecê-lo.'

Nu ta djánta, nu ta kunsa ben komesa juga. (RS) 'Jantemos, depois começaremos a jogar.'

(Purmeru) Bu fika tudu sériu, (dipos) bu kunsa sai na ri.

(RS) '(Primeiro) Ficaste todo sério, depois desataste a rir.'